R.A.Ranieri

FORÇAS LIBERTADORAS

FENÔMENOS ESPÍRITAS

EDITORA ECO

59.90
RELIG
OTIMO

Caro Sr.
Rafael A. Ranieri,

Acabamos de ler o seu livro intitulado "Forças Libertadoras", e podemos dizer que gostaríamos de que ele continuasse indefinidamente. Quando lemos "Materializações Luminosas", sentimo-nos transportados para um mundo misterioso e ao mesmo tempo tão límpido e tão belo, e fomos bebendo as palavras sofregamente até que elas terminassem de jorrar. Agora o mesmo aconteceu, sentimos com seus relatos, como se a cortina de um palco milagroso se descerrasse e nós, humildes e imperfeitos nos esquecêssemos por momentos de nossas falhas, para penetrar no mundo maravilhoso do espírito imortal! E como foi bom ler, como foi bom meditar junto consigo sobre esse assunto milenar, que sempre renova nossos corações e nos faz aguardar a verdadeira vida com a alma sorrindo feliz!

Estamos começando a caminhada e nos sentimos tranqüilos por saber que, nos ajudando os passos, estão as experiências fascinantes e a fé inabalável de homens como o senhor. E como médiuns principiantes, nos renovamos na luta contra a nossa pequenez e nos fortalecemos para continuar a marcha.

Esquecendo-nos por momentos das nossas raízes ainda muito frágeis, tomamos co-

Forças Libertadoras

(Fenômenos Espíritas)

138

EDITORA ECO
O ESPIRITUALISMO EM FORMA DE LIVRO.

IMPRESSO NO BRASIL PRESITA EM BRAZILO

DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR

Ilustração da capa

NILTON MENDONÇA

Fotolitos e clichês
CLICHERIA GARCIA LTDA.

Revisão
NAASSON VIEIRA PEIXOTO

Publicado pela EDITORA MANDARINO LTDA.
C.G.C. 34.026.245/0001-00 — INSC. 81.202.540

RUA MARQUÊS DE POMBAL, 172 — CAIXA POSTAL 11 000 20.000 — Telefone: 221-5016 — RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

R. A. Ranieri

Forças Libertadoras

FENÔMENOS ESPÍRITAS

- O caso Whistes
- Histórias de todo o mundo
- Allan Kardec materializado
- Fenômenos e curas com Arigó
- Materializações com Chico Xavier
- Dilermando Reis conversa com a morte
- Otília Diogo e os fenômenos de Uberaba.

2.ª Edição

EDITORA ECO

NOSSOS SINCEROS E PROFUNDOS AGRADECIMENTOS AO FOTÓGRAFO E AMIGO **HÉLIO BENNETTI** QUE COLABOROU CONOSCO EXECUTANDO AS AMPLIAÇÕES E REPRODUÇÕES DAS FOTOGRAFIAS ORIGINAIS

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Página a Hélio Bennetti 5
Forças Libertadoras 7
Prólogo 9
Só a verdade vos libertará 13

CAPÍTULOS

1 — Nasci 14
2 — Lembranças da Grécia e Roma... ...e outras lembranças 17
3 — O drama daquela noite 21
4 — O diabo na casa do Padre 26
5 — Na outra noite 30
6 — O suicídio 33
7 — Recordações de Chico Xavier 36
8 — O nascimento de Kratus 41
9 — "Eu não quero!" 47
10 — Poeira de estrelas 52
11 — A cura dos olhos da Glorinha 54
12 — Energia irradiante 58
13 — História de uma mensagem 61
14 — As rosas de Allan Kardec 65
15 — Desmaterialização parcial 68
16 — "Da Roma antiga aos areais do Egito" 77
17 — Fenômenos estranhos 82
18 — A quinta-feira perfeita 91
19 — No fundo da noite 98
20 — O eterno sorriso 103
21 — Juvenil Meirelles 108
22 — Gugu — Um acontecimento histórico 111
23 — Paulo e Estevão 126
24 — Experiência pessoal 129

25 — Arigó 133
26 — Depois 139
27 — Operando câncer 147
28 — Otília Diogo 152
29 — Pesagem das pessoas 159
30 — Rosa de luz 168
31 — Na casa de Erasto 171
32 — O Marajá de Kapurtala 179
33 — Três meninas no biombo 184
34 — A morte de Alberto de Barros 186
35 — O filho do carcereiro 190
36 — A morte gloriosa de Vovô Ziziani 195
37 — O homem que desce o rio 200
38 — Juvenal 208
39 — A menina 211
40 — Espíritos que atiram pedras e dinheiro... 214
41 — Uma nova mediunidade 218
42 — Testemunho da verdade 222
43 — Jesus na humildade 227
44 — "Whistes" e Rachel 231
45 — A mulher das agulhas 265
46 — A volta de Allan Kardec 277
47 — Retrato do Altino 285
48 — Às portas do Sinai 288

EM DEFESA DA MEDIUNIDADE

I — Os fenômenos de Uberaba 296
II — A Técnica das Materializações 303
III — Ainda a técnica das materializações. Semelhança entre espírito e médium. Transporte 305
IV — Os fenômenos de Uberaba e as alegações dos repórteres de "O Cruzeiro" 310
Vinte anos 317

Forças Libertadoras

Este é um livro íntimo.

Também acreditamos que o EU deva ser substituído no mundo pelo NÓS.

Toda a infelicidade humana foi talvez gerada no predomínio sem limites do EU. Quando NÓS tomar conta das criaturas, a Terra será mais feliz.

Não há, porém, no momento em que vivemos, testemunho aceitável *sem o EU:*

Quem viu, comprovou, verificou, tem que dar o testemunho pessoal.

O eu vi *é mais forte do que* ele viu. *E o* ele viu *é mais poderoso do que* alguém viu.

Infelizmente, esta é a verdade.

É um livro da intimidade da nossa vida e da nossa alma. Poderia ser melhor. Não conseguimos fazê-lo melhor. Perdoem-nos sermos obrigados a falar de nós mesmos a cada passo. É o testemunho humilde que quisemos dar aos homens.

Certo rei mandou seus filhos percorrerem o mundo e lhe trazerem as coisas mais preciosas que encontrassem.

Ao retornarem, perguntou-lhes:

— Dizei-me o que encontrastes de melhor no mundo para me trazer!

Um deles adiantou-se e declarou:

— Senhor, trouxe-vos ouro e pedrarias. As mais belas gemas de todos os países para que enfeitem a vossa coroa real.

E diante do rei exibiu preciosidades nunca vistas.

O segundo exclamou:

— Trouxe-vos, Senhor, as mais belas mulheres do mundo porque sei que apreciais as mulheres belas.

O rei contemplou as mais raras belezas que já vira e as mais faiscantes pedras preciosas do universo e sorriu satisfeito.

— E vós, meu filho, o que trouxestes? — perguntou ao terceiro que se calara.

— Eu nada pude trazer, Senhor, para mostrar-vos.

— Como? Dei-vos possibilidades, dinheiro e recomendações e nada me trouxestes?

— Senhor, andei pelos caminhos do mundo e convivi com os povos e apenas guardei algumas recordações da vida humana. Quereis ouvi-las?

O rei severo, sorriu e disse:

— Contai, meu filho, contai, a experiência é o tesouro da vida.

E o jovem passou a relatar o que vira no seio dos povos.

Nós também escrevemos este livro humilde sem pretensões, com o anseio cristão de que possam essas recordações servir para confortar os aflitos e os desesperados, animar os tristes e os infelizes e levar ao coração dos que não crêem um pouco de paz e consolação.

É possível que o que trazemos não satisfaça a ninguém. São recordações que permanecem em nossa memória.

Fatos, porém, comprovados. É testemunho pessoal que não pode fugir ao império do EU.

Aqueles que nos lerem vejam apenas nessas páginas a sinceridade de quem não tem preconceitos nem temor, nem constrangimento nem covardia.

Respeitamos os homens naquilo que merecem ser respeitados.

Acima de tudo, porém, colocamos a Verdade que liberta.

R. A. RANIERI

Prólogo

"Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá!"

Estas palavras de fogo e de vida eterna ainda ressoam em nosso íntimo, após dois mil anos.

Olhar perdido no firmamento, estamos certos de que a Palavra do Senhor permanece para sempre.

Se essas palavras não fossem verdadeiras, vã seria a nossa fé e sem utilidade a nossa pregação.

Toda a cristandade depende delas para viver.

Jesus ressurge dos escombros e convida-nos a viver a Eterna Vida em Seu Reino de amor e de imortalidade.

Diz o Apóstolo Paulo: se nós não ressuscitamos dos mortos, Cristo também não ressuscitou, e se Ele ressuscitou nós também ressuscitaremos com Ele, porque se assim não for que significação tem a nossa fé? Então, bebamos e comamos porque amanhã morreremos.

Ficamos profundamente admirados ao verificar que existem cristãos ou, pelo menos, **criaturas que se dizem cristãs** e que relutam em aceitar a imortalidade da alma.

Como pode ser isso se a **imortalidade** é a essência mesma do Cristianismo?

Sem imortalidade não existe Cristianismo.

A Igreja pretende que não há comunicação de espíritos que animaram homens na Terra, com os próprios homens. Preferem admitir que toda a manifesfação espiritual seja angélica ou diabólica. Argumento verdadeiramente infantil.

Em que se fundará essa afirmação gratuita? Qual o motivo da proibição?

Se Ele não nos impede de nos comunicarmos uns com os outros, dentro do nosso mundo físico através do telefone, do rádio, da televisão, porque haveria de impedir que o espírito imortal se comunicasse com os seres que ama e que ficaram na Terra?

Qual o pai que, podendo falar com seu filho que estivesse à distância, deixaria de fazê-lo? Qual a mãe, aquela mesma criatura amiga que tivera seu filhinho nos braços e por ele sofrera no correr da vida —, qual a mãe que deixaria de vir da imortalidade — se realmente a alma é imortal — para consolar com palavras de amor o filho querido que chora no mundo a sua ausência?

Porque haveria Deus — a Suprema Bondade — de dizer a essa mãe: — Não, entre você e seu filho **Eu** estendi o abismo da Dor e da Desilusão e além deles o Vácuo. Mesmo que você tenha sido boa e pura, após a morte não consolará o seu filho, nem enxugará as suas lágrimas, porque Eu não quero e não deixo.

O que pensaríamos nós, pobres seres perdidos no mundo, desse Deus que se dizendo bom interpõe-se entre os corações que se amam para fazê-los sofrer?

Seria realmente Deus, esse Ser sem entranhas que proibiria — se existisse com esse sentimento?

Não. Deus não nega nada que é bom às criaturas. O próprio Cristo nos disse:

"Ele que faz chover sobre justos e injustos não dará uma pedra ao filho que pede pão."

Batei e abrir-se-vos-á.
Pedi e obtereis.

Se a imortalidade não fosse verdadeira, se nunca houvera existido, só pelo fato de por tantos séculos o homem sonhar com ela, Deus em sua misericórdia já teria feito a alma imortal para alegria do ser humano.

Estamos vivendo um tempo em que o **impossível** deixou de existir para as criaturas. Novas concepções científicas vêm destruir a estreiteza do pensamento humano e o que foi considerado loucura para os nossos avós, hoje é maravilhosa realidade. Estamos às vésperas de conquistar gloriosamente o espaço constelado, admitindo o homem a viagem interplanetária em nosso sistema solar, confraternizando-se com as humanidades de outros planetas, ou supondo que

já agora, em discos voadores, seres de outros mundos nos visitam. As conquistas da ciência abalam as antigas concepções. E o **impossível** treme em seus alicerces. A matéria tão defendida pelos ateus deixou de ser matéria para ser energia e a energia em breve adquirirá novas formas ainda não descobertas.

Forças poderosas do invisível atacam as barricadas da ciência e em breve a humanidade defrontará a invisibilidade cheia de tesouros insuspeitados.

De nada adiantará aos de má vontade negarem a existência dos seres espirituais e a sua comunicação com os homens.

São os mesmos, em outros tempos, que negaram todas as belas conquistas da ciência. Queimaram Giordano Bruno e ameaçaram Galileu; levaram à fogueira Joana D'Arc e crucificaram Jesus.

Nos lábios de Sócrates colocaram a taça da cicuta. Riram de Pasteur, zombaram de Swedenborg e continuam a não acreditar em ninguém. Dizem-se espiritualistas e negam a espiritualidade. Acreditam na imortalidade da alma e gritam que ela não existe. Rezam com os lábios e negam ao Senhor com o coração. Põem a coroa de espinhos na fronte dos mártires e acendem as fogueiras crepitantes da incompreensão entre os homens. Pregam o amor e benzem espadas e canhões, metralhadoras e fuzis.

Clamam por liberdade e sufocam as consciências. Falam em paz e provocam guerras. Cobrem-se com a pele de ovelhas, mas são lobos devoradores.

Chegará, no entanto, o momento em que a enchente da verdade descerá a montanha assustadoramente e os covardes que viveram da mentira serão submergidos na onda impiedosa. Aqueles que lançaram o véu das sombras da ignorância sobre os olhos dos humildes terão que acertar contas com a Divindade.

"Raça de fariseus hipócritas que permaneceis atravancando a porta do Paraíso. Não entrais vós mesmos e não deixais que os outros entrem."

Essas foram as palavras vibrantes que o Cristo deixou aos homens de má vontade para todos os séculos. E aquelas outras que dizem assim:

"Quando vier o Senhor na sua volta separará os bodes das ovelhas."

Fevereiro de 1958. Presidente Prudente.

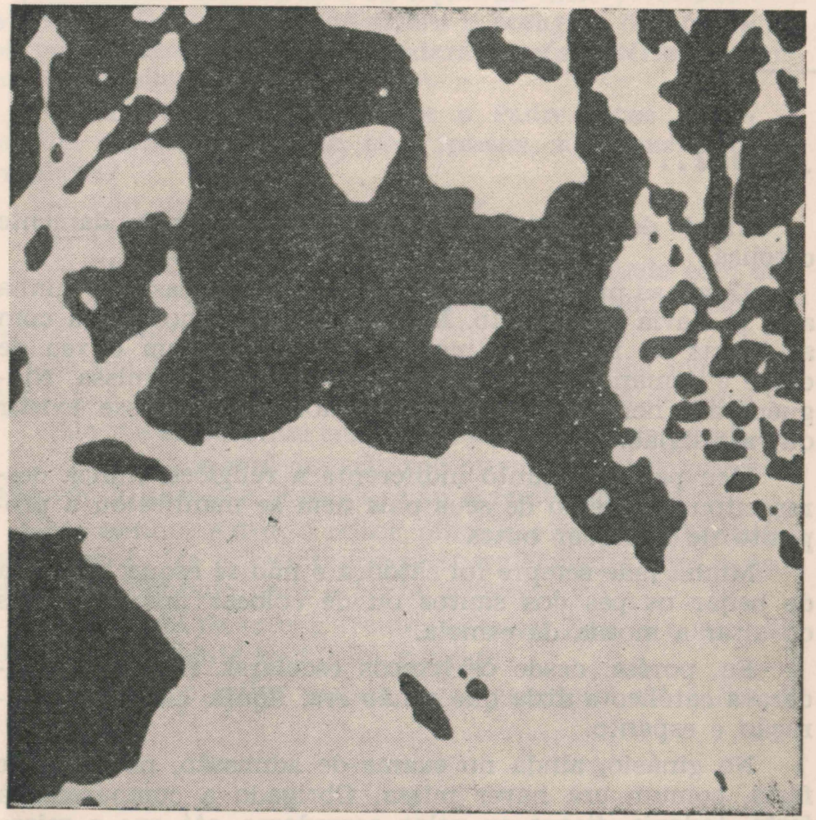


IMAGEM DE CRISTO

Imagem de Cristo vista por um homem que desejava ardentemente vê-LO. Sobrevoando o Himalaia, repentinamente, viu-O nas neves das montanhas. Você também poderá vê-LO num instante, num minuto, num mês, num ano ou nunca. Olhe bem e fixe-O e Ele lhe aparecerá. Assim também são as coisas de Deus: estão ocultas, mas existem.

1

Nasci...

Nasci de uma família católica —, profundamente católica.

Desde as primeiras horas da manhã, em casa de minha avó, já havia movimento. Minhas tias, cedinho, ainda com as trevas da noite que morria, cobriam-se com o véu de crepe e demandavam a igreja para a primeira missa. Ninguém ali, nem por sonho, imaginou que pudesse existir outra religião.

Meu pai, conquanto indiferente a religiões, nunca desrespeitou a religião de seus pais nem se manifestou a propósito de qualquer outra.

Minha mãe sempre foi católica e não se esquecia nunca de beijar os pés dos santos ou de colocar nos pratinhos do altar a moeda da esmola.

Eu, porém, desde os bancos escolares, não me considerava católico e dizia que o não era. Aquilo causava admiração e espanto.

No ginásio, ainda no exame de admissão, nos dias de festa, comum era haver missa. Obrigado a comparecer à festa, todavia, ficava eu pelos corredores, até que a missa que se iniciara cedo terminasse.

Um dia, o reitor do ginásio, que era Padre, mandou um mensageiro falar comigo. Era dia de festa, e a missa estava iniciada. Eu não comparecera e ficara conversando nos corredores com um "judeuzinho" que por ser judeu fora dispensado de assistir missas.

O reitor mandou dizer para o **senhor** ir à missa.

Era o inspetor que falava.

— Diga ao reitor que eu não vou à missa porque não sou católico.

— Se a sua resposta é essa, disse o reitor então, que após a missa você deverá comparecer à reitoria para tratar pessoalmente com ele.

— Está certo, irei.

O homem afastou-se e eu fiquei ali meio revoltado com a petulância do reitor que tivera a coragem de querer me obrigar a assistir missa. No entanto, após o término, compareci à reitoria.

— Menino, venha cá, disse o Padre. Você não é de família católica? sua mãe, seus irmãos, suas tias, não são católicos?

— São, sim senhor.

— Como então, você não é católico?

— Eles são, mas **eu** não sou. Não tenho nada com eles.

— Mas você é ainda uma criança e não pode dizer que não é católico!

Se sua família é você também é! Com a sua idade você é o que a sua mãe é! — e o Padre ficou louco de raiva.

Não me amedrontei com o seu desespero e respondi-lhe:

— O senhor verá que não sou mesmo católico: primeiro, não vou a missas e segundo, não acredito em padres!

Monsenhor Artur, o reitor, olhou-me com os olhos esbugalhados de ira e levantando-se energicamente com o dedo em riste apontado para a porta, gritou:

— Sai, sai da minha frente, satanás! Não te quero ver! De hoje em diante você verá comigo!

Eu saí, e o reitor passou a me perseguir até o fim do curso.

* * *

Eles não podiam compreender como uma simples criança, de pouca idade, pudesse deixar de ser aquilo que os seus pais eram. Eu nada havia lido sobre religiões, não fizera estudos nem comparações teológicas, mas dentro de mim, no íntimo de minha alma, alguma coisa dizia: tudo isso está errado.

Assim, preferia amar a Deus a meu modo. Sempre acreditei em Deus e na existência da alma.

Criança ainda, saía pelos campos, olhos fitos no céu "contemplando Deus".

Em cada flor, em cada pedra, em cada nuvem, em cada gota de água, via a manifestação da Divindade. Sentia por toda a parte as manifestações das coisas invisíveis e sofria um isolamento no mundo. Porém, jamais fui o que se chama propriamente um introspectivo. Tinha horas de introspecção, mas não era e não sou um introspectivo.

Certa vez, no álbum de uma colega de ginásio, escrevi esta frase:

— **Ao pensamento se reduz a vida.**

Muitos anos mais tarde, viria compreender realmente o significado profundo do que escrevera.

Poeta, gostava de viver em mim mesmo a natureza. Escrevendo versos que depois rasgava, sonhando um mundo melhor, vivia próximo das coisas de Deus. Quando pensava nEle vinham-me lágrimas aos olhos e às vezes fico pensando que naquele tempo eu era melhor do que sou hoje.

Por que haveria Deus de se afastar daqueles que O amando não O amavam em nome de religião alguma, e sim apenas pela alegria de amá-LO?

O nosso mundo precisa de um grande sopro de tolerância e de paz religiosa.

A compreensão e o entendimento entre as criaturas deve ser o objetivo maior da nossa vida.

Já existem os que matam e destroem em nome das ambições, do ódio e do mal, por que haveremos nós, cristãos, de matar, odiar e destruir em nome de Deus?

2

Lembranças da Grécia e Roma...

...e outras lembranças

Quando eu era menino, um drama se desenvolvia na intimidade do meu ser.

Criança ainda, um verdadeiro tumulto de imagens povoava-me a mente.

Não vivia o presente, minha memória estacionara no passado. E não era um passado de ontem, de alguns anos apenas anteriores, de minha existência. Era um passado que lembrava a Grécia e recordava Roma. Via-me como um habitante da Velha Grécia e da Antiga Roma. Envergava em minhas visões íntimas indumentária dos tempos antigos. Na Grécia, revia-me grego, moço, atleta e sonhador. Em Roma, recordava-me tribuno da plebe defendendo os direitos do povo.

Tão nítidas, tão perfeitas, eram e ainda são essas recordações que eu me sentia perfeitamente integrado com as personalidades que recordava.

Vivi durante muitos anos absolutamente desajustado no meio ambiente da sociedade moderna. A noção que possuía de **direito** e de **justiça** era de um rigor romano.

Menino, considerava a sociedade moderna desorganizada e muitas das nossas leis completamente erradas. Tão grande e perfeita era a nossa concepção do Direito, e as afirmações que fizemos no seio de nossa família, que, espantado, declaravam que eram **loucuras** de **doido**, que éramos

um louco e que nada sabíamos. Essas afirmações, vinte anos depois, vieram a se verificar verdadeiras através de decretos e leis estabelecidos por nossos governos.

Em plena rua, sentia-me personalidade diferente e em nossos discursos de ginásio nunca falamos como se fôssemos uma criança. Vibrava em nós um passado longínquo. Nossas afirmações eram sempre autoritárias, rígidas e não deixavam dúvida alguma.

Professores e alunos admiravam-se daquelas atitudes diferentes. Notávamos isso.

Mais tarde recordei-me de outras personalidades. Numa delas, éramos um poeta inglês. Vivi e às vezes tenho vivido tão intensamente essa personalidade do poeta inglês que tenho passado por sofrimentos inenarráveis. Externamente, mantenho-me às vezes irrepreensivelmente. Bom cidadão, pacato, trabalhador, disciplinado. Internamente, a luta está travada. Luto comigo mesmo para não retornar totalmente à onda do meu psiquismo.

Lendo a biografia, posteriormente, desse poeta, verifiquei a identidade de nossas personalidades, de seus pensamentos e de seus sentimentos.

Contudo, aconteciam-me coisas imprevistas: diante de informações de determinado autor, nós pensávamos assim: isto está errado, não ocorreu desta forma. Embora não houvesse no livro maior explicação sobre o assunto. Mais tarde, em outro autor, encontrávamos nova versão daquele ponto e que estava de acordo com nossas recordações.

Outro poeta, este francês, vagabundo, com rasgos de religiosidade, às vezes assumia o comando de minha vida íntima.

E não eram essas personalidades espíritos desencarnados que viessem conversar comigo ou incorporar-se em mim. Distinguimos perfeitamente os dois fenômenos e são muito diferentes um do outro. Éramos nós mesmos travestidos de antiga figura.

A França da "canalha" ressurgia aos nossos olhos de vidente e Paris imundo tomava conta de nossa visão interna. Até as pedras da rua apareciam à nossa vista com perfeição absoluta. Até o **desgaste** das pedras.

As paredes velhas, deixando cair a pintura, as criaturas envelhecidas e miseráveis que conhecemos, tudo isso reaparecia terrivelmente plasmado em nossa memória integral.

Ninguém nunca se sentiu assim?

Cremos ser esse um fenômeno menos raro do que se supõe. E acredito ser mais comum ocorrer com escritores que à força do pensamento atingem de repente vibrações internas próprias de outras vidas. Fato que comprova a reencarnação.

No Evangelho, quando perguntaram ao Mestre: "Senhor. como, pois, dizem que é necessário que venha primeiro Elias?"

— Jesus respondeu:

— "Em verdade vos digo que Elias já veio, os homens não o conheceram, e o apedrejaram, feriram e o mataram. E fizeram com ele tudo o que quiseram."

Então, diz o Evangelista, os discípulos compreenderam que Ele falava de João.

Não está clara aí a reencarnação? Quem era Elias? Um grande profeta que vivera na terra muitos séculos antes de existir João.

E quem era João? Um profeta que existiu no tempo de Cristo, vivo a seu lado, muitos séculos depois de ter existido Elias.

E Jesus declara que ambos são a mesma criatura.

As palavras de Cristo para todos os cristãos são palavras de Vida Eterna.

Ninguém admite nem por sonho que Jesus pudesse mentir. E se Ele não mente de maneira alguma, João e Elias foram os mesmos espíritos ocupando corpos diferentes em épocas diferentes. Corpo mortal porque João morreu assassinado e o próprio Cristo afirmou: os homens não o conheceram e o mataram.

Era, pois, ou não a reencarnação de Elias?

Cada criatura dentro de si mesma, se se observar bem, encontrará **elementos íntimos** para comprovar o fenômeno da reencarnação.

Vivemos muitas vidas e renascemos muitas vezes.

Jesus interrogou seus discípulos noutra oportunidade: "O que dizem os homens a respeito de mim?"

— Dizem, Senhor, que sois João Batista que ressurgiu dos mortos, ou que sois um dos grandes profetas da antigüidade.

— "E vós, quem dizeis que eu sou?"

— "Vós sois o Filho de Deus Vivo."

Ora, nessa passagem, Jesus não repeliu a teoria da reencarnação. Não disse aos discípulos que não acreditassem naquilo porque era mentira. Ouviu-os como quem ouve com toda a naturalidade a respeito de teoria absolutamente aceita e indiscutível.

Vê-se por aí que era comum aos judeus do tempo de Cristo o fato da reencarnação.

* * *

Mais tarde, passei a viver com grande intensidade a personalidade de um poeta de nossa língua. A transformação em mim era completa, assustadoramente completa. As suas paixões e a sua luta, o seu trabalho e o seu entusiasmo, tomaram conta da minha vida.

Alguns dirão que era apenas a incorporação desse espírito ou a sua aproximação. Os que não acreditam em nada dirão que era somente loucura.

É tudo isso uma solução, não tenho dúvida.

3

O drama daquela noite

Meu pai era um homem excepcionalmente inteligente. Forte, corajoso, destemido. Onde estivesse tornava-se o centro natural de atração. Boa cultura geral, comerciante ativo e próspero, habituado a lidar em todas as esferas sociais, desde as mais elevadas até as mais humildes.

Jamais teve medo de coisa alguma. Realmente, sempre foi admirado e respeitado pela sua coragem. Numerosos foram os fatos ocorridos com ele nos quais enfrentou situações difíceis e demonstrou nada temer.

Dentro de casa, só a sua presença impunha respeito. Figura antiga e austera. Os filhos tremiam quando se aproximava, apesar do amor que lhes dedicava. Se estivesse conversando, na sala, com alguma visita, ninguém penetrava ali, até que a visita fosse embora. Não admitia interferência de filhos durante uma conversa com estranhos e por essa razão não se interferia mesmo quando conversava com amigos.

Quando moço, no tempo em que o "Belemzinho era só mato", e numa época em que se assassinavam pessoas ali, de emboscada, oculto pela treva ou pelas moitas de capim, vinha ele da Cidade, duas a três vezes por semana, sozinho e atravessava, no cair da tarde e voltava na escuridão da noite, trechos "mal-assombrados" ou cheios de ladrões. Ia namorar e nada perturbava a sua coragem. Jamais recuou diante de qualquer coisa.

Em 1927, morávamos em Belo Horizonte, meu avô já havia morrido. Meu pai possuía próspera casa de comércio e uma fábrica de calçados. Os negócios iam admiravelmente bem. Respeitado na cidade, amigo de todo o mundo. Situação sólida.

Eu era menino nesse tempo, mas tinha a compreensão bastante desenvolvida para gravar os fatos. Nessa época ninguém falava de Espiritismo e nem mesmo se sabia o que era Espiritismo. Meu pai não acreditava **nessas coisas.** Livre pensador.

Uma noite, após o trabalho do dia, como era seu costume, deu uma voltinha nas imediações da residência, conversou com alguém e, às nove horas ou dez, entrou. Sentou-se na sala. Leu algum jornal. As crianças foram recolhidas à cama. Tudo calmo, casa silenciosa.

— Beatriz — disse ele —, apague um pouco a luz. Vou pensar.

Minha mãe apagou a luz do cômodo em que ele estava e deixou acesa a do quarto ligado e em frente de modo que não ficasse completamente escuro e até mesmo bastante claro.

A sala era ampla e para o quintal dava uma dessas portas antigas, grandes e de vidro. Através dos vidros via-se a parte externa, lá fora.

Algum tempo depois, meditava ele ainda, silencioso, quando de repente minha mãe ouviu um grito horroroso, terrível, angustiado.

Era meu pai que gritava.

Correu e ficou petrificada. Agarrado à cadeira, fisionomia transtornada, olhos fora das órbitas, tomado de profundo terror, meu pai, sentado, arrastava sua cadeira de costas, até que encontrou a parede.

— O que é Antônio? O que foi? — ansiosa, interrogou minha mãe. — O que está **te** acontecendo?

— Não vê, Beatriz! Olha! Olha! Olha ele aí!

E agora meu pai apontava para perto da mesa onde estivera.

— Ele quem? Você está doido! Não vejo nada!

— Não vê!? Ele está aí! Ele, **meu pai!** E me olha! Você não vê? Olha!

Olha perto da mesa!

Referia-se a meu avô.

A cara dele, de meu pai, exprimia terror. Minha mãe não sabia o que fazer. Longos momentos se passaram naquela agonia.

— O que você diz, Antônio? — tornou a insistir minha mãe. Está louco?!

— Não estou doido! Juro que é ele! E me olha! É a alma de **meu pai!**

— Então converse com ele! — gaguejou ela. Pergunte o que ele quer. Quem sabe quer reza ou uma vela?

* * *

— Já vai embora, Beatriz, virou as costas e vai saindo... Chegou na porta de vidro... Atravessou a porta sem abrir, numa espécie de fumaça...

* * *

Tudo voltou ao silêncio. Meu pai estava abatido. Nós, crianças, acordáramos assustados. Meu pai cansado, tremia. Tremia **como varas verdes.** Como dizia minha mãe.

Batia queixo — Rilhava os dentes. Profundamente aterrorizado.

Murmurava repetidamente: **eu o vi, eu o vi.**

— Por que não falou com ele?

— Não tive coragem. Tive medo, eu que nunca tive medo em minha vida fiquei com medo do fantasma de meu pai!

— Quem sabe queria ele falar alguma coisa a você? Pedir alguma coisa? — interrogava inutilmente minha mãe.

Aquela foi uma noite de terror. Um homem corajoso, audacioso, destemido, que não acreditava em quase nada, estava completamente apavorado com uma visão do outro mundo.

O fantasma, austero e sereno, não lhe dissera nada. Estava vestido, segundo esclareceu depois meu pai, e apoiava-se em sua bengala de castão de ouro. Trazia o habitual colete e um relógio grande que sempre usava em vida. Nada diferente do que fora. Absolutamente igual. Perfeito, idêntico. Terrivelmente igual. Era de estarrecer.

Num tempo em que não se falava em espíritos e não haveria por isso possibilidade de qualquer sugestão. O vidente, um homem que não era místico nem impressionável.

O palco — uma sala de jantar simples onde alguém após ler o seu jornal ficara alguns minutos meditando.

O fantasma — o espírito de meu avô.

* * *

Quantas coisas vêm ao nosso pensamento! Quem não terá nos anais de sua família fatos semelhantes a esse, visto por um parente, por um tio ou por um avô, relatados pela tradição?

* * *

Foi no caminho de Emaús que o Senhor apareceu a dois discípulos. Iam andando preocupados, trocando idéias. Aproximou-se deles um homem e perguntou-lhes:

— Amigos, para onde ides?

— A Emaús, Senhor, a noite se aproxima e buscamos uma estalagem. Estamos tristes. Nosso Mestre ausentou-se do mundo pelas portas da Cruz. E nós que o seguíamos acreditamos sempre que Ele fosse o Messias, o Filho de Deus. Mas estamos desapontados. Ele morreu como qualquer homem morre. Sofreu as mesmas dores e nos deixou órfãos no mundo.

— Mas não lestes as Escrituras?

— Lemos.

— E o que diziam elas?

— Que era preciso que Ele morresse e ressuscitasse ao terceiro dia.

— E então? já se completou o tempo?

— Não, Senhor. Mas não demora e estamos apreensivos.

— Vejo que ainda tendes pouca fé.

Dizendo isso, o homem passou a explicar-lhes claramente as Escrituras com profunda sabedoria.

As fisionomias dos discípulos iluminaram-se de nova luz e a Esperança da Vida Eterna renasceu em seus corações.

Agora sim, compreendiam tudo.

Todavia, ali estava a estalagem.

Entraram. Pediram acomodações para três e foram cear.

Na mesa, ao partir o pão, o homem que estava no meio deles, **perto da mesa,** desapareceu aos seus olhos atônitos.

Assombrados, estarrecidos, eles compreenderam que quem estivera com eles e lhes ensinara as escrituras fora o Espírito de Jesus.

* * *

São fatos tão parecidos esses que nós ficamos pensando conosco mesmo:

— Por que relutam os homens a aceitar a imortalidade? Por que se esforçam por não crer? Aqueles mesmos que deveriam crer procuram destruir as bases do Novo Edifício da Crença Universal. Mas um dia virá o Grande Ceifador e toda a árvore que o Pai não plantou será arrancada e atirada ao fogo para o sofrimento sem fim.

4

O diabo na casa do Padre

Meu avô também era um homem austero. Cabelos grisalhos, estatura média, olhar de águia, moreno, face à romana, sempre ereto, apoiado em elegante bengala de castão de ouro, paletó século passado, tipo capote, colete de primeira qualidade, camisa clara riscada ligeiramente, gravata às vezes à pintor, outras vezes fina como um cordão. Assim, usavam os italianos há cinqüenta anos passados.

Não era de brincadeira.

Aos dezoito anos, dizem, na Itália, ouvia uma conversa de "homens" e arriscou-se a dar um palpite. Outro italiano austero chamou-o de "fedelho" e deu-lhe uma bofetada. "Lugar de menino era em casa."

O **menino** foi embora e dali a pouco retornou armado de "bacamarte". Voltou e abateu ali mesmo o seu ofensor. Durante anos cumpriu pena na prisão. Não cedeu, porém, um só milímetro do seu orgulho.

* * *

Assim era o meu avô. Honesto, rígido, severo.

De volta ao seio da sociedade, ele, que era de boa família, retomou o roteiro interrompido e refez-se de novo.

Viveu quase oitenta anos. Muitos deles no Brasil.

Morávamos perto e sempre ia eu à casa do velho. À tarde, estava ele na porta e constantemente quando eu

entrava, o velho me chamava, tirava uma moeda do bolso e me oferecia.

Recusava incontinenti.

— Não quero dinheiro. Meu pai tem.

— Bobo, tu e teu pai!

Era assim que me respondia, cara "fechada", bravo. Sempre a mesma coisa.

Apesar disso, ainda sinto por ele uma certa ternura. Aquele carinho de me oferecer a moeda e vê-la recusada, mesmo quando outros netos aceitavam, e a sua perseverança em oferecê-la sempre, fazem com que me lembre dele com certa admiração. Nunca ia à igreja, embora as filhas vivessem nela. Às primeiras horas da manhã, lá iam as moças de véu na cabeça ao encontro do Senhor.

Ele era católico, mas não procurava os padres. Não sei o que pensava deles.

Certo dia, o velho não estava à porta de sua casa nem me ofereceu a moeda de costume. Nem mesmo havia a sua cadeira. Estranhei.

Dentro de casa, muita gente. Todos falando baixo, roupas escuras. O que seria?

— Vovô está doente — disse-me uma tia, pondo os dedos nos lábios para que ficasse quieto.

A porta do quarto dele, intransponível. Parentes e amigos enchiam o quarto. Enfiei-me no meio. Por entre as pernas dos maiores. Vi meu avô sobre a cama, camisa aberta no peito, cabelos revoltos. Agonizava.

Agonizava, mas não **morria**.

Um murmúrio corria por entre o povo.

— Ele não morre. O diabo está disputando a sua alma!

Todos oravam.

O Padre que viera dar-lhe a extrema-unção declarara que ele não morria porque o diabo estava disputando com o anjo do bem a sua alma. E enquanto não terminasse a luta entre o Anjo das Trevas e o Anjo da Luz, sua alma suspensa sobre o abismo aguardaria.

Não há necessidade de se dizer que um frenesi de terror percorreu aquelas criaturas ali reunidas, mas o anseio de ver, de ver até o último momento era maior que tudo. Por isso, permaneciam de pé, orando, orando sem parar.

Foram horas de angústia, de ansiedade e dor. Ninguém arredara pé do quarto e o Padre redobrava as orações de

modo a que a alma do enfermo pudesse abandonar o corpo e elevar-se ao Paraíso ou descer aos Infernos.

De repente, de maneira imprevista, inesperada, um grande estrondo se ouviu dentro do quarto e o guarda-roupa, antigo e enorme, que estava situado à frente da cama do doente, estremeceu, balançou, ameaçando cair como um monstro que se movimentasse.

Um relâmpago, um trovão, ou uma bomba de dinamite não teriam assustado mais do que aquele estouro. O terror pintava-se em cada rosto.

Era o diabo, satanás, que clamava vitória ou estertorava no desespero da derrota!

Sobre a cama, o moribundo imobilizara-se, os olhos vidrados, na inanição da morte. Estava morto.

O Padre, cansado, exausto, murmurou:

— O diabo perdeu a luta. Desesperado fugiu com esse estouro. Foi o diabo!

Graças a Deus a alma do enfermo está salva. Foi para o Paraíso. Minhas orações o salvaram.

* * *

Diante dessas palavras, as mulheres persignaram-se, ajoelharam-se e passaram a rezar.

Eu fiquei boquiaberto, com a mente cheia de fantasmas. Que coisa espantosa, pensava comigo, no meu entendimento de criança: que pena! O diabo estivera ali tão perto e eu não o vira! Como desejaria vê-lo, com o seu rabo e os seus chifres, disputando com o Anjo da Luz!

* * *

As orações, contudo, redobraram e o cadáver exposto desafiava a argúcia daqueles mais espertos que pensavam:

— Esse velho, que na sua juventude matou um homem, não terá ido para o inferno?

* * *

Lembrando-me desse fato, lembro-me também de Moisés. Lá na Escritura está escrito, naquela maravilhosa carta de Judas Tadeu:

"Mas quando Miguel, o arcanjo, discutindo com o diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não ousou fulminar-lhe sentença de blasfemo, mas disse: o Senhor te repreenda."

Como se parecem estas duas passagens, guardadas, é verdade, as proporções de tempo e eternidade! Moisés morto deu causa a que o arcanjo discutisse com os Espíritos do Mal os seus direitos divinos.

Sabemos que certa ocasião Moisés matou um egípcio e mesmo nos conta a Bíblia os massacres que se praticaram em seu nome. Razoável seria que na hora da morte estivesse Ele submetido a severo julgamento pelas Forças Espirituais.

* * *

Seja como for, o que não se pode negar é que forças estranhas vieram abalar o guarda-roupa de meu avô na hora de sua morte. Seriam espíritos? Seriam as vibrações de seu próprio organismo perispiritual? Seria o seu espírito que ao desencarnar provocara aquele fenômeno? Não podemos esclarecer, mas fica-nos a impressão de que esses fatos na hora da morte são mais comuns do que se pensa e que Deus por todas as formas e por todos os modos procura atrair nossa atenção para o mundo espiritual.

O homem, contudo, filho rebelado de Sua Grandeza Ilimitada, fecha os olhos e prossegue cego e indiferente à convocação do Bem que nos chama desde o Princípio.

5

Na outra noite

A visão de meu avô, a sua presença e o que ele queria causaram forte impressão em todos de casa.

Lembro-me como se fosse hoje. Isso aconteceu por volta de 1927. Eu devia ter sete anos.

Minha mãe repetia:

— Antônio — dirigindo-se a meu pai —, ele com certeza queria falar como você, dizer alguma coisa, pedir ou orientar. Por que não falou com ele?

— Não sei, murmurava meu pai —, fiquei estarrecido. Nunca vi uma alma do outro mundo. Perdi a voz.

— Sim, é verdade, dizia minha mãe. Quem haveria de esperar uma coisa dessas!

Você, um homem forte, corajoso, que já enfrentou tudo, ter medo de seu próprio pai!

— É. Mas o que vou fazer? — não tive coragem de falar nada.

Meu pai estava acabrunhado. E afirmou:

— Eu não estava esperando, mas se por acaso aparecer de novo, conversarei com ele e perguntarei o que quer.

* * *

Eram nove horas da noite quando meu tio chegou.

Meu pai estava um pouco abatido. Contou-lhe o caso todo. Comentaram e discutiram. Depois meu pai pediu licença para descansar e recolheu-se ao quarto.

Meu tio e minha mãe ficaram na sala. Uma porta intermediária separava-a do quarto de dormir. Fiquei na sala ouvindo a conversa, interessado.

De repente, outro grito, desumano, terrível, de estremecer, cortou o espaço.

— Beatriz! Beatriz! — gritava meu pai! Venha depressa! **Ele** está aqui de novo!

Todos correram e meu pai, junto à cama, apontava para o canto e berrava desesperado:

— Vejam ali meu pai! É ele! Vê como me olha! Está nos pés da cama!

Ninguém via nada. Mas ele via. Seus olhos estavam fora das órbitas. Desesperado.

— Pergunte o que ele quer, Antônio! Pergunte! — gritava minha mãe.

Meu pai, porém, de novo estava sem fala, sem voz, e nada perguntou. Não pôde perguntar...

— Foi embora, disse ele —, caindo sobre a cama, cansado.

Depois se levantou e saiu para a sala. Falou, explicou. Disse que assim que se deitara e pusera a cabeça no travesseiro, o "velho" aparecera. Dera a impressão de desejar dizer-lhe alguma coisa. Mas não disse. Diante do seu terror, retirou-se outra vez. Estava vestido como na noite anterior. O mesmo relógio e o mesmo colete, a bengala, o paletó... tudo igualzinho! Igualzinho!

No entanto, perdera mais uma oportunidade.

Foi a última vez que meu pai viu seu pai.

Depois disso nunca mais viu alma do outro mundo, nem o meu avô nem ninguém!

* * *

Dois anos depois, meu pai se suicidou.

Aí então, minha mãe se lembrou que talvez "o pai dele" tivesse vindo do **outro mundo** para pedir-lhe que não fizesse isso. Mas não lhe foi dada oportunidade.

Outras razões também havia. A casa onde moravam o meu avô e a minha avó estava alugada por um preço insignificante e, depois da morte dele, residia meu tio. Há pouco tempo morrera também minha avó. Esse tio possuía família numerosa e era o que estava em piores condições financeiras. Sempre desejara ficar com a casa.

Acreditou-se por isso na família que meu avô viera pedir a meu pai, que era o filho mais velho e o mais respeitado, que deixasse o "contrato da casa" para meu tio, mesmo porque era ele o filho de quem meu avô mais gostava.

Certo disso, meu pai deixou-lhe o contrato que era de longos anos, o que veio facilitar-lhe a vida.

* * *

Recordo-me de um dos sermões do Padre Vieira no qual conta a história do espírito de um homem que certa vez apareceu a um Bispo. Em vida esse homem desejara muito ser Padre, mas o Bispo o aconselhara a que não tomasse a batina. Não convinha. Ele seria mais feliz se prosseguisse sua existência fora da Igreja.

Depois de morto, apareceu o espírito do homem ao Bispo que ainda estava vivo, e agradeceu-lhe sinceramente o fato de tê-lo dissuadido de ser Padre. Afirmou o espírito:

Só agora eu sei como viria a complicar a minha situação espiritual se houvesse sido Padre!

* * *

Vemos aí, aliás, coisa interessante, o Padre Vieira, o célebre Padre Vieira, citando um caso de aparição e comunicação de espírito. E é o **Padre Vieira** que salienta o fenômeno. Como, pois, a Igreja declara que só os anjos ou os demônios se comunicam? Esse era ou não o espírito de um homem?

Em tudo semelhante ao aparecimento de meu avô que desejava dizer alguma coisa.

Jesus nos afirmou: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em Mim, mesmo que esteja morto, viverá!

6

O suicídio

Dois anos após a aparição de meu avô, meu pai suicidou-se. Nada nele deixava prever disposição para tal atitude.

Negócios realizados "com o coração" levaram-no ao desespero e à morte.

Quando a avalancha do destino desabou sobre a sua vida, a sua **casa mental**, que não estava construída sobre a rocha, foi abalada nos alicerces, e a sua alma rolou no abismo.

A fé transporta montanhas, diz o Senhor, e o amor cobre a multidão dos pecados.

Faltou-lhe a fé e provavelmente não havia o amor edificado espiritualmente em seu coração.

Infelizes daqueles que acreditam que não precisam de Deus!

Nós, espiritualistas, sabemos qual a situação da criatura que, descrendo de Deus e de suas leis, mergulha na treva através do suicídio. Anos a fio escoam sobre o seu gesto de desesperado e a dor faz morada no seu espírito. Vaga pelas noites terríveis do seu pensamento, encontra-se com outros fantasmas do desespero, revolta-se, grita, blasfema. Vive o verdadeiro inferno da inconformação interior e sente dentro de si a impotência diante da inexorabilidade das leis eternas que funcionam matematicamente.

Não há descanso para o espírito que atravessou as portas do mundo espiritual através do suicídio.

A destruição do "vaso sagrado de carne" concedido pelas leis divinas para nosso progresso é uma luta travada entre a desordem e a ordem, entre a harmonia e a desarmonia, entre o equilíbrio e o desequilíbrio, entre a tempestade e a bonança, a guerra e a paz, o interior e o exterior.

Dela, ninguém que a tenha provocado sairá ileso. E o restabelecimento do estado pacífico de consciência, pois que atravessou as fronteiras do inconsciente e nele se debate às vezes por anos sem fim, exige dolorosos sofrimentos de retificação.

Naquela parábola de Lázaro, do miserável, e do homem rico que estava no inferno e que implorava ao Senhor que permitisse que Lázaro, o mendigo que na Terra vivera à sua porta coberto de úlceras, quando ele era rico e poderoso, coberto de jóias e púrpuras no mundo — que permitisse que esse Lázaro molhasse a ponta do dedo para refrescar-lhe a língua, o que respondera o Senhor?

— Na Terra fostes vós consolado enquanto que ele viveu em tormento. Além disso, entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem nem os de lá passar para nós.

Realmente, era o abismo da **consciência culpada.** Entre a consciência pura e a consciência pecadora existe um grande abismo que não pode ser transposto em um dia, e sem sofrimento.

A recuperação de si mesmo é a grande luta do espírito que se precipitou nos despenhadeiros da perturbação mental.

* * *

Meu pai, que fora um homem corajoso, acovardou-se diante da vida. O gesto de matar-se a si mesmo que não deixa de ser um gesto de coragem em delírio ou de simples loucura, demonstra que o peso das responsabilidades do mundo e dos compromissos assumidos se torna muito maior que o peso da morte. O medo de enfrentar a vida é maior que o medo de enfrentar a morte.

Supondo que vai descansar além do túmulo ou que permanecerá nos desvãos do nada, do não ser, o espírito acovardado ante as responsabilidades de cada dia destrói o veículo de ascensão e progresso para encontrar-se a si mesmo, logo depois, com um veículo igualzinho ao de carne,

porém agora formado de matéria perispiritual, nos reinos da imortalidade.

A sua situação é pior do que a antecedente. Comprometido perante Deus, cheio de dores, mergulhado nas trevas e no pesadelo permanente da **consciência e da inconsciência,** percorre o infeliz os recônditos da mente assolada pelos furacões das vibrações desencadeadas dentro de si mesmo e não encontra nem a calma nem o sossego que sonhou.

É o personagem do poema de Victor Hugo que ressurge, aquele mesmo Caim — **de Consciência** — que deseja esconder-se em toda a parte do mundo, que anseia ocultar a culpa e a desgraça e não encontra onde porque há de estar permanentemente observado pelo **olho** inexorável e impiedoso da própria consciência que não perdoa nem esquece.

* * *

Meu pai, cansado da vida na carne, iludido por si mesmo, colocou o cano do revólver no ouvido. Tremeu ligeiramente ao detonar a arma, e a bala penetrou atrás do ouvido indo então, assim desviada, alojar-se na fronte, em local difícil de ser retirada.

Operado, serraram-lhe o crânio para retirar a bala, e ele faleceu. Onde ficou encravada a bala foi serrado e onde se localizou, provavelmente deve ter havido terrível dilaceramento.

* * *

Anos mais tarde, pensando no caso, minha mãe passou a acreditar que o fantasma de meu avô, quando aparecera, queria prevenir meu pai de que não deveria se suicidar. Quem sabe se naquela época ele já era assaltado por esses pensamentos? e naquela noite mesmo em que se sentara na sala **para pensar,** não estaria ele meditando sobre uma forma de fugir da vida humana pela porta do suicídio?

Seria por isso que o "velho" resolvera vir das profundidades da morte para adverti-lo, como aquele mesmo "homem rico" da parábola do Cristo que suplicara:

— Senhor, manda um "dos mortos" avisar meus irmãos para que não procedam mal no mundo porque senão depois da morte virão a sofrer como estou sofrendo!

7

Recordações de Chico Xavier

Foi por volta de 1946... Morávamos em Belo Horizonte.

Mente colocada no plano espiritual, vivíamos verdadeiramente a vida do espírito e nossos anseios eram os anseios de atingir o Cristianismo puro.

Em nossa tela mental passavam e repassavam as imagens esquecidas dos primeiros discípulos do Cristo e os Apóstolos aí reviviam como criaturas de nosso tempo. Sabíamos que era necessário despertar de novo a consciência humana para os vôos da suprema liberdade.

Contemplávamos os próprios espíritas e sentíamos que eles ainda se agarravam demasiado às coisas da Terra e ainda concediam valor excessivo ao plano material.

Onde estavam os Levis que abandonariam a coletoria e onde ressurgiam os Pedros que a um aceno do Senhor abandonavam as suas redes? Todos continuavam jungidos à matéria fria e as suas mentes permaneciam na carne.

Sonhávamos um mundo melhor com homens melhores, onde a paz, a liberdade e o bem governassem a Terra.

* * *

Estivéramos em Pedro Leopoldo uma vez. Conversáramos com o Chico e ele nos disse algumas palavras ligeiras no meio de outros companheiros.

Despedindo-se de nós, porém, no carro, disse que nos tornaríamos a ver.

Em 1948, nós o encontramos de novo. "União Divina" como diria ele.

E durante algum tempo, quase todos os sábados e domingos, nós o tínhamos em nossa casa em Belo Horizonte.

Era um anjo que penetrava o nosso lar. Sol de Esperança e de Paz.

Abrimos nossas portas, de par em par, àqueles que desejassem estar com ele. Certos ou errados, não guardamos para nós somente o tesouro do Cristianismo Moderno. Não o ocultamos. Não construimos barreiras à sua volta. Chico pertence aos homens e pertence ao mundo.

E o nosso lar se encheu de uma alegria nova. Como um bando alegre de pássaros que ruflassem as suas asas e cantassem a sua canção, vinham todos risonhos e felizes para a festa do amor. Nós o amávamos e todos o amavam com o carinho simples de crianças.

E a casa repleta de criaturas era uma colmeia viva de fraternidade.

Tínhamos a impressão de que a sua presença a tudo santificava. As paredes e as portas, o teto e o chão, as plantas e as flores. Por onde ele passava julgávamos que o toque da sua pessoa a tudo iluminava. E quando se retirava, sentíamos que o ambiente estava impregnado de tudo o que era seu.

Em toda a História Universal por onde perpassam as sombras dos grandes homens, só uma figura se parece integralmente com o Chico. Pela sua simplicidade e pela sua sabedoria: Sócrates.

Tem-se a impressão de Sócrates reencarnado. E, se vivêssemos na Grécia, o Oráculo de Delfos diria de novo que ele é "o mais sábio dos homens".

* * *

Assim, aproveitando a oportunidade da sua presença, aos sábados, realizávamos uma reunião mediúnica a que assistiam todos os que viessem visitá-lo.

Depois da reunião, atravessávamos a noite conversando alegremente sobre as coisas do Senhor e a respeito das instruções de nossa Doutrina. Atingíamos comumente as três horas da manhã. E o Chico contava-nos os acontecimentos espirituais que mais lhe chamavam a atenção. Muitíssimos anos antes de Ramatis, já falava de um novo planeta que

se aproxima da Terra e para onde seriam transferidos os espíritos que não têm boa vontade. Relatava já naquele tempo que em 1960 se daria início à seleção e que só poderiam renascer no mundo, dessa época em diante, os espíritos que ansiavam pelo bem e pela fraternidade.

Também foi o primeiro a dizer que no plano espiritual e no plano da carne, o nosso orbe se compõe de 30 bilhões de almas. E que 28 bilhões de desencarnados fazem pressão sobre apenas 2 bilhões de encarnados.

Falou-nos ainda da necessidade de não se comer carne e, já naquele tempo, não comia carne.

A maioria dos ensinamentos que correm o Brasil como novidades fantásticas transmitidas através de outros médiuns já haviam sido revelados por ele a uma centena de companheiros que retransmitiam a outros situados em zonas diversas do País.

A sua palavra era sempre a palavra espiritual profunda. Muitas vezes a sabedoria lhe explodia dos lábios através do riso alegre. Porque o Chico é uma criatura risonha e alegre. Onde ele está não há tristeza.

Cremos firmemente que o Reino de Deus é o Reino da Alegria Perfeita e temos para nós que o Cristianismo é Doutrina de Alegria. Não podemos compreender as correntes do Cristianismo que **se fossilizaram tornando, na sua interpretação,** o Cristianismo de Alegria e Vida em Cristianismo de Tristeza e Morte.

O Catolicismo estacionou na morte do Cristo. Para ele não há ressurreição. Morreu quando Jesus morreu, mas não ressurgiu ao Terceiro Dia. E a prova disso é que continua a fazer procissões pelas ruas de todo o mundo, nas quais as velas acesas e os véus de crepe apresentam um enterro permanente. Enterraram o Cristo e têm-se a impressão de que tudo no Catolicismo exclama: está enterrado e ninguém o desenterrará.

Batinas **pretas**, véus de crepe **preto**, velas e enterro, tal é o panorama do Catolicismo exibido ao mundo durante dois milênios.

O Protestantismo, escravizado na rigidez da letra, assombra as almas com a intolerância sem limites. Só o Espiritismo Cristão estabelece uma doutrina de liberdade. "Onde há o Espírito do Senhor aí há liberdade", proclama o Apóstolo.

Temos que viver um Cristianismo "com ressurreição". Quando Jesus morreu no madeiro de infâmia, o raio cortou o céu, o dia escureceu, rasgou-se o véu do Templo e os discípulos curvaram a cabeça para a terra amargurados.

No Gólgota estava o Mestre, morto e suspenso, face pendida sobre o peito divino.

Mas quando ressurge ao Terceiro Dia, o Sol inunda o mundo de luz, os anjos tocam as trombetas da Ressurreição, e os apóstolos proclamam felizes a Redenção e a Vida Imortal. Não há mais tristeza nem morte. O que existe é Vida, Amor, Alegria e Liberdade!

* * *

Em um desses sábados, reunidos à volta da mesa, Chico na cabeceira, concentrado, papel e lápis à sua frente. Desenrola-se uma reunião mediúnica. Casa cheia. Criaturas no corredor, na cozinha, nos quartos. Estávamos na copa.

Após a prece inicial, verificamos que do nariz do Chico começou a escorrer lentamente, em gotas, um fio de líqüido semelhante a água, porém mais denso e viscoso.

A princípio pingava. O médium, no entanto, começara a escrever. As folhas de papel colocadas para receituário foram se enchendo com a letra vertiginosa do espírito.

As gotas líqüidas que lhe caíam do nariz tornaram-se um fio ininterrupto. Os assistentes também se inquietavam. Esperava-se que de repente o Chico levasse a mão ao nariz ou um lenço. Ao menos um movimento com as narinas. Nada. Silencioso e firme, prosseguia ele. A mão conduzia o lápis sobre o papel.

Iniciáramos às nove horas. Já nos aproximávamos das onze e meia. Receituário terminado, vieram as mensagens familiares ou de instrução.

Heleninha, espírito que na última existência terrena animara o corpo de nossa filha, transmitia-nos longa mensagem.

O líqüido que escorria do nariz do Chico caía sobre o chão e formava já uma verdadeira poça. E continuava correndo inexplicavelmente. A admiração era comum a todos. Não era possível que não fizesse um gesto, um só para conter aquele fio incessante. Mas não o fez. Manteve-se silencioso e seguro. Parecia-nos apenas uma máquina de escrever, escrevendo, escrevendo sempre...

Sobre o papel agora iam se alinhando os versos magistrais de Augusto dos Anjos e logo depois dois sonetos notáveis de Antero de Quental.

No chão, a poça líqüida crescia assustadoramente.

A "máquina" de escrever parou.

Feita a prece, encerrou-se o trabalho. Uma hora da manhã.

Aí, então, o médium deu-se conta do que ocorrera. Buscaram um pano para limpar o chão.

* * *

Cremos que esse fato, simples, mas interessante, dispensa comentários. Se não houvesse ali uma entidade extraterrena governando o médium, insensível ao corpo terrestre e às suas necessidades e acima delas, poderia ele escrever receitas, mensagens e poesias magistrais sem levar ao nariz, uma só vez sequer, a mão inquieta? Durante quatro horas?

Sabemos que a região das narinas é daquelas que apresentam um dos maiores campos de sensibilidade. Fica ao leitor a interrogação. Qual o escritor capaz de realizar essas façanhas **nessas condições?**

8

O nascimento do Kratus

Numa sessão de efeitos físicos, dois anos antes, conversávamos com o Zé Grosso, materializado, e o Espírito nos disse assim:

— Ranieri, há dois espíritos que desejam renascer na sua casa. Querem ser seus filhos.

— Quem são eles? — perguntei.

— Um é o espírito de seu pai — esclareceu Zé Grosso — e o outro é o espírito do "Pai da Literatura Francesa"...

— Não entendi bem, Zé Grosso. Quem é o segundo mesmo?

O Espírito riu alto, como é de seu feitio, e explicou:

— É ele mesmo, "V"...

— É muita coisa para nós, Zé Grosso. O fato de meu pai renascer como meu filho, acho razoável, pois quem pôde ser meu pai poderá retornar como meu filho. Assim terei oportunidade de pagar-lhe alguma coisa. Quanto ao outro, julgo "importante" demais para nascer em nosso lar...

O Espírito tornou a rir alto.

Estávamos à vontade, naquele doce convívio espiritual e vejam só que coisa interessante: um espírito vinha do "outro mundo" combinar comigo o reencarne, o renascimento de dois outros espíritos. E discutíamos o assunto com a maior naturalidade possível.

— Bem, mas no caso de "meu pai" — disse eu — não nascerá ele com algum defeito?

— Por causa da bala? — interrogou Zé Grosso. Que nada! Nós aqui fizemos "um remendo" no perispírito dele, bem na testa onde foi serrada e tudo vai bem. Nascerá em ordem. Olhe, terá uma ligeira mancha na testa que vocês perceberão.

* * *

Como ficou esclarecido no capítulo 6, o cadáver de meu pai, após o suicídio, para necropsia, fora serrado na testa e ali devera ter havido sério dilaceramento.

* * *

— Além disso, há outra coisa — completou Zé Grosso — o perispírito de seu pai foi colocado em outra vibração. Ele renascerá com o perispírito sob vibração de uma época em que viveu na Grécia. Assim, resistirá mais às provas do mundo.

Isso não impedirá que tenha reminiscências de sua última encarnação.

Todavia, não o prejudicarão.

* * *

Diante dessa exposição, fiquei pensativo:

— Minha esposa andava doente, coisa de certa gravidade... Admitíamos que talvez não pudesse ter filhos nessa ocasião.

— Não tenha receio — exclamou Zé Grosso — "lendo" o nosso pensamento.

Ela será submetida a tratamento espiritual pelo Fritz e outros espíritos e o parto será normal, sem perigo.

* * *

Decorreu o tempo. Minha esposa ficou grávida. Não sofreu o que sofrera com a gravidez dos outros filhos. Até não se acreditava. Tudo bem.

Temos um médico amigo. Além disso, **espírita.**

Segundo constava, durante alguns anos, vinha esse médico fazendo observações pessoais sobre gravidez — e com

antecedência declarava sempre o sexo da criança que nasceria. Não errava. Mensalmente, levávamos nossa esposa a esse médico.

— Como é, Dona Arlete? — dizia ele — então desta vez teremos uma menina, não é mesmo?

— Consultei um espírito amigo, o Altino, sobre esse assunto e ele nos respondeu:

— Não, não será menina. Será homem. Nascerá um bonito menino. Os espíritos estão submetidos a certas leis de renascimento e conquanto possam nascer homem ou mulher, a Lei determina essas variações. Por ora, o espírito de seu pai não poderia envergar um corpo de mulher. Terá que seguir sua jornada como homem mesmo.

* * *

Desse momento em diante, todas as vezes que o referido médico nos dizia que seria menina nós lhe respondíamos que estava enganado: seria homem, pois os espíritos nos haviam dito isso.

* * *

No véspera do nascimento, recebemos uma mensagem escrita do Altino e, entre outras coisas, dizia assim:

"Nascerá homem e se chamará Kratus."

Dizia ainda que tudo correria bem, que não me preocupasse.

Minha senhora foi transportada para a Santa Casa de Cachoeira Paulista, naquela mesma noite. A hora se aproximava.

No dia seguinte pelo meio-dia, reunidos alguns amigos espíritas de Cachoeira Paulista no pátio do hospital, exibimos a mensagem. Havia umas seis pessoas. Leram e comentaram. Estava escrito:

"Nascerá homem e se chamará Kratus."

Na sala de parto, minha senhora, o médico e a sua esposa. Aguardava-se qualquer complicação, mas a criança nasceu bem. Parto normal.

Nasceu homem e se chama Kratus.

* * *

Essa criança custou muito a falar e tem um tipo estranho: parece grego ou oriental. Há momentos que nos lembra um judeuzinho. As palavras que pronunciara inicialmente ninguém entendia. Eram palavras estranhas parecendo palavras inventadas. Mas ele as pronunciava como se realmente fossem palavras existentes que se referissem a alguma coisa. Achávamos graça e dizíamos, recordando-nos do espírito: deve ser "grego antigo".

O perispírito colocado numa vibração correspondente a uma encarnação grega deveria facilitar essas "atrapalhadas."

A criança até hoje possui uma ligeira mancha sob a pele na testa, que sobe das sobrancelhas para a cabeça em forma de triângulo, correspondente ao **remendo** preconizado por Zé Grosso na reunião do compromisso.

Essa mancha se acentua, às vezes mais intensamente, em certos dias. Outras quase desaparece.

Com meu pai tem o menino as seguintes correspondências morais-espirituais:

1) amor imenso à música;
2) gosto por comidas italianas;
3) "bravo" até a agressividade e bom ao ponto de comover;
4) inteligência viva.

Nesta história, salientamos ainda os seguintes fatos:

a) participação da reencarnação do espírito com dois anos de antecedência com a afirmativa de que o **perispírito fora remendado** na região da testa e que por isso nasceria com ligeira mancha;
b) declaração de que o perispírito fora colocado numa vibração correspondente à encarnação antiga, na Grécia. Predição que poderemos considerar comprovada tendo em vista o tipo oriental da criança ou que lembra tipo oriental, judeu etc., e por iniciar sua linguagem pronunciando palavras estranhas;
c) reação semelhante às de meu pai, quando vivo.

* * *

Quando os discípulos perguntaram ao Senhor que se apresentava como o Libertador:

— Mas como então diz a Escritura que necessário é que venha Elias?

O Mestre respondeu-lhes:

— "Em verdade vos digo que Elias já veio, mas os homens não o conheceram e fizeram com ele tudo o que quiseram. Em verdade vos digo que João Batista é o mesmo Elias que há de vir..."

* * *

Seria interessante que aqueles que se dizem cristãos e negam a reencarnação se lembrassem dessas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Teria mentido o Mestre? Teria Ele atirado dúvida maior ainda no espírito de seus companheiros de ideal?

Por que ao invés de declarar que não cressem na reencarnação, preferiu afirmar-lhes que João Batista que vivera na mesma época que Ele era apenas um grande profeta que existira em Israel muitos séculos antes?

Qual a razão por que nunca lhes disse que acreditar na reencarnação era uma tolice?

"Quem diz o povo que eu sou?"

— O povo diz que sois Jeremias ou um dos Grandes Profetas que ressurgiu!

— "E vós o que dizeis?"

— Sois o Filho de Deus Vivo! — exclamou Pedro.

— "Não foi a carne nem o sangue que te disseram isso, Pedro, mas meu Pai que está nos céus."

Seria o momento apropriado, se a reencarnação não fosse uma verdade incontestável, para Jesus lhes dizer que não cressem nela porque ninguém reencarna.

No entanto, todas as vezes que tratou do assunto foi, pela **palavra** ou pelo **silêncio**, confirmando a sua realidade!

Evidentemente, todos os que procuram confundir a verdade e ocultá-la aos olhos do povo, desviando as criaturas do caminho da Vida Imortal e Verdadeira, estarão um dia perante o Tribunal de Cristo e enfrentarão as suas palavras decisivas:

"Aquele que me negar diante dos homens
eu o negarei diante de Deus!"

NOTA — Este capítulo como está foi escrito há uns sete anos passados. No decorrer desse tempo, muita coisa se pôde observar e muita coisa mudou, a criança, no entanto, continua mantendo cada vez mais semelhança espiritual e moral com meu pai. Desde pequeno, quando por qualquer coisa, nós nos zangávamos com ele, reagia dizendo: "Quem é o pai aqui? O pai sou eu! Na próxima vez que eu nascer vou ser seu pai e você vai ver comigo! "Dizia essas palavras quase sempre e depois ria muito e desfazia o que dissera: "O pai é você, eu sou o filho. Estava só brincando..."

A **mancha**, por outro lado, em certos dias aparece bem acentuada na testa como uma mancha triangular.

9

"Eu não quero!"

Certa ocasião, não sabemos explicar como, resolveu o Chico, talvez influenciado por companheiros de trabalho espiritual, servir como médium de efeitos físicos.

Para isso, foram organizadas algumas reuniões especiais.

Elementos selecionados compuseram o grupo.

Evidentemente, esperavam-se fenômenos importantes e materializações notáveis.

Chico na cabina!

Era o maior acontecimento nos anais espíritas brasileiros.

O grande médium que vem contribuindo com obras de valor extraordinário para o acervo da literatura espiritualista no Brasil e no mundo, decidira-se a entrar para a cabina e colocaria sua organização mediúnica excepcional a serviço das forças materializantes.

Teriam, provavelmente, naquelas reuniões as luminosas figuras do Além, e, entre elas, com certeza os anjos de Nosso Lar.

O entusiasmo empolgava os corações. Humilde e conformado, simples e bom, alma aberta aos clarões da compreensão e do entendimento, entregou-se o médium ao intercâmbio com o mundo invisível.

Agora, já não eram apenas a mente e a mão que colocara a serviço da Causa. Estava de "corpo inteiro", em plena batalha.

Luzes e vozes, através de sua prodigiosa mediunidade, encheram o ambiente.

Um silêncio sagrado percorreu os espectadores. Ali estava o Chico, na sua simplicidade e no seu carinho, entregue às vibrações poderosas de entidades que penetravam o recinto.

Maravilhosa espanhola, exibindo o véu diáfano que lhe compunha a mantilha, estalando imprevistas castanholas, deliciou os ouvintes com a sua presença inconfundível. Outros espíritos vieram, uns após os outros, ao recinto, relembrando alguns as encarnações que o Chico e outras pessoas que ali estavam viveram na Espanha de Fernando e Isabel.

Emocionados, acompanhavam todos a maravilhosa noite que a mediunidade de efeitos físicos do Chico lhes concedera.

Eis que, porém, sem que se esperasse, em plena sala, se destaca a figura serena, mas enérgica do espírito de um senador romano. Alto, majestoso, túnica imponente, ligeiramente atirada sobre os ombros. Faixa característica em forma de cinturão cingindo-lhe a cintura. Cabeça olímpica, olhar vivo.

Uma onda de respeito e de temor percorreu os corações e atingiu-lhes a mente.

Ali, diante deles, estava Emmanuel, o campeão do Evangelho, em terras da América e do Brasil, o Senador Romano redivivo no "Há dois mil anos..."

Era qualquer coisa de sério e de importante. Do fundo dos séculos retornava ele para falar da Vida Eterna e da Glória Espiritual.

Foi um momento de grande impressão.

Porém, ocorreu o imprevisto.

Emmanuel dirigiu-se solenemente à feliz assembléia e declarou:

— Eu não quero! Eu não quero que o Chico sirva de médium de materialização. A sua Missão é a Missão do Livro! Não é médium com tarefa de efeitos físicos...

Aquelas palavras caíram sobre os assistentes como verdadeira bomba.

Cada um sentiu dentro da alma a responsabilidade de ter arrastado àqueles trabalhos o médium de Pedro Leopoldo.

Que ele era médium de materialização não havia dúvida! Ali estava o próprio Emmanuel emergido do fundo dos séculos para a glória da imortalidade terrestre!

Mas não estava satisfeito. Pela primeira vez, como espírito, se ouviu Emmanuel declarar **"Eu não quero!"**

Ele que nunca emprega a primeira pessoa do singular e que parece nunca empregou. Se chegara a dizer isso é porque compreendia que se o Chico se entregasse aos fenômenos de efeitos físicos poria a perder a mediunidade de psicografia na tarefa do Livro que é o movimento principal de preparação dos tempos futuros desencadeado no Brasil pelos espíritos, para Redenção do Mundo.

* * *

O silêncio invadiu todas as almas. Cabeças baixas numa eloqüente demonstração de humildade todos se curvaram à vontade do Espírito.

Após isso, a reunião se encerrou com uma prece de agradecimento ao Criador. Emmanuel desapareceu nos véus do Infinito.

E ali, naquele recinto de amor e boa vontade, estivera pela **única vez em nosso Brasil** e talvez no mundo, **materializado**, o Grande Espírito, paladino do Evangelho e da Espiritualização.

* * *

Cumpre-nos aqui tirar algumas conclusões.

Segundo é do nosso conhecimento, com aquela se realizava a terceira ou quarta reunião tendo como médium de materialização o Chico.

Todos, felizes, conviviam na intimidade de espíritos que eram familiares em épocas recuadas, na Espanha e na França.

Tanto concordara o médium com a realização de trabalhos de tal natureza que não só se deitara na cabina como também por ele se materializaram diversos espíritos que têm ligação espiritual com ele mesmo.

Vieram materializados, conversaram, dançaram, enfim, conviveram com os assistentes. As pessoas presentes estavam felizes.

De repente, surge alguém que não concorda com aquilo tudo e impõe sua vontade poderosa. Acima da vontade do médium e acima da vontade dos assistentes com absoluta independência e autoridade, Emmanuel.

* * *

Notamos uma série de questões importantíssimas para os espíritas, estudiosos dos problemas de mediunismo:

1) fica provado que as materializações não são produto das mentalizações do médium ou dos assistentes, porque se fossem os fenômenos não seriam interrompidos por Emmanuel;

2) a presença inesperada de Emmanuel impondo a sua vontade e contrariando o desejo e a vontade de todos, inclusive dos espíritos que ali vinham se materializando, prova eloqüentemente que mesmo os grandes médiuns podem fugir **temporariamente, pelo menos**, do controle de seus guias espirituais;

3) que as forças materializantes dos médiuns de efeitos físicos ficarão à mercê das entidades que delas quiserem se aproveitar, boas ou más, desde que o médium se entregue à realização de trabalhos por sua própria conta;

4) que cada médium, no mundo, por mais importante que seja, tem determinada tarefa, **especializada**, a realizar, não lhe sendo permitido realizar o que quiser;

5) que espíritos de classe ou categoria superior, tais como **Emmanuel** também se materializam em dadas condições e ambiente e conseqüentemente materializações não são fenômenos somente realizáveis por espíritos inferiores, atrasados. É ou não é Emmanuel um espírito adiantado? Mesmo para dizer "Eu não quero!", materializou-se ou não se materializou?;

6) as **solicitações mentais** dos médiuns e dos assistentes atraem para o ambiente das materializações determinadas entidades que com eles se afinam;

7) acatada a autoridade de Emmanuel pelos espíritos que vinham se materializando, ficou demonstrado o princípio da hierarquia nos planos espirituais.

* * *

NOTA — A **síntese do presente relato** foi feita ao autor por Dona Esmeralda Bittencourt, residente no Rio de

Janeiro, há alguns anos. Esses fatos ocorreram há anos passados. Nós redigimos o atual capítulo com base nesses fatos e nessa narração e tiramos as conclusões possíveis. Cremos que fatos como esses não podem e não devem se perder, no interesse da Causa Humana, tendo em vista a importância de Chico Xavier como médium. Durante alguns anos aguardamos que alguém que estivera naquelas reuniões publicasse qualquer coisa, como não o fizeram, nós o fazemos.

10

Poeira de estrelas

Contou-nos Dona Esmeralda Bittencourt que certa época hospedara-se na casa de Chico Xavier em Pedro Leopoldo.

Espíritos afins, estiveram juntos na França em outras existências.

Dona Esmeralda, senhora respeitável, de idade mediana, bondosa e amiga.

Na casa simples do Chico se alinhavam sempre numerosos sofredores que iam buscar alívio aos seus sofrimentos.

Na humildade e na paz daquele recinto amigo, recuperava ela as energias perdidas. Acabara de perder um filho de maneira violenta. Coração resistente à dor, mas, apesar disso, coração muito humano.

Recebia do Chico e dos Espíritos Superiores reconforto e entendimento.

Uma noite, acordou ela espantada com a luz que enchia o ambiente.

Todo o ar que percorria a casa estava luminescente como se fosse poeira de luz ou poeira de estrelas. Os corredores e os quartos, iluminados por aquela luminosidade espiritual como se preciosa luz de luar flutuasse no ambiente.

Chico dormia. Todos dormiam. Apenas Dona Esmeralda, tomada de espanto, contemplava aquele espetáculo com respeito sagrado.

Via o Chico como quem via um santo adormecido.

E a poeira luminosa continuava flutuando no espaço como neve que caísse do firmamento. O assoalho humilde

que cobria o chão estava impregnado daquela luz e as paredes e o forro estavam cheios de seus reflexos.

* * *

E o nosso pensamento, diante dessa afirmativa de Dona Esmeralda, volta vertiginosamente, no tempo e no espaço, à era em que Jesus veio à Terra. Disse Ele aos seus discípulos: muitos reis e príncipes da Terra, muitos profetas e santos, desejariam ter visto um destes dias do Filho do Homem. Um só.

* * *

Vemos aí o poder espiritual acima de todos os poderes. O mundo material pouco vale em face do mundo espiritual. A Vida Eterna é realmente o tesouro do homem desterrado nos abismos da carne.

Pobreza e simplicidade no mundo podem ser grandeza, imortalidade e glória no plano do Espírito.

Felizes daqueles que se humilham porque serão exaltados, diz o Senhor.

Felizes daqueles que cumprem a Lei e respeitam a Vida porque receberão a Vida Eterna.

11

A cura dos olhos da Glorinha

Havia pouco reencontrara eu os princípios da Doutrina Espírita e por mais absurdo que pareça, tornamos a repetir, não consideramos extraordinário nenhum dos ensinamentos por ela expostos. Tudo muito simples, muito natural, muito aceitável. Nada de esquisito.

Reencarnação? Nada mais justo.

Outros mundos habitados? É lógico que devem ser habitados.

Comunicação dos espíritos? O que poderá haver de mais razoável? Quem viaja não gosta de se comunicar com os parentes e com os amigos que ficaram? O que haverá de mais no fato de que aqueles que **viajem** para o outro mundo, sendo imortais, procurem dar notícias aos que estão na Terra?

Assim, lendo os livros da Doutrina Espírita, verificamos logo que aquilo tudo já estava há milênios na nossa alma e no nosso coração. Evidentemente, sempre fôramos espíritas cristãos.

Espíritos imortais, nascemos e renascemos através dos séculos adquirindo conhecimento, armazenando sentimentos, reunindo princípios.

* * *

As curas espíritas ou por intermédio dos espíritos, por isso, não nos pareciam absurdas. Jesus curara os enfermos

de todas as categorias. Dera vista aos cegos, levantara paralíticos, ressuscitara mortos, aliviara obsedados. Transmitira, além disso, esse poder aos seus discípulos que, por sua vez, realizaram uma infinidade de curas semelhantes. Pedro exclamara para o paralítico da Porta Formosa: "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho isso te dou: levanta e caminha."

O enfermo levantara-se a essas palavras poderosas, tomara a cama e fora embora.

Por que então não acreditar em curas espirituais?

Não estão o Velho Testamento e o Novo cheios delas?

Recusá-las será recusar Jesus Cristo. Recusar os Apóstolos. Recusar o Cristianismo inteiro.

Todo aquele que se intitular "O Cristo" ou um dos Apóstolos terá que impor as mãos e curar. Se não for capaz de fazer isso, está mentindo e é um impostor.

A grandeza do Cristianismo está na Palavra que ilumina e no Poder que recupera.

A primeira exclamação dolorosa dos judeus diante de Jesus foi essa: "Como? — perguntaram eles aterrorizados — "uma doutrina com poder?"

* * *

O poder representava a Presença de Deus. Ninguém poderia fazer o bem sem permissão divina.

Levantar paralíticos, abrir os olhos dos cegos para o mundo da luz, arrancar mortos do sepulcro para a grandeza da vida? Quem, senão Deus, poderia operar esses fenômenos? Só Ele é que dá a Vida e movimenta o Universo.

* * *

Apesar de tudo isso, pouca coisa havíamos presenciado no campo da cura espiritual. Éramos moços. Mal havíamos entrado em contato com o Mundo dos Espíritos.

Nossa filha **Glorinha**, logo após o nascimento, apresentava uma purgação permanente nos olhos. O pus corria-lhe entre as pálpebras e de tal maneira que fizera dois sulcos em suas faces. Dois sinais que lhe desciam nas maçãs do rosto e que as requeimara. Olhos sempre vermelhos, injetados.

Recorremos à Medicina comum. Consultamos os melhores oculistas de Belo Horizonte, mas a purgação conti-

nuava. Ninguém conseguia debelá-la. Ali estavam os dois sulcos e aquelas gotas de pus inextinguíveis. À proporção que se limpavam outras apareciam no mesmo lugar.

Um dia, alguém nos disse assim:

— Por que você não pede ao Altino um remédio para os olhos da Glorinha? Não dizem que os espíritos curam?

Fiquei pensativo. Era verdade. Devia recorrer aos espíritos.

— Consultarei — respondi.

No dia seguinte consultei o espírito.

— Assim que o dia estiver amanhecendo — falou-me o instrutor espiritual —, porém antes que o Sol apareça no horizonte, apanhe duas folhas novas de uva e coloque durante dez minutos cada uma com a face lisa sobre os olhos da menina. Ficará boa.

Era tão simples a receita. Duas folhas de uva sobre os olhos...

No quintal havia uma parreira. Dormi pensando no caso. Quando acordei, os primeiros clarões do dia nascente brilhavam sobre as montanhas. Corri ao fundo do quintal e arranquei duas folhas novas de uva da parreira. Eram quase as únicas. A videira estava desfolhada. Voltei ao quarto e carinhosamente superpus nos olhos da menina, uma de cada vez, as folhas de uva.

Quando terminei, as folhas estavam murchas. Talvez a pressão das mãos. O pus, no entanto, não correu naquele dia nem nos outros. A criança estava curada para sempre. E até hoje, mais de treze anos decorridos, seus olhos se apresentam límpidos como duas esmeraldas sem jaça.

* * *

Intrigado com a cura, simples e rápida, perguntei ao Altino por que razão a menina se curara com remédio tão simples.

— Não é milagre nem eu sou santo — argumentou o espírito. Apenas isto sucedeu: àquela hora da manhã, da folha de uva se desprende o oxigênio puríssimo. Superposta a folha aos olhos da criança, o oxigênio puro que se exalava da folha curou-a. Não acha que é até científico?...

Pareceu-nos ouvir um riso amigo do sábio espiritual.

Tudo tão simples, tão natural...

Ali estava o laboratório da natureza, parecia dizer-nos, à espera do homem.

O Templo de Deus onde o bem e o mal são dois pratos que sobem e descem na balança do Tempo.

Vinde a Mim todos vós que estais aflitos e Eu vos aliviarei...

Ouvíamos no seio do infinito dos milênios.

12

Energia irradiante

Éramos cinco companheiros de viagem: Jair, Inácio, João Gonçalves, Peixotinho e eu.

Chegáramos a Pedro Leopoldo e ficamos hospedados no Hotel Vitória.

O dia estava rindo para nós. Em tudo havia aquela mensagem franciscana do "amai-vos uns aos outros", imitação do Espírito de Cristo.

Sentíamos o Cristianismo em doce claridade banhando-nos a alma. Estivéramos com o Chico à tarde e com ele passeáramos pelos arredores da cidade buscando lugares agrestes onde a natureza nos devolvia a cada passo os segredos do seu amor. Conversáramos sobre as coisas de Jesus com a simplicidade dos primeiros convertidos de Jerusalém. O Evangelho nos lábios do Chico era como flor que dava nascimento a outras flores. Catarata de alegria cristã e de sabedoria divina jorrava-lhe dos lábios e nossos ouvidos ansiosos acompanhavam as suas palavras com humildade e carinho. Após a reunião da noite, acompanhou-nos o Chico até o Hotel e dali nós o acompanhamos novamente até a sua casa e, de lá, fez ele questão de voltar conosco ao Hotel.

Lembrou-se o João de convidá-lo para dormir conosco. Já era tarde. Deveríamos viajar no dia seguinte e assim aproveitaríamos mais algumas horas conversando. Não havia, porém, cama arrumada no Hotel. Era tarde. Duas ou três horas da manhã e não ficava bem acordar a proprietária para colocar mais uma cama àquela hora. Os galos já cantavam e a noite silenciosa e amiga era um convite para prosseguimento da conversação cristã. Nossas almas sob o fogo da exaltação espiritual não viam a marcha das horas. Nada havia no mundo semelhante àqueles momentos com o Chico. Tínhamos consciência da sua grandeza espiritual e não víamos no mundo ninguém maior do que ele, reencarnado. Fonte inesgotável de excelsa sabedoria. Lembrava-nos Sócrates com a fisionomia bondosa e serena amparando os seus amigos como mãe que acalenta os seus filhinhos.

Não podíamos deixá-lo e ele também não poderia nos deixar. Conversávamos e ríamos. Ríamos e conversávamos. Insistimos com ele para ficar conosco.

Ficou. Dormiria junto comigo e com João Gonçalves numa cama de casal, no mesmo quarto. Uns para os pés, outros para a cabeceira. Onde dormiam dois, dormiriam três. E isso aconteceu.

O ponteiro do relógio caminhava na noite.

Cansados, cada um foi adormecendo. O Chico também dormiu. Na mesma cama, um na cabeceira e o outro nos pés, eu e o João contemplávamos o sono do Chico. Sono profundo, intenso. Procurei dormir. O João também. Contudo, não o pudemos fazer. Notamos que o corpo do Chico era sacudido por espécie de descargas elétricas.

— Está vendo, João? — perguntei.

— Estou. E você?

— Também.

Recostamo-nos na cama e contemplamos o espetáculo que nos chamara a atenção.

Adormecido como uma criança, Chico era sacudido por estranhos movimentos.

Mas eram apenas as suas carnes que "vibravam", "saltavam" e "pulavam" no seu corpo. Como se sob intensa energia elétrica irradiada do poderoso motor de sua mente, o perispírito vibrava-lhe no organismo físico. Os músculos dos braços, do peito e das costas, sacudidos num movimento de vaivém, vibravam como lançadeira na loucura de ir e vir.

Todo o seu corpo era uma máquina que se movimentava sob nossos olhos.

Absortos. Estáticos. Ali ficamos durante muito tempo observando aquela criatura estranha sacudida por forças

que o mundo desconhece. Depois, vencidos pelo sono, adormecemos.

* * *

"No futuro eu vos enviarei o Consolador que vos dirá toda a verdade..." — afirmou Jesus.

Disse isso numa época em que o mundo estava muito longe da desintegração atômica e da viagem à Lua. A eletrônica não era conhecida na Terra e os homens só podiam entender o que Ele lhes falava através de suas demonstrações de poder.

O homem é poderoso aparelho que irradia forças e recebe energias. Emite e recebe. Recebe e transforma. Transforma e projeta à distância. A mente, situada no cimo do Palácio Humano, é a cabina de controle dessas forças ainda desconhecidas para a maioria, mas já controladas por alguns.

"O que eu vos tenho para dizer não o podeis compreender agora, mas virá um tempo em que toda a verdade será restabelecida."

13

História de uma mensagem

Há poucos dias, alguém me falou assim: gostaria de crer como vocês crêem e de encontrar Deus como vocês O encontraram !

Olhei para aquele homem que me falava e tive piedade dele. Seus olhos ansiosos vagavam-lhe nas órbitas. Seu corpo sacudido por estremecimentos de angústia arrastavam-nos para a meditação cristã. Víamos-lhe o inferno na alma, a idéia aterradora do "nada" assomando-lhe a mente.

Era um infeliz e um triste, embora possuísse tudo do mundo. Alma desesperada e vazia abeirava-se daqueles que seguiam de olhar voltado para o infinito, cantando as canções da suprema imortalidade, contemplando Deus!

* * *

— Tu também poderás encontrá-LO — respondi-lhe. Deus está em toda a parte: na pedra que encontras em teu caminho, no pássaro que canta à sombra de tua janela, na árvore frondosa e amiga que balança à tua passagem. Tudo nos fala Dele. É preciso apenas que despertes em ti mesmo as faculdades latentes que possues para percebê-LO.

O homem fitou-me admirado.

— Como? assim tão simples? Não, não creio, isso é um absurdo! Mas seria maravilhoso se eu pudesse vê-LO como vocês O vêem!

* * *

No dia 5 de agosto de 1959, o médium e amigo Cabetti recebeu uma mensagem transmitida por um espírito amigo. Isso foi em Cruzeiro.

Entre outras coisas, dizia o espírito comunicante:

"Vibrai intensamente em favor de J. F., pois ele se encontra em perigo iminente."

O médium Cabetti estranhou o fato. J. F. era pessoa conhecida, rica e caridosa. Erigira uma casa de amparo aos órfãos deserdados da sorte, acudia a todos os sofredores, esforçava-se por colaborar com a humanidade.

Boníssimo. Incapaz de fazer mal a uma mosca. Que "perigo iminente" correria J. F.?

O médium Cabetti procurou-nos. Confiado em nossas humildes possibilidades mediúnicas, desejava uma confirmação ou não por nosso intermédio.

Era médium intuitivo, inspirado, poderia ter influenciado a mensagem, embora não houvesse motivo nem razão para lhe aflorarem ao pensamento tais idéias.

Reunimo-nos os dois, sob a proteção do Senhor, e aguardamos. Espírito amigo veio até nós e declarou-nos que tudo estava certo. Havia necessidade urgente de colaborar vibratoriamente em favor de J. F. A mensagem fora recebida integralmente. Quanto a isso não se preocupasse o médium Cabetti.

Isso foi a 5 de agosto de 1959.

Oramos algumas vezes. Depois, atribulados pela vida e tendo outros sofredores à nossa porta, nós mesmos considerando-nos os primeiros a precisar de preces pela nossa inferioridade, esquecemos J. F.

No dia 24 de outubro de 1959, dois meses e pouco apenas da advertência, estourou a bomba: J. F. desfechara quatro tiros de revólver em um antigo amigo por questões de negócios. Fato velho, esquecido, que ressurgira repentinamente.

Como Autoridade Regional de Polícia, pela força do destino, comparecemos à cidade vizinha para lavrar o Auto de Prisão em Flagrante.

Lá encontramos J. F., rico, milionário, bondoso e amigo, preso entre soldados e a curiosidade do povo que o lamentava. Ninguém acreditava no que via. Foi para a cadeia. Atrás das grades, contemplava o mundo e a liberdade com a voz embargada.

Felizmente, os tiros não acertaram o adversário, mas as balas estiveram perto, encravadas no pára-brisa e no radiador do veículo dirigido por seu ex-amigo.

J. F. estiveram realmente em "perigo iminente".

* * *

Advertência certa, segura, recebida e confirmada.

Eis uma lição para aqueles que dizem que os espíritos não existem ou que não se interessam pela vida humana. Se nós os ouvíssemos mais, se prestássemos atenção às suas palavras, sofreríamos menos.

Aí estão eles, cada dia, povoando o mundo e enchendo-nos a vida. Criaturas amigas que nos acompanham através dos milênios, amparando-nos nas quedas e rejubilando-se conosco em nossas vitórias.

"EU estarei convosco até o final dos séculos...", asseverou-nos Jesus.

Parece-me ainda vê-LO entre as névoas do tempo contemplando o futuro.

Seu olhar magnânimo perdia-se na vastidão do Cosmos e Sua Palavra de eterna liberdade ainda ressoa em nossa alma. "Eu sou o caminho e a vida... Crede no Pai, crede também em mim..."

NOTA — Estamos anexando cópia da citada mensagem oferecida pelo médium Cabetti.

MENSAGEM RECEBIDA POR JOÃO CABETTI em 5-8-59 na qual foi profetizado o acontecimento relatado. Local: casa de Ana Vieira Fortes em Cruzeiro.

"O frio do materialismo enregela os corações paralisando-os...

Somente o calor do Evangelho poderá aquecê-los e movimentá-los no impulso para o Bem.

Com o ardor das vossas preces vibrai em favor da Instituição Mavisou para que ela possa atingir o seu objetivo no campo da necessidade.

Esforçai-vos na tolerância, perdoando e desculpando sempre para o equilíbrio da causa.

No momento se processa a luta das trevas contra a Luz.

A cada um dos componentes da Instituição Mavisou é dada uma arma para a batalha.

Empunhai sempre a espada do Evangelho para que a Vitória da Luz seja a radiosa esperança para melhores dias.

Em breve a luta atingirá o seu apogeu e a decisão virá com lágrimas para uns e sorrisos para outros.

A mentora espiritual da obra conta com o apoio dos vossos corações e espera que nenhum soldado deserte do posto da luta.

No Evangelho de Jesus encontrareis a resposta a todas as indagações e também o roteiro certo que conduzirá vossos anseios aos planos de esclarecimento e iluminação.

Vibrai muito e incessantemente em favor de J. F. porque esse irmão se encontra em grande sofrimento e em perigo iminente.

Amparai-o com as forças do coração em prece.

Paz e Amor a todos e aguardai novas ordens e prossegui com muito amor na Experiência de Fraternidade Cristã."

NOVOS COMENTÁRIOS EM TORNO DA PROFECIA

João Cabetti, o médium, é tabelião em Cruzeiro, pessoa, portanto, de grandes responsabilidades. Omitimos o nome por extenso de J. F. por um sentimento cristão, mas no original da mensagem ele consta por inteiro.

J. F. é o fundador da Instituição Mavisou, a qual vinha mantendo à sua custa. Verifica-se, pois, que desde o começo da mensagem vem ela girando em torno da Instituição, obra de J. F. que deveria ser amparada, falando em tolerância e da necessidade de desculpar-se no **interesse da causa.** Evidentemente, a Instituição que é de crianças e que muito perderia com o gesto tresloucado de J. F.

14

As rosas de Allan Kardec

Em nossa memória permanecerá sempre aquele verso do poeta francês:

"As rosas que duraram uma só manhã..."

Havia qualquer coisa de esquisito e de nostálgico nessa frase. O que se pode comparar às rosas na manhã da vida?

Guardávamos como relíquia sagrada dos tempos de menino aquele verso que o professor de literatura, entusiasmado, nos revelara.

Era um autêntico verso que nos acompanharia pela juventude a fora. Só aquela frase. O resto não nos interessava. Seria simplesmente um título? Não o sabíamos. Evocava tanta coisa! Tanta poesia e tanta saudade!

Uma saudade melancólica que nos seguiria como sombra no turbilhão do mundo.

"As rosas que duraram uma só manhã..."

As rosas de Malherbe...

* * *

Depois disso, a areia cairia na ampulheta do Tempo. Já não nos lembrávamos mais que um dia, numa sala de aula, um professor de literatura nos chamaria a atenção para as rosas do escritor francês. A vida nos arrastara em suas águas turbilhonantes. Os sonhos batidos pela tempestade da vida jaziam mortos na praia de nossas ilusões perdidas.

Foi quando fomos surpreendidos com um convite para uma viagem a uma pequena cidade do Estado de São Paulo, onde se realizaria um Congresso da Fraternidade. Descansamos por um momento a enxada no solo bruto da vida diária e partimos ao encontro dos companheiros de ideal que nos aguardavam distantes.

Ali, encontramos uma senhora de grandes recursos e grande simpatia, I. V.

Residia num palacete e dedicava a vida a seus filhos. Admiramo-nos profundamente ao saber que era espírita. A sua riqueza destoava da simplicidade cristã dos espíritas. Mas observamos sua alma e verificamos a naturalidade sincera de sua crença. Lembramo-nos das mulheres romanas que de um dia para o outro abandonavam a opulência e o poder para morrerem no Circo de Roma. Ouviam as palavras de um Apóstolo ou aceitavam a verdade cristã através da dedicação de um escravo. E lá se iam cantando para o sacrifício e para a morte. Enfrentavam as feras e enchiam Roma de assombro.

* * *

Essa mulher contou-nos a surpreendente história que se segue.

Em sua última viagem pela Europa, fora até a França. A mesma França das Rosas de Malherbe, dos sonhos de Rousseau, da grandeza de Napoleão.

Depois de percorrer o mundo antigo, chegava à terra da liberdade gloriosa. E o seu primeiro e mais afetuoso sentimento foi o de visitar o túmulo de Allan Kardec. Gostaria de contemplar no Père La Chaise a terra humilde que cobria os despojos do grande homem e sentir-se de alguma forma perto dele.

No Père La Chaise onde penetrara, dirigiu-se ao túmulo de Kardec e na simplicidade de seu coração elevara a prece de seus sentimentos ao Senhor da Vida em memória daquele que viera para o restaurar o Espírito do Evangelho de Cristo na Terra.

Sobre o túmulo vicejavam rosas **bordeaux** de pétalas de veludo.

Ela não poderia resistir. Haveria de levar para o Brasil pelo menos duas rosas recolhidas sobre o túmulo de Allan Kardec. Uma delas seria para si mesma, relíquia sagrada

de seu amor à doutrina do Cristo e a outra pretendia entregar como excelsa coroa ao presidente do Centro Espírita de Pinhal.

Conseguiu as rosas. Duas lindas rosas de pétalas rubro-escuro, as rosas de Allan Kardec.

Com desvelado carinho embrulhou-as em papel celofane, lacrou o embrulho e colocou numa caixa de papelão que depois amarrou cuidadosamente. E com aquele embrulho saiu da França, rumo ao Brasil, através de Portugal.

Esteve no país irmão, mas não abriu a caixa nem pessoa alguma lhe tocou.

Prosseguiu viagem. Em nossa terra manteve a caixa fechada e somente ao chegar a Pinhal é que reuniu algumas pessoas em torno da caixa para verem o presente maravilhoso que trouxera da França. O que poderia lhes trazer de mais precioso e de mais belo, a eles que viviam do idealismo espírita-cristão?

Quando abriu a caixa e retirou o embrulho de celofane, uma exclamação estranha lhe partiu dos lábios:

— Onde estavam as rosas de Allan Kardec?

As rosas rubras recolhidas com tanto amor e carinho? No celofane, porém, como prova indestrutível da sua realidade, permanecera o desenho das duas rosas como lembrança do Codificador. Mas ninguém tocara no embrulho. Estava perfeito, como ela o fizera. Intacto. No entanto, as flores não estavam ali. Volatilizaram-se. Somente o desenho de sua forma jazia no papel como a imagem do Cristo no pano da Verônica.

Esse papel celofane foi emoldurado e sob a face de vidro permanece como recordação da viagem à França e da visita ao Père La Chaise.

Ali estiveram as rosas de Allan Kardec, as rosas que poderiam ter durado uma só manhã...

15

Desmaterialização parcial

O sábio russo Aksakof escreveu importante trabalho sobre o fenômeno de desmaterialização ocorrido com Madame d'Esperance.

Não temos dúvida de que o fenômeno de desmaterialização é fenômeno mais probante, no momento que passa, do que mesmo o fenômeno de materialização.

À primeira vista, tem-se a impressão de que isso não seja verdadeiro. Supõe-se que a materialização provará mais a existência de um mundo espiritual e eterno. Assim deveria ser, mas não é. O homem pela sua própria ignorância e atraso é criatura cheia de dúvidas. Para acreditar, "só vendo" — é o que dizem.

No entanto, depois de ver, tocar, comprovar, levantam um castelo de dúvidas.

A dúvida parece ser inerente à natureza humana da mesma forma que acreditar na existência de Deus também é inerente à natureza do homem.

Duas coisas aparentemente oposta. Opostas, mas verdadeiras. A existência da cor branca não anula a existência da cor preta. Ambas são opostas, mas verdadeiras. Acreditar em coisas que se opõem nem sempre repugna à consciência humana.

Ora, o fenômeno de materialização, embora seja uma expressão poderosa do plano espiritual manifestada em nossa esfera, nem sempre convence os espectadores. Um espírito veio do mundo invisível, vestiu-se com o ectoplasma

mediúnico e surgiu aos olhos deslumbrados de todos. Alguns choram e outros se arrependem de haver, durante tanto tempo, duvidado de tudo. Dias depois, passam a conjecturar: quem sabe se não foi o médium que fingiu de espírito? Quem sabe se algum dos assistentes não fez o papel de espírito materializado? Todos que ali estavam eram pessoas absolutamente idôneas, honestas, corretas a toda a prova, **mas quem sabe?** — em questões de Espiritismo... Quem sabe?...

E prosseguem até anular o efeito do fenômeno em si mesmas. E isso é natural. A presença do mensageiro espiritual é mensagem que vai direta ao coração. Se for aceita integralmente, teremos que ser menos egoístas, menos vaidosos, menos orgulhosos e mais desprendidos, mais amigos dos nossos inimigos, mais compreensivos, mais puros, mais humildes...

Se somos ricos, ficamos com a obrigação de distribuir alguma coisa com os pobres... Se somos pobres, ficamos com o dever de pelo menos visitar os enfermos ou cooperar em favor do mundo renunciando a nós mesmos, e isso tudo não é fácil!

Dessa forma, o melhor é afastar o fantasma de nossa mente e declarar que aquilo não existiu, foi ilusão, nada mais...

O fenômeno de desmaterialização, contudo, é problema difícil de ser afastado pelo nosso egoísmo ou pelas nossas imperfeições.

O espírito materializado é alguém que não **existindo materialmente** em nosso plano aparece de repente e passa a existir de modo transitório. Podemos, então, supor que é o médium ou qualquer outra pessoa fingindo de espírito, mas a **desmaterialização**, e a desmaterialização parcial, é assunto mais grave. O médium que é gente como nós mesmos, que existe, que nós conhecemos, que convive conosco todos os dias, que trabalha em alguma parte como funcionário, operário, lavrador etc., esse é que se desmaterializa. Uma parte de seu organismo físico desmaterializa-se, volatiliza-se, desaparece.

O médium estava inteiro e daí a pouco já não está mais inteiro, falta-lhe um pedaço do corpo físico. Apalpamos, pegamos, apertamos e apalpamos o nada, pegamos o nada, apertamos o nada. Faltam-lhe membros etc., etc.

Ninguém pode escamotear a cabeça, o braço, a perna, desde que o examinemos bem. E aí encontramos o impossí-

vel. E o fato não ocorre à distância. Vamos lá e o examinamos. Descobrimo-lhe a roupa, a calça, a camisa... Nada. Encontramos o resto do corpo, mas uma parte desapareceu. Como explicar o fenômeno? Não há outra explicação senão esta: uma parte desapareceu. E **desapareceu mesmo.**

Depois de comprovarmos que realmente desapareceu é que ficamos sabendo que aquele fenômeno se chama desmaterialização e para que o "pedaço de gente" volte a ser gente inteira, completa, terá de ocorrer outro fenômeno de "rematerialização". Isso por que, conforme expressão de entidade amiga: os homens também estão materializados na Terra, porém, a "longo prazo".

O nascimento, segundo os espíritos, não é mais do que um fenômeno de materialização mais completo, mais perfeito. O corpo seria uma espécie de vestimenta científica para ir à Lua... Só que enquanto a Ciência da Terra fabrica roupagem adequada para que o homem possa ir à Lua, a Marte ou Vênus, atravessando o espaço cósmico... os espíritos recebem fabricado por métodos "altamente científicos" uma **roupa de carne** para permanecer no mundo por muitos anos.

O corpo humano não é mais do que o uniforme de carne usado pelos espíritos que vêm do plano espiritual em excursão à Terra...

* * *

O Sr. Jair Soares, de Belo Horizonte, assistiu à desmaterialização das pernas do médium Fábio Machado, numa reunião que fora programada especialmente para crianças no Grupo Scheilla, em 7 de novembro de 1949.

Ali estavam o Jair, outros companheiros adultos e um número regular de crianças. Transcrevemos na íntegra a Ata da Reunião e o Suplemento de Ata que se seguem:

"Cópia da Ata da reunião do dia 7 de novembro de 1949.

Reunião de Crianças. — Início: 20,15. É lido o capítulo CEGO DE JERICÓ, do livro "Caminho, Verdade e Vida", de Emmanuel. Prece inicial seguida do hino A TI AMADO JESUS.

Materializações: ainda não terminado o hino e já se ouvia o barulho de um irmão espiritual na cabina. Relâmpagos luminosos, como sempre, antecederam a vinda dessa entidade.

Um BOA-NOITE estentórico abala a sala. É o nosso irmão José Grosso. O toca-discos é posto a funcionar. Vem até perto do Jair e, em brincadeira, diz-lhe como não teve vergonha de se despir, durante o passeio de ontem do Grupo da Fraternidade e logo em presença da Scheilla, Maria Alice e outros. (Nota: O Jair e o Dante foram se banhar justamente onde os espíritos estavam localizados. Usaram como calção a própria pele do corpo.)

A meninada toda se alegra e conversa alegremente com o José. Esse também se mostra satisfeito e diz: crianças, crianças...

Brinca muito e caçoa com todos. Volta para a cabina e fenômenos luminosos anunciam a vinda de outro irmão. É o "Palminha". Barulhento como sempre. Agita furiosamente um pandeiro. Mexe com um e outro e principalmente com o Dante, Rubens e Edgard, com os quais pega luta e aposta quedas de mão. Traz o Edgard até a cabina e deixa-o em cima do Jair. Por muito tempo, uma hora certamente, permanece movimentando a sala.

Logo após à sua despedida, novos clarões anunciam outra entidade. É a querida Scheilla. Apresenta-se visivelmente. Vem até junto ao Jair e lhe dirige palavras carinhosas. O mesmo faz com os assistentes que estão na sala. Chama o menor Atílio Pena Filho e lhe faz aplicações nas amígdalas.

Logo em seguida, nota-se que o médium Fábio está gemendo muito e, entre o barulho da música do canto que se fazia, ouve-se a voz de José Grosso, fraca, arrastada, que chama dolorosamente o Jair, dizendo-lhe que a porta da cozinha (onde estava o médium) tinha se aberto...

A notícia é recebida com um choque tremendo e o Jair fica um pouco aturdido... Imediatamente corre em direção à cabina-cozinha e verifica que pela porta aberta num espaço de um palmo entrava uma forte luz de luar.

Perto do médium uma luz forte e na altura de sua garganta saía um tubo ectoplásmico em cuja ponta havia uma luz e por aí se ouvia a voz da irmã Scheilla dizendo da gravidade da situação e pedindo a mais viva cooperação para tão doloroso momento.

Preces suplicantes são dirigidas ao Pai, a Jesus, pedindo pelo médium. O mesmo continua gemendo dolorosamente. Ansiosa expectativa toma os nossos espíritos que, todavia, se mantêm confiantes e firmes, tudo depositando no amor de Jesus.

Ouve-se novamente a voz da querida Scheilla que chama à cabina os irmãos Jair e Dante. Pede que eles segurem na calça do médium mantendo-a esticada. Nesse momento, ao assim fazerem, verificam com assombro que ambas as pernas das calças estão vazias e que os sapatos estão também vazios. Dante segura em uma das pernas e Jair na outra. Assim permanecem ajoelhados, por quase meia hora.

Recebem ordem para retornarem. Músicas, cantos e preces continuam subindo para o céu. Decorrem muitos minutos e, silenciosamente, a querida Scheilla vem até ao Jair e lhe diz, magoadamente, que, infelizmente, não conseguiam formar as pernas do médium e que já haviam empregado todos os recursos possíveis e que o único recurso agora era Jesus.

Vai até a sala e pede a cooperação vibracional de todos.

Então, em voz extraordinariamente sentida, dirige-se ao Pai, a Jesus, pedindo-lhes o necessário socorro para o médium e que, a sofrer, sofresse ela porquanto o médium não tinha culpa alguma, era inocente, e não lhe fosse tirada a oportunidade de continuar em condições de trabalhar na tarefa da qual ele tanto tinha necessidade. Lágrimas confiantes rolam dos olhos presentes.

Que súplica, que prece!

Retorno da Scheilla para a cabina do médium. Há irmãos que mentalmente pedem que as suas pernas sejam dadas ao médium.

Continuamos pedindo e suplicando ao Pai!

E minutos e mais minutos passam sem darmos conta do tempo e cada vez mais fervorosos nas nossas súplicas e nas nossas esperanças. Uma entidade aproxima-se do Jair e lhe aperta a barriga. Jair identifica o irmão José Grosso e, ansiosamente, lhe pergunta pelo médium:

"GRAÇAS A DEUS ESTÁ SALVO!..."

Meus Deus! Que alegria para as nossas almas! Lágrimas de contentamento, de satisfação íntima inundam os nossos olhos.

E então o irmão José vai até a sala e faz uma nova aplicação no Atílio Pena Filho. Diz a este para dizer ao seu pai que antes de bater-lhe venha falar com ele (José) primeiro... Recomenda que evite umidade. Despede-se de todos informando ao Jair que tinha deixado as quadras

pedidas pelos diretores do Abrigo Jesus. Pede ao Dante para tocar uma música e em seguida faça a prece de encerramento.

Quando o Dante fazia a prece o José retorna até junto ao Jair e diz que mande ainda tocar mais duas músicas porque o Joseph iria ainda preparar remédios.

Antes da partida do José perguntamos se o médium não ia sentir alguma coisa das pernas, respondeu: não e que ao contrário iria ter pernas melhores porquanto eram novas, tendo sido feitas com fluidos dos presentes, parte, e o restante trouxeram da espiritualidade.

Terminada a reunião, a uma hora de terça-feira, encontraram-se diversos remédios preparados e quadras por escritas diretas.

SUPLEMENTO DA ATA DO DIA 7:

"Em conseqüência dos acontecimentos de ontem a queimadura da radioatividade sofrida pelo médium na reunião da Fazenda Cachoeira, Esmeraldas, voltou, estando o local novamente vermelho e dolorido. O mesmo sente igualmente as pernas doloridas, como se ainda não estivessem ajustadas.

É ainda interessante anotar-se que uma cicatriz que o mesmo tinha na perna esquerda, altura da canela, já não existe mais.

O médium deu as suas impressões dizendo: no momento do perigo voltou para junto do seu corpo e estava até achando bom a dispersão molecular do seu organismo porém quando notou que essa dispersão paralisou com a perca de seus membros inferiores e pensou na possibilidade de viver aleijado, mostrou-se aflito e sofregamente procurou apanhar os fluidos que estavam dispersos do lado de fora. Enchia as mãos com os mesmos, como se pegasse uma quantidade grande de algodão, mas quando chegava no interior do cômodo os mesmos já tinham desaparecido novamente. Fizeram então compreender que estava se esfalfando à toa porquanto aqueles fluidos já estavam inutilizados. Sempre aflito acompanhou o trabalho insano dos inumeráveis amigos espirituais que ali acorreram. Mencionou que assim que a porta foi fechada, o irmão José Grosso partiu no aparelho costumeiro e daí a pouco retornava em um aparelho maior que pousou em cima do telhado do

barracão em frente e do aparelho à porta da cozinha uma espécie de sanfona ligando o aparelho ao cômodo e por onde transportaram para dentro da cabina diversas máquinas. Disse nunca ter visto tantos aparelhos-máquinas de formas tão diferentes. Um dos aparelhos tinha muitos tubos de borracha (1) (deve ser um gigantesco aspirador de fluidos) e cujas pontas foram levadas para o ambiente onde estavam os assistentes. Disse que a atuação do Jair e Dante junto às pernas de sua calça vazia era impedir que o restante do seu corpo continuasse se desmaterializando até que chegasse uma espécie de aparelho-tampão que ali colocaram. Diz que entre os irmãos espirituais estava André Luiz, todo grave e preocupado." (2)

* * *

Essas atas falam por si mesmas.

Aberta a porta da cozinha onde se encontrava o médium em transe a "luz do luar" provocou a dispersão dos fluidos e o organismo mediúnico começou a desmaterializar-se.

Houve os seguintes fatos que salientamos:

1.º) notemos que o médium não foi desmaterializado propositadamente. Desmaterializou-se em virtude de um "acidente";

Isso prova também que a exigência de "escuridão" para a realização dos trabalhos de efeitos físicos não é fora de propósito.

2.º) pode ocorrer acidentes nas sessões de efeitos físicos, **inevitáveis até pelos próprios espíritos;**

3.º) a ação dos espíritos agindo em nosso plano também é limitada, assim como limitadas são as suas possibilidades de percepção e manifestação, muito semelhantes às dos homens terrestres;

4.º) em casos especiais, após usarem todos os seus recursos, recorrem os espíritos a esferas mais altas;

---

(1) Evidentemente quem escreveu quis dizer: "tubos semelhantes aos tubos de borracha", isto para dar uma idéia aproximada do que era (Nota do Autor do Livro)

(2) Esta ata foi fornecida por Jair Soares e enviada por ele e é cópia autêntica do original existente em Belo Horizonte (Nota do Autor do Livro)

5.º) finalmente, o fato da desmaterialização completa das duas pernas do médium com o seguinte prosseguimento:

a) rematerialização;

b) **desaparecimento de velha cicatriz** existente numa das pernas do médium e conhecida de alguns assistentes;

c) a desmaterialização foi verificada por Jair Soares e Dante Labatti que ajudaram a esticar as calças do médium (as bocas das calças) comprovando que nelas não havia pernas e nem dentro dos sapatos havia pés. E a posterior rematerialização em presença deles;

d) no Suplemento da Ata encontramos isto:

— "Em conseqüência dos acontecimentos de ontem a queimadura da radioatividade sofrida pelo médium na reunião da Fazenda Cachoeira, Esmeraldas, voltou, estando o local novamente vermelho e dolorido. O mesmo sente igualmente as pernas doloridas, como se ainda não estivessem ajustadas."

* * *

Outras conclusões mais interessantes serão provavelmente tiradas pelos leitores que saberão comparar esses fatos com outros ocorridos com médiuns diferentes no mundo inteiro.

Importante é que o fenômeno se deu com o médium e foi comprovado por duas pessoas idôneas além das pessoas que assistiram à reunião e acompanharam a cena.

Não se tratou aqui do **aparecimento de espíritos** que também ocorreu, mas simplesmente do fenômeno físico da desmaterialização e rematerialização do organismo do médium.

Dois fenômenos notáveis. Que saibamos, até agora a ciência oficial não possui método ou aparelho de desmaterializar órgãos, membros etc., do corpo humano e outros tantos métodos ou aparelhos capazes de refazer pernas e braços volatilizados.

É este capítulo um desafio à ciência humana e a todos aqueles que sempre se limitaram a exclamar que os fenômenos espíritas são fraude e mistificação.

Se existem forças no mundo invisível capazes de desmaterializar e rematerializar pernas humanas, por que não haverá forças capazes de projetar espíritos materializados sobre a Terra?

Parece-nos ouvir ainda a Palavra de Cristo atravessando os Tempos:

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que atravancais a porta do Céu!

Não entrais nem deixais que os outros entrem."

"Quando o Filho do Homem vier na Glória de seu Pai separará os bodes das ovelhas."

"Ai de vós que praticais a iniqüidade."

"Eu vos enviarei um Consolador que restabelecerá toda a Verdade!"

Essas palavras deveriam fazer tremer aqueles que se colocam à frente de certas religiões para desviá-las do caminho do bem e da verdade. Falam em espiritualismo e são os primeiros a negar a sua existência. Inconscientes desejam arrastar o mundo à inconsciência. Constroem templos de pedra e erguem tesouros colossais esquecidos de que um dia Deus enviará à Terra os anjos e os arcanjos para julgar a raça humana.

A alguns destes Dante Alighieri já enviou muito justamente para o Inferno.

Haverá então o choro e o ranger de dentes.

Estamos vivendo os tempos apocalípticos e uma nova convocação é revelada ao Homem para que desperte para Vida Imortal.

16

"Da Roma antiga aos areais do Egito"

Voltaremos de novo ao pó da terra... Retornaremos aos abismos de sombra... Mergulharemos na lama do mundo, ressurgidos da noite dos tempos... Renasceremos. Lutaremos. Subiremos.

Um dia, enfim, vermes da terra, criaremos asas de luz e cortaremos as estradas do infinito até encontrar Deus!

Eis o Sol! eis o Sol! a nossa liberdade!

Pensamento nos caminhos eternos, contemplo a noite estrelada e vejo os dias de outros mundos nas rotas intérminas do universo.

* * *

A vida está cheia de provas de reencarnação.

É necessário apenas que se tenha olhos de ver e de perceber. Tudo que nasce da terra retorna a ela num círculo perfeito. A folha da árvore que se transforma no húmus voltará a palpitar em outras folhas. A semente perdida no solo bruto ressurgirá em vegetal glorioso. O dia que mergulha no seio da noite será de novo outro dia ao raiar da aurora. A alma que sai da terra retornará um dia para prosseguir na marcha da espiritualização através das formas físicas.

"**Renascer** não é mais extraordinário que **nascer**" — exclama Léon Denis.

Realmente, se pudemos nascer uma vez, nada de mais será que nasçamos duas, três, quatro, dez, milhares...

Quem pode vir ao mundo uma vez repetirá a façanha quantas vezes for necessário. Seria o mesmo que declarar a um exímio mergulhador:

— Você mergulhou uma vez, mas não o fará mais!

Evidentemente ele se riria de nós e da nossa tolice.

Não há nada que impeça o espírito humano de renascer na carne. Se veio uma vez... Virá quantas quiser ou quantas lhe permitir a lei de Deus. Desde que admitamos que a alma é imortal e continuará a existir após a morte do corpo, não vemos por que razão não possa renascer.

Absurdo será negar-lhe esse direito. E por que haveria de negar-lhe justamente Deus, que é a Suprema Bondade?

* * *

Uma noite, estávamos no Centro Espírita Oriente, de Belo Horizonte.

Sessão de caridade. Poucas pessoas no recinto. Quase nenhum médium comparecera aos trabalhos. Jair Soares dirigia a reunião.

Nós auxiliávamos.

Como havia poucos médiuns, o Jair solicitou a um rapazinho aleijado, Danilo, freqüentador assíduo do Centro Espírita, que se sentasse à mesa. Esse moço nascera com o corpo contorcido. Pés defeituosos e voltados para trás, pernas que se encontravam nos joelhos, um esfregando no outro, mãos encarangadas de dedos recurvos e defeituosos, rosto retorcido, olhos estrábicos, caolho. Não falava e, sim, grunhia. Dificilmente entenderíamos uma palavra pronunciada por ele. Tinha, no entanto, o hábito de escrever comentários evangélicos em pequenos pedaços de papel, que nos entregava onde nos encontrasse. Duas ou três linhas sobre passagens do Evangelho. Conquanto coisa simples, era legível, e o pensamento de um modo geral era bom.

Aquela noite foi a sua oportunidade. Sentou-se à mesa.

Antes de chegar ao recinto o Danilo, Jair colocara no interior de um gabinete fechado por cortina o médium Levi Guerra. Este já estava no gabinete havia bem uma meia hora, quando Danilo entrou no Centro. Portanto, não o vira. Estava concentrado, preparando-se para colaborar com

os necessitados que iriam receber passes ou orientações dentro do gabinete.

Jair dirigiu-se, após os estudos evangélicos da noite, ao gabinete de passes e deixou-nos presidindo os trabalhos em seu lugar.

Notamos que, depois que o Jair se retirou, o Danilo pendeu a cabeça sobre a mesa e adormeceu. Minutos após, chamou-nos o Jair ao gabinete para assistir a uma estranha manifestação. Entramos e observamos que Levi Guerra estava transfigurado, rosto que reproduzia outra personalidade e falava da Roma Antiga.

Vimos logo que defrontávamos um espírito que descrevia velha encarnação sua da época em que vivera na Roma dos Césares. Reproduzia em palavras vivas os quadros do sacrifício dos cristãos no Circo Máximo. E dizia-nos ele que fora o **homem** encarregado de abrir a porta aos leões para o Circo, onde as vítimas aguardavam cantando as feras que vinham devorá-las.

Lamentava-se afirmando que "pela dureza do seu coração" adquirira grandes débitos. Que naquela ocasião não tinha dó nem piedade e alegrava-se com a dor e o morticínio.

Como resgate, agora, retornava à carne envergando um corpo aleijado, retorcido, disforme, dentro do qual o espírito, que tudo compreendia, desesperava-se, como uma fera numa gaiola de ferro.

Desejava falar, manifestar-se, mas não podia. Escravo de si mesmo era um pássaro engaiolado.

Ouvindo-lhe as palavras, parecia-nos reconhecer, através da visão que nos escrevia, o "carrasco" do Circo Máximo, o bárbaro de olhar implacável que abria com entusiasmo a jaula dos leões e rejubilava-se ao ver as feras enraivecidas estraçalhando os heróis anônimos que saíam das prisões para o sofrimento e o martírio.

* * *

— Quem é você, afinal? — perguntamos — tocados pela curiosidade de saber. — Quem é?

— Vocês não me reconhecem? Eu sou o Danilo! Meu corpo dorme lá na mesa do Centro...

Nós que até aquele momento não nos lembráramos do Danilo, ficamos assombrados. Não podíamos crer! Aquele,

o Danilo? O mesmo Danilo incapaz de articular uma palavra? Seria possível?

Que drama extraordinário vivia aquele moço pobre, que nascera simples, defeituoso, aleijado, de olhar vago e triste, que ensaiava os primeiros comentários evangélicos após tantos séculos na ânsia de retornar às fontes da vida espiritual para recuperar o tempo perdido!

Então era ele!

Retornava do "sepulcro da carne" para nos provar que no mundo vivem os mesmos espíritos que através dos milênios têm habitado a Terra.

* * *

Ouvindo-lhe as palavras pelo médium Levi, saímos da cabina e comprovamos que, de fato, Danilo estava adormecido com a face pendida sobre a mesa mediúnica. A distância entre os dois era de mais de 8 (oito) metros separados por uma cortina que cerrava a porta do pequeno cômodo de passes. Nada se ouvia no salão. Além disso, os trabalhos do Centro prosseguiam com a doutrinação de outras entidades.

* * *

Quando o "espírito Danilo", despedindo-se, abandonou o corpo do médium Levi, o "Danilo-Corpo", no mesmo momento, despertou no salão.

Seu espírito retornara à gaiola de carne, onde, engaiolado, lutaria com as deficiências de um organismo preparado para o seu aprimoramento espiritual através dos aleijões, do estrabismo, dos membros contorcidos, como um semimonstro no meio da vida.

* * *

"E não sairá de lá enquanto não pagar o último ceitil..."

Essas são as palavras que nos vêm à mente nesta hora.

Em verdade, o carrasco de Roma que entregara às feras os apóstolos do Cristianismo Nascente recebera dois mil anos depois um novo corpo e uma nova situação social, cheios de restrições para que com eles pudesse de novo alcançar os píncaros da ressurreição com o Cristo.

E assim, vamos compreendendo por que os paralíticos, os cegos, os coxos e os estropiados que nascem no mundo, sem terem praticado ato nenhum condenável, nesta existência, se arrastam como seres infelizes **aparentemente** abandonados da Justiça de Deus. É porque uma Justiça maior que abarca os milênios e lhes controla milhares de existências rege os seus destinos.

"E não sairá do mundo enquanto não pagar o último ceitil..."

17

Fenômenos estranhos

Naquela época nós éramos moços, cheios do encanto da vida.

Assim como a primavera traz a sua alegria e volta todos os anos a alegrar a terra, a nossa alma se enfeitava com a alegria da vida. O trabalho e a luta viviam conosco, mas havia também o amor e, com ele, um raio de sol entrava cada dia pela janela aberta como um sonho cor-de-rosa que viesse nos visitar.

Olhavamo-nos nos olhos um do outro e tínhamos um riso para cada coisa.

Subíamos a montanha. Iniciávamos a subida e, despreocupados, estávamos dispostos a tudo.

Uma criança de olhos azuis, tão azuis como tinta de escrever, e de cabelos encaracolados, cor de ouro, enchia-nos o lar.

Era uma festa permanente. E parecia que Deus em Sua Bondade nos oferecia o mundo inteiro entre o amor e o trabalho.

Aquela criança se ajustava bem a uma expressão pronunciada muitos anos depois por um grande homem a propósito de outra criança: — "Era uma flor de Deus materializada na Terra..."

* * *

Foi no ano de 1945. Esse anjo louro, de cabelos encaracolados, olhar brilhante de cor azul-marinho, deveria ter uns dois ou três anos.

Era risonha e inteligente. Conhecia todos e por todos era conhecida naquela rua.

Certo dia adoeceu. Às duas horas da tarde de um domingo, levantara-se da cama com saúde perfeita, atravessou a cerca do quintal e foi brincar na casa do vizinho. Deram-lhe uma laranja estragada para chupar e pouco depois retornou com febre alta. Na segunda-feira, às 2 horas, estava morta.

Era outra flor de Deus morta na Terra.

* * *

Em vão, os esforços da Medicina. Três médicos, dois especialistas, acompanharam-lhe os últimos momentos.

Como um pássaro, a alma voltara ao firmamento. Nada pôde impedir-lhe a partida.

No mundo, ficamos nós, desolados e tristes. A casa vazia era agora um vasto deserto onde duas sombras inconformadas choravam sobre o cadáver de uma criança.

Minha esposa, cheia de desespero, vagava pelos quartos, indiferente a tudo. Eu, mais compreensivo, buscava elementos de raciocínio que me animassem. Como e por que haveria de morrer uma criança como aquela? Qual a razão? Deus não era bom, misericordioso e amigo? Por que então?

Interrogava-me a mim mesmo na ânsia de justificar Deus.

* * *

Diante de meus olhos o mundo se desmoronava. Tudo reduzido a escombros. Vi que todo o poder humano, todo o orgulho e toda a vaidade acabavam com a morte. O vendaval **do nada** perpassava em minha alma devastadoramente. Haverá alguma coisa além da morte? Não, não havia nada. E se não havia nada além da morte também não existia — Deus. E se existisse Deus, não significaria nada para o homem. Que importava que Deus existisse, se o homem não existiria mais? Deus só é importante porque o espírito humano é imortal. Se o homem era pó, de nada adiantava Deus ser o Criador de todas as coisas. Acabara-se o mundo para mim. O entusiasmo pela vida, o desejo

de realizar alguma coisa, os sonhos da mocidade, tudo jazia ali aos pés daquela criança morta.

Estranha tempestade a que se abate sobre o espírito do homem e o arrasta aos despenhadeiros da dúvida e da dor!

Eu rolava. Rolava ao abismo interior como uma pedra que descesse a montanha, rampa a baixo.

Apagara-se para mim o sol da vida.

* * *

Morávamos em Santa Teresa, Belo Horizonte, na casa 126 da Rua Eurita.

A frente, murada, portão de madeira que se fechava a cadeado. Escada de quatro a cinco degraus galgava pequena varanda. Mureta de oitenta centímetros contornava a varanda, separada somente por colunas.

Entre cada duas colunas, jardineiras com uma abertura de um palmo e uns trinta centímetros mais ou menos de profundidade. Não havia possibilidade de subir nelas outro animal a não ser um gato.

Quando minha filha Heleninha era **viva** na carne, após o almoço, todos os dias, eu me sentava numa cadeira de vime colocada nessa varanda e me punha a ler o jornal ou uma revista. A criança vinha, subia na cadeira, a meu lado, e, invariavelmente, com a mãozinha, retirava terra da jardineira e atirava-a sobre a poltrona onde eu me sentava.

E todos os dias eu me zangava com ela por esse fato. Zanga de pai, corrigenda carinhosa, mas necessária. Era obrigada a recolher a terra e recolocá-la na jardineira. A criança ria.

No dia imediato voltava a se repetir a mesma coisa.

* * *

Após a sua morte, a tristeza se abatera sobre nós. Não saíamos de casa e não falávamos noutra coisa, quando conversávamos. Por toda a parte identificávamos agora os sinais dolorosos da sua ausência. O parzinho de sapatos abandonado. Os desenhos de carvão que fizera nas paredes e nas portas. O bico ou a mamadeira. Uma peça de roupa... Tudo nos falava dela, assim como o perfume que ficara no frasco,

muito tempo ainda após ter este se esgotado: "...inalterável, vivo" — como diria o poeta.

Certa noite, resolvemos visitar uns amigos. Saímos. Fechamos a casa.

Trancamos o portão com o cadeado. Eram sete horas.

Às nove e meia, dez horas... voltamos.

Ao subir a escada, na varanda, senti que pisava em terra espalhada pelo alpendre.

— Parece que jogaram areia, aqui, no chão. — Disse à minha mulher.

— Também acho — respondeu.

Abri a porta da sala de entrada e acendi a luz do alpendre.

Deparei com um pequeno monte de terra no "patamar" e terra espalhada por toda a extensão do alpendre.

— De onde terá vindo esta terra? — interroguei.

Mas em seguida olhando a jardineira fiquei espantado.

— Olhe, veja! A jardineira está vazia!

De fato, minha esposa veio ver e comprovou que a jardineira não possuía mais terra, estava vazia.

— Algum gato entrou aqui e fez isto — comentamos. Gato ou cachorro.

E não nos preocupamos mais com o assunto. Recoloquei a terra na jardineira e fomos dormir.

Dois ou três dias após, fui acordado no meio da noite por um barulho medonho. Tive a impressão de que haviam aberto a janela do meu quarto, que dava para a rua, com estrondo.

Levantei-me espantado. Minha mulher acordou aflita.

Tudo, porém, estava fechado. A janela tão trancada como eu a havia trancado antes de deitar-me. A casa, silenciosa.

Abri a janela, olhei a rua. Nada.

Era tarde da noite. Ninguém na rua. Tudo quieto. Deitei-me de novo, pensativo.

* * *

Na noite seguinte, novo fenômeno. Deitara-me como de costume e lia, recostado na cabeceira da cama.

Súbito, ouvimos (eu e minha mulher) a **bateria** desabar na cozinha.

Tínhamos a impressão de que todas as panelas haviam caído e rolado pelo chão. Corri lá. Tudo estava quieto. As panelas no lugar, brilhando como sempre. Acendera a luz da cozinha e vira apenas um camundongo que subia pelo cano de água quente do fogão.

— Ah! foi você? seu malandro!

E com essa explicação, fui dormir.

* * *

Outra noite, um estrondo tão grande abalou o forro da casa que parecia tudo vir a baixo.

Também não era nada.

E assim por diante.

Embora não seja o que se pode considerar "um valente", não sou, todavia, medroso.

Todas as vezes que se deram esses fatos, investiguei por todas as formas possíveis. Saía até o quintal, ia à rua. Mas nada havia o que explicasse os fenômenos verdadeiramente.

* * *

Ocasião houve em que acordei durante a noite, certo de que havia gente dentro de casa. Percebia "alguém" no quarto do lado. Separava os cômodos apenas uma porta. Levantei-me na ponta dos pés. Minha esposa estava acordada. Subi numa cadeira e olhei pelo vidro da "bandeira" da porta. Parecia-me ver alguém movendo-se no interior do outro quarto. A luz do nosso estava acesa de modo que o outro ficava ligeiramente iluminado. Peguei um macete pesado e dando um ponta-pé na porta entrei violentamente no quarto vizinho disposto a enfrentar o "estranho visitante", mas nada encontrei. Tudo em seus lugares, direitinho. As janelas fechadas. O quarto vazio.

Supus que enquanto descera da cadeira para buscar o macete, o ladrão ou seja quem fosse se escondera na sala. Fui lá, olhei debaixo da mesa que se ocultava por longa toalha, percorri a casa toda, vi atrás das portas, — nada. Tudo se mantinha calmo. Ninguém a não ser nós mesmos. Desapontado, retornei ao quarto. Poderia jurar que ali estivera alguém. Mas a casa fechada e vazia era um desmentido formal. Deitei-me preocupado.

A verdade é que os meus sentidos estavam percebendo coisas que não existiam materialmente, mas que tinham existência real e quase tangível. Contudo, nem por sombra associei esses fatos a fenômenos sobrenaturais!

Supunha o que toda a gente deveria supor: que fossem provocados por "gente da terra", homens ou ladrões que estavam forçando as portas ou procuravam entrar pelo forro.

* * *

Conversando, porém, com alguns vizinhos, eles nos disseram:

— Ah! nessa casa morou antes de vocês uma mulher que era espírita e que andou escrevendo uns livros espíritas. É por isso que ouvem esses barulhos.

Nada entendíamos de Espiritismo e considerávamos o Espiritismo superstição própria de gente ignorante e atrasada.

* * *

Aconteceu, no entanto, que amigos insistiram com minha esposa, em face de seu desânimo diante do fato irremediável da morte de nossa filha, para que fosse a uma reunião espírita que se realizava em casa de um médium conhecido por João Taranto. Morava ele na Floresta, bairro de Belo Horizonte.

Interrogou-me minha esposa:

— Você se aborrecerá se eu for à casa desse João Taranto assistir à reunião?

Respondi-lhe:

— Sempre considerei que em meu lar devemos viver a mais perfeita Democracia. Particularmente, não acho bom "mexer" com Espiritismo e com espíritos. Penso que isso tudo é coisa de "gentinha". Apesar dessa opinião, você é livre para ir aonde quiser. Sou democrata e respeito todas as criaturas. É até bom mesmo que você vá e verifique por si mesma. Só lhe peço que não espere que eu a acompanhe a um lugar desses...

* * *

Ela foi.

Quando voltou, veio empolgada. Cheia de entusiasmo. Parecia que o céu se abrira para ela e que os anjos em toda a sua glória desciam sobre a Terra.

— Você não sabe o que aconteceu, Ranieri!

E, ao dizer isso, havia-se transformado em outra criatura. Ali não se encontrava mais a mãe triste e desanimada. Não era aquela a pobre mãe que perdera uma filha única, bela, inteligente e viva. Não era a mesma de quem haviam arrebatado "uma flor de Deus materializada na Terra!".

Diante de mim, estava uma mulher **ressuscitada, redi-viva.** A mãe desesperada desaparecera e dera lugar à mãe que reencontrara Deus e o Universo. Seus olhos brilhavam de alegria e júbilo. As faces antes descoradas reanimaram-se ao influxo de uma nova vida. Vida imortal e gloriosa.

* * *

— Sabe quem veio conversar comigo?

— Quem!?

— A Heleninha! A Heleninha, Ranieri! Ela mesma!

Olhei-a com descrença.

— Não creio nisso! Você foi enganada. Deve ter sido enganada! Quem não engana uma mulher? Qualquer um engana!

* * *

Contou que fora à casa de João Taranto e assistira a uma reunião espírita.

— Como foi essa reunião?

— O espírito se manifestou por intermédio do copo!

— Por meio do copo?!

Aquilo para mim era novidade. Nunca ouvira dizer nada a respeito de comunicação através de copo.

— Que história de copo é essa?

— É muito simples. Coloca-se um copo comum desses de beber água, de boca para baixo, sobre uma pequena mesa envernizada. À volta do copo, uma faixa de papel circular na qual estão escritas as letras do alfabeto. Duas ou três pessoas presentes põem, cada uma, um dedo sobre o fundo do copo. Faz-se uma prece e daí a pouco um espírito se manifesta impulsionando o copo vertiginosamente. Este vai

indicando as letras do alfabeto dispostas daquela maneira e outra pessoa com lápis e papel anota as letras indicadas. Estas, justapostas, umas ao lado das outras, vão formando palavras. Fazem-se perguntas e o espírito dá as respostas. Daí surge uma perfeita conversação.

Dei uma grande risada, gargalhei mesmo.

— Nessa eu não vou! Então você pensa que eu vou acreditar que um espírito movimenta um copo quando sobre o copo duas ou três pessoas põem a mão? Elas mesmas é que movimentam o copo! Vocês são todos uns tolos! Com certeza o tal de João Taranto é que a enganou!

— Não, não foi só isso, acrescentou. Antes de **começar o trabalho,** ele que não me conhecia e nunca me vira fez uma descrição completa da Heleninha. Disse que o espírito dela estava presente e era uma criança de cabelos encaracolados, louros. Tinha olhos azuis e grandes. Perfeita. Ele nunca me viu, Ranieri, não sabia quem era eu!

Só se adivinhasse!

— Com quem foi você?

— Com a Vanda, "seu" Miguel e a Cezira...

— Ora, vejam só! Provavelmente, eles contaram ao Taranto o seu caso.

Não, não creio!

— Não, ninguém contou. Chegamos juntos e não nos separamos.

— É possível que tivessem ido lá dias antes dizendo que você iria assistir à reunião.

— Não creio que houvessem feito isso. O João Taranto mora muito longe, é preciso pegar dois bondes.

* * *

Essa conversa durou uma semana. Falávamos e tornávamos a falar, mas não chegávamos a um acordo. Minha mente estava fechada ao influxo espiritual. Cria que tudo não passara de truque.

— Qual a finalidade do truque? — perguntou-me. O homem não cobra nada. Não recebe nada. Qual o lucro?

Era um argumento forte.

Mas eu sempre encontrava uma explicação.

— Com certeza ficou com pena de você, quis consolá-la. Enganou-a porque você é mulher e tola! A mim ele não enganaria!

No dia em que pronunciei essas palavras, minha esposa me declarou:

— Se você se julga tão esperto por que não vai assistir a uma reunião e prova que tudo é mentira? Isso é o que deveria fazer ao invés de estar falando sem verificar por si mesmo. Você é que está bancando o tolo e não eu. Eu falo do que vi e ouvi e você fala de que pensa que pode ser.

* * *

Esse argumento foi tão forte, tão poderoso para a minha consciência de homem que sempre se considerou leal e honesto que me dei por vencido. Caí em mim mesmo. Realmente a minha atitude mental era de fato a atitude daqueles que falam por falar, que falam de longe sem se aproximarem do fenômeno.

Se me considerava esperto deveria estudar o problema na prática e depois me manifestar.

"Eu falo do que sei, e você do que **pensa** que sabe."

Recebi uma espécie de pancada violenta na cabeça. Tudo em mim que havia de honestidade e vergonha veio-me às faces. Eu é que era o tolo, o pretensioso.

— Pois bem, você tem razão. Irei! Quinta-feira, iremos!

18

A quinta-feira perfeita

Na quinta-feira fomos à casa de João Taranto. Ficava na Floresta. Ponto distante de nossa casa. Devia-se tomar bonde.

Eram cinco pessoas: Miguel Diniz e as duas filhas nos acompanhavam.

Pedi-lhes que não dissessem nada a João Taranto a meu respeito.

Assim se fez.

Por ser local distante, chegamos exatamente na hora de iniciar a reunião. Não houve tempo para nada. Cumprimentamos e sentamo-nos na saleta da casa. Cômodo pequeno com algumas poltronas e cadeiras. No centro, mesinha baixa, envernizada.

Não houve comentários nem referências a espíritos ou pessoas. Não se disse nada a propósito de Heleninha.

* * *

Colocado o copo sobre a mesa, o papel com as letras do alfabeto, João Taranto voltou-se para mim e disse à queima-roupa:

— O senhor colocará o dedo sobre o copo!

Senti um choque forte. O homem parecera ler o meu pensamento. Ele me falou aquilo como se já soubesse de tudo. Por que escolhera **logo eu?**

— Eu faço questão que o senhor ponha a mão no copo! — repetiu o homem.

— Será que lhe contaram alguma coisa? — pensei. Mas contar como se tudo o que falamos em casa não fora transmitido a ninguém? Não havia explicação.

— Não tem dúvida — respondi —, colocarei o dedo.

Iniciado o trabalho comecei a sentir **alguma coisa** imponderável movimentar-se em **torno e dentro** do copo. Alguma coisa que o envolvia e queria impulsionar. Aquilo parecia vir do interior das moléculas do vidro e ao mesmo tempo do ar que o penetrava.

O copo iniciou uma marcha imprevista. Movimentava-se **sob e apesar** dos nossos dedos.

Dedos ligeiramente colocados sobre ele acompanhávamos o seu giro que em pouco se tornou rapidíssimo e passou a marcar as letras do alfabeto. Alguém ia escrevendo em uma folha de papel e as palavras foram-se formando.

Eu estava intrigado. Será que o João Taranto estaria impulsionando o copo? Mas este copo possuía movimentos estranhos. Às vezes ia para o lado de João Taranto, mas às vezes vinha para o meu lado. Sentíamos que João Taranto não fazia a menor pressão ou movimento com o dedo. Pousava-o ligeiramente. Mão leve.

Nós, contudo, resolvemos fazer pressão com o dedo quando o copo era levado para o lado de João Taranto. Aquilo, porém, de nada adiantou. O copo voava sob os nossos dedos como se fosse uma criatura que vivesse e agisse independentemente de nossa vontade. O espírito que se comunicava disse algumas palavras.

* * *

De repente, João Taranto, que era médium vidente e audiente, nos declarou:

— Estão presentes dois espíritos. Um é o espírito de um árabe, moreno, turbante, túnica. O outro é o espírito de uma criança loura, cabelos encaracolados, rosto redondo, olhos grandes, cor azul de tinta de escrever. O que mais aparece no rosto dela são **os olhos** muito grandes... Diz que se chama Heleninha e que foi filha do senhor...

Dizendo isso, apontou para mim.

Nesse momento, o copo veio bem para o meu lado e, embora não indicando letra alguma, inclinava-se evidentemente para a minha pessoa.

— O que é isso? perguntei.

— Ela quer demonstrar carinho para com o senhor...

* * *

De fato, João Taranto não sabia o nome de minha filha nem tinha conhecimento de qualquer coisa que se relacionasse com ela. A descrição era espetacular. Ou alguém lhe fizera uma descrição anterior ou ele era algum adivinho!

* * *

— Esse árabe é um Grande Espírito — disse ainda João Taranto.

Disseram-nos os espíritos algumas palavras de saudação e Taranto me falou:

— Sua filha está dizendo que deseja se comunicar diretamente pelo senhor...

— Por mim? diretamente? Como poderá ser isso?

— Ela disse que será por psicografia.

— Psicografia? O que quer dizer "isso"? Nunca ouvi essa palavra!...

— É muito fácil: o senhor pegará um lápis, pousará sobre papel e aguardará.

— Se é isso, não tenho dúvida. Estou pronto.

Comecei a achar graça na história. Como era audacioso o tal de João Taranto! Não ficava satisfeito em **tentar me enganar** pelo copo, (porque eu não estava acreditando em tudo aquilo!) e agora inventara mais aquela! Coitado! ficaria desapontado porque comigo não haveria de arranjar nada!

Trouxeram papel e lápis. Colocando o papel à minha frente, sobre a mesinha, empunhei o lápis e deixei-o pousar naturalmente sobre o papel na posição de escrever.

Silenciosos, concentrados, todos aguardavam a manifestação espiritual.

Anteriormente, eu me ria da situação. Não se tratava mais de ser enganado por outrem, mas, sim, de verificar se o fenômeno se passava comigo. A minha atitude mental era a pior possível: agressiva, descrente, zombeteira. Com-

pleta reação. Fechara as comportas de minha casa mental e sorria com desdém.

Passaram-se os minutos, lentos, demorados. João Taranto fez uma prece.

Eu não sentia nada, não percebia nada, e zombava.

Indiferente, continuava segurando o lápis, como quem sabe que nada poderia acontecer.

20, 30, 40 minutos. Nada. Nada. Nada.

João Taranto, imperturbável, pediu que se fizesse **uma corrente**. Todos se deram as mãos. A esposa dele fez nova prece.

Eu zombava por dentro. Agora sim, agora é que eu queria ver! Comigo não podiam!

De repente, porém, senti um tremor na mão, esquisito, estranho como nunca sentira em minha vida. Espécie de choques elétricos, que aos poucos aumentavam de intensidade.

O lápis começara a se movimentar e a escrever rabiscos incertos, garatujados. A mão caminhava sobre o papel, cambaleante.

Estranho, eu não conseguia impedi-la!

Um força mais estranha ainda passou em seguida a dominá-la. Perdi a sensibilidade da mão e do braço. Deixaram **de ser meus.** Era como se eu não possuísse mais o braço e a mão direitos. Um poder exterior que nunca imaginei existisse patenteou-se em toda a sua pujança. Eu estava consciente, lúcido, mas o braço e mão marchavam governados por uma força independente de minha vontade. A mão escrevia sozinha.

Enquanto isso, eu conversava e pedia mais lápis, porque de vez em quando o lápis quebrava a ponta.

Aos primeiros rabiscos se sucederam letras e palavras agora escritas com velocidade espantosa, vertiginosamente escritas.

A "força" escrevia, escrevia sempre.

Enquanto a mão escrevia como um relâmpago, eu ia lendo o que se escrevia. Diante de meus olhos um mundo de escombros que era o mundo da morte e da desilusão dava nascimento a outro mundo, o orbe da imortalidade e da paz. Submergia a morte, explodia das sombras da vida eterna a **luz de um Novo Dia.**

Aquela força que impulsionava **o meu braço e escrevia pela minha mão** era parte apenas do imenso conjunto de

forças libertadoras que vinham libertar a Terra e salvar o Homem.

Eu não saberia explicar e nem dizer **como** e **porque**, mas ali estava um fato que eu não poderia refutar. Minha mão escrevia palavras, frases e desenvolvia um raciocínio lúcido e perfeito. Falava de coisas que eu não conhecia e citava livros de cuja existência eu não tinha conhecimento. No mesmo instante eu pensava, pedia **mais lápis** e **comentava o fenômeno** em estado de completa independência. Era como se à minha mão se houvesse atado um outro cérebro ou se outra mente se ligara diretamente à minha mão.

E o fenômeno se passava comigo, comigo mesmo, que nunca entendera daqueles assuntos e nada sabia sobre mediunidade.

O fato não se passava com João Taranto, mas comigo mesmo.

Eu seguia com os olhos, espantado e estarrecido, aquela mão que era a minha própria e que agora seguia em corrida vertiginosa como locomotiva que descesse em desabalada corrida o cimo da montanha.

* * *

Quatorze páginas foram escritas. De repente, numa espécie de arranco, a mão parou, com violência. E tudo desapareceu. O turbilhão de súbito cessara o seu giro. Como que um silêncio estranho dominou o ambiente.

Lá estava na última página a assinatura de **Heleninha.**

João Taranto leu a mensagem.

Começava assim:

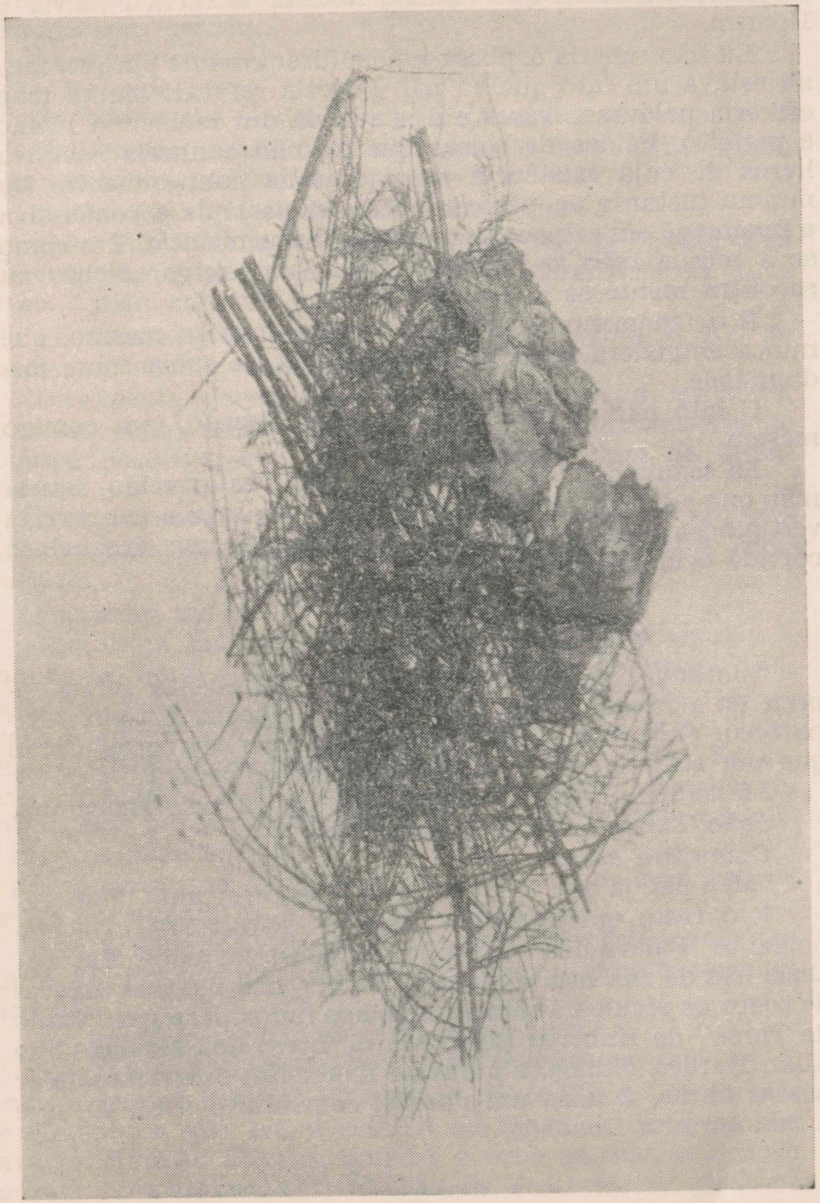
"Meu pai, já que você começou a escrever uma linda..."

E o resto era qualquer coisa de extraordinário e empolgante. Falava-nos de Paulo, o Apóstolo, e de Kardec. Dizia-nos de sua morte e das vidas que nos ligavam através de todos os séculos. Indicava-nos dois livros para ler: "Paulo de Tarso" de Huberto Rohden e o "Livro dos Médiuns" de Allan Kardec. Nunca, até aquele momento, ouvíramos falar nessas obras. E fazia um notável comentário sobre Deus e a Sua Infinita Bondade.

* * *

João Taranto falou-nos:

— "As camadas estão descendo."



FOTOGRAFIA N.º 1 — Bambuzinhos e cravos oferecidos ao Ranieri pelo Espírito de HELENINHA em Pedro Leopoldo, em reunião com Peixotinho e Chico Xavier.

— O que quer dizer isso?

— Grandes Espíritos estão descendo à Terra, começam a descer, em grande quantidade, para a Redenção do Mundo.

* * *

Terminada a reunião, voltamos para casa com a visão dilatada. Intensa alegria dominava-nos a alma. Conquistáramos um tesouro de grandeza eterna que era a prova da imortalidade. Ninguém poderia nos arrancar mais esse tesouro.

Deslumbrados, contemplávamos agora o infinito povoado de seres imortais. Lembramo-nos dos grandes escritores que amávamos, desaparecidos, dos artistas e dos músicos e sabíamos de novo que eles estavam vivendo em alguma parte do universo.

"Aquele que crê em Mim mesmo que esteja morto viverá!"

Essa era a palavra do Cristo para todos os milênios. Nós O compreendíamos naquela hora. Compreendíamos e humildemente O aceitamos.

Ele nos abrira as portas da Vida Imortal e convidava a todas as criaturas para a Glória da Vida, mas os homens perversos e maus não O compreenderam. Preferiram as ilusões de todos os séculos entre o fausto e o poder terrestre, embora transitórios, à sua oferta de Ressurreição Eterna.

Ele, porém, nos aguardava Sereno e Bom, cheio da paz indestrutível do Seu Amor. Havia nEle então mais do que justiça, mais do que amor, mais do que paz, havia a ternura Excelsa do Amigo que nos espera sempre.

Parecia dizer-nos:

— Vinde a Mim todos vós que estais aflitos e Eu vos tirarei da corrupção do Mundo. Ouvi-me que nunca vos abandonei. Crede em Mim que sou manso e humilde de coração.

E para nós o Seu Maravilhoso Coração era uma estrela de luz incrustada num peito de sublime beleza.

— Estarei convosco em todos os séculos...

Esta voz nos conduzia ainda como a voz do arauto que não deixou a Terra ou a voz do pastor que não perdeu as suas ovelhas.

19

No fundo da noite

No dia seguinte, adquiri os livros.

Iniciei a leitura do "Paulo de Tarso", interessado.

Ainda estava sob a impressão daquela noite de ressurreição. Ao mesmo tempo que sentia a grandeza de Deus, compreendia a minha infinita pequenez e a insignificância de todas as coisas. O Universo mede-se por milhões de criaturas viventes e admitindo-se a imortalidade, nada somos mergulhados na grandeza do imenso Cosmos. Deus reinava gloriosamente por toda a parte.

Uma sede estranha de saber, de conhecer, se apossou do meu espírito.

Encetara a marcha do espírito ao encontro de Deus. Uma voz me chamara do fundo da noite de todos os tempos e eu a ouvira. Agora, nada me deteria. Era de novo livre para saber e conhecer, para viver e amar, sentir e lutar. Preconceitos e ilusões jaziam abatidos como grandes feras destruídas. O edifício da mentira ruira fragorosamente. Ninguém a não ser Deus poderia se atravessar no meu caminho.

* * *

No terceiro dia, minha mulher estava passando mal. Desde moça sofria de uma dor na "boca do estômago" que ressurgia de tempos a tempos. Intensa, dolorosa.

Deitara-se com um travesseiro no estômago e adormecera. Eu ficara lendo, recostado na cama. Devorava as páginas do livro.

Uma hora da madrugada mais ou menos, no silêncio da noite, senti um tremor no braço direito e **vibrações elétricas** na mão. Era o mesmo fenômeno ocorrido na casa de João Taranto que se repetia.

Meu coração bateu descompassado. Respiração opressa, contemplei a mão que vibrava sob aquela força desconhecida.

Por que negar? Senti receio. Tudo silencioso. Nem uma voz, nem um rumor.

Eu e o espírito.

Levantei-me da cama devagar. No quarto havia um camiseiro. Abri uma gaveta, tirei papel e lápis. A "força" me obrigava a fazer aquilo. Fiz.

Lápis em punho, coloquei-o sobre o papel. Sob intensa chuva de **vibrações elétricas** ou vibrações semelhantes, meu braço e minha mão desapareceram.

Alguns estremeções e o lápis começou a correr sobre o papel. A princípio muito lento, depois, depressa, e, por fim, vertiginosamente.

Eu estava sozinho. Não havia concentração de pessoas nem reunião alguma. Eu, o espírito e Deus.

Era de novo Heleninha.

Fui lendo o que o lápis escrevia. Disse-me coisas maravilhosas, extraordinárias, inesquecíveis. Coisas em que jamais pensara ou imaginara. Senti-me novo Aladim penetrando o seio da Terra ou Marco Polo percorrendo o mundo fabuloso do Oriente desconhecido. O que haveria no mundo mais sublime e confortador que a imortalidade?

Ali estava aquela mesma criatura que eu um dia colocara num túmulo de morte. E das sombras do abismo da morte voltava ela para trazer-me a ressurreição e a vida. Nada se comparava no mundo para mim àquele reencontro, simples, humilde e amigo em que um pai que ficara no mundo reencontrava o espírito de sua filha morta.

Toda a argumentação dos céticos e dos incrédulos ruiam diante do fato irrefutável. Eu não me enganaria a mim mesmo. Com que intuito e com que objetivo?

Se aquele fenômeno não era verdadeiro então não seria também verdadeiro o fenômeno da manifestação de Jesus no cenáculo aos discípulos deslumbrados. E teria razão

Paulo quando exclamou: "Se nós não ressuscitamos dos mortos, nem Cristo ressuscitou e é vã a nossa pregação!"

E realmente, assim é. De que vale a imortalidade de Cristo se nós não formos imortais? De que vale a manifestação do Senhor no mundo, se nós não pudermos nos manifestar também após a morte? Ele é a nossa esperança e a nossa redenção.

* * *

Eu ia lendo, lendo sempre e o espírito, no silêncio da noite, escrevia, escrevia aquela mensagem que era uma ponte lançada ao meu espírito sobre o abismo que separa a mortalidade da imortalidade, a consciência da inconsciência, a luz das trevas.

Na cama ao lado, minha esposa dormia profundamente.

* * *

— Vá à cozinha — disse o espírito —, traga uma xícara de café. Vou colocar nesse café um "remédio-espiritual" para **minha mãe.**

* * *

A mão havia parado. As vibrações intensas ainda permaneciam. Deixei o lápis e fui buscar o café. Àquela hora estava frio. Fora coado às nove da noite. Deviam ser duas da madrugada. Pus a xícara cheia até a borda. O **café frio** não tinha bolhas ou espuma. Voltei, coloquei a xícara sobre o camiseiro e peguei de novo o lápis, em posição para escrever. No entanto, minha mão não se movimentou, mas um fato estranho para mim começou a ocorrer.

Olhei para o café na xícara e fiquei estarrecido: quatro bolhas unidas haviam surgido no "centro" do café e estavam girando lentamente. Senti um frio na espinha e pareceu-me que os cabelos deveriam estar de pé, se fosse possível.

As quatro bolhas agora giravam com mais rapidez.

Olhos fixos no café, notei que ia desaparecendo aos poucos. A xícara, inicialmente cheia até em cima, estava se esvaziando.

O café continuou a girar e a desaparecer, ali, diante de meus olhos.

E foi desaparecendo, desaparecendo e girando, girando como uma roda viva...

Sustive a respiração. Aquilo era incrível. No entanto, acontecia.

Dentro em pouco só havia meia xícara de café. Uma parte se evaporara ou desaparecera diante mesmo de meus olhos. E eu estava sozinho, sem ninguém para se concentrar comigo ou me influenciar.

Quando o café parou de girar, meu braço estremeceu de novo e o lápis iniciou a sua carreira vertiginosa.

Instruia-me agora o espírito dizendo que aquele café deveria ser dado a tomar à minha mulher às seis horas da manhã, mas que eu não lhe dissesse a razão. Ela também não me perguntaria. Ali fora colocado um remédio que a curaria.

Despedindo-se, disse ainda:

— Agora, vou embora e **ficarei muito tempo** sem voltar a conversar com o meu querido paizinho, mas no futuro voltarei para realizarmos, com outros espíritos e com outras pessoas que você não conhece hoje, trabalhos espirituais importantes. (1) Ao sair daqui darei um beijo de despedida em minha mãe.

* * *

De repente, o lápis parou de escrever e, simultaneamente, minha mulher deu um pulo na cama, acordando espantada e dizendo-me com assombro:

— Você me beijou?

— Eu não!!! — respondi gritando, como quem leva um grande choque.

Ela me olhou com um olhar inesquecível e, resmungando, tornou a dormir.

* * *

Minha mão estava parada. Nada mais a conduzia.

Eu, agora, estava de novo sozinho. Eu e Deus. O espírito fora embora. Lá, porém, na mensagem, ficara a sua assinatura: **Heleninha.**

---

(1) Materializações Luminosas.

Ao amanhecer, dei o café a minha esposa. Tomou e não perguntou nada.

Nunca mais sentiu aquelas dores.

* * *

Hoje, parece-me ouvir a voz de Cristo:

— Lázaro, sai para fora, eu te ordeno!

Sim. É necessário que o homem, qual Lázaro Redivivo, abandone as faixas de morte que o aprisionam no túmulo dos preconceitos sociais.

Quem quiser encontrar a Verdade deve empreender a luta pela conquista dessa Verdade. O temor de estudar, de investigar, de compreender, de conhecer, representa a estagnação do espírito. É preciso que renasçamos dentro de nós mesmos pela coragem de ressurgir e viver segundo a nossa vontade. Ninguém no mundo tem o direito de impedir a nossa marcha no caminho da Verdade.

Maldito seja aquele que diga: pare no caminho do saber!

E infeliz daquele que se acovarda ante o conhecimento porque lhe disseram que parasse. Só Deus tem o direito de fazer restrições à consciência humana e Ele nunca o fez.

20

O eterno sorriso

Efigênia Gomes Barbosa era uma menina tímida e simples que a Providência Divina colocou em nosso Lar como flor do passado a enfeitar os jardins do presente.

Lembro-me quando chegou: oito anos apenas, morenina, olhos de chinês, cabelos caindo nos olhos, ansiosa por ser cozinheira, distraída dos brinquedos próprios da sua idade, sempre interessada em proceder como procedem os adultos.

Recebemo-la como filha adotiva do nosso coração e ela, entregue pelo pai vencido pela tormenta da vida, não conhecera o carinho da mãe que andava perdida no turbilhão do mundo.

Era uma mulherzinha verdadeira, consciente dos seus deveres, boa e estudiosa. A primeira aluna de sua classe.

Encontrou um lar e encontrou outros irmãozinhos que buscaram torná-la feliz e alegre. E ela foi, de certo modo, feliz.

Enfezadinha, miúda, talvez pela subalimentação, em pouco revigorou-se e cresceu. Séria, compenetrada, estava sempre trabalhando, sempre ajudando. Gostava de cozinhar e gostava de fazer surpresas.

Quando a **madrinha** saía, ao retornar, encontrava sempre um bolo, um doce ou uma novidade qualquer que a Efigênia, com sacrifícios, subindo num caixote para alcançar o fogão, conseguira fazer.

E quando a madrinha, provando a surpresa, expressava um elogio, aquele rostinho sério e fechado se abria num sorriso místico de satisfação.

Era um sorriso quase igual ao da Mona Lisa, do saudoso Leonardo da Vinci. Porém, apareciam-lhe ligeiramente os dentes. Dois ou três dentinhos semi-ocultos nas pétalas entreabertas dos pequenos lábios de mulher.

Era, no entanto, uma satisfação tão grande, tão imensa como jamais se viu em outra pessoa. Naquele sorriso ia todo o prazer de servir.

Fora disso, estava sempre compenetrada, estudando, trabalhando, diferente das outras crianças, arredia das brincadeiras, afastada por um afastamento natural. Quantas vezes chamamo-la para brincar com as crianças! Inutilmente. Contudo se lhe pedíamos para brincar com os meninos, como cooperação, porque desejávamos sair, era a primeira a se precipitar ansiosa por atender o chamamento.

E ali ficava firme até que voltássemos do cinema ou do passeio. Às vezes voltávamos tarde e a encontrávamos deitada no divã, na sala, na copa ou então adormecida numa cadeira com a cabeça pendente enquanto as crianças haviam ido dormir nos quartos. Era estremunhando que se levantava e ia para a sua caminha.

Se lhe oferecíamos algum doce ou bombom que trazíamos nunca aceitava.

O seu prazer era ajudar sem recompensa.

Silenciosa como uma sombra, incapaz de causar qualquer perturbação.

Parecia uma monja num convento.

Os cadernos da escola eram um exemplo de limpeza, ordem e perfeição.

Estudava sozinha. Jamais pediu a alguém para lhe ensinar alguma coisa. Dava tudo de si sem esperar nada de ninguém. Recebia agradecida os vestidos novos e os presentes, porém com toda a naturalidade sem as expansões da meninice.

Não ligava a roupa nem a divertimentos.

Há poucos dias a Efigênia adoeceu. Doença grave. Uremia em último estágio. Enfermidade insidiosa, surgiu como uma tempestade. Doença de morte. Inconsciente, em convulsões, foi levada para o hospital.

Todos os recursos da Medicina foram esgotados.

Os Espíritos, com uma antecedência de cinco dias nos disseram: ela deverá retornar ao mundo espiritual. No dia 7 desencarnará.

Cumpriu a sua tarefa.

Apesar disso, como dever inadiável, prosseguimos em luta com a enfermidade a fim de que tudo o que o homem pudesse fazer fosse feito.

Comunicamos aos amigos mais íntimos que ela partiria no dia 7 conforme participação da Espiritualidade.

Efigênia gemia ininterruptamente. Expressões de dor cobriam o seu rosto. Nenhuma queixa, todavia, partiu de seus lábios.

No dia sete pela manhã procuramos a irmã de caridade que atendia a enferma.

— Irmã, peço-lhe a caridade de estar hoje vigilante com a Efigênia. Ela morre hoje. É o dia da sua partida.

A irmã contemplou-nos com um olhar de profunda comiseração:

— Meu filho, só Deus pode saber quando alguém morre. A menina está hoje exatamente como nos outros dias, não piorou nem melhorou...

— Eu sei irmã. Deus, contudo, permite em Sua Misericórdia que, **às vezes,** os homens também fiquem sabendo alguma coisa.

— Não se preocupe, não me afastarei daqui...

À tarde a Efigênia desencarnava. Sete de outubro, exatamente de acordo com as instruções espirituais.

Quando contemplamos o seu rosto de menina de onze anos, ficamos profundamente surpreendidos: nele não havia o rictos das últimas e cruciantes dores, nem a ansiedade da morte, ali apenas estava naquele rostinho de criança o estranho sorriso que bailava em seus lábios quando prestava algum serviço que realizara com o coração. Era o Eterno Sorriso que se lhe estampava na face para sempre. Dois dentinhos à mostra entre as pétalas suaves dos lábios entreabertos.

Contemplamo-la surpresos. À sua volta espíritos de sublime hierarquia perpassavam envoltos em túnicas de cor beje claro como anjos do Paraíso. O quarto estava cheio de luz espiritual e ela, humilde e simples, sorria, sorria sempre, como a noiva que penetra no salão ao encontro do bem-amado.

* * *

À noite, posta num caixão, toda de branco, dormia o sono da espiritualidade. Apenas cinco pessoas acompanhavam-lhe a despedida.

Líamos "Fonte Viva" ou trechos do Evangelho, silenciosamente. Não havia tumulto em sua despedida nem gente importante. Só nós, em nossas imperfeições e em nossa pequenez. Cinco criaturas sem credenciais perante o mundo terrestre ou diante do mundo espiritual. Estávamos numa sala moderna do necrotério recentemente construído com amplas janelas e cortinas alegres. Não havia ali nada que lembrasse a tristeza da morte como a entendem os outros homens. Muita claridade, lâmpadas poderosas.

De repente, notamos um fenômeno interessante: toda a vez que alguém falava dela com carinho, suas pernas, agora rígidas, na rigidez da morte, incontestavelmente na rigidez da morte, ficavam completamente arrepiadas. Fato estranho! Arrepiava e desarrepiava, instantaneamente. Chamamos os companheiros para ver. Comprovaram. Era inegável.

No dia seguinte, à hora do enterro, muita gente, espíritas e não espíritas, quando lançávamos o último olhar sobre a criança, verificamos que o fenômeno se repetia. Chamamos algumas pessoas de responsabilidade para comprovar o fato e foram elas o Dr. Paulo Novais de Paula Santos, Delegado de Polícia de Guaratinguetá, Adjunto, Dr. Osvaldo Damasceno, chefe da Casa da Lavoura, Djalma Fonseca, fazendeiro, José Wanderley, carcereiro da Cadeia local, e Hélio Porto, gerente de banco.

O fato era estranho, inusitado, mas era real! As pernas da menina se arrepiaram e assim permaneceram no momento em que o pai, que ali estava, soltara uma exclamação de carinho e despedida.

Olhamo-la de novo, naquela manhã cheia de sol e de alegria, porque de fato era um dia maravilhoso de cor e luz, e tornamos a encontrar nos seus lábios o eterno sorriso...

* * *

Percorremos os tratados de Medicina Legal e entre os fenômenos que ocorrem com o cadáver depois da morte não constavam os arrepios. Buscamos o concurso dos médicos e dos funcionários especializados e nada souberam dizer sobre esse fato. Também para eles era novidade.

* * *

Quando penetramos no cemitério entre vibrações de fraternidade e amor, vimos uma figura maravilhosa de beleza imortal que nos contemplava humilde e serena por entre a folhagem silenciosa das árvores. No meio da luz que a envolvia, no seu rosto de anjo que passara despercebido pela terra, oculto na humildade mais profunda e na modéstia mais perfeita, brilhava ainda o Eterno Sorriso...

21

Juvenil Meirelles

Juvenil Meirelles foi um grande amigo. Gostava de conversar conosco horas seguidas.

Amante da literatura, devorava tudo com insaciável vontade de conhecer, de saber, de compreender.

Amava o Espiritismo à sua maneira.

Homem, porém, nervoso, revoltado às vezes, incapaz de controlar-se.

— Ranieri, quando eu morrer, sei que vou para o "asfalto" ou para o "piche".

Acreditava ele que no mundo espiritual existiam zonas infernais e que deveria existir uma zona inferior, tão inferior que seria semelhante ao asfalto ou piche.

Humilde, apesar de tudo, cria que para ele estava reservada essa região. Profunda e terrível região onde ficaria aprisionado.

— Não gosto de preto — dizia ele —, não sei por que, mas não gosto de preto, não suporto gente preta! Se morrer e algum dia reencarnar, tenho a impressão de que vou nascer como negro. Será o meu castigo!

Outras vezes afirmava:

— Olha, Ranieri, penso que só você é meu amigo! Assim quando eu começar a falar com os outros e não obtiver resposta, quando tentar pegar os objetos e não o conseguir, já sei que "estou morto" e que sou espírito! A primeira

coisa então que farei será procurá-lo. Pode estar certo disso! correrei para onde você estiver e você vai me ajudar!

Você tem bons amigos espirituais... Peça, então, ao Altino que me ajude! Você terá a prova que morri e que sou eu!

— Pode vir que eu "te" recebo! — respondi-lhe, dando uma gargalhada. Você sabe que eu não tenho medo de espíritos!

Essa conversa se repetia indefinidamente.

Passava algum tempo e retornava ele:

— Olha, quando eu morrer o primeiro que vou procurar será você. Não se faste de mim, ajude-me!

* * *

Em fevereiro de 1953, Juvenil Meirelles foi nos visitar e passar uns dias conosco em Águas da Prata.

Ao vê-lo, fiquei assombrado. Estava magro, esquelético.

Disse a minha mulher:

— Seu pai não dura muito. Tenho a impressão de que morre logo...

O homem estava com vinte e oito de pressão.

Ficou alguns dias e retornou ao Rio. Não estava suportando a altitude.

No Rio, melhorou, recuperou-se. Adquiriu nova vida.

Meses depois estive lá. Achei-o recuperado, mas uma voz interior me dizia que ele não duraria muito.

Nossa biblioteca estava reunida. Ele possuía muitos livros, e eu também. Como vivo de cidade em cidade, mudando sempre, resolvi despachar para o Rio os nossos livros e deixá-los com o Juvenil.

Fizera ele uma série de estantes e enfileirara os livros com carinho.

Certo de que morreria e que com a sua morte os livros seriam dispersados por não se saber se eram meus ou dele, **sem que visse,** passei a assinar os livros que me pertenciam. Os de mais valor, os mais importantes. Tinha que fazê-lo ocultamente para não ser obrigado a declarar-lhe os motivos verdadeiros da minha atitude.

* * *

Tempos depois, meses, recebi a notícia da morte súbita de Juvenil Meirelles.

Meio-dia. Corri para casa e avisei minha mulher. Não acreditou inicialmente. Como insistisse, ficou na dúvida e, meditativa, deitou-se na cama, no quarto. Ficamos ali conversando. Dia claro. Meio-dia.

De súbito, a sala ligada ao quarto de dormir, onde estávamos, por uma porta, iluminou-se **cortada por clarões estranhos.** Pareciam relâmpagos consecutivos.

Ficamos parados, estarrecidos, contemplando os clarões que se repetiam seguidamente. Logo após, ouvimos no assoalho o som dos passos fortes de alguém que pisava calçado com **botinas ferradas,** tipo militar. Os passos, repetidos, fortes, vieram até a porta de nosso quarto, até nós. Os relâmpagos cortavam a sala. Isso tudo durou alguns minutos.

E depois verificamos que retornavam pelo mesmo caminho por onde vieram. As botinas **rinchiam** e soavam intensamente no assoalho.

Tomaram o rumo da cozinha e desapareceram. Os clarões também desapareceram. E o ambiente que parecia povoado de um ser estranho recaiu em profundo silêncio.

Só estávamos nós na casa e uma empregadinha que andava descalça. Tudo terminou.

Era o Juvenil.

Cumprira a sua palavra. Não tínhamos dúvida.

Percorri a casa, procurei nos quartos, na cozinha e no quintal. O portão da rua estava fechado. Tudo se mantinha no mesmo ritmo de sempre.

* * *

Parece-me ainda ouvir a voz de Jesus a ressoar no meio dos séculos!

— Vem Lázaro! Sai para fora! Eu sou a Ressurreição e a Vida!

Sinto na alma o coro de mil vozes que exclamam para o mundo:

Oh homem insensato! Retorna às tuas origens, busca a verdade onde ela estiver e te reencontrarás a ti mesmo! Não vês que ninguém morre e que a morte é apenas transformação?

Mas vejo também que o homem, surdo a todas as vozes, mergulha a fronte desesperada nas trevas sem fim.

22

GUGU — Um acontecimento histórico

A primeira fotografia de espírito batida em Pedro Leopoldo com Chico Xavier

A história de Gugu ficou muito conhecida no "André Luiz". Não houve quem não se emocionasse com ela. Tão rica de ensinamentos, tão profunda e tão comovente. Naquele tempo, as relações entre os elementos que compunham o **André Luiz** e o Chico eram muito boas.

Chico interessava-se imensamente por tudo o que se passava no André Luiz, pelas materializações dos espíritos através do Peixotinho e mantinha conosco correspondência regular. Uma faixa vibratória de amor se estabelecera entre nós e os companheiros constantemente iam a Pedro Leopoldo de onde traziam as notícias novas do grande amigo.

Notícias que durante uma semana ou um mês eram o prato saboroso de nossas reuniões. Contadas, estudadas, comentadas, repetidas.

Foi quando apareceu um homem desesperado. Materialista, interessado em assuntos políticos, embora fosse médico, rico, segundo constava.

Perdera um filho, aquele que mais amava, em circunstâncias trágicas.

Chama-se esse médico Osvaldo Lacerda, e o filho — Carlos Augusto, carinhosa e familiarmente tratado por Gugu. Possuía dois filhos. Amava a um com intensidade e era indiferente ao outro. Fazia todas as vontades do que amava. Era o filho da sua alma e do seu coração.

Homem enérgico, talvez duro, conforme nos relataram. O filho menos amado ficava mais entregue ao carinho da mãe e dos avós. Parece, no entanto, que Gugu, o mais amado, era realmente uma criatura extraordinária, excepcional, porque todos da família lhe dedicavam imenso amor.

Entendeu o pai enviá-lo a estudar em Campinas o curso ginasial. Moravam no Rio.

Não adiantaram os rogos da avó que o amava e que não queria se separar dele. Inflexivelmente seguiu o rapazinho para Campinas onde deveria fazer o seu curso ginasial. Ficou internado. De vez em quando era visitado pela família e periodicamente vinha ver os pais.

Aos domingos, tinha folga e saía pela cidade. Geralmente ia ao cinema com os colegas. Matinê. Era a sua alegria semanal. Só quem já esteve longe da família, sendo menino, prisioneiro em colégio, poderá avaliar o que significa um dia de liberdade e um passeio pela cidade. O sorvete, o doce, a matinê e as meninas que passeiam na praça.

Naquele domingo, Gugu saiu com os companheiros para o passeio habitual. Foram ao cine Rink. Ele, no entanto, teve a impressão de que já assistira ao filme. Entrou. Assim que começou a fita, comprovando que já a assistira, resolveu sair, dizendo:

— Já assisti a esse filme. Vou a outro cinema.

De fato, foi. Os companheiros ficaram.

Mais tarde, reapareceu. Entrou no escuro. Procurou os amigos. Estavam sentados juntos. Pediu-lhes que se separassem e lhe cedessem um lugar para que se sentasse no meio dos dois. Um deles lhe cedeu o lugar. Ficou assistindo ao filme. Um filme a que já assistira.

Pela amizade aos amigos — dissera depois. Achara melhor assistir a um filme já conhecido, com eles, do que ficar sozinho noutro cinema.

Estivera na porta do outro, mas desistira e voltara. Estava feliz e tranqüilo.

Logo em seguida, houve o pânico. O prédio do cinema começou a desabar. O teto ruiu, e o povo desarvorado buscou as portas de saída.

Tumulto, desordens, feridos em quantidade, morte. Crianças mortas, feridas, arrebatadas! Uma viga enorme caiu justamente sobre o Gugu. Esfacelou-lhe o crânio. Os amigos que estavam ao lado não sofreram nada. O que trocara de lugar com ele recebera em troca a própria vida. Ele se libertou pela porta de um destino que só Deus saberia explicar.

Quando a notícia atingiu a família, não poderia trazer-lhe desesepero maior nem maior dor. A infelicidade atingiu a sua casa, e o pai que o amava encontrou a tristeza e o desânimo. Nada mais lhe restava. Não cria na vida além da morte nem admitia a imortalidade.

Só lhe restava, pois, o cadáver dilacerado de um filho.

Onde encontrar a paz? — Havia perdido tudo num só minuto.

Foi assim que buscou o André Luiz. Ele e toda a família.

Foi assim que procurou o Chico. Ele e toda a família.

* * *

Não acreditava no Espiritismo. A mulher falou-lhe do Espiritismo.

Tentou consolá-lo. Disse-lhe da vida imortal.

— Não, não creio. Tudo isso é ilusão e fantasia.

Por fim, não encontrando paz em parte alguma, resolveu aceitar o desafio:

— Só iria com uma condição, disse. Tomaremos um avião sem que ninguém saiba para onde iremos e chegaremos em Pedro Leopoldo sem que ninguém nos conheça.

E assim fizeram. Um belo e inolvidável dia. Desceram em Belo Horizonte e seguiram para Pedro Leopoldo. Chegaram e foram para a reunião. Sentaram-se na assistência. Ninguém sabia nada deles.

* * *

Salão cheio. Muitos doentes. Dezenas de necessitados. Criaturas de toda a parte.

Quase ao fim dos trabalhos, o Chico, que estava em transe, retornou à consciência e perguntou:

— Quem é Osvaldo Lacerda, aí?

Uma bomba não teria explodido com maior efeito na alma daquele homem.

— Sou eu... — disse ele.

— Meu irmão, falou o Chico, está presente aqui um espírito que se diz chamar Francisco Fajardo e declarou-se seu amigo.

Afirmou-nos o Dr. Osvaldo Lacerda que sentiu nessa hora "enorme pena" do Chico. Ele, Osvaldo Lacerda, nunca tivera na vida — pensava — nenhum amigo chamado Francisco Fajardo. Por isso, pensou, pensou, antes de tomar a decisão que ia tomar. Procurou lembrar-se, mas não havia ninguém, nenhum amigo seu, com aquele nome!

Considerava-se um homem honesto. Sentia-se no dever de dizer a verdade... Mas como? Ali estava aquele homem humilde, que era o Chico, atendendo centenas de criaturas e rodeado de uma infinidade de doentes que acreditavam nele, que confiavam em sua mediunidade... Tudo isso passou pelo espírito do Dr. Lacerda como um relâmpago. No entanto, resolveu tomar a decisão heróica:

— "Seu" Chico, o senhor vai me desculpar, mas eu não conheço e não tenho nenhum amigo com o nome de Francisco Fajardo...

Esperava o Dr. Osvaldo que aquela revelação fosse uma bomba.

Contudo, o grande médium de Pedro Leopoldo, em sua voz suave e amiga, apenas lhe respondeu:

— Acompanham-no também dois espíritos que acabam de chegar: um moço que se apresenta ferido e que sofreu um desastre de aviação, chamado Ronaldo, sobrinho do senhor, e vem amparado pelo espírito de seu Tio-Avô, que se chamou Simeão...

Com esses esclarecimentos, o Chico fez uma descrição completa dos dois parentes do Dr. Osvaldo, acrescentando:

— Diz o espírito de Francisco Fajardo que foi seu professor na Escola de Medicina do Rio de Janeiro e **que é seu amigo.**

Com aquelas palavras do Chico, o Dr. Lacerda, já estarrecido, se lembrou violentamente do antigo professor, do qual não se recordava mais, perdido na distância do Tempo, esquecido nos refolhos de sua memória.

Após essa conversa, mantida numa interrupção de psicografia, prosseguiu o Chico a escrever, recebendo as receitas do Além em pleno domínio do transe mediúnico.

O Dr. Lacerda, assombrado com os fatos irrefutáveis, sentiu abalar-lhe na consciência todo o edifício do materialismo que construira através da vida.

Naturalmente, após aquela reunião, voltou a obter notícias do espírito, através do Chico.

O médium deu-lhe notícias de seu filho, identificou-lhe a presença e até falou à mãe:

O Gugu me disse que ele era o **outro que voltou.**

Afirmou-nos Dona Ynaiá, a mãe ferida pela morte do filho, que não entendeu bem o que o Chico quis dizer, só vindo dias após a saber que o Gugu já era o espírito que fora na Terra o seu primeiro filho e que desencarnara com alguns meses de existência.

Logo, nascera e renascera, encarnara e desencarnara, duas vezes seguidas, como seu filho.

* * *

Foi em 3 de dezembro de 1952, quando o Peixotinho reencontrou o Chico, que o Gugu pôde mais diretamente falar aos pais.

Pedro Leopoldo. Reunidos para uma sessão de materialização, presentes o Chico, a Mãe e o Tio do Gugu, além de outros companheiros respeitáveis, solicitou a Scheilla, por psicografia, que se preparasse o Henriquinho Ferraz, tio do menino, para bater uma chapa de um espírito.

À hora da reunião, no salão do Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, sob a orientação do Chico, colocou-se o Henriquinho à disposição e preparou sua máquina para bater a chapa.

A Scheilla materializou-se e, após conversar com todos, deu as instruções para que se tirasse a fotografia. Com uma pequena luz, já que os trabalhos decorriam em completa escuridão, indicou a altura que deveria ser focalizada a máquina e o local. Tudo preparado, o Henriquinho, à ordem do espírito, deflagrou a máquina, Roleiflex, e, diz, ele, que à luz do magnésio ficou profundamente surpreendido porque à sua frente e no lugar indicado pela Scheilla **tudo estava vazio, não existia nada, nem espírito e nem médium.** Acreditou que a experiência havia falhado.

Terminada a sessão, altas horas da noite, com o filme lacrado em seu poder, partiu para o Rio de Janeiro e ali chegando dirigiu-se imediatamente ao **seu laboratório** onde revelou o filme. Aí, o seu espanto foi maior e mais extraordinário. Na chapa aparecia com maravilhosa nitidez e perfeição a materialização do Gugu, como se vê na fotografia n.º 2. Rosto perfeito como se estivesse em vida.

FOTOGRAFIA N.º 2 — FOTOGRAFIA HISTÓRICA do Espírito de Gugu (Carlos Augusto). A primeira fotografia de espírito materializado tirada em Pedro Leopoldo com a presença de Chico Xavier. Médium Peixotinho

E nós podemos acrescentar que conversando com a avó do Gugu, Dona Conceição, e com outros membros de sua família, recebemos a informação de que essa fotografia é absolutamente a reprodução fiel de seu rosto **como ele era** na ocasião de sua morte, **não tendo ele nenhuma fotografia em sua casa ou em qualquer lugar igual a como era naquela oportunidade.** Todas as que a família possuía apresentavam-no mais moço, diferente, inclusive posição.

* * *

Essa prova da imortalidade que o espírito deu àqueles que na vida terrestre foram a sua família consangüínea despertou neles, de novo, o amor à vida humana, agora, porém, cheios do Espírito de Deus.

Nós consideramos essa fotografia um **acontecimento histórico,** isso por que foi **a primeira fotografia** de espírito materializado ou não, batida em Pedro Leopoldo, no Centro Espírita Luiz Gonzaga e com a presença de Chico Xavier, autenticada por ele, tendo sido a presença do espírito na reunião, antes da materialização e da fotografia, comprovada também pelo grande médium.

É claro que nós que estamos vivendo ao lado de Chico Xavier, na sua época, contemporâneos dele, não poderemos avaliar com a devida grandeza o acontecimento, mas, no futuro, essa fotografia constará nos anais da história de todo o mundo, como um monumento extraordinário.

Essa fotografia é de um valor histórico sem precedentes e só ela justificaria, por si só, a publicação deste livro.

Não pudemos incluí-la como foi nosso desejo no "Materializações Luminosas". As razões expostas naquela obra explicam bem a nossa posição. Neste momento, porém, acreditamos que muitos anos já se passaram sobre o fato e que mantê-la no anonimato não só seria covardia moral como imensa responsabilidade espiritual. Que possamos ser compreendido e mesmo perdoado por aquêle que na Terra foi seu pai.

A fotografia é a fotografia de um espírito e como os **direitos humanos** cessam com a morte do corpo, porque a nossa legislação ainda não reconhece o direito dos homens sobre os espíritos e dos espíritos sobre os homens, iremos publicá-la. A posteridade há de nos compreender e saberá por que estamos agindo desta maneira.

Se a dor de um pai é enorme, o sofrimento da humanidade, por sua vez, parece não ter fim. Não podemos e não devemos ocultar indefinidamente a Verdade. Esse é um tesouro espiritual que já não pertence a ninguém. Não somos donos dele nem o pai ou a família de Gugu são seus proprietários. Pertence, agora, ao Homem para a sua ressurreição no Espírito.

* * *

Posteriormente, Chico recebeu a mensagem de Gugu que trancrevemos em seguida a este capítulo.

* * *

Para estudo, há muita coisa interessante nesse caso:

1.º) Não havia nenhum retrato igual ao proporcionado pelos espíritos.

2.º) As feições mais envelhecidas afastam qualquer idéia de fraude pela não existência de qualquer fotografia que se lhe assemelhasse.

3.º) Chico Xavier e Peixotinho não conheceram o rapaz em vida.

4.º) Fotografia do médium Peixotinho deitado na cama ao mesmo tempo que o espírito de pé.

5.º) Mensagem psicográfica posteriormente através do Chico (Comprovação interessante para os espíritas que aceitam integralmente a mediunidade do Chico).

6.º) O fato notável da invisibilidade e volatilização do corpo do Peixotinho no momento da fotografia e o aparecimento completo na chapa ao ser revelada.

O leitor inteligente, mais do que nós, tirará outras ilações que nos tenham escapado.

* * *

Queremos, todavia, comentar o seguinte:

Pelo que concluimos, parece-nos que os espíritos técnicos encarregados do trabalho de fotografia "do lado de lá", colocaram **o corpo do médium** na mesma vibração do organismo espiritual do Gugu.

Além disso, devem ter sensibilizado altamente a chapa fotográfica contida na máquina de modo a atingir ela a freqüência vibratória dos dois organismos citados. Na verdade, tudo se passou na quarta dimensão.

* * *

Há momentos na vida em que o homem materialista e indiferente à presença de Deus sente cair-lhe dos olhos as escamas que o tornam cego às realidades da alma imortal. Tem-se a impressão de que um grande meteorito, maior que O Bendegó, caiu do céu aos seus pés paralisados e diante de sua face estarrecida.

Vem-nos à mente a figura quase esquecida do Apóstolo Filipe. Entre os Apóstolos do Cristo é um dos menos citados. Fala-se muito de Pedro, repetem-se por toda a parte as epístolas de Paulo, acusa-se a cada passo Judas Iscariotes, porém, pouquíssimas vezes ouvimos falar de Filipe. No entanto, era um grande médium, portador de faculdades extraordinárias. Jesus fez muitas coisas importantes que os apóstolos posteriormente também fizeram. Por exemplo: curou paralíticos e deu vida aos mortos. Paulo deu vida a um rapaz que caíra de um sobrado e Pedro curou o paralítico da Porta Formosa do Templo de Jerusalém. Todavia, só Filipe se transportou pelo espaço numa façanha que só Jesus realizara e mais ninguém entre os seus discípulos. Foi na estrada que conduzia a Azov.

Um homem viajava numa carroça e Filipe, a pé, seguia pensativo, meditando no drama que se abatera sobre Jesus, quando, delicadamente, o homem da carroça ofereceu-lhe lugar a seu lado. O sol escaldava e a caminhada era dura. Filipe agradeceu e aceitou. Sentaram-se juntos e passou o Apóstolo a conversar amigavelmente com o companheiro de tal maneira que dirigiu a conversa para as coisas espirituais e falou-lhe de Jesus. Perguntou-lhe se não conhecia o grande profeta que dera a vida aos mortos, curara paralíticos, restituíra a visão aos cegos e com a imposição das mãos tornara sã a carne podre dos leprosos.

O homem admirou-se de tudo aquilo e especialmente impressionou-se com a doutrina cheia de poder de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tão profundamente se sentiu tocado no coração que exclamou:

— O que me impede também de ser batizado em nome de Jesus?

— Nada, respondeu-lhe Filipe. Mas você deseja realmente seguir nosso Mestre?

— Ali não passa um riacho? — acrescentou o outro. Vamos, pois, desçamos e você me batizará em nome de Jesus.

Desceram do carro e ali mesmo Filipe batizou-o. O homem ainda estava com a cabeça molhada e o corpo ensopado porque o Apóstolo o mergulhara inteiro no rio e mal saíra da água, quando olhou e não viu mais Filipe. Este, arrebatado pelo Espírito, desaparecera no espaço e só reapareceu, transportado, na cidade de Azov, muito distante dali.

Assim também os espíritos em nosso tempo surgem aqui ou ali, de conformidade com a vontade de Deus. Jesus nos ensinou: o Espírito sopra onde quer...

Necessário é que os homens endurecidos pela vida material se desenfaixem das paixões e do egoísmo, do orgulho e da vaidade, das coisas tolas, enfim, do mundo, e renasçam em si mesmos para a Vida Imortal.

MENSAGEM DE GUGU A SEUS PAIS ATRAVÉS DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER — Quatro meses depois.

> Publicamo-la como consolo àqueles que perderam filhos tragicamente, já que nesta mensagem se entrevê as razões semi-ocultas e os laços de outras vidas.

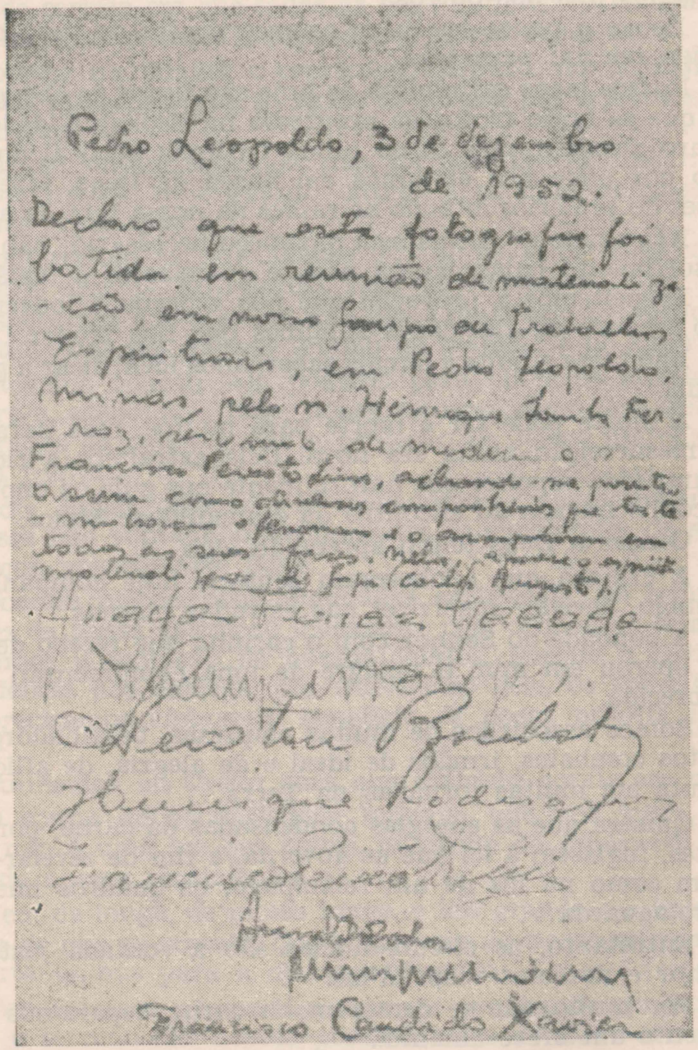
Mamãe,
Papai.

Trazendo-lhes meu coração, como acontece todos os dias, estou aqui reafirmando nossas preces habituais a Jesus.

Se é possível misturar felicidade com saudade, sinto-me infinitamente feliz.

Nosso amor venceu a morte.

Nossa fé venceu a dor.



FOTOGRAFIA N.º 3 — Fotografia da declaração de próprio punho de Chico Xavier nas costas da fotografia n.º 2, aqui publicada, do Espírito materializado de Gugu

Em verdade, qual acontece ao Papai, tenho lágrimas nos olhos, contudo, lágrimas de alegria porque nos reencontramos no mundo vasto.

A Benção Divina marcou as nossas esperanças e chegamos a essa bendita integração espiritual em que nos continuamos uns nos outros.

Pouco a pouco recupero as recordações de tudo o que a vida relegou para trás.

Nossos laços carinhosos de hoje são flores de abençoada luz que se farão frutos de progresso na Espiritualidade, em futuro próximo, mas lá no fundo da linha vertical do destino por onde nos elevamos em busca de Deus, jazem as raízes do pretérito ditando as razões da nossa luta de agora.

Não existe problema sem o começo necessário; não existe sofrimento cujas causas não se entrelacem à distância.

Respeitemos a provação que nos separou e louvemo-la pelo tesouro de claridades sublimes que nos trouxe.

Não fosse a noite e jamais saberíamos identificar a glória do dia.

A morte pode ser a morte para muitos, mas para nós foi ressurreição numa era nova. Dela extraímos a riqueza de uma vida superior que naturalmente nos guia os impulsos de conhecimento ao encontro da Humanidade Maior.

Graças a Deus tenho aprendido algo.

A criança que conheceram sente-se hoje companheiro e amigo, devedor insolvível nas estradas eternas.

A bondade do Senhor com o carinho que recebo de ambos operou em mim o milagre de uma compreensão mais enobrecida.

Somos associados de muitas empresas, batalhadores de muitos combates, irmãos de ideal e de alegria, de aflição e de luta em muitas jornadas na Terra...

Quisera que as energias condensadas da carne, por instantes, fugissem à lei que as governa, a fim de revelar-lhes, assim como na luz de um relâmpago, os quadros imensos da retaguarda...

Entretanto, as circunstâncias são a vontade justa do Senhor e devemos respeitá-las.

Por muito que se demorem na carne, separa-nos tão-somente um breve amanhã.

Das sombras que abraçam o pó do mundo, emergimos cantanto a felicidade de nossa inalterável comunhão. Até lá, porém, é imprescindível que trabalhemos.

Nossos dias de angústia e de perplexidade passaram, como passaram as primeiras horas de ansiedade em que as nossas notícias mútuas eram como que o único alimento capaz de saciar-nos a alma atormentada...

Agora, temos um campo enorme à frente do coração. Como de serviço em que todas as suas mínimas particularidades requisitam-nos à plantação de novos destinos.

Começa na família e espraia-se, infinito, no território das vidas diferentes que se ligam às nossas por misteriosos elos do espírito.

Não se sintam sozinhos, não sofram, não lastimem... Estamos juntos, hoje quanto ontem, à procura de nossas sublimes realizações.

Compreendo as dificuldades que ainda interferem com os nossos desejos. Entretanto, rogo-lhes coragem.

Esperamos que o plano da Casa Transitória de socorro constitua para nós valioso templo de reajuste e de amor.

Façamos quanto seja possível para obter os alicerces da obra e, atendida a base, nosso esforço, como as tarefas conjugadas da colmeia, sob a proteção de Jesus, marchará para a frente...

Hoje, Papai, observo que iniciado um empreendimento de nossa boa vontade, o Senhor para aí encaminha os serviços que nos compete fazer.

Doando nossas disponibilidades espirituais, ao tempo, através da nossa aplicação incessante com o bem, do tempo recebemos a quitação de nossos débitos, porque a Divina Providência nos entrega, por intermédio dele, os trabalhos que precisamos efetuar, a benefício de nossa própria felicidade.

Confiemos no Cristo para que o Cristo confie em nós.

O sonho de solidariedade humana que nos vibra no peito não é uma luz que esteja nascendo de improviso no vaso de nossos sentimentos.

Vem de longe, de muito longe, e tão grande é a importância de que se reveste, que a dor veio ao nosso encontro, despertando-nos para a divina edificação.

Convertamos nossas lágrimas em orvalho de confiança sobre o terreno das nossas possibilidades de fazer o bem.

Saciedade no mundo é prejuízo de nossa alma.

É por isso que Jesus preferiu o madeiro do sacrifício, com a incompreensão dos homens e com a sede de amor.

Rejubilemo-nos no calvário de nossa paixão por maiores luzes. A subida é áspera para quem deseja o ar puro dos cimos.

Continuemos caminhando sob a inspiração do nosso Divino Mestre. É tudo o que poderemos fazer de melhor. De nós mesmos, atentos à insegurança de nossas aquisições, nosso passo seria vacilante entre a luz e a sombra, entre o bem e o mal... Com Cristo, porém, cessam as dúvidas. O sacrifício de nossos desejos aos desígnios do Céu é a chave de nossa felicidade real.

Extremamente confortado com o auxílio de nossa querida mãezinha Scheilla, de Nina, de Araci e do nosso Médium, agradeço a Deus a ventura com que pude ofertar-lhes meu retrato. Papai ainda não conseguiu ver-me com a serenidade emocional precisa.

Mas espero que, aos poucos, venha a meditar comigo na fotografia sobre a qual, em nome de Jesus, foi possível afirmar a nossa vitória sobre a morte.

E envolvendo-os em meu coração com o carinho e com o amor com que me devoto à Mamãe e ao Papai, beija-lhes as mãos entrelaçadas com as minhas o filho saudoso, o Gugu reconhecido que, em cada dia, lhes segue afetuosamente os passos.

Carlos Augusto

(Mensagem psicografada no dia 14-4-53, às 7 horas da noite, pelo médium Chico Xavier em Pedro Leopoldo).

* * *

Na transcrição dessa mensagem respeitamos rigorosamente tudo, até a ortografia em que foi vasada.

Além da delicadeza da mensagem, da ternura que dela trescala com o perfume sutil de um profundo e infinito amor, observamos no fim a confirmação através do Chico da realidade da fotografia tirada com o auxílio da mediunidade do Peixotinho. Pelo Chico, vem o menino confirmar que de fato fora fotografado espiritualmente.

Para os que crêem no Chico, é este mais um testemunho do poder mediúnico do nosso Peixotinho. Nota-se ainda a referência à existência real de espíritos que iniciaram suas

comunicações no Brasil pelo médium Peixotinho e que são a Scheilla e a Araci.

Estas entidades só passaram a se comunicar pelo Chico muito tempo depois que vinham se materializando através do Peixotinho.

Há também uma observação interessante: é quando o espírito declara que "fotografia sobre a qual, em nome de Jesus, foi possível afirmar a nossa vitória sobre a morte".

Fala esta afirmativa bem alto do valor das materializações na luta contra a morte e em prol da imortalidade gloriosa.

O pai do Gugu, conforme nos relatou na ocasião, não tinha coragem de olhar a fotografia, tão emocionado se encontrava. Temia ver o filho de novo face a face, aquele filho que amara extremecidamente.

No entanto, Deus, na hora certa, lhe mandou o conforto e a paz.

23

Paulo e Estevão

Há coisas na vida que não se esquecem nunca.

A memória é uma das maravilhosas faculdades que nos concedeu a Bondade Divina. Sem ela, perderíamos nossa própria identidade no correr dos séculos. "Vós sois deuses..." — disse o Senhor.

Na realidade, somos deuses ou espíritos imortais.

Deuses pela grandeza das possibilidades recebidas através do amor de Deus.

Deuses, pela compreensão da vida espiritual que existe em toda a criatura.

Deuses, pelo poder do Espírito Santo Eterno que habita em nós.

Tudo no homem, até mesmo as suas imperfeições, é uma prova soberana da existência de uma Inteligência Superior que orienta e anima todo o Universo.

* * *

Conversamos com o Chico, certa ocasião em que nos reuníramos para um convívio amigo e cristão. Era nessa época em que a Mão de Deus nos aproximara um do outro fazendo com que o passado, **de outras vidas**, volvesse à nossa casa mental.

Contou-nos ele um episódio inesquecível. "Recebia" os originais da obra **Paulo e Estevão.** Nos dias determinados pela Espiritualidade, de manhãzinha, comparecia ele à casa do Dr. Rômulo Joviano, seu chefe de serviço em Pedro Leo-

poldo, e, num cômodo existente nos porões da casa, concentrava-se com o irmão André e outro companheiro, onde passava a receber as páginas maravilhosas do livro.

Diante de seus olhos tornavam a perpassar as cenas empolgantes, ocorridas há quase dois mil anos. Como num filme cinematográfico, tudo voltava a se reproduzir com absoluta perfeição.

As lutas de Paulo, os seus sofrimentos e a sua glória. Tudo ressurgia como por encanto.

Certo dia, Emmanuel anunciara que se aproximava o fim da obra.

Chegaram ao último capítulo.

Sob intensa vibração, naquela manhã, o Chico percebeu que o ambiente estava completamente iluminado por imenso clarão e que numerosos espíritos também iluminados começaram a chegar superlotando o pequeno cômodo, mas verificou também que, de repente, as paredes pareciam desfazer-se de maneira que se estendia a seus olhos o infinito imenso.

Ali estavam as grandes figuras do passado evangélico do Mundo.

Os Apóstolos e figuras respeitáveis do Cristianismo de todos os tempos. Ali estavam os espíritos dos homens que lutaram, sofreram e morreram por um Cristianismo libertado e por um mundo mais compreensivo. Seus pés pousados no solo eram estrelas de luz.

Dominado pela emoção, Chico terminava o livro monumental. Irresistível poder, todavia, arrastava-o para o solo. Lágrimas copiosas rolavam-lhe nas faces. De joelhos, à proporção que as entidades se retiravam, ia ele, humildemente, beijando os pontos sagrados onde os grandes Espíritos haviam deixado as **marcas luminosas** de seus pés, ou as pegadas cintilantes de seus passos. E quando tudo voltou à normalidade, ei-lo ainda de olhos pregados no infinito, sentindo repercutir em si as vibrações inolvidáveis de tantos séculos.

* * *

Em face disso, recordamo-nos da promessa também inesquecível do Cristo:

"Eu estarei convosco até o fim dos milênios. Crede em Meu Pai, crede também em Mim. Eu que sou manso e humilde de coração."

Há nessas palavras a garantia de uma vida imortal e a afirmativa de que à nossa volta continuam a existir todos aqueles que nós considerávamos perdidos na noite quase insondável dos Tempos.

Em toda a parte do Universo não existe estagnação, inércia ou morte, o que existe é sempre força, movimento, poder e vida com ressurreição.

24

Experiência pessoal

Foi por volta de 1953 ou 54. Residíamos em Águas da Prata.

Havia ali um fazendeiro que mantinha contato conosco e às vezes conversava sobre Espiritismo. Bom rapaz. Vida agitada, complexa.

Era, porém, um coração de ouro. Tudo que era dele era dos outros.

Contara-nos que uma noite ao voltar da cidade, altas horas, para a fazenda, vira o espírito de seu avô que o esperava na porteira. Não teve coragem de enfrentá-lo e voltara para a cidade.

Outros fatos ocorreram com ele. Às vezes freqüentava uma ou outra reunião, mas não era espírita. Gostava do Espiritismo. Filho de católicos fervorosos, família tradicional que vivia na Igreja e que não admitia outra religião a não ser o Catolicismo. Os padres conviviam com sua família havendo até um de seus irmãos promovido a reforma da igrejinha local.

Católicos renhidos, terríveis, que nos combatiam ferozmente e que, através da política, certa ocasião, conseguiram que os poderes do Estado, do qual somos funcionário, nos transferissem para uma cidade distante, triste e deserta. Quase um degredo, de onde retornamos, seis meses após longos sofrimentos, para uma cidade vizinha. Nesse combate da vida material fomos "aparentemente" vencidos por eles.

Mas como os espíritos, inspirados por Cristo, parecem destruir o orgulho humano, usando os próprios membros

da família para lutarem pela Verdade, o José Carlos, que era o fazendeiro, interessou-se pelo Espiritismo e aproximou-se de nós.

Talvez tenha sido esse o motivo real para que pleiteassem a nossa transferência. Agradecemos a Deus o sofrimento que nos deu maior compreensão e felicidade. Absolutamente, não perdemos nem material nem espiritualmente com isso. Perdemos somente o convívio valioso de companheiros inestimáveis.

Um dia, morreu a mãe do José Carlos. Dedicava-lhe ele imenso amor e carinho. A inquietação dominou-lhe o espírito, assaltou-lhe o coração.

Veio procurar-me dizendo que ia a Belo Horizonte e que eu lhe desse um cartão porque desejava assistir a uma reunião de materialização.

Fiz-lhe ver a dificuldade e os obstáculos. Não pertencia à Fraternidade, não era espírita e não estava em condições de assistir a um trabalho dessa ordem porque não tinha preparação nenhuma. Nunca lera nada sobre o assunto. Os próprios espíritas não compreendiam bem o fenômeno das materializações! Enfim, eu não me negava a dar-lhe a apresentação, apenas preparava-lhe o espírito para receber **um não,** tranqüilamente, compreensivamente. Nós iríamos também a Belo Horizonte por aqueles dias.

O José Carlos, entusiasmado, pegou o cartão e chegou na nossa frente.

Dois dias depois estávamos lá e por extraordinário que pareça, consultados os espíritos, permitiram a presença do José Carlos na reunião. Todos nós nos sentimos impressionados. Deveria, realmente, haver qualquer coisa com aquele rapaz. Na realidade, assistiu à mais extraordinária reunião a que também eu já assisti em toda a minha vida. (1) Quais as razões **espirituais** que o conduziram? Ninguém soube e ninguém sabe. Espíritos de ordem superior ali estiveram.

Foi uma noite excepcional em nosso calendário de materializações.

Por que estaria ele entre nós? Os desígnios de Deus são insondáveis.

Evidentemente, havia uma razão para nós desconhecida. Deus, porém, costuma chamar as criaturas por formas diferentes e cada um, através dos séculos, tem a hora do seu chamamento e encontra o momento exato de despertar.

(1) Ver Capítulo 46.

Espíritos amigos foram conversar com o Zé Carlos. O Joseph e o Zé Grosso. Deram-lhe notícias da mãe e falaram-lhe de sua própria vida, orientando-o seguramente.

O Zé Carlos fora colocado num corredor, existente ao lado da sala comum dos assistentes, por ordem da Espiritualidade. A reunião realizava-se na casa do Jair. (2) Para conversar com ele, havia necessidade de que passassem pelo salão cheio de gente até atingirem o corredor.

Além do Zé Carlos, depois dele, ficara outra pessoa.

Os mesmos espíritos passaram muitas vezes pelo Zé Carlos, alisaram-lhe carinhosamente os cabelos e foram conversar com essa outra pessoa, movimentando-se livremente em todo o corredor. Nós vimos a sua movimentação pela luz que conduziam.

Foi uma noite de imensa alegria. Nós ouvimos coisas extraordinárias dos espíritos. "Alguém" que muito amamos na Doutrina Espírita, esquecendo-se de nossas imperfeições, de nossas necessidades espirituais e de nossas fraquezas veio do mundo espiritual, deixando por um momento a alta esfera em que habita para conversar conosco. Humilde e bom, programou roteiro de trabalho para os anos que viriam, roteiro que está sendo executado.

Tivemos ali o nosso Clarêncio, o nosso Altino, a nossa Scheilla, o nosso Joseph, Zé Grosso e outros espíritos que deixaremos de nomear. Festa espiritual realizada em plena noite escura da Terra. Sentimos que Jesus, através de seus mensageiros, estava realmente conosco e quase parecíamos ouvir a Sua própria Voz dizendo:

— A paz esteja nesta casa.

* * *

Terminada a reunião, notamos que o Zé Carlos, além do entusiasmo, estava um pouco aflito. Queria contar-nos alguma coisa importante.

— Estou impressionado e cheio de remorsos — disse ele. Sabem de uma coisa? Quando os espíritos vieram para o meu lado, tive uma idéia: coloquei o pé na parede em

(2) Jair Soares — Ver Materializações Luminosas.

frente e com a perna fechei completamente o corredor. Dessa forma impediria que o espírito passasse para conversar com a outra pessoa que estava na frente, além de mim.

Mas aconteceu um fato espantoso: **eles passaram assim mesmo através de minha perna. Passaram muitas vezes para lá e para cá.** Às vezes até brincaram batendo com a mão amigavelmente em minha **perna!**

Dei uma enorme e gostosa gargalhada, como é do meu feitio.

— Bem feito! — exclamei. Era isso que você merecia!

O Zé Carlos estava assombrado. Nunca supusera que pudesse assistir àquilo.

* * *

Meu pensamento, como um pássaro erradio, voou no tempo e no espaço.

Parecia-nos ouvir a palavra de Cristo:

— Raça incrédula, até quando vos suportarei! Dizeis que sou Mestre e fazeis bem, porque eu o Sou.

25

Arigó

Há uns cinco ou seis anos passados estivemos em Congonhas do Campo.

Naquela época ainda não se fizera em torno do médium o rumor que se faz hoje. Começavam apenas as primeiras notícias e reportagens. Não viera o seu nome para as colunas dos jornais nem os ataques eram tão violentos ou as defesas, tão ardentes.

Temos o hábito e talvez a tarefa de conhecer médiuns e estudar-lhes a mediunidade. Não sabemos **julgar** sem conhecer. Jesus aconselhou-nos que não julgássemos, no entanto, para se avaliar, medir e pesar, há necessidade de se conhecer, estudar e verificar por si mesmo.

O problema mediúnico é um problema complexo, difícil, muito diferente do que a maioria supõe. Ninguém sabe tudo a respeito de tudo, e cremos mesmo que ninguém sabe nada a respeito de nada.

O orgulho, a vaidade e a pretensão humana levam-nos algumas vezes a imaginar que somos sábios. A distância entre a sabedoria humana e a Sabedoria Divina é infinita. Podemos parecer sábios para os homens, mas, na realidade, bem pouco sabe o homem. Ignorante e pretensioso, eis o retrato do homem. A pretensão, a vaidade e o orgulho nascem mesmo dessa ignorância. Não sabendo nada, pensa que tudo sabe. Daí decorrem a desunião, o desentendimento e a luta.

* * *

Não conhecíamos o Arigó nem ele nos conhecia.

Em Belo Horizonte, resolvemos visitá-lo. Acompanhava-nos a esposa.

Comunicamos nossa decisão ao Márcio Cattoni, amigo de longos anos, nesta e na outra vida, funcionário do Instituto de Tecnologia do Estado de Minas Gerais. Entusiasmou-se com a idéia. Iríamos em seu carro. Visitando Rubens Romanelli, convidamo-lo para nos acompanhar.

Não podia ir, mas informou-nos que o Dulmar Garcia, médico nosso amigo que retornara da Alemanha, onde conquistara três diplomas com louvor, gostaria de ir, pois vinha planejando uma visita semelhante.

Assim, levamos o Dr. Dulmar Garcia, interno dos Hospitais de Belo Horizonte, versado na língua alemã e de inegável competência.

Partimos para Congonhas e, ali chegando, buscamos a casa humilde de Arigó. Não relataremos aqui o que vimos no campo espiritual através de nossas humildes possibilidades mediúnicas, mas informaremos só e rigorosamente o que ocorreu no plano material e que consideramos interessante como registro e testemunho.

Uma fila enorme estava formada num corredor e terminava em pequena sala onde Arigó receitava entre imagens de santos e pilhas de papel.

Entramos na fila. Minha esposa desejava uma receita. Não desejávamos nada, mas seguimo-la. O médium ia atendendo os doentes. Não estava sob incorporação do Dr. Fritz, porém recebia o receituário através de audiência, como é seu hábito. Às vezes colocava a mão no ouvido para ouvir melhor.

Chegou a nossa vez. Como dissemos, não nos conhecia, nunca nos vira.

Conversou com minha senhora e estava transmitindo medicamentos. Esta consultava se devia ser operada ou não.

— Em outubro a senhora voltará. Por enquanto vá tomando estes remédios...

De repente, surpreendido em meio ao receituário por alguma informação estranha, perguntou, dirigindo-se a mim:

— O senhor aí é escritor?

— Bem, escritor não, mas escrevo uma coisas de pouca importância.

Não sou nada — respondemos-lhe.

— Ah! porque o Fritz está me dizendo que o senhor é escritor, escreve livros e que é amigo dele, muito amigo mesmo. Que o senhor pode escrever tudo o que quiser sobre estes trabalhos e estes fenômenos, porém, em **livro.** Merece confiança e é amigo dele. Os outros, não, esses jornalistas que vêm aqui para fazer sensacionalismo.

Depois dessa conversa, continuou a receitar.

Perguntou-nos o que tínhamos na espinha. Explicamos. Sofremos da espinha há longos anos. Evidentemente, provação. Deu-nos uma receita que consideramos acertada. Saímos da sala e ficamos com os companheiros ali no corredor.

Num canto da parede havia um velho, caipira. Chamava a atenção por que ficara encostado, sozinho, na parede contrária àquela na qual se alinhava a fila.

O rapaz que atende as determinações do Dr. Fritz veio nos dizer que era para ficarmos numa sala de jantar existente no interior da casa.

Fomos para lá. Eu, Arlete, Márcio Cattoni, Dulmar Garcia e um estudante de Medicina do Paraná, que se encontrava em Congonhas há muitos dias.

A sala deve estar situada a uns cinco ou seis metros de distância, separada pelo corredor, do quarto onde Arigó receitava. A porta do quarto de Arigó, encostada. Nós conversávamos muito baixinho para não perturbar. Perguntou o Dr. Dulmar:

— Não será isso hipnotismo?

Estávamos só os cinco. Ninguém mais.

Neguei a hipótese, também em voz baixa. Seria impossível que o Arigó nos ouvisse de onde estava.

Contudo, de repente, saiu ele do quartinho. Notamos que a sua fisionomia era outra. Passo firme, olhos fixos no espaço. Outra personalidade. Enérgico. Passou pelo corredor e agarrou o tal caipira velho que estava encostado ali na parede pela orelha.

— "Véio" sem vergonha! — Vou te operar, "Véio"!

Falou ele num sotaque alemão, com palavras arrastadas. Era o espírito do Fritz, incorporado em Arigó.

Trouxe o homem para o meio da sala e quase atirou-o entre nós. Abriu alas entre nós e com mão firme pôs ali uma cadeira.

— **Agarra,** vamos ver se é hipnotismo, colega!

Disse essa frase com energia dirigindo-se ao Dr. Dulmar Garcia.

Ninguém dissera ali que o Dulmar era médico e como sabia ele que o Dulmar falara em **hipnotismo?**

— Você que é **doutor** vai me ajudar a **operar** este **véio** sem vergonha!

Pôs o velho na cadeira, e, ele mesmo, abriu as janelas da sala de par em par a fim de que entrasse mais luz. Era dia claro. Oito ou nove e meia da manhã.

Em seguida trouxe uma lata velha de marmelada com uma faquinha, uma tesoura de unhas, uma faca de cozinha quebrada e enferrujada e coisas semelhantes.

Mandou que o Dulmar abrisse os olhos do velho e começou a operar.

Com a tesourinha de unhas ia tirando os **pterígeos** e em poucos instantes havia limpado tudo.

À proporção que tirava, colocava no braço do estudante de medicina, cuja manga do paletó estava meio arregaçada. O homem não fazia um movimento como se não estivesse sentindo dor e não escorria sangue, apenas o globo ocular ficava, às vezes, cheio de sangue, que o Fritz limpava com um algodão.

O Dulmar segurava as pálpebras. Eu, minha senhora e o Márcio, situados atrás do doente que expunha os olhos para o alto, com a cabeça fletida para trás de modo a encontrar a nuca, víamos tudo perfeitamente. Embora operação simples, era impressionante pelo modo como era feita.

O Fritz, em meio à operação, dirigiu algumas palavras em alemão ao Dulmar.

Observamos isso também como **uma prova de identificação** — porque só se dirigiu a ele **em alemão** e a nenhum de nós que **não sabemos o alemão.**

De vez em quando perguntava ao Dulmar:

— Isso é hipnotismo? Vocês (médicos) são todos uns burros! Não crêem em Deus, não crêem em nada!

A tesourinha de cortar unhas era introduzida brutalmente nos cantos do globo ocular e manejada no sentido de cortar os **pterígeos** ali existentes. Em breve, estava tudo limpo nos dois olhos. Fritz limpou os olhos do enfermo com algodão e falou:

— Pronto, **véio** sem vergonha! não tem mais nada!

O homem se levantou.

O Fritz retirou-se voltando ao quartinho do receituário.

Nosso grupo ficou ali ainda sob o impacto da surpresa.

O Márcio Cattoni exclamou para nós em voz baixa:

— Para mim, não precisa mais nada. Estou satisfeito!

Acrescentou o Dulmar:

— Bem, a operação que ele fez também é realizada pelos médicos, comumente. **O que me impressionou,** porém, **foram as condições em que opera e os instrumentos.**

Evidentemente, apesar da distância e do tom de voz, o espírito **ouvia** tudo, porque quase instantaneamente saiu do quarto e retornou ao nosso meio. Carinhosamente apertou o Márcio com os braços, pelas costas e disse:

— Meu filho, para você eu farei tudo. Quando houver alguma operação importante mandarei avisá-lo em Belo Horizonte!

O Dulmar, é claro, ficou meio desapontado. A promessa era uma agressão direta à sua dureza profissional.

* * *

Fritz chamou um outro homem e apresentou-o ao Dulmar.

— Drr., colega! Você que é médico, examine esse doente. Foi **operrado.**

Faça o diagnóstico.

O homem possuía uma série de **pelotas** em todo o sistema nervoso ou nos gânglios.

O Dulmar examinou e deu o nome da doença. Enfermidade grave. Na altura do ombro, no braço direito, havia sido operado e fora retirada uma daquelas bolas (de carne, provavelmente, ou sebo, não sei). Deveria ter tido uns dez ou oito centímetros de diâmetro, em vista do buraco que ficara.

O Dulmar abriu-o com os dedos e vimos uma cavidade absolutamente limpa.

O Dr. Dulmar Garcia admirou-se da perfeição e declarou que estava bem feita.

Fritz riu aprovadoramente.

— Continuaremos a operá-lo devagar. Cada dia, uma ou duas. Há muita gente para ser operada, temos que atender a todos.

O Dr. Dulmar, ainda admirado, falou ao Fritz:

— Em toda a Alemanha só existe um homem capaz de fazer esse tipo de operação... — e citou famoso médico alemão.

O Espírito tornou a sorrir sugestivamente.

Estava claro que o Dr. Dulmar Garcia estava realmente admirado e surpreendido.

Mandou o Fritz que o doente voltasse às seis horas da tarde para ser operado em nossa presença.

Depois disso, prosseguiu o seu trabalho. O homem, infelizmente, talvez assustado, não voltou para a operação. Disseram-nos que já estava ali há alguns dias e resolvera ir até a sua casa, que ficava em cidade próxima.

Observamos muita gente operada dos olhos ou possuidores de curativos denunciando sob eles uma operação. Todos bem, todos satisfeitos, todos cheios de fé.

* * *

À noite, estávamos de novo na casa do Arigó, a **quem fomos apresentados.**

Isto é importante, porque pela manhã, embora houvéssemos ficado ali de oito horas a meio dia, só **estivemos**, praticamente, com o Fritz.

O médium não nos conhecia. Relatamos-lhe os acontecimentos.

Personalidade completamente diferente do Fritz. Humilde, simples, linguagem de homem do interior, olhar transparente.

Ficamos conversando até tarde. Contou-nos casos, brincou e riu.

Era ele e o Fritz dois mundos completamente diferentes.

26

Depois

Voltamos a Congonhas tempos depois.

Acompanhavam-nos alguns amigos da Fraternidade, entre eles: Jair Soares e João Cabetti.

Entramos para uma pequena sala, na casa do Arigó, esta porém, na frente, onde havia umas quarentas ou cinqüenta pessoas. Cômodo lotado, mal se podia ficar em pé.

Para ajudar a vibração, o Cabetti, que é músico, resolveu, com outros companheiros, cantar uns hinos.

Não demorou e o Fritz apareceu, feliz, e declarou que estava satisfeitíssimo, afirmando que gostava imensamente de música. Aproveitou o ambiente para operar um homem, operação dos olhos. Iniciou o trabalho em nossa presença, no mesmo sistema. O Cabetti, tão crua era a realidade, começou a sentir-se mal. Pediu para se retirar, pois empalidecera e estava na iminência de desmaiar.

O Fritz brincou com ele, dizendo que era "mole" e permitiu que saísse.

* * *

Os companheiros da Fraternidade cantaram hinos e fizeram uma festa para o Fritz.

Foi quando, após fazer um agradecimento aos Grupos da Fraternidade, declarou o Fritz que depois de oito anos de trabalho insano em favor dos doentes é que **estava** sendo

recebido na Terra. **Que naquela hora** é que ele **estava** sendo recebido na **Terra** e pelos Grupos da **Fraternidade**.

Disse que nunca fora recebido pelos homens nem pelos **espíritas**, mas que o Movimento da Fraternidade o recebera.

Teceu palavras elogiosas ao Movimento que era dirigido, do Alto, diretamente por Jesus Cristo, que transmitia suas ordens através de numerosas entidades espirituais, entre elas André Luiz, **que dirigia** a OSCAL. Falou com entusiasmo da Cidade da Criança (Cidade da Fraternidade), dizendo que daí há alguns anos levaria o Arigó para viver na Cidade da Criança.

* * *

Mas tarde, quando o Fritz se retirou, o Arigó convidou-nos para uma visita a uma chácara que estava organizando. Ali, conversamos com grande entusiasmo e entendimento, tiramos fotografias juntos em meio a um roseiral que ele nos contou pertencer ao Fritz, que gostava de rosas. Ofereceu-nos laranjas. Como lembrança, fizemos questão de levar uma laranja para cada filho. Presente que conduzimos com carinho e afeição, como um símbolo da simplicidade cristã e do amor de Deus.

* * *

Testemunhas da verdade, consideramo-nos no dever de fazer aqui alguns comentários sobre os acontecimentos relatados neste capítulo, aparentemente tão sem importância.

Parece não ter importância, mas tem, principalmente para nós espíritas-cristãos.

Que estamos vivendo uma hora do mundo cheia de beleza e de tragédia, estamos. Nascemos entre guerras, descobertas prodigiosas, extraordinárias conquistas da ciência, o avanço pelo Cosmos, e o escancaramento das portas do Infinito pela Espiritualidade Maior.

De tudo isso, para nós, o **maior acontecimento** será sempre o do contato e do intercâmbio do Mundo Invisível ou dos Espíritos com os homens. Esse é o maior acontecimento de todos os séculos, após a vinda de Jesus Cristo. Nem antes nem depois de Cristo houve acontecimento maior.

* * *

Durante oito anos, o Fritz, através do médium Arigó, trabalhou anonimamente, curando enfermos, operando criaturas desenganadas pela ciência, praticamente perdidas. Centenas de pessoas iam procurá-los. Os espíritas mantinham-se silenciosos e indiferentes. Aqui ou ali, alguém fazia um comentário ou escrevia um artigo. Somente, porém, após a visita da Caravana da Fraternidade naquele dia memorável, quando o Fritz declarou que estava sendo recebido na Terra, é que o caso Arigó saltou para as colunas dos jornais e ganhou campo na opinião pública num desafio à ciência e à medicina comum. Defensores respeitáveis surgiram de toda a parte.

Aquela visita dos Homens da Fraternidade ao Arigó e ao Fritz era uma retribuição honrosa, pois José Arigó, por ordem do Fritz, comparecera à 3.ª Semana da Fraternidade em junho de 1960 em Belo Horizonte, tendo se assentado à mesa de trabalhos sob a direção do Presidente da OSCAL, na sede da União Espírita Mineira. Posteriormente determinou o Fritz que o Centro Espírita do Arigó, em Congonhas, fosse transformado em Grupo da Fraternidade e chamou o Presidente da OSCAL para que ele fizesse isso, fato que só não se consumou porque elemento de S. Paulo e que fazia parte da diretoria do Centro, inexplicavelmente se opôs, criando um ambiente de difícil entendimento.

Realmente, esses fatos demonstram a ligação espiritual existente entre o Arigó e a Fraternidade, entre o Fritz e o Movimento que já se alastra por todo o Brasil.

* * *

A afirmação do médium, agora famoso, de que o Movimento da Fraternidade, reproduzindo palavras do Fritz, é dirigido por Nosso Senhor Jesus Cristo, além de ser da mais alta importância é também da maior gravidade. Consagra a Fraternidade no plano terrestre. A declaração de que André Luiz, "o médico, cientista e escritor que todos conhecem", conforme entrevista a Jorge Rizzini, para aqueles que confiam em sua mediunidade é a identificação do respeitável espírito que dirige a OSCAL no plano espiritual mais próximo da Terra.

Outras conclusões interessantes poderão ser tiradas pelos leitores leais, sinceros, honestos e libertados.

"O espírito sopra onde quer" — ensinou-nos Jesus Cristo. Assim, não há privilégios. Ninguém é proprietário dos espíritos. Não são governados pelos homens nem por seus caprichos. Representam, isto sim, as forças da Espiritualidade Maior dirigida à Terra para Redenção do Mundo.

ENTREVISTA DE FRITZ ATRAVÉS DO MÉDIUM JOSÉ ARIGÓ A JORGE RIZZINI SOBRE A CIDADE DA FRATERNIDADE

Jorge Rizzini, escritor conhecido, entrevistou o Espírito do Fritz através do Arigó sobre a Cidade da Criança e que hoje, por motivos explicáveis, tem o nome de Cidade da Fraternidade. Explicamos, rapidamente: havendo o ideal da Cidade de Criança, obra lançada pelos Espíritos Materializados que dirigem o Movimento da Fraternidade e que tem o objetivo de manter 22.000 crianças recolhidas de todo o Brasil numa Cidade que se erguerá no planalto de Goiás, crianças desamparadas e que ali deverão receber instrução, adquirir um ofício ou profissão e uma orientação cristã para enfrentarem, depois, o mundo, havendo, pois, esse ideal despertado a emulação de outras agremiações, especialmente Católicas, em pouco tempo apareceram quatro obras diferentes apresentando o mesmo nome. A fim de evitar dúvida, propôs a Fraternidade que essas instituições acrescentassem ao nome que nós já havíamos registrado e que era nosso, mas que concordávamos, por um espírito puramente cristão, que usassem o mesmo nome, já que não queríamos luta nenhuma e muito menos judicial, que acrescentassem apenas o nome da localidade onde estava instalada a sua organização. Assim, ficaria: Cidade da Criança de Santos, por exemplo, Cidade da Criança de Santo André etc. etc. Concordávamos com isso. Não quiseram. Argumentaram, discutiram e muitos até passaram a fazer acusações improcedentes contra a Fraternidade. Para evitar aborrecimentos para todos, a Fraternidade, sob orientação espiritual, mudou o nome para Cidade da Fraternidade, que lembra o nome do Movimento já que o Movimento é **Movimento da Fraternidade.**

Hoje a Cidade da Criança tem o nome de Cidade da Fraternidade. Na época da consulta de Rizzini, ainda se chamava Cidade da Criança.

Com essa explicação que julgamos satisfatória, transcrevemos, abaixo, a entrevista do jornalista.

P — O que acha o senhor da "Cidade da Criança"? perguntamos de início. Será ela uma realidade futura?

R — A **"Cidade da Criança"** faz parte de um grande plano de Jesus a ser realizado na terra! Nada poderá deter sua marcha para a concretização final! As trevas lutarão contra esse plano (e já estão lutando) mas a luz fulgente do Cristo as dissipará, no momento oportuno! A "CIDADE DA CRIANÇA" será uma realização espírita que assombrará o mundo! O vosso mundo e também parte do mundo espiritual, que ainda não acredita na força do Cristo!

P — Pode dizer-nos algo sobre a OSCAL? Organização Social Cristã André Luiz?

R — É uma organização fundada para levar avante a edificação da "CIDADE DA CRIANÇA". Seus atuais diretores foram escolhidos no mundo espiritual — antes de reencarnarem. Para que não falhem nessa sublime missão, porém, deverão ter sempre como assessores criaturas de caráter firme, reto, espíritas convictos de suas responsabilidades dentro da doutrina codificada pelo nosso mestre Allan Kardec — o fervoroso Apóstolo do Cristo!

P — Qual o espírito que comanda o movimento em favor da "CIDADE DA CRIANÇA"?

R — Junto dos senhores, é André Luiz, o eminente médico do espaço. Médico e escritor. Mas, já vos disse, todas as orientações recebidas procedem do Cristo. Ele não ousa fazer nada de importante sem a autorização de Jesus — autorização e proteção! André Luiz trabalha constantemente ao lado dos senhores, ele e uma outra entidade, muito conhecida de todos, mas essa entidade só aparecerá mais tarde...
Há razões para isso evidentemente.

P — E o "Aleijadinho" (Antônio Francisco Lisboa), chefe da grande falange que trabalha com José Arigó, está interessado em nossa obra?

R — Todos nós; e inclusive o Frei Fabiano de Cristo, espírito responsável em nossos trabalhos, pela anestesia dos pacientes e esterilização do instrumental cirúrgico. Nossa falange está interessada, pois sabemos que o Cristo quer ver o plano da "CIDADE DA CRIANÇA" o mais cedo possível em ação. Por isso é que, instruídos pelos espíritos-guias dentro em breve milhares de brasileiros serão levados a colaborar ativamente com a "CIDADE DA CRIANÇA"! O mundo espiritual, sob a luz do Cristo, está com os senhores, e nós não poderíamos ficar indiferentes, embora nosso trabalho seja exclusivamente no setor da medicina.

P — Mais uma pergunta, Dr. Fritz,, insistimos abusando da generosidade do grande espírito. É verdade que o médium José Arigó irá viver mais tarde na "CIDADE DA CRIANÇA"?

R — Sim. Não tenham dúvida! Levaremos nosso médium para a "CIDADE DA CRIANÇA" dentro de uns 20 anos aproximadamente. Eu já afirmei isto por ocasião do lançamento oficial da "CIDADE DA CRIANÇA", em Belo Horizonte. Sempre sob a orientação de Antônio Francisco Lisboa (O Aleijadinho), nossa equipe médica se transportará para lá a fim de tratar da saúde de toda a população infantil. É o que está dentro de nossos planos.

Essa a entrevista obtida por Jorge Rizzini, como jornalista, através do Arigó e concedida pelo Fritz.

Poderíamos comentá-la. Deixaremos, contudo, de fazê-lo e só o faremos se, no futuro, houver necessidade. Por agora, aguardaremos que os espíritas mal informados que combatem, injustamente, o Movimento da Fraternidade, meditem sobre ela.

Apenas alertamos, por um dever de consciência cristã, o seguinte:

Se a equipe espiritual que conduz o Arigó pretende levar o médium para a **Cidade da Fraternidade** e transportar-se, ela mesma, para lá, cremos qual não será a importância que representam a Cidade e o Movimento para a Espiritualidade e para o futuro do Brasil espiritualizado...

AGORA, HÁ POUCOS DIAS...

Nos dias três e quatro de julho de 1965 estivemos em Divinópolis, Minas, numa assembléia da Fraternidade. Ao retornarmos fomos abraçar o Arigó que havia saído da prisão. Queríamos vê-lo e abraçá-lo. Chegando ali, nós e mais quatro companheiros, entre eles o Cabetti, tabelião e músico notável, encontramos já o Fritz incorporado em Arigó realizando o trabalho sacrificial e diário de amparo aos sofredores de toda a parte.

Uma fila enorme era atendida pelo espírito. Humildemente, todos os membros da singela caravana se colocaram na fila, mas ao nos aproximarmos do médium em transe, o Fritz, após atender algumas consultas, suspendeu momentaneamente os trabalhos de receituários para nos receber alegremente. Com espontaneidade e com carinho. Confirmou a exatidão do que fora resolvido em Divinópolis na Assembléia da OSCAL, falou da necessidade imperiosa e urgente das medidas tomadas e acrescentou:

"Os espíritas e os homens, o mundo, não sabem o que é a Fraternidade, não fazem uma idéia da Cidade da Criança! No futuro é que vão ver! É a coisa mais bela que há, e orientada por Jesus!"

Com essas e outras palavras teceu as mais vibrantes palavras em torno do trabalho da Fraternidade em nosso orbe.

Não mudou o Fritz, não alterou o seu conceito sobre a Fraternidade, muito embora os espíritas do Brasil finjam ignorar que a Fraternidade exista e que representa alguma coisa de verdadeiro e de real.

Mas não nos esqueceremos de que nas escrituras também está escrito a respeito de nosso próprio Mestre, Nosso Senhor Jesus Cristo: "a pedra rejeitada pelos edificadores se tornou a pedra angular do edifício"...

FOTOGRAFIA N.º 4 — Buquê de flores oferecido por um espírito materializado, em nome da Espiritualidade, ao GRUPO DA FRATERNIDADE "IRMÃO ALTINO", em Guaratinguetá. Médium Dona Paula.

27

Operando câncer

Da mesma forma que os cientistas tudo registram, tudo anotam, acumulando fatos e conhecimentos científicos que venham servir aos seus estudos e posteriormente à humanidade, e do mesmo modo que o biógrafo zeloso coleciona acontecimentos, passagens interessantes e fatos relativos ao seu biografado, nós também, em nossa humildade e pequenez, relacionamos tudo o que consideramos importante para o Espiritismo-Cristão ou para a Humanidade Terrestre.

Fatos e fenômenos mediúnicos de relevância serão a contribuição mediúnica para o Amanhã.

Os que não viram receberão um pouco de alento, talvez, lendo ou ouvindo o que outros viram. Os que não crêem, poderão vir a interessar-se pelo assunto e estudá-lo mais detidamente. Os que nos combatem terão que estudar e raciocinar mais um pouco para nos combater. Fatos são fatos e diz a velha expressão: "Contra fatos não há argumentos."

É nosso dever guardar tudo o que os espíritos, de boa vontade, transmitiram à Terra. Na realidade, não podemos admitir que todas as demonstrações que com tanto sacrifício fazem sejam apenas para aquela meia dúzia de pessoas que no momento assistiram aos trabalhos espirituais.

* * *

Contou-nos nosso amigo Welson Gonçalves Barbosa, gerente Regional do Banco Federal de Crédito do Estado

de S. Paulo, Prefeito, hoje, de Aguas da Prata, portanto, pessoa de grande idoneidade e responsabilidade, o seguinte:

Há tempos foi a Congonhas do Campo acompanhado de sua esposa. Como toda a gente e como todos os espíritas, desejava ver de perto o Arigó e, se possível, assistir a algum trabalho ou operação.

Nesse dia, encontrou ali três ou quatro médicos de cidades diferentes, de Estados distantes.

Um homem, entre a imensidade de pessoas que consultam o Fritz através do Arigó, viera de longe para consultá-lo.

Tinha câncer e buscava a cura, visto que a medicina comum já o desenganara.

O Dr. Fritz confirmou o diagnóstico: câncer.

Os médicos presentes examinaram o doente. Preparou-se o Fritz para operá-lo. Era caso de operação.

Ali mesmo, no quartinho onde se encontrava, colocados alguns jornais no chão, deitou-se o homem, sem maiores protocolos. No assoalho. Em decúbito ventral.

Uma lata velha de marmelada contendo uma tesoura de cortar unhas e uma pequena faca de cozinha e outra faca menor, eram todo o instrumental.

O solo — a mesa de operação. Aquele quarto onde estava toda a gente — a sala de operações. Os médicos atentos ao que o espírito ia fazer. Naturalmente, todos admirados.

Com punho firme, empunhando a pequena faca, o Dr. Fritz cortou longitudinalmente, na altura do ventre, o corpo do enfermo.

Um corte extenso e, em seguida, o sangue.

— Senhor! eu não querr... sangue! — pediu o Fritz.

Imediatamente o sangue estancou sob o ventre nu do doente.

Como quem enfia a mão na abertura de uma camisa, o Fritz introduziu a mão na abertura do corpo e começou a fazer movimentos interiores com ela. Sob a carne, mergulhada no corpo do enfermo, via-se o desenho da mão que se movimentava incessantemente debaixo da carne.

Parecia procurar alguma coisa com os dedos.

Os médicos acompanhavam atentamente com os olhos o trabalho estranho que o Fritz realizava. Aquilo durou algum tempo. Depois, retirou o Fritz alguma coisa do interior do corpo do operado. Era uma bola (de carne?) cheia de nervuras e **veios**. Numa extremidade era mais pontuda parecendo ter uma espécie de "olho" ou "bico". Do tamanho de uma bola de pingue-pongue.

Na palma da mão estendida, exibiu-a o Fritz aos médicos e pediu-lhes que examinassem.

— Sabem o que é isto? Examinem bem.

Todos examinaram.

Resposta unânime:

— Isso é câncer!

— Vocês todos são "burros!" — retrucou o espírito sem intenção de ofensa.

A medicina da Terra está muito atrasada. **É por isso que "vocês operam e o doente depois morre".**

Isso não é o câncer. Isso é apenas a "bóia do câncer", a "comida do câncer". O câncer alimenta-se disso ou recebe alimento daí. Segure **isso** enquanto eu acho o **câncer verdadeiro.**

Dizendo essas palavras, mergulhou de novo a mão através da carne do enfermo e passou a fazer novos movimentos circulares com os dedos. Demorou também bastante tempo. Afinal, retirou a mão trazendo nos dedos uma espécie de **tripa** fina, **como um cordão,** de uns quinze centímetros de comprimento. Essa tripa, que era branca, movimentava-se por si mesma como se fosse uma minhoca. Parecia ter vida. Segurou-a o Fritz na ponta dos dedos, estendeu-a para os médicos e declarou solenemente:

— Este é o câncer! Conhecem? Já viram alguma vez isto?

Assombrados, os médicos da ciência do mundo disseram que nunca tinham visto coisa igual.

— Pois é isto que mata o doente. Vocês operam a "bóia do câncer" e deixam lá dentro o verdadeiro câncer que em seguida destrói o enfermo.

Este é que é o câncer.

Passou o Fritz a dar uma verdadeira aula de cancerologia àqueles médicos que ali estavam vencidos pela evidência dos fatos.

— Levem para estudar nos laboratórios — ofereceu o Fritz. Estudem.

E deu-lhes o material.

No chão, o doente na mais absoluta consciência assistia à conversa com a barriga aberta.

Fritz voltou-se para ele. Com a mão direita reuniu os dois lados da carne cortada e uniu-a encostando-a uma na outra como quem fecha o corte. Lentamente foi alisando com os dedos para baixo e para cima, ao mesmo tempo que fazia uma prece a Jesus implorando que fechasse o corte. Em breve, ante a admiração profunda de todos, a carne ligou-se à carne. O tecido como por encanto se reconstituiu e apenas um sinal longitudinal, reto, surgiu no ventre recém-fechado como prova de que havia sido aberto.

Estava suturado.

Fritz deu uma batida alegre, com a mão, na barriga do doente.

— Pode ir embora, não tem mais nada. Levante e dê uns pulos.

O enfermo levantou-se. Deu dois pulos.

Os médicos examinaram-no. Tudo perfeito.

A Mão de Deus, através dos homens perecíveis, fechara o ventre entreaberto. A Medicina, representada ali por homens respeitáveis, assistira a um dos mais impressionantes fenômenos de todos os tempos.

Se fosse na Idade Média, Arigó seria levado à fogueira.

Ouvimos, então, na acústica da alma, a Voz de Cristo, imutável, eterna, que nos fala, tentando arrastar-nos do materialismo para a Luz:

— A ciência dos homens será confundida...

Porque a ciência dos homens — é tolice aos olhos de Deus.

FOTOGRAFIA N.º 5 — ARIGÓ PRESO — Isso mostra como a Ciência brasileira e a Justiça do Brasil têm encarado os maravilhosos fenômenos da mediunidade. Na Inglaterra, a mediunidade foi declarada de utilidade pública pelo Parlamento...

28

Otília Diogo

Foi logo após o escândalo de Uberaba. Havíamos escrito um folheto defendendo a mediunidade e estudando os fenômenos realizados através da mediunidade de Otília Diogo.

O choque fora tremendo no meio espírita. Parecia a muita gente que o edifício viria abaixo e que nada mais restaria do Espiritismo. Sabíamos que isso não aconteceria porque a Doutrina dos Espíritos assenta-se sobre fundamentos eternos e que a Verdade que liberta é a porta libertadora...

A Livraria Allan Kardec iniciara a distribuição do pequeno trabalho, colaboração humilde de quem ama a verdade.

Recebemos uma comunicação do Lino:

— A Otília estará em nossa casa no dia X e iremos realizar uma reunião com ela, gostaríamos que você estivesse presente. Vocês venham. Traga a Arlete e mais alguém que julgar conveniente. Às sete horas estejam aqui...

Aceitamos o convite. Era uma oportunidade de ver de perto a médium.

Chegamos na hora aprazada.

O Edmur é bom violinista e a Orquídea, exímia pianista. Um, tocava no Municipal e na Rádio Record e a outra andou se preparando para dar concertos. Amigos da casa, há anos vínhamos pedindo ao Edmur que tocasse uma peça completa para nós e o Edmur, sempre bonachão, risonho e feliz como uma criança, prometia atender-nos oportunamente.

Fomos apresentados a Dona Otília e ao marido. A médium, humilde e simples, de uma simplicidade cheia de ternura e delicadeza, apesar da flagrante falta de qualquer instrução. O marido, pessoa que já havíamos conhecido há anos passados e que só naquele momento ficávamos sabendo ser o companheiro dela.

Algumas outras pessoas os acompanhavam. Um médico e a esposa. Procuramos entrar em contacto mais íntimo com a médium e sentamo-nos a seu lado, passando a conversar cordialmente com ela. Perguntamos, informamo-nos, comentamos os acontecimentos, rimos com as novidades, com a perseguição e com a ignorância demonstrada pelos jornalistas de "O Cruzeiro".

Lembramo-nos, então, de pedir ao Edmur o cumprimento de sua velha promessa musical.

— Edmur, seria ótima oportunidade de você me pagar a sua conta tocando aquele concerto que você me prometeu, não acha? Seria uma bela preparação do ambiente!

O Edmur, risonho e feliz, tomou o violino e convidou a Orquídea para o piano. Em seguida, na simplicidade familiar, fomos ouvindo os acordes maravilhosos da Sonata ao Luar, da Reverie de Schumann, de Mendelssohn, e de alguns dos mais célebres clássicos do mundo... O Edmur tocava e comovia-se. Comovia-se e chorava... Nossas almas buscaram as alturas, nossos corações voltaram-se para as coisas do Paraíso, do espírito...

A beleza da música, o sentimento dos artistas, a pureza daquela hora, tudo nos conduzia a Deus...

Súbito, Dona Carmem, esposa do Edmur, veio dizer à Orquídea que a menina estava com febre alta, quase quarenta graus...

A música interrompeu-se e Dona Carmem sugeriu:

— Será que Dona Otília não poderia dar um passe na menina?

A médium concordou imediatamente. Não havia preparação alguma, estávamos ouvindo música e de repente surge a oportunidade. A casa é de sobrado, a criança, sobrinha da Orquídea, estava em cima, na cama.

Dona Otília subiu, Dona Carmem, a Orquídea mais alguém e nós.

A médium entrou no quarto e dirigiu-se para a criança. A luz do quarto talvez fosse luz de abajur ou uma luz vermelha, o corredor estava com a luz comum acesa.

Com simplicidade, sem qualquer encenação. Otília iniciou o passe na presença de todos. Quase instantaneamente

o quarto e em seguida todo o corredor foram invadidos por um cheiro forte, mas terrivelmente forte de clorofórmio. Uma pessoa murmurou:

— É o Dr. Veloso. Quando ele vem traz sempre clorofórmio.

Tudo ficou impregnado de clorofórmio.

Meio tomada ou tomada inteira, Otília Diogo aplicava o passe na criança. Nossas narinas ardiam ainda ao influxo daquele cheiro fortíssimo quando uma onda de perfume de flores, de rosas, percorreu a casa com intensidade.

— Irmã Josepha! — exclamaram.

Senti de novo a presença real dos espíritos. O clorofórmio estava no ar, mas foi lentamente sendo substituído pelo perfume, de tal maneira que em pouco tempo só havia perfume de flores. O clorofórmio havia desaparecido.

Logo depois, Otília encerrou o passe.

Embriagados pelas flores do Além ficamos sob aquela suave impressão do Paraíso. Parecia-nos que um anjo do Senhor visitara-nos na simplicidade daquele lar.

Não se materializara nenhum espírito, mas havia ocorrido um fenómeno formidável, interessante e difícil de se explicar. Não era só o fato de sentirmos cheiro de clorofórmio e perfume de flores. Importante, notável, era a substituição do clorofórmio por perfumes de flores e o **desaparecimento total** do cheiro de clorofórmio do ambiente.

Isto é que queremos perguntar: é fácil realizar essa façanha? Pode o clorofórmio espalhado numa sala, num corredor, num quarto, com aquela intensidade ser substituído por um perfume qualquer e logo, em alguns instantes, desaparecer completamente? Fica a resposta aos leitores. Se quiserem, em suas casas poderão experimentar. Derramem bastante clorofórmio no ambiente e em seguida perfume. Vejam o resultado que dá. É tão fácil, tão simples...

* * *

Depois disso, tivemos uma reunião com a médium, num centro espírita.

As condições, do nosso ponto de vista, não eram ideais. Muita gente, ninguém para orientar, frestas de luz por todos os lados, o telhado cheio de gretas... Mas a reunião se realizou assim mesmo. Médium fortemente manietada na cadeira, apavorada com o tumulto. Fomos lá quase na hora

de começar, dentro da cabina, e enquanto nosso irmão Cabetti assumia corajosamente a direção dos trabalhos, pelo menos para convidar o pessoal a uma prece e a alguns comentários evangélicos reajustadores, aplicamos passes em Otília. Falamos-lhe brandamente que não tivesse medo, que tudo correria bem etc. etc. Acalmou-se, e ao retornarmos ao nosso lugar, na assistência, passamos a ouvir gemidos lancinantes de Otília, dolorosos, pungentes, de quem está sofrendo dores inomináveis

Não demorou e sob uma luz vermelha, bem no canto da parede, materializou-se Irmã Josepha. A vozinha singela do espírito repetia incessantemente "Viva Jesus!". A luz vermelha apagava-se e acendia-se. Com isso, rápido, muito rápido mesmo, via-se a figura de Josepha. Não era um fenômeno capaz de satisfazer criaturas que assistiram a outros fenômenos com outros médiuns. Não tinha aquela nitidez e permanência dos fenômenos pelo médium Peixotinho em seus áureos tempos. Mas a freira estava materializada. Não havia nela a luz que inundava o ambiente nos fenômenos do grande médium, mas ali estava a imortalidade.

De repente, naquele recinto com sessenta pessoas, voltamos a sentir o cheiro de clorofórmio, intenso, terrivelmente intenso, inundando todas as coisas.

Muitos gritavam:

— Dr. Veloso! —

E de fato, sob a luz vermelha, por um momento, parece que o espírito se materializou e não demorou, o clorofórmio foi substituído pelo intensíssimo perfume de rosas ou de flores. Suave, delicado, impregnando o ar como um bálsamo.

— Irmã Josepha! — murmuram vozes.

Sentimos aquele perfume como quem sente o perfume dos jardins do Paraíso, e lembramo-nos das rosas brancas da lira de Davi...

Por diversas vezes enquanto os espíritos se apresentaram materializados dizendo "Viva Jesus" aqui fora, Otília Diogo gemia lancinantemente...

São fatos que apontamos e que salientamos. Clorofórmio substituído por perfumes e espíritos que se materializam enquanto o médium geme...

Fenômenos realizados numa casa particular sem qualquer preparação, sem qualquer reunião espírita e os mesmos fenômenos realizados num centro espírita com sessenta pes-

soas. Espírito no salão, falando, e médium na cabina, gemendo... Terminado o passe ou a **reunião, na médium,** em seu corpo ou em sua roupa nada que denunciasse a presença de qualquer perfume ou de clorofórmio... "Ainda que eu andasse no Vale da sombra e da morte, nada temeria, porque Tu estás comigo!"

Essas são as palavras célebres do Rei Davi no Salmo vinte e três.

Em verdade, todos nós deveríamos repeti-las em todas as horas de nossa vida, nós que nos declaramos cristãos e filhos de Deus. Eis que o Senhor vem até nós e nos fala através dos espíritos e porque, na dureza de nossos corações, não ouvimos a Sua Voz, não nos levantamos da nossa decadência moral e não ressurgimos para a Luz?

OTÍLIA DIOGO E MIRABELLI

Publicamos aqui, para estudo do leitor, as fotografias de número 6 e 7, respectivamente, do célebre médium OTÍLIA DIOGO e de MIRABELLI.

A finalidade é de mostrar a semelhança absoluta que existe no tipo de matéria que constitui o ectoplasma que aparece nas duas fotografias, com o médium OTÍLIA e com o médium MIRABELLI. Vê-se que a contextura do ectoplasma é a mesma. Nas fotografias tiradas com médiuns europeus também o tipo do ectoplasma é o mesmo. Parece um tecido a escorrer fartamente pelas narinas ou pelos ouvidos dos médiuns e às vezes pela nuca. A mobilidade do ectoplasma, que sai e entra como se animado de vida própria é fato constatado normalmente.

Em nosso livro a ser publicado em breve, "TEORIA E PRÁTICA DAS MATERIALIZAÇÕES", estudamos detidamente o assunto, procurando esclarecê-lo de acordo com os conhecimentos que já adquirimos. Tivemos em nossas mãos durante muito tempo um pedaço de ectoplasma fornecido pelos espíritos e embora fotografado pareça um tecido áspero semelhante às vezes ao filó e outras a uma entretela, quando retirada uma parte é mais parecido com **papel de seda esfarelado.** Completamente diferente de tudo o que já vimos na terra. Essa é a idéia mais aproximada que podemos dar, tendo em vista a linguagem que possuímos no mundo.

FOTOGRAFIA N.º 6 — OTÍLIA DIOGO em transe, escorre-lhe o ectoplasma fartamente pelas narinas e ouvidos. Comparar esta fotografia com a fotografia n.º 7, na qual se vê o médium Mirabelli em transe apresentando-se o ectoplasma escorrendo-lhe do ouvido e da nuca nas mesmas condições.

FOTOGRAFIA N.º 7 — Médium MIRABELLI em transe. O ectoplasma escorre-lhe pelo ouvido e pela nuca. Comparar com a fotografia n.º 6, OTÍLIA DIOGO.

29

Pesagem das pessoas

(Testemunho de Henrique Magalhães)

Havíamos pedido a diversas pessoas que nos enviassem uma exposição dos trabalhos mais importantes, do ponto de vista de cada um, que houvessem, durante aqueles anos, assistido no **André Luiz.** Acreditávamos que seria interessante uma obra que reunisse vinte e cinco testemunhos de pessoas idôneas e que seriam comentados por nós. Todos os que foram convocados demonstraram boa vontade, apenas lamentavam não ser escritores ou não ter domínio suficiente do português para aparecer em livro. Este temor natural não conseguimos vencer nessas criaturas, por isso não puderam nos enviar nada. Prometeram, mas, evidentemente, não se arriscaram... Humano, muito humano. Uma delas, professor e escritor espírita, foi sincero e disse que "também iria escrever um livro sobre o mesmo assunto..."

Consideramos também natural.

Jaks Aboab, porém, e Henrique Magalhães compareceram.

Aqui estampamos na íntegra o que Henrique viu de importante do seu ponto de vista pessoal, assim como a seguir um caso contado pelo Jaks e que foi o que mais o impressionou. O nosso critério, cremos que era razoável: não desejávamos que repetissem o que já havíamos descrito em **Materializações Luminosas,** mas desejávamos que relatassem fatos que nós não havíamos descrito ou que houvessem ocorrido numa ocasião em que não estávamos ali.

Este do Henrique é interessante porque nós não o abordamos da maneira por que ele o fez, no citado livro. Presidente da Casa da Mãe Pobre, instituição respeitável do Rio de Janeiro e amigo fiel do nosso coração, a presença de Henrique, ainda que por um momento só, nesta obra, é motivo de intensa alegria cristã para nós.

Eis a descrição e as observações judiciosas de Henrique Magalhães, na íntegra, como ele as escreveu e conforme original manuscrito que temos à nossa frente:

Pesagem das pessoas

Um dos fenômenos que reputo importante, testemunhado no P. E. André Luiz, é o caso das pesagens.

Logo que ingressei no Grupo verifiquei que todas as pessoas, ou quase todas, se pesavam em balança decimal. Ninguém, todavia, tomava nota das pesagens. Deduzi, então, não só por esse como outros motivos que os assistentes, em sua simplicidade, não ligavam ao fato científico, atendo-se exclusivamente aos trabalhos de curas, ou seja, beneficiar o próximo.

Este fato, longe de ser uma crítica aos companheiros, demonstra, ao contrário, a virtude que presidia aqueles trabalhos, ou seja, a modéstia, a simplicidade e o amor demonstrado ao próximo.

Em realidade e como testemunho à verdade, testemunhei, naquele Grupo, um ambiente de paz e fraternidade dificilmente encontrado noutros Grupos espíritas. O amor sem mácula norteava aquela assembléia.

Curioso que sempre fui de analisar as coisas, dei-me pressa em dirigir os trabalhos de pesagem, aguçado ainda mais meu espírito de pesquisa quando vários companheiros afirmaram que um dos médiuns perdeu, em certa reunião, 3 quilos em seu peso normal. Deduzi daí que a criatura se enfraqueceria em pouco, e então me informaram os outros irmãos que durante a semana seguinte às reuniões os médiuns recuperavam o peso perdido.

Como São Tomé comecei então a analisar.

Durante os meses que procedi às pesagens não constatei em ninguém perca de peso daquele vulto, todavia dou meu testemunho — o que aliás passei para papéis, pois, em cada reunião, escrevia em uma folha de papel o peso das criaturas, antes e depois das reuniões. É pena tenham

extraviado essas anotações, ou talvez estejam guardadas em local de que não me lembro mais — de que entre 250 e 1.500 gramas todos ou quase todos os assistentes perdiam peso, salvo as pessoas enfermas ou enfraquecidas. Estas, ao contrário, ganhavam. Eu, por exemplo, em determinada ocasião em que minha saúde se ressentia entrei na reunião com 51 quilos e ao terminar esta, a balança acusou 51,500 gramas. É bom frisar que nesse período de tempo nada comi nem tampouco bebi água.

Este fenômeno que reputo natural repetiu-se em outras pessoas, mas sempre em aquelas que estavam positivamente enfermas ou enfraquecidas. Penso que é natural o fenômeno, repito, porque está perfeitamente enquadrado no motivo principal das ditas reuniões, ou seja, o alívio e cura de nossos irmãos.

Todos os estudiosos do magnetismo sabem que a criatura que deseja beneficiar o seu próximo expele, de si mesma, células orgânicas, quer seja pelo passe magnético ou em uma reunião, com o só poder de sua vontade, com o auxílio — é lógico, dos espíritos superiores. Temos por certo, portanto, que os guias daquelas reuniões extraiam as células dos assistentes que tinham saúde — fazendo do recinto, naqueles momentos, um verdadeiro laboratório de transmissão de energias, psíquicas e orgânicas.

E daí o motivo dos companheiros em não se ocuparem exclusivamente do fato científico, mas se aterem mais ao motivo principal que as congregava, ou seja, curar ou aliviar os seus irmãos em humanidade.

HENRIQUE MAGALHÃES

1.ª REUNIÃO

De efeitos físicos no G. André Luiz — Rio

1.ª sessão desses trabalhos em que fui beneficiado.

Achava-me, ao fundo do salão, deitado em um banco-cama, improvisado.

Após o início dos trabalhos, como de costume, e depois de beneficiar alguns outros enfermos, aproximou-se de mim espírito feminino. No escuro, só via no ar uma coisa vermelha, do tamanho de um punho fechado, movendo-se em minha direção. Chegando perto vi — porque de seu tórax desprendia-se alguma luz, a ponto de vislumbrar duas tran-

ças, que caíam no peito — abaixo até a cintura — uma senhora — Scheilla, com o dito aparelho na mão. Colocou-o em minha testa, na altura do coração, no epigástrio. Deu-me passes.

Em dado momento o citado aparelho apagou-se. Escutei, então, o sopro do espírito e o dito aparelho voltou a espalhar a luz vermelho-escuro em torno, seguindo o espírito em demanda de outras pessoas a quem beneficiou.

2.ª REUNIÃO

São feitas duas operações em uma só reunião, sendo que uma sinusite e uma apendicite.

Desta vez colocaram-me em cima de alta mesa, próximo ao taipado que separava o local do médium.

Perto de mim — talvez a 60 cm, e em sentido paralelo achava-se outra cama, bem mais baixa do que o local onde me encontrava, estando deitada, nessa cama, a Srta. Lais Teixeira Dias, irmã da Lenice.

De começo materializou-se o espírito do Dr. Fritz — desencarnado na guerra 939-45 em Berlim.

Saindo da cabina, alto e espadaudo, talvez 1,85 m, em contraste com a altura do médium — talvez 1,50 m, sendo que este, magro, mais parecendo um jóquei e aquele tendo o tórax e todo o busto volumoso. Vestia uma espécie de casaco, cuja cor, até os ombros e cintura, era de um branco cor de neve, emitindo luz toda a substância desse traje. À cabeça, um gorro do mesmo material.

Trazia na mão um aparelho branco como as vestes, da largura de uma pulseira de uns 3 cm, e com a mesma conformação desses enfeites, o qual se dobrava, de acordo com os contornos dos locais onde era aplicado.

De início foi aplicado o aparelho em vários enfermos. Após voltou à cabina, o que fez por mais umas 3 vezes no decurso da reunião, parece-me que era para atrair novas quantidades de ectoplasma.

Saindo dirigiu-se em minha direção. Como eu estivesse deitado de costas, e, por conseguinte, os pés voltados para o teto, em linha vertical, segurou-me um dos pés, e abanou-o.

Este detalhe é interessante, do ponto de vista científico.

A seguir colocou-me o já citado aparelho branco em cima da testa, no tórax etc.

Um detalhe interessante.

Sofria eu, naquela altura, de velha sinusite. Anunciaram os espíritos, certa vez, que aguardavam que o médium estivesse em bom estado de saúde para poderem transportar da América do Norte certo aparelho, que me ia beneficiar. Era imprescindível, para o sucesso, que o ambiente fosse bom, o que só podia se conseguir quando as visitas diminuíam, ou melhor ainda, se não fossem nenhumas.

Nessa mesma noite que estou descrevendo — em 1950 — introduziram em minhas narinas dois fios grossos, mais parecendo tubos de vidro esbranquiçado.

Este fenômeno foi presenciado por companheiro que se achava sentado junto à mesa onde me deitara, justamente do lado da cabeça, em posição admirável de observação. No final da sessão, um tanto apreensivo perguntou-me:

— Sentiu muitas dores?

— Por quê? — inquiri.

— Falou-me, então, da introdução dos dois estiletes em minhas narinas, contando o caso com pormenores.

— Nada me dói — respondi.

O caso mais interessante, porém, é que no dia seguinte senti uma dor fina pelo nariz a fora até a testa, desde que acordei.

À tarde foi diminuindo até desaparecer.

Tenho a firme convicção de que fui anestesiado naquele local.

Dias depois esqueci a sinusite e só me lembrei, novamente do caso, meses após.

A sinusite, com a graça de Deus e aquela aplicação, tinha sido curada!...

Após fazer-me aquela milagrosa aplicação, o Dr. Fritz — em espírito, materializado, é bom frisar — voltou-se para a Srta. Lais Teixeira Dias.

Essa moça entrou na reunião coxeando. É que uma apendicite em estado agudo a atormentava. Tinha sido avisada, com bastante antecedência que seria operada quando houvesse bom ambiente e o médium gozasse relativa saúde.

— Se não for operada hoje — declarou a moça, me farei operar amanhã ou depois por médico da terra. Não agüento mais! — acrescentou.

A Srta. Lais, como citei atrás, achava-se deitada em cama, colocada em sentido paralelo da mesa onde me encontrava

deitado. Como essa cama era bem mais baixa do que a mesa onde me apoiava estava eu em ótimas condições para tudo averiguar.

Deixando-me, o espírito Fritz voltou-se para o outro lado, sem sair do lugar, e começou seu trabalho junto à paciente.

De início tirou uma radiografia do apêndice, mostrou-o à irmã da enferma — Srta. Lenice, estudante de Medicina, já no 4.º ano, e também à professora Maria Amélia, que se achava junta, mais ou menos a 2 metros do local — desmaterializando, em seguida, a radiografia.

A seguir deitou mãos à obra. Introduziu o já citado aparelho branco, por uma abertura da saia, bem em cima do abdome. A claridade do aparelho traspassava o tecido, clareando uns 30 cm o ambiente em torno.

De momento a momento o médico do espaço apertava um dispositivo do aparelho e este, de branquíssimo que era, virava, momentaneamente, a um vermelho vivo. Nesses momentos irradiava uma chama bastante clara que iluminava tudo em redor, talvez na distância de um metro. Vi, com absoluta clareza, então, o rosto do espectro, um tanto disforme, como outros que tenho observado em fotografias. No momento em que se operava esse fenômeno partia um chiado bem acentuado do dito aparelho. Suponho ser alguma mola do delicado mecanismo, para modificar seu funcionamento naqueles momentos.

Daí a instantes o médico desencarnado exibia à estudante de Medicina, já acima citada, e à professora Maria Amélia o "apendicite", presa a um barbante que o espírito segurava entre as duas mãos.

Depois que elas a observaram, com absoluta nitidez, como declararam, no fim da reunião, o espírito desmaterializou à vista dos presentes o material extraído da apendicite.

A seguir falou o mesmo médico do espaço, dando instruções.

— Adquiram um recipiente, encham-no de álcool para em operações futuras colocarmos o material extraído das operações.

Na terça-feira da outra semana, ou seja, 7 dias após sofreu essa paciente outro tratamento, ficando radicalmente curada.

Declarou mais tarde essa moça que em cima do apêndice ficou uma arranhadura, bem visível, por uns dias, desaparecendo por fim.

HENRIQUE MAGALHÃES

3.ª REUNIÃO

Tinha recebido de um membro da Comissão do Congresso E. Pan Americano (Cepa) pedido para que o Presidente desse Congresso, Dr. Luiz Postiglione, médico de renome na Argentina, fisiologista, tomasse parte, com mais um casal de companheiros, em uma das reuniões de efeitos físicos.

Esse médico comunicava-se comigo por cartas, pedindo concurso para a Revista que ele ajudava a dirigir "Constancia", em Buenos Aires, e como lhe enviei, certa feita, um artigo a propósito das reuniões no André Luiz nasceu nele aquele desejo.

Transmiti o pedido à Diretoria do Grupo e o Dr. Ranieri, seu Presidente, assentiu, com prazer.

Nessa reunião os companheiros colocaram-me no fim do salão, bem junto à cabina do médium. Como a passagem para a cabina era larga fiquei encostado à parede. Parte do meu corpo estava do lado do salão e a outra no recinto da cabina. Dessa forma eu podia ver o médium e os espíritos, ao mesmo tempo, em sentido relativo, embora devido à escuridão.

Em certo momento, porém, um espírito chamou-me mais para dentro da cabina e revelou-me de viva voz que eles, espíritos, haviam produzido 4 mãos de parafina e um pé de criança. Como o espírito emitia luz própria e achava-se perto do médium — este deitado — pude distinguir com perfeita clareza os dois, isto é, o espírito, em pé, falando comigo, e o médium, deitado.

Das 4 mãos produzidas uma tinham-lhe quebrado um dedo, as outras estavam perfeitas, sendo que duas achavam-se entrelaçadas, isto é, eram as mãos de um mesmo espírito e os dedos, entrelaçados uns com os outros.

Sugeri, então, ao Presidente do Grupo fizéssemos presentes desse material ao médico argentino, ao que o mesmo, depois de combinar com os companheiros de Diretoria, assentiu, com grande júbilo daquele irmão.

Nessa mesma ocasião houve a distribuição pelos espíritos de cravos brancos às senhoras e vermelhos aos homens.

HENRIQUE MAGALHÃES

NOTA — Reproduzimos aqui as descrições de Henrique Magalhães como ele nos enviou, inclusive respeitando **rigorosamente** a sua ortografia, como os leitores observaram. Henrique Magalhães ainda tinha pronunciado sotaque português e escrevia como aí está.

COMENTÁRIOS

1.º) Interessante considerar-se que no caso das pesagens descritas por Henrique, havia uma diminuição de peso dos assistentes e um aumento de peso dos enfermos. O médium perdia mais peso.

Fato extraordinário como comprovação da realidade dos fenômenos. Ninguém pode aumentar o próprio peso ou diminuí-lo na hora ou no momento que desejar.

Fato físico incontestável. Ninguém também consegue **alucinar** uma balança. Cremos que aqui todas as argumentações dos sofistas modernos se destroem.

2.º) Na segunda reunião descrita, observou Henrique Magalhães um fato importante: o aparecimento de um espírito "alto espaduado (espadaudo) talvez 1,85 m, sendo que traste com a altura do médium — talvez 1,50 m, sendo que este, magro, mais parecendo um jóquei e aquele tendo o tórax e todo o busto volumoso".

Conclusão: não havia possibilidade de confusão entre médium e espírito nem o médium poderia fingir um físico que não possuía.

Fala ainda ele na cura de uma sinusite de que era portador Testemunho pessoal de grande valor. A descrição da operação da Lais concorda com o que nós vimos e que vem descrito no MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS.

3.º) Na terceira reunião, descreve Henrique Magalhães o fato interessante já exposto por nós no **Materializações** no qual os espíritos **no escuro** deram **cravos brancos** às mulheres e **cravos vermelhos** aos homens, sem terem cometido um só engano. O mais notável, porém, desse capítulo é a afirmativa de Henrique de que colocado entre a cabina

e o salão **via o médium e os espíritos ao mesmo tempo.** Sabemos que os espíritos pelo Peixotinho materializavam-se iluminados e que a luz deles iluminava o recinto, embora no caso citado dos cravos eles tenham feito a distribuição sem estarem iluminados e tudo em completa escuridão. Ora, entrando na cabina e dela saindo a cada momento, estando iluminados e, portanto, iluminando a cabina, era fácil a Henrique Magalhães vê-los ao mesmo tempo. Prova insofismável.

30

Rosa de luz

Atendendo o nosso pedido, assim como Henrique Magalhães, Jaks Aboab, o grande pregador do Evangelho, judeu de nascimento, cristão de profundos sentimentos, talvez o mais amoroso dos evangelistas que conhecemos, alma cheia de encantos e de alegria, coração sofredor e espírito de grandeza insuspeitada, relatou-nos na singeleza da sua palavra amiga e na fulguração do seu entusiasmo o fato que passamos a narrar.

Com o médium Peixotinho na cabina, reuniram-se na Escola Jesus-Cristo, em Campos, onde orientava o notável orador espírita-cristão Clóvis Tavares.

Reunião numerosa. Muita gente.

Iniciados os trabalhos, logo surgiu Nina Arueira, espírito de ordem superior. Materializada totalmente, Nina era uma presença de luz entre os homens. Produziu um "estalido" assim que entrou, um som estranho ao mesmo tempo que tocava o teto e fez aparecer "milagrosamente" uma rosa **enorme**, "Rose La France" — luminosa, cor **vermelho-rubra**, vivo.

A rosa ficou ali no ar. A Nina saiu, desapareceu, e os assistentes verificaram que a rosa começou a mudar de cor: passou para grená, depois a lilás claro, após lilás escuro e finalmente roxo, e manteve-se assim. Surpreendidos, ficaram extáticos. O fato era novo, diferente e jamais relatado em qualquer parte. Ainda estavam surpresos quando a Nina voltou toda iluminada, como uma lâmpada humana, luminosa e bela.

Voltou e disse-lhes que **eles é que haviam feito aquilo à rosa, com as suas vibrações.**

Numa voz doce e pungente perguntou-lhes:

— Por que deixastes apagar a luz que a rosa desprendia? Seria acaso efeito dos vossos pensamentos, das vossas vibrações, que, cambiantes, deram tonalidades que caracterizam os vossos corações? Por certo chegastes aqui mais pela curiosidade do fenômeno do que mesmo pela realidade da Doutrina Espírita.

E em seguida tornou a levantar o braço reanimando outra vez a rosa que retomou a luminosidade, refletindo o vermelho vivo como na primeira vez.

2.º FATO

Na noite de um sábado do ano de 1947, no André Luiz, Rua Moncorvo Filho, 27 — Rio, manifestava-se a Scheilla — materializada, falando com sotaque alemão, luminosa, muito bonita. Presentes, entre outros assistentes, a Maria Amélia, travou esta com a Scheilla um pequeno diálogo e em meio dele dissera-lhe que colocaria um lencinho de seda a ela pertencente dentro de uma caixinha bem fechada **pedindo-lhe para que sobre o lenço deixasse algumas palavras carinhosas como lembrança.** Após alguns minutos a Scheilla voltou declarando à Maria Amélia perante a assistência que considerando o seu pedido levaria o lenço com ela para o Além, não podendo naquela noite devolvê-lo. Que aguardaria uma oportunidade quando se materializaria outra vez para devolvê-lo.

* * *

Algum tempo após, numa sessão na Escola Jesus-Cristo de Campos, apareceu a Scheilla trazendo o lencinho perfumado com o lembrete pedido.

O que causou surpresa porque ao levá-lo teve que desmaterializá-lo para tempos depois, em lugar diferente, rematerializá-lo ao fazer a entrega à Maria Amélia.

* * *

Esses os casos que o nosso Jaks recordou verbalmente para nós e que mais o impressionaram além daqueles que havíamos descrito no **"Materializações Luminosas"**.

Evidentemente, aí, há material para muita meditação dos leitores. Aparentemente simples, como as histórias de Jesus, irradiam no entanto uma alta sabedoria. A absorção realizada pela rosa que perdia a cor ao receber os sentimentos, os pensamentos e as vibrações das criaturas que assistiam aos trabalhos abre-nos um campo novo no problema da imortalidade da alma. O retorno à vida espiritual se torna motivo de responsabilidade muito grande de nossa parte. A existência, no plano espiritual, de aparelhos que medirão o que pensamos, o que sentimos e como vibramos modificará, por certo, os nossos velhos conceitos de vida eterna. Note-se que essa reunião foi anterior a certas obras de André Luiz recebidas pelo Chico, ou melhor, ocorreu justamente no mesmo ano que o Chico recebeu o livro LIBERTAÇÃO, que também descreve um aparelho seletor dessa natureza.

Vigiar os nossos pensamentos, corrigir os nossos sentimentos para ampliar e melhorar as nossas vibrações, eis um roteiro para toda uma vida.

Eis o Reino de Deus entre os homens. Quem planta colhe e quem dá recebe. "Em verdade vos digo, disse Jesus, aquele que for o menor no Reino da Terra será o maior no Reino dos Céus." "No Reino de Deus, João é um dos menores."

É preciso dizer mais? Creio que não.

31

Na casa de Erasto

Dilermando Reis, o grande violonista brasileiro, intérprete notável de maravilhosas músicas, autor de outras tantas, conhecido por toda a parte, é de Guaratinguetá. Aqui se encontra toda a sua família e foi aqui que iniciou os seus exercícios de violão, que o tornariam famoso. Ocupado com as suas responsabilidades, perdido no turbilhão da vida humana, de quando em quando reaparece para ver a família. No ano de mil novecentos e sessenta e quatro tivemos notícia de que Erasto estava morrendo. A cidade inteira foi surpreendida com a notícia, pois Erasto Reis, irmão de Dilermando, era tabelião do Forum, muito conhecido e considerado. Presidente do Centro Espírita "Diogenes de Medeiros" passara a vida realizando o bem e ensinando a verdade. Modesto, sisudo, simples, era uma alma pura. Grande violonista também, afirmando alguns que melhor até que o Dilermando, deixou-se, contudo, ficar no interior, dedicado à pobreza, ao invés de procurar as capitais que lhe dariam a glória. Tocava para os amigos e vizinhos ou para si mesmo. Em vão insistira Dilermando por levá-lo para as grandes estações de rádio ou televisão. Vida de pureza, de bondade e de renúncia.

Agora morria Erasto Reis.

Dirigimo-nos para a casa de Erasto. Tínhamos relações de amizade com ele e gostaríamos de vê-lo antes de partir. Chegamos à casa modesta dele e fomos recebido pelos irmãos e pelas irmãs. Entre eles, Dilermando Reis. Estavam agitados, aflitos, e queriam contar-nos alguma coisa de excep-

cional, de estranho. No quarto, Erasto agonizava. Respiração difícil, olhar fixo, a mão batendo sem parar, levantando-se e abaixando, às vezes, gemidos profundos. Tinha a morte no rosto.

Não havia dúvida, Erasto morria.

Dilermando, impressionado, contou-nos.

— Doutor, veja o que nos aconteceu há poucos momentos: o Erasto estava, como o senhor está vendo, agonizante. Eu sentado aos pés da cama, observava-o permanentemente. Meus irmãos à volta. De repente começou o Erasto a falar em italiano conosco. Ele nunca na vida falou italiano ou outra língua qualquer que não fosse o português. Falava italiano e adquiriu uma personalidade completamente diferente. Pareceu-nos de repente que ficara forte, cheio de saúde. E logo desejou levantar-se da cama. Procurei ampará-lo pelos braços porque sabia que ele estava em extrema fraqueza, pois durante todo o dia quando nos pedia água tínhamos que dar-lhe o copo na boca porque não dispunha de forças para segurá-lo com a mão. No entanto, afastou-nos com gesto brusco, como quem está senhor de si mesmo e levantou-se da cama. Ficamos assombrados. Era um cadáver que se levantava do túmulo, além da morte. Levantou-se sempre falando em italiano e começou a contar fatos relativos à nossa infância, minha e do Erasto. Rindo, falou-me ainda do meu último disco que acabara de ser gravado nos estúdios e que não era do conhecimento de ninguém, dizendo que alcançaria grande sucesso. Enquanto dizia tudo isso, caminhava com passo firme, seguro, pela sala e foi até a cozinha beber água. Bebeu-a e voltou conversando.

Todos nós estávamos abismados. Era impressionante! Ele continuava falando sem parar o italiano com voz e sotaque perfeitos, com ênfase, com entusiasmo. De improviso, perguntou-me: "você não está me conhecendo, não sabe quem sou eu?"

Ficamos sem saber o que responder quando ele alegremente esclareceu:

— Eu sou Humberto Panuzzo! Amigo de vocês desde a infância. Ensinei-lhes música, não se lembram?

Aí então foi que me lembrei do Humberto Panuzzo! Era ele; sim, era ele!

A voz, a expressão, o gesto, tudo! Naturalmente, preocupados com o estado do Erasto, não nos recordamos de imediato do homem que nos falava.

Humberto fora nosso amigo e gostava de música. Convivera conosco e sempre foi um entusiasta das nossas possibilidades. Voltara do mundo da morte para receber Erasto e dera-nos a prova da imortalidade.

Depois disso, Panuzzo, no corpo de Erasto, conduziu este para a cama.

Deitou-se no leito e de repente, ante os nossos olhos assombrados, Erasto, que alguns momentos antes falava entusiasmado e vibrante o italiano, retornou à sua agonia. Saiu Humberto e a agonia de Erasto retomou o fio da meada no lugar em que havia cessado para permitir que o espírito falasse!

Os mesmos gemidos, a mesma respiração ofegante, os mesmos olhos fixos!"

* * *

Dilermando Reis terminou o pequeno relato e as irmãs e os irmãos acrescentaram alguns comentários, todos eles corroborando os fatos narrados por ele.

Sentimos no ambiente aquela impressão do sobrenatural que domina as criaturas quando se vêem diante de um fato irrefutável do Além. Humberto Panuzzo voltara de verdade dos reinos da morte para dizer aos amigos da sua sobrevivência e da sua imortalidade.

Permanecemos ali conversando com Dilermando e com seus irmãos por uma ou duas horas. Erasto sempre em agonia. Olhos vidrados, perdidos no espaço. Depois, nos despedimos. No dia seguinte, recebemos a notícia que Erasto estava morto.

Voltamos à casa do Erasto. Dilermando recebeu-nos e todos os irmãos nos rodearam para contar os últimos acontecimentos. As razões provavelmente eram simples: outro irmão do Erasto, Massiste dos Reis, trabalha sob nossa direção, e criou-se por outro lado a idéia de que nós entendemos um pouco de Espiritismo. Sabem que somos interessados em fatos que provam a imortalidade e que estudamos de preferência esse setor do mundo fenomênico do plano espiritual. Nada, pois, de admirar que nos contassem tudo e que trocassem idéias conosco.

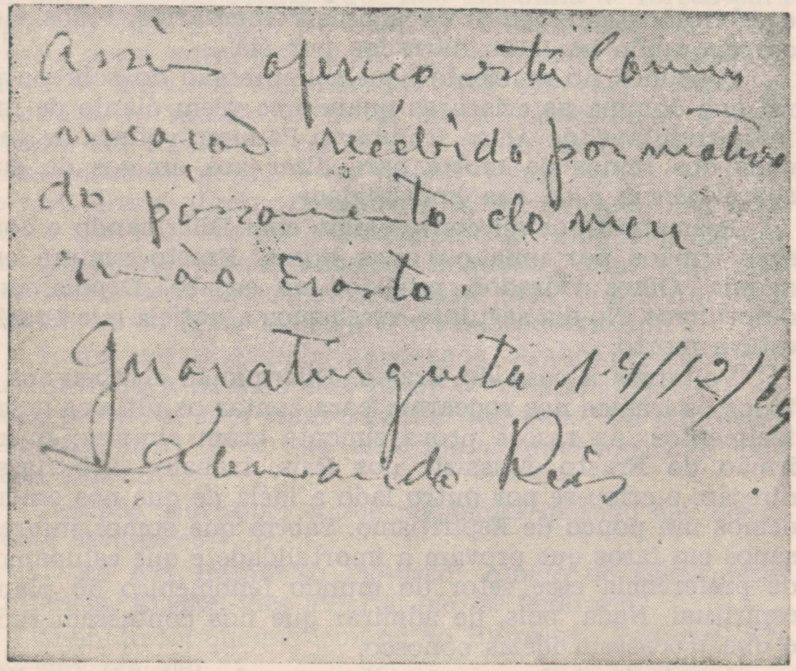
Acontecia ainda que na noite precendente havíamos dito a eles: tarde da noite quando o quarto de Erasto estiver vazio e ele sozinho ou quase sozinho, morrerá. E isso, realmente, aconteceu. Por isso, talvez, vieram até nós.

Outro fato extraordinário havia ocorrido e desejavam me pôr a par da situação. Tão interessante o fenômeno que pedi ao Dilermando Reis que me relatasse por escrito e, ele, delicado, relatou o acontecimento do próprio punho, como se segue e que deixamos de reproduzir em **fac-símile** na totalidade pelas dificuldades e encarecimento da obra.

COMUNICAÇÃO DADA

No entanto, no final, reproduzimos em clichê o pequeno trecho que encerra a peça com a assinatura do Dilermando Reis.

Transcrevemos, porém, na íntegra, embora em letras de imprensa, a exposição do grande músico, como se vê adiante:



FOTOGRAFIA N.º 8 — Fotografia do final da declaração de próprio punho feita pelo grande violonista DILERMANDO REIS, relatando os fatos extraordinários ocorridos na morte de seu irmão ERASTO.

COMUNICAÇÃO DADA POR "MADRE SILVA" EM 10 DE DEZEMBRO DE 1964

Este fato aconteceu na residência do meu irmão falecido aos 35 minutos do dia 12-12-64 na Rua Frincisco Santos Reis em Guaratinguetá.

Estávamos fazendo uma prece, para que o meu inesquecível irmão não sofresse muito, dada a moléstia que o vitimou "hipertensão maligna de fundo renal" quando Dona Sebastiana, médium que sempre trabalhou em companhia do meu irmão Erasto no centro espírita "Diogenes de Medeiros", sito na Rua Francisca Santos Reis, 695, foi tomada por "Madre Silva", que fez as seguintes declarações:

"Meus irmãos.

A vida é eterna, o nosso irmão Erasto precisa se desprender da matéria e os vossos pensamentos devem ser elevados a Deus e pedir com muita fé que nosso irmão compreenda que é dado o momento de sua passagem.

Vós não estais ajudando devido o carinho e o bem que vós os dedica.

É preciso compreender que ele está a caminho de Jesus porque este é o caminho da verdade e da luz.

Vamos orar para que ele que bem conhece a doutrina do mestre possa fazer sua passagem tranqüila."

Seguindo na sua comunicação ela disse: "eu trouxe um buquê de rosas brancas para conservar-lhes em vossos corações."

A seguir fez o gesto de entrega das rosas para eu e meus irmãos que estavam presentes sentissem o perfume delas. Daí a segundos todos sentiram o adorável perfume das rosas brancas que Madre Silva nos ofertava.

Eu confesso, fui o último a sentir. E como havia notado no olhar dos meus irmãos a admiração pelo que se passava disse: Eu não estou sentindo.

Ao acabar de pronunciar estas palavras senti como se estivesse com um vaporizador perfumando o meu rosto. Que perfume adorável senti naquele momento. O quarto ficou impregnado do perfume das rosas brancas.

Logo a seguir, antes de se despedir Madre Silva que deve ser de nacionalidade espanhola ou castelhana dada a sua pronúncia, agradeceu a presença do meu irmão do espaço de nome Humberto Panuzzo que estava manifestado no meu irmão Erasto que estava doente e dizia ser amigo

deste, pois meu irmão desde a manhã do dia 10-12-64 só falava em italiano sendo que meu irmão nunca falou outra língua a não ser portuguesa o que causou espanto a todos meus irmãos presentes e os amigos que o visitaram. Dizendo que fizéssemos muitas preces para meu irmão Erasto e que ela também não o deixaria enquanto ele não fizesse a passagem e resando um "Pai Nosso" e uma "Ave Maria" se despediu dizendo Graças a Deus, Graças a Deus.

Nota — Esta foi uma das muitas comunicações recebidas no dia 10-12-64 pois meu irmão apesar de estar quase em agonia falou em italiano o dia todo de 10 de dezembro de 1964 para entrar em coma no dia seguinte às 15 horas da tarde.

Assim ofereço esta comunicação recebida por motivo do passamento do meu irmão Erasto.

Guaratinguetá, 14-12-1964

Dilermando Reis

Eis a comunicação transcrita e, como vimos, os comentários intermediários de Dilermando Reis, na sua simplicidade e naturalidade. Conservamos-lhe a grafia e o modo de expressar-se para não roubar-lhe a pureza de linguagem e de sentimento.

Massiste, o outro irmão, acrescentou ainda um outro fato sugestivo.

Disse ele que no dia em que Erasto morreu, ou seja, na noite anterior, todos cansados, procuraram descansar um pouco, sentando-se nos cômodos contíguos ou recostando-se nas camas. A agonia de Erasto mantinha sempre o mesmo ritmo. Este Massiste, então, foi o único que permaneceu à sua cabeceira sem despregar-lhe os olhos de cima. Em determinado momento, espantado, notou uma luz que se formara no peito de Erasto, enorme, entre o coração e o estômago. Essa luz começou a flutuar esparramando-se uns quatro dedos acima do corpo dele. O quarto, que estava na semi-escuridão, clareou. Aquilo durou alguns instantes e, de repente, tudo sumiu. Erasto estava morto.

* * *

O leitor inteligente já percebeu a soma fabulosa de fatos que encerra este caso. Notável sob todos os títulos. Primeiro: o testemunho de um grande músico, virtuose do violão, conhecido em todo o Brasil. Figura de destaque no mundo artístico de nosso país. Segundo: os fenômenos de natureza física que acompanharam a morte de seu irmão. Havia nos contado ainda Dilermando que no princípio da semana levara o irmão para consultar especialista no Rio e este lhe dissera: olhe, eu vou morrer no sábado e quero que você esteja lá. Disse e repetiu isso por diversas vezes. Para Dilermando, embora Erasto tivesse uma doença considerada grave, não o julgara às portas da morte, por isso não lhe deu grande atenção. Feitos os exames, verificou-se que o caso dele era grave mesmo e nada mais havia a fazer. Erasto insistia na sua afirmativa de que morreria no sábado e que Dilermando deveria ir a Guaratinguetá para se despedir dele.

Retornou ao seu lar nas vésperas de morrer e chamou os filhos. Um filho e uma filha e, carinhosamente, lhes disse: ao menino: **você é a minha vida.** E à menina: **você é o meu amor.**

Abraçando-os fez recomendações para depois que ele não estivesse mais na Terra.

Erasto não estava na cama. Estava andando. Não estava agonizando, ainda estava aparentemente bem.

Realmente, no sábado veio a morrer. No sábado, como ele dissera.

Note-se que Erasto não ficou sabendo que o seu estado era gravíssimo.

Ninguém lhe contou a verdade sobre o resultado dos exames, mas ele tinha certeza de que morreria no sábado. E morreu.

* * *

Assim temos:

1) Erasto quase cadáver, agonizando, recebe o espírito de Humberto Panuzzo, amigo velho dos tempos de menino, que, incorporado nele, faz com que durante o dia todo fale italiano e finalmente levanta-o da cama, vai até a cozinha, atravessando toda a sala, sempre conversndo, rindo, entusiasmado, e volta para deixá-lo no leito e entregá-lo de novo à sua agonia. Onde já se ouviu falar a respeito de um caso como esse?

2) Madre Silva, uma outra entidade, enquanto Panuzzo incorporado, falava italiano, transmite palavras de conforto à família de Erasto e distribui flores invisíveis, rosas brancas, que, no entanto, espargem extraordinário e sutil perfume que inundava toda a casa.

3) Erasto prevê com muitos dias de antecedência a sua morte, marca o dia, mesmo contra a opinião dos familiares que não crêem que isso venha a ocorrer, e despede-se de seu filhos comovida e comovedoramente e de toda a família.

4) Erasto não conhecia outra língua a não ser o português e não havia possibilidade de simular uma tal comédia, se não fosse realidade. O homem agonizava e não dispunha de força para erguer até aos lábios um pouco dágua.

5) Nós assistimos à sua agonia, vimos os seus olhos fixos e contemplamos a sua magreza e o seu extremo abatimento.

6) Panuzzo assumindo o comando da inteligência, do organismo e das derradeiras possibilidades orgânicas de Erasto, dando-lhe nova vida e vivacidade, prova-nos que o espírito é que realmente conduz o corpo e que o corpo só morre porque a alma já o abandonou.

Lembra-nos tudo isso as palavras de Paulo, o Apóstolo: "se o grão não cair na terra, fica só, mas se cair dará muito fruto". Assim somos nós.

É preciso morrer no mundo para renascer nas esferas espirituais, como disse o suave Francisco de Assis: **É morrendo que se nasce para a vida eterna.**

32

O Marajá de Kapurtala

O médium Bello tornou-se em certa época muito conhecido no Brasil.

Célebre pela célebre operação de Pindamonhangaba que teve enorme repercussão por toda a parte. Pela sua mediunidade foi feita uma operação de apendicite comprovada pelos médicos com chapas radiológicas **antes** e **depois da operação.** Grandes discussões travaram-se na imprensa brasileira à volta da operação e o médium Bello viu-se de uma hora para outra em todas as manchetes dos jornais.

Por ele se realizaram numerosas materializações de espíritos. Depois, como tudo neste mundo, o silêncio caiu sobre o médium que passou a viver uma vida obscura e esquecida.

Nós, que de uma certa forma, iniciamos uma carreira de historiador das coisas dos espíritos já que estamos recolhendo há mais de vinte anos material de natureza espiritual, interessamo-nos pelo Bello, de quem nos tornamos amigos, independentemente de qualquer problema mediúnico.

Boa pessoa, prestativo, residente em nossa região, dedicado ao comércio e produção do mel de abelhas à margem da Dutra, acabamos bons amigos.

Procurei estudar a sua mediunidade e tive esperança mesmo de que viesse a reviver. Conclui pela inutilidade da tentativa. Não voltará mais a ser o que foi. Conta-se a respeito dele muita coisa, apontam-se outras. Nós, no entanto, só encontramos nele sinceridade.

Ansioso por estudar mediunidade e mediunidade de todos pedimos ao Bello o material que ele possuía para aprendermos e usarmos, se fosse o caso. Encontramos a fotografia do

FOTOGRAFIA N.º 9 — O MARAJÁ DE KAPURTALA. Fotografia batida à luz do dia, às 9 (nove horas da manhã), pelo Dr. JOSÉ RIBEIRO DE CARVALHO, então diretor médico da Cooperativa de Cotia e revelada por ele mesmo. Vê-se a face do Marajá atrás do conhecido médium Francisco Antunes BELLO.

Marajá de Kapurtala, que publicamos neste livro (fotografia). Trabalho extraordinário.

E dizemos **extraordinário** pelo seguinte: fotografia batida por um médico respeitável que era o Dr. José Ribeiro de Carvalho e às nove horas da manhã, dia claro. (1)

O médium Bello sentado a uma mesa. Aparece atrás dele uma figura que foi identificada como sendo o Marajá de Kapurtala pelo Sr. Dr. Raul Guizard.

Segundo as notas que temos em mãos são estas as indicações da fotografia: "Fotografia tirada à luz do dia, às nove horas da manhã em 1948, servindo como médium Francisco Antunes Bello. Batidas 95 (noventa e cinco) chapas seguidas com intervalos de 8 dias de uma para outra com concentração à qual estavam presentes — Dr. José Ribeiro de Carvalho, que tirou a fotografia, médico-cirurgião da Cooperativa Agrícola de Cotia; Jarbas Ganborge, industrial; Dr. Raul Guizar, figura muito conhecida na região; Francisco Cipriano, Osvaldo Pereira de Oliveira, inspetor da Guarda Civil. Máquina Roleiflex. O Espírito foi identificado pelo Dr. Raul Guizard como sendo o Marajá de Kapurtala".

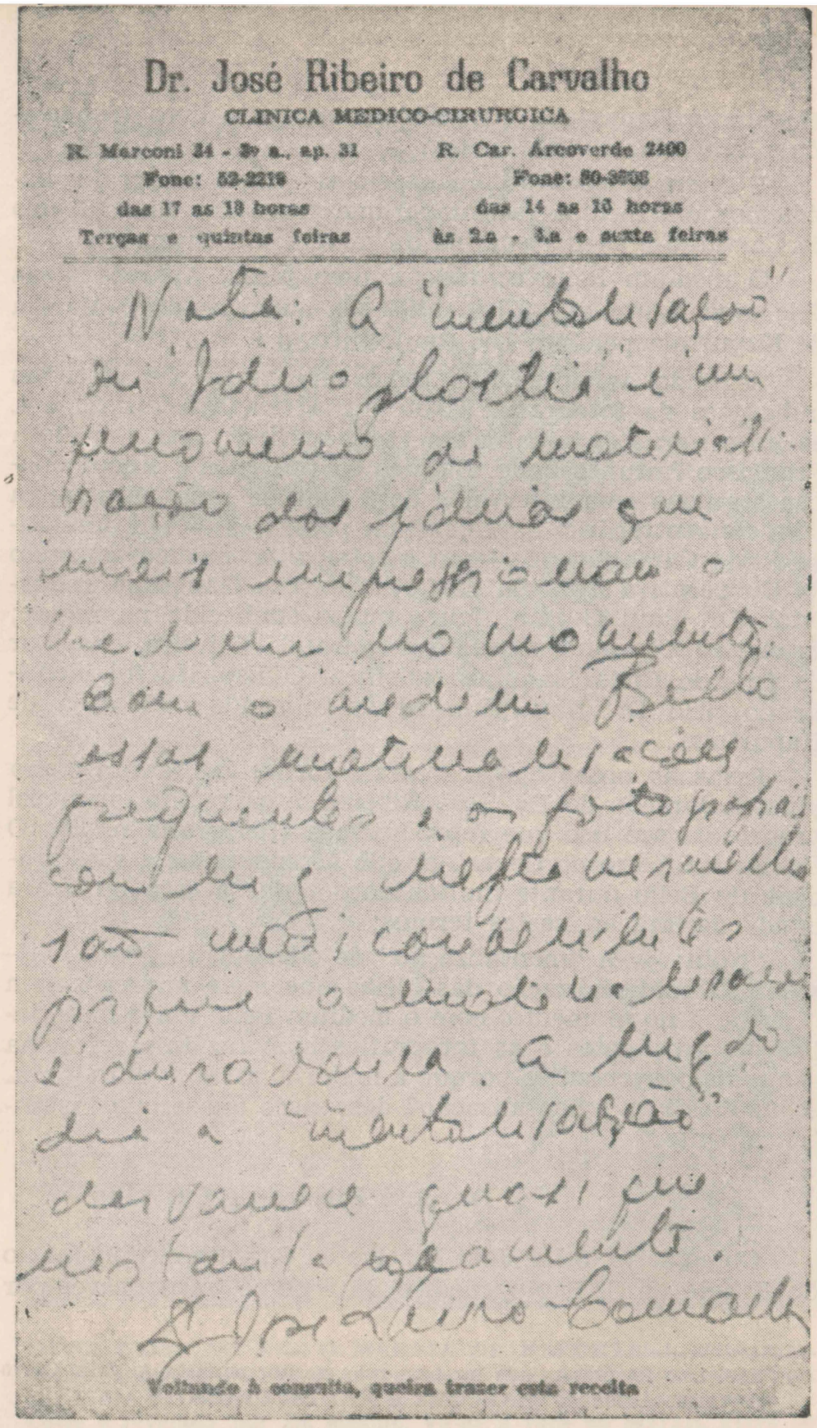
Essas as notas que me foram fornecidas, assim como uma declaração do Dr. José Ribeiro de Carvalho em papel próprio de seu uso que reproduzimos (fotografia n.º 9). O Dr. José Ribeiro de Carvalho, que acompanhou a mediunidade do Bello durante muitos anos e que a estudou, fez a citada declaração nestes termos:

"Nota: — A "mentalização" de odeoplastia é um fenômeno de materialização das idéias que mais impressionam o médium no momento: com o médium Bello essas materializações freqüentes e as fotografias com luz infravermelha são mais convenientes porque a materialização é duradoura. À luz do dia a "mentalização" desvanece quase que instantaneamente."

Dr. José Ribeiro de Carvalho

Como se vê, o Dr. José Ribeiro de Carvalho, funcionário do Estado de S. Paulo, médico de renome, responsável por

(1) Este fato foi presenciado também pelo escritor paulista Antônio Olavo Pereira, autor de MARCORÉ e FIO DE PRUMO.



Dr. José Ribeiro de Carvalho

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

R. Marconi 34 - 3º a., ap. 31 — Fone: 52-2219 — das 17 as 19 horas — Terças e quintas feiras

R. Car. Arcoverde 2400 — Fone: 80-3808 — das 14 as 16 horas — às 2.a - 4.a e sexta feiras

Nota: A "mentalização" ou "Idéoplastia" é um fenômeno de materialização dos ideias que mais impressionam o médium no momento. Com o médium Bello essas materializações frequentes e as fotografias com luz neste vermelho são mais convenientes porque a materialização é duradoura. A luz do dia a "mentalização" desvanece quasi que instantaneamente.

Dr. José Ribeiro Carvalho

Voltando à consulta, queira trazer esta receita

FOTOGRAFIA N.º 10 — Fotocópia da declaração e parecer do médico Dr. José Ribeiro de Carvalho sobre o fenômeno produzido pelo médium BELLO e que ele fotografou, conforme se vê na fotografia n.º 9 — O Marajá de Kapurtala.

uma grande cooperativa Agrícola do Estado, considerava essas fotografias com o Bello apenas "mentalização" e não materialização ou fotografias de espíritos. Cria ele que o médium **pensava** e a máquina fotografava esse pensamento que no caso era a imagem pensada. Assim, **consciente ou inconscientemente** pensara o Bello no Marajá e este, ato contínuo, fora fotografado.

A ser verdadeira esta conclusão do Dr. José, cremos que mesmo assim é um fato notável porque fica comprovada a fotografia do pensamento à luz do dia!

Note-se que o Dr. José não duvidou um só instante da honestidade do médium. Não disse que era mistificação ou coisa parecida. Acreditava firmemente na sinceridade do Bello e na realidade dos fenômenos por seu intermédio, somente afirmava que nesses casos era "mentalização".

Evidentemente, não caberá a nós discutir a sua interpretação porque ele acompanhou o médium de perto durante longos anos e conhecia profundamente a sua mediunidade. Cabe-nos, porém, assinalar a importância do fato, a beleza da fotografia, e recolher o material precioso que poderia se perder. O leitor julgará e concluirá por si mesmo.

33

Três meninas no biombo

Galeno dos Santos foi por muitos anos diretor do André Luiz. Homem rijo, de moral dura, incapaz de aceitar como verdadeiro o que fosse falso.

Dirigiu por muito tempo os trabalhos mediúnicos do Grupo e controlou com mão de ferro a mediunidade explosiva do Peixotinho.

Conversando com ele, certa vez, lhe perguntamos quais os fenômenos, com o Peixotinho, entre todos, que mais o impressionaram.

Contou-nos diversos. Alguns nós também havíamos assistido. Outros não. Entendemos, todavia, que o que se segue, além dos que assistiu conosco, e que nós não conhecíamos, foi o mais interessante: a materialização de três meninas sobre o biombo que separava a cabina no Grupo André Luiz.

Fato simples, sem grandes aparatos, mas sugestivo e probante.

A **cabina do André Luiz** era separada por um biombo, japonês, de madeira fina, pouco mais alto do que um homem bem alto.

Como sempre, Peixotinho na cabina.

Diz-nos o Galeno que, de repente, foram-se materializando três figuras, uma após as outras, sobre o biombo de madeira. A espessura da madeira não tinha mais que cinco centímetros. Pois sobre essa espessura é que as figuras se equilibravam.

Surpresos, verificaram todos que eram três meninas, no alto, no espaço, ali, à vista de todos. Deram-se as mãos e começaram a fazer roda e a cantar, em suas vozesinhas infantis, lindas canções espirituais. Eram belas e impressionantes. Rodavam e cantavam, cantavam e rodavam como se fossem crianças da Terra.

Impressionado, Galeno meditou na importância do fato: eram três criaturas materializadas ao mesmo tempo, movimentando-se sobre um frágil biombo, cantando e bailando, o que afastava qualquer idéia de mistificação. Como poderia o médium fingir que era três ao mesmo tempo, cantar em três vozes diferentes e bailar no espaço?

— O fenômeno durou muito tempo. Não sabia precisar quanto, mas foi muito tempo. A eternidade da vida dançava ali aos meus olhos atônitos.

E o seu pensamento, naturalmente, era arrastado à Palestina a fim de relembrar as palavras do Mestre: "Deixai vir a Mim as criancinhas porque delas é o Reino dos Céus."

Quando os homens se tornarem simples como as crianças, cheios do amor de Deus, aí virá a redenção do Mundo.

34

A morte de Alberto de Barros

Quando cheguei em Cachoeira Paulista, a primeira visita que recebi foi de Alberto de Barros e Segesfredo Marcondes.

Mal tínhamos acabado de instalar a Delegacia no prédio novo e ainda estávamos respirando o ar puro da janela do sobrado, numa paisagem nova, quando os dois surgiram irradiando modéstia e entendimento.

Conversamos com alegria e daí nasceu uma profunda e perfeita amizade.

Abriram-nos as portas de suas casas de par em par, como se recebessem um velho amigo. Entramos. E eles entraram em nosso coração para sempre.

Durante quase dois anos gozamos da convivência de Alberto de Barros, ouvindo-lhe a palavra ponderada e serena, compreendendo-lhe os pontos de vista, admirando o carinho e o escrúpulo com que tratava de todas as questões.

Alberto era um estudioso e um sentimental.

Espírita convicto, zelava pela integridade da Doutrina e fazia questão absoluta de que o exemplo confirmasse a teoria.

Amigo de seus amigos e mais amigo ainda daqueles que não aceitavam o seu modo de pensar.

À inteligência ativa, arguta, aliava ele a delicadeza de um espírito superior.

Sempre lhe dizíamos que em outra encarnação, em existência passada, deveria ter sido inglês. A mesma ponderação dos filhos da velha Inglaterra marcava as suas virtudes.

É inegável que se tornara no correr dos anos figura preeminente não só entre os espíritas de Cachoeira, mas também entre os seus concidadãos. Viamos-lhe sempre a casa cheia de pessoas que iam ouvir-lhe os conselhos e orientações em assuntos os mais diversos. Espirituais, educativos, familiares ou comerciais. E o Alberto estudava detidamente o caso e dava o seu parecer honesto, sincero, cheio daquela vontade profunda de ajudar. Tinha o dom da simpatia humana. Ninguém que conversasse com ele uma só vez, uma só que fosse, deixaria de admirá-lo para o resto da vida.

Gostava de servir. Nos últimos dias de sua permanência entre nós ainda se preocupava intensamente com a oficialização pela Câmara Municipal de Cachoeira do Hino escrito por Vidinho e musicado pelo Nélson Lorena.

Julgava-se no dever de trabalhar para que esse fato se concretizasse.

Eram o carinho para com o amigo desaparecido tragicamente e a afeição pela cidade que o recebera como segunda mãe.

Vivia **por dentro** os problemas de Cachoeira e muita gente boa lia os discursos que o Alberto escrevia, em solenidades cívicas da cidade.

Procuravam-no ansiosos a fim de que ele redigisse o que deveriam falar.

Pela boca das mocinhas e dos rapazes do ginásio e da Escola Normal ou pela voz já cansada de homens mais velhos, o Alberto se espalhava pela terra benfazeja e bendita de Cachoeira Paulista, e, anônimo, amigo, despretensioso.

Quando vim de S. João de Boa Vista, o Dr. Marzagão Barbuto me entregou uma lista de pessoas de Cachoeira que mereciam a sua amizade ou o seu respeito e entre eles estava o Alberto.

Criaturas de outras religiões gostavam de conversar com ele. Jamais disse uma palavra de desrespeito à crença alheia. Todavia, o quanto era íntegra, firme, inabalável a sua crença no Espiritismo!

Espírita convicto com a fé alicerçada nos fatos, no estudo e no exemplo, foi o roteiro de algumas gerações.

Nos últimos dias estava escrevendo as suas memórias. Dizia-me assim:

"Ranieri, isto não é um livro que estou escrevendo, não tenho capacidade para escrever um livro. São algumas notas

que escrevo para os meus filhos." Quanta modéstia! E que ternura quando afirmava que aquilo tudo que estava revivendo no papel era uma lembrança de si mesmo aos filhos amados que ficavam no mundo!

* * *

Foi na noite de Santo Antônio, santo que Alberto admirava e amava. Encontramos o Nélson na rua e ele nos disse:

— Não sei... mas estou cismado com esta noite. Penso que o Alberto não passará de hoje.

— Temos a mesma impressão... Mas não estava passando bem, hoje?

— Estava — respondeu pensativo o Músico de Cachoeira —, mas não sei não, **uma coisa** me diz que hoje termina tudo.

Acostumado à imortalidade e habituado a conversar com os espíritos, a morte não nos assusta, mas iríamos sentir a ausência física do amigo que partia. Assim, ficava em nossa alma aquele perfume dolorido da saudade antecipada.

Entramos. A sala estava cheia. Todos sentados à volta da mesa.

Naquelas noites, espontaneamente, sem que alguém houvesse combinado, os amigos iam-se reunindo e todos os dias aparecia mais gente.

Chegavam e sentavam. Liam-se páginas espirituais e cantavam-se hinos.

Faziam-se comentários em torno do Evangelho de Cristo. E havia em tudo uma vibração sagrada espargida talvez de esferas mais elevadas.

Sentíamos entre nós as sombras de outros amigos que estavam no outro lado da vida. E a palavra do Mundo Maior, às vezes, se manifestava através da mediunidade singela de algumas irmãs.

Via-se que estávamos sendo preparados para deixar o amigo e companheiro. E naquela noite, enquanto cantávamos hinos espirituais, alguém viu o espírito do Alberto no meio da sala.

Mas o **Alberto de carne e osso** estava no quarto a uma distância de uns quatro metros, interceptado pela parede divisória, com duas portas intermediárias, e não podia ser visto. Sentado na cadeira de balanço. As filhas ao lado.

— Veja o Sr. Alberto. Está aqui na sala!

De repente, a mesma pessoa exclamou: — Vejam! Ele desapareceu num turbilhão!

Imediatamente, Dona Diná, esposa do Aurelino, correu do quarto onde estava o Alberto e, com lágrimas nos olhos, falou para nós:

— O Alberto está fazendo a sua passagem...

Houve um momento de silêncio. De expectação. Porém, quase todos se mantiveram em seus lugares. Serenos, tranqüilos. Algumas lágrimas brilhavam pelos olhos doloridos... Prosseguiam em preces e comentários espirituais. Quando entrei no quarto do Alberto, — cabeça pendida sobre o peito, na serenidade dos justos, ele estava morto.

No outro dia, à hora da saída do enterro, o neto fez a prece de despedida e o filho, esse desassombrado Newton de Barros, falou-lhe diante do caixão. E a voz do filho não se dirigia ao pai como se se dirigisse a um morto que parte para um mundo morto, mas falando a um vivo que se encontra num mundo de vivos:

— A você, meu pai, que está mais vivo do que nunca, como nunca esteve tão vivo, eu falo. A você que é imortal e que aqui está me ouvindo, na imortalidade...

Perante o pai inerte, deu o filho o testemunho perfeito da fé inabalável no Espiritismo. Não havia desespero nem lágrimas, somente serenidade, confiança, respeito, amor, grandeza humana e humilde compreensão em face das leis divinas.

E a mim, parecia ver o Alberto sorrindo silenciosamente, satisfeito de comprovar que soubera criar seus filhos...

E eu também sorri dentro de mim. Sorri confiante.

Na retina de meus olhos que deixaram de pousar no corpo do amigo morto, pairava agora a visão da sua entrada no Mundo Espiritual. Via-o entre centenas de outros que lhe traziam flores e o abraçavam na chegada.

E, vindo de um tempo muito distante, comecei a ouvir aqueles versos que um poeta adolescente escrevera:

Um dia estarei morto
E tu não chorarás
Porque me libertei!

35

O filho do carcereiro

Nas relações entre os espíritos e o nosso mundo, há manifestações que permanecem apenas nas faculdades pessoais do médium, como sejam a vidência, a clarividência, a psicografia, a incorporação etc.

Os médiuns de maiores possibilidades se revelassem as suas experiências pessoais, o seu próprio desenvolvimento, o que sucedeu com eles e o que continua a suceder na jornada dolorosa da mediunidade, prestariam inestimável serviço à Ciência Espírita e tenho certeza de que relatariam fenômenos surpreendentes. Se por um lado será útil por outro dá a impressão de falta de modéstia, falta de humildade. Justamente por isso é que os Evangelhos silenciam a respeito das faculdades mediúnicas dos Apóstolos. E por causa dessa lacuna que deixamos de discutir se, necessária ou não, alastrou-se a controvérsia no seio das religiões. O mundo supõe que os discípulos do Cristo receberam o dom mediúnico de improviso, de repente.

Há escritores cristãos que descrevendo o fenômeno da cura de um paralítico por Pedro demonstram que até o próprio Pedro ficou surpreendido com a cura do homem. Compreendemos no entanto que não foi assim.

Pedro estava consciente e sabedor do **poder** que lhe fora concedido, desse poder que lhe estava sendo incorporado ao organismo perispiritual desde o início do seu encontro com Jesus e antes mesmo da sua encarnação...

E quando se dirigiu ao infeliz tinha certeza de que ia curá-lo por misericórdia divina porque o seu organismo perispiritual se pôs em movimento para realizar o ato.

* * *

Nessas condições, além das mensagens que em nosso tempo os espíritos nos enviam, há um grande setor que permanece **completamente desconhecido: o campo experimental do próprio médium.**

Calando enquanto outros falam, deixa de esclarecer as dificuldades do seu caminho.

Há outros fenômenos que ocorrem no plano físico propriamente físico, extramédium, e que sucede com qualquer pessoa. Esses fenômenos foram reunidos por numerosos "psiquistas" e espíritas. Entre eles, avultam Flammarion e Bozzano como vigas mestras. O material que usaram não era material deles mesmos e sim material fornecido por humildes desconhecidos ou respeitáveis figuras que procuram concorrer com o seu pequeno tijolo na grande construção do edifício espiritual.

Em nossos dias no seio da própria Igreja sucedem fenômenos supranormais. Alguns que apresentam sinais de autenticidade, outros duvidosos, esquisitos.

Assim, ouvimos falar no Padre Antônio, no **filhote** de pomba que pousou no rosto de uma professora, na imagem de uma santa que chora num quadro, silenciosa e imóvel...

Nós também nos julgamos na obrigação de relatar o que presenciamos no terreno **extramédium,** fornecendo humilde historieta para algum Flammarion do futuro.

* * *

O fato sucedeu assim.

O filho do carcereiro da cadeia local, menino de nove anos, forte, resistente, machucara-se levemente no braço esquerdo. Um **estrepe** entrou-lhe no braço. A mãe, atenciosa, tirou o estrepe, desinfetou o ferimento e deixou, supondo que não adviria nenhum mal. Isso foi na semana passada

Essa criança, Sérgio, habituara-se a freqüentar minha casa.

Toda a noite, às oito horas, batia indefectivelmente em nossa porta. **Pancadas firmes, seguras, inimitáveis.** Não pre-

cisava dizer quem era. Já sabíamos. Eu mesmo lhe abria a porta. Com o caderno e o livro debaixo do braço vinha fazer a sua lição para o dia seguinte.

Sentava-se na sala e trabalhava silenciosamente. Ouvia os conselhos, aprendia o que se lhe ensinava. Depois se despedida e ia embora.

Quando não podia vir avisava com antecedência.

* * *

Outro costume do Sérgio era à tarde freqüentar a Delegacia. Chegava e entrava para o cartório. Ficava ao lado do escrivão enquanto este escrevia à máquina. Observava com profundo interesse. O escrivão dizia-lhe sempre:

— Quando você crescer eu lhe ensinarei a escrever à máquina.

Mas a gente via que o Sérgio sentia que tinha pouco tempo para isso.

Ele queria aprender era ali, naquela hora mesmo. Ficava olhando como se colocava o papel e acompanhava as teclas da mesma forma que um jogador apaixonado acompanha o movimento rápido da roleta para ver onde a bola vai cair. Estava atento, de olho no escrivão, para fazer qualquer pequeno serviço que este precisasse. Buscar papel, levar um livro. Era como se Sérgio já estivesse trabalhando, já estivesse aprendendo a escrever à máquina...

* * *

No domingo, vieram me dizer que o Sérgio estava passando mal, com tétano. Tive a impressão de que ele não resistiria. Vaga intuição.

Acompanhei a sua doença como amigo. O mal, contudo, prosseguiu inexorável, tenaz. Tudo foi tentado, tudo foi realizado. No dia 15, à tarde, me deram a grande notícia na rua:

— Sabe que o Sérgio melhorou? Está conversando. Pediu alimento. O senhor não vai lá?

— Não, hoje não vou, respondi. Não tenho coragem de enfrentar os pais.

Eles não têm a compreensão espírita que nós temos.

— Mas, então, o senhor acha que essa melhora não vale nada?

— Para Deus nada há impossível — retorqui-lhe —, mas alguém me diz que o Sérgio está se despedindo de todos...

A cidade inteira acompanhara os acontecimentos suspensa, sem fôlego, sofrendo com os pais, vivendo aquela tragédia de um lar...

Naquele dia, o Sérgio foi transportado para a cidade vizinha de São João da Boa Vista e internado na Santa Casa. Piorara de repente.

Às onze e pouco da noite desse dia fui para casa. Minha família não estava, viajara. A casa silenciosa era um recinto de profunda quietação.

Na sala, deixei o cômodo em semi-escuridade. Uma lâmpada no quarto ao lado clareava frouxamente. Sentei-me numa poltrona, como de hábito, e mergulhei em meditação, orando ao Senhor.

Estava com os olhos abertos. De repente, no assoalho, a oitenta centímetros de distância de mim, **pancadas firmes, inimitáveis, seguras,** ressoaram quebrando surpreendentemente o silêncio da casa.

Quatro a cinco pancadas. **Precisas, inimitáveis, conhecidas.** Era o Sérgio, não havia dúvida. Continuei a orar.

Dois a três minutos depois, ressoaram as mesmas batidas. Novo intervalo, novas batidas. Assim sucessivamente por dez a doze vezes. Depois tudo caiu em silêncio.

Pensei comigo: faça-se a vontade de Deus.

Fui para o quarto e deitei-me. Passava um pouco de onze e meia.

* * *

Às duas e cinqüenta da manhã do dia 16, o guarda noturno veio me acordar, dizendo:

— O carcereiro telefonou comunicando que o filho morreu às duas e meia.

Vesti-me e sai em seguida. Fui à casa do escrivão e chamei-o para irmos a São João imediatamente a fim de ajudar no que fosse preciso para a realização do enterro.

O escrivão recebeu a notícia e disse:

— "Coisa engraçada! às onze e pouco da noite as luzes de minha casa se apagaram. Levantei-me e não consegui acender. Saí em busca de velas."

Olhei para dentro e vi na sala uma vela bruxuleando no gargalo de uma garrafa.

— Mais esquisito ainda — acrescentou ele — é que as luzes de todas as outras casas desta rua, as luzes da cidade inteira estão acesas, só as da minha casa se apagaram e os fusíveis estão perfeitos! Tudo inexplicável!

Olhei e era verdade o que ele dizia. Só a casa dele estava às escuras.

* * *

Contei-lhe o caso das pancadas. A hora coincidia. Foi o Sérgio, concluimos.

Mas o Sérgio morreu às duas e meia!

Havia portanto discordância.

* * *

Tomamos um carro e fomos a São João. Lá recebemos os esclarecimentos. O pai e o farmacêutico que assistiram ao desenlace explicaram:

— O Sérgio entrou em agonia às onze horas. Ficou em estado comatoso-agônico até a hora da morte.

* * *

Para o Espiritismo, o fato só tem importância até aqui. Cada um que tire as conclusões que quiser. Deixamos esta humilde contribuição para o gigantesco arquivo de fatos espíritas que vem sendo construído lentamente.

Águas da Prata, 18 de abril de 1951

NOTA — Este artigo foi publicado na época no jornal "O PODER".

36

A morte gloriosa de Vovô Ziviani

Vovô Ziviani era um mestre.
Mestre do amor e da verdade.
Hoje sabemos que nós o amávamos.

Cabelos branquinhos como a neve, forte como um gigante. Lembrava as velhas árvores européias, de tronco anoso, solitário pela grandeza em plena floresta. Fora sucessivamente: católico, protestante e espírita numa das cidades mais católicas do Brasil: São João Del-Rei. Quando deixou o catolicismo e abraçou o protestantismo, única família na época, os católicos de São João Del-Rei apedrejaram-lhe a casa e, depois de espírita, quebraram-lhe todos os vidros das janelas.

Que distância medeia entre aqueles tempos sombrios e as manhãs de sol de João XXIII e Paulo VI!

Mas o velho que chegou nos últimos dias de sua maravilhosa existência a ser chamado o "Leão da Fé" enfrentou os ataques com alegria.

Nós o conhecemos espírita-cristão em Belo Horizonte. Dirigia os trabalhos de quartas-feiras do Centro Espírita Oriente.

Sereno e corajoso. Duas ou três pessoas apenas assistiam-lhe aos trabalhos. Casa vazia. Mas o velho conversava com Jesus, levantava os olhos para o Alto e dizia:

— Não se preocupem! Vocês pensam que não há ninguém aqui? Estão enganados! Estas cadeiras estão todas ocupadas por espíritos! Nós vamos pregar para eles!

E em todas as reuniões realizava os trabalhos como se a casa estivesse cheia. Falava com vibração e entusiasmo. E quando não havia ninguém, ninguém mesmo, fazia a mesma coisa. Abria o livro após a prece, fazia o comentário evangélico, sozinho no centro, pregava para os espíritos e depois voltava para casa feliz. Em Belo Horizonte todos sabiam disso.

Não se deixava vencer pelo desânimo. Cria firmemente que aquelas cadeiras todas estavam ocupadas por espíritos e pregava-lhes o Evangelho de Jesus Cristo.

* * *

Morava eu no Rio de Janeiro. Deixara Belo Horizonte havia algum tempo e resolvera visitar um dia a boa terra.

Em Santa Teresa, encontrei o velho Ziviani que me abraçou feliz. Estava forte, corado, bonito.

— Oh Ranieri! que bom encontrá-lo! — falou-me, abraçando-me. — Acabo de vir da Rede Mineira de Viação onde fui **deixar em ordem** os meus papéis, pois tenho certeza de que não passarei do meu aniversário!

— Como? — exclamamos surpresos — não passará do seu aniversário? Por quê? O que é que está havendo?

— Nada, mas tenho certeza de que este ano não passarei do meu aniversário.

Morrerei.

Ri do velho e animei-o:

— Deixe disso! O senhor está muito forte e viverá ainda muito tempo!

Abanou a cabeça em sinal de desaprovação.

— Está enganado. Vou-me embora e já estou preparado para isso! Vou procurar o Jair para me despedir dele e vou reunir os filhos e os netos para a despedida!

Abraçou-me com lágrimas nos olhos, como quem abraça um filho amado e lá se foi pela rua a fora em busca do Jair para o abraço final.

Fiquei olhando, parado, a sua figura venerável que se afastava lentamente na distância.

* * *

Dias depois, no Rio, recebemos a notícia da morte de Vovô Ziviani. Partira para o mundo espiritual no dia de seu aniversário.

* * *

Seu filho, Pedro Ziviani, contou-nos a outra parte da história.

O velho, certo que morreria até o aniversário, procurara os amigos mais chegados, inclusive o Jair, e despediu-se de todos. No dia de seu aniversário, chamara os filhos e os netos, acertara as suas coisas. Aconselhara a uns e a outros e preparara-se para morrer. Não tinha nada. Não estava doente.

À noite, quase setenta pessoas da família, filhos e netos, reuniram-se em sua casa para comemorar-lhe o aniversário. Doces e guaranás, a alegria reinava em todos os corações e é lógico que ninguém levara muito a sério a profecia do velho. Às nove horas da noite atravessou ele a rua e foi despedir-se de Henrique Rodrigues, que morava em frente. Henrique ouviu a despedida dele, recebeu-lhe o abraço, mas não acreditou em nada do que dizia.

Vovô Ziviani voltou para casa, contemplou os filhos e os netos e mais uma vez despediu-se de um por um.

Após, pediu licença para ir descansar e entrou para o quarto. A festa continuou, pois aí permaneceram — e os filhos ainda conversando e tomando guaraná.

Vovô Ziviani entrou para o quarto e deitou-se na cama ao lado da companheira, para dormir. Cabeça no travesseiro, pediu a amiga de tantos anos que fizesse uma prece. A esposa começou a orar fervorosamente, mas logo percebeu que o braço do velho caíra abandonado de sobre a cama. Pendia molemente.

Supondo que adormecera, pegou-lhe o braço e recolocou-o na posição no leito. O braço, porém, caiu de novo. Tornou a colocar e tornou a cair.

Estranhando ver o braço tão mole, olhou o marido no rosto e gritou pelos filhos.

Quando chegaram e contemplaram o pai, viram que estava morto.

Lágrimas nos olhos, ajeitaram-no na cama e, como ainda estavam todos ali, se reuniram e fizeram uma prece em conjunto.

O Atílio, um dos filhos, **vidente**, viu quando o espírito do Vovô Ziviani, amparado por entidades superiores, veio para o meio deles e ali ficou ouvindo-lhes a prece. Segundo ele, Vovô Ziviani, no plano espiritual, derramava copiosas lágrimas de emoção!

Após isso, permaneceram todos na casa, serenos e confiantes, comemorando agora o aniversário e a morte do Grande Amigo.

Guaranás e doces. Era o que ele desejaria que fizessem. E o fizeram.

No dia seguinte, às seis horas da manhã, Henrique Rodrigues chegou ao portão de sua casa e viu a funerária trazendo um caixão. Perguntou para quem era, e quando recebeu a notícia de que era para o velho Ziviani que morrera à noite, caiu desacordado e passou três dias em febre e delírio.

* * *

Essa a morte gloriosa de Vovô Ziviani. Serena, tranqüila, extraordinária. Quantos, neste mundo, poderão morrer assim?

Não vos preocupeis com o dia de amanhã — disse o Cristo — e nós compreendemos que viver é preparar-se para a morte como ensinou Sócrates. A vida na terra é

FOTOGRAFIA N.º 11 — Fotografia batida no salão de um centro espírita que estava completamente vazio e onde aparece essa "reunião de espíritos", comprovando assim a afirmação de Vovô ZIVIANI. Fotografia do arquivo do saudoso amigo Cornélio Pires.

apenas o pórtico do mundo espiritual. Lá, nossa verdadeira pátria, país da imortalidade, nos esperam outros amigos, companheiros de reencarnações milenárias. O Espírito Imortal deixando a matéria alça vôo às regiões da Vida Eterna O medo da morte é apenas ignorância das coisas de Deus. Quando atingirmos a verdadeira fé, alcançaremos a tranqüilidade completa e não temeremos a grande aventura. Deus estará conosco e nós estaremos com Deus.

37

O homem que desce o rio...

Eu conhecia aquele moço. Sempre parava ali para abastecer carros da Polícia.

Amável, amigo, camarada.

Conversávamos com ele, dizíamos alguma coisa e íamos embora.

Um dia, falou-nos um funcionário do posto de gasolina:

— Dr. Ranieri, vim pedir-lhe o seu auxílio. O nosso empregado do Posto foi atravessar o Rio Paraíba que estava cheio e caiu dentro dágua. Afogou-se. Estava de roupa e de botina. Caiu na beirada, mas o local é fundo e não houve jeito... Desejava que o senhor pedisse a vinda do corpo de bombeiros da Capital.

— Bem — respondemos —, não nos custa chamar os bombeiros, mas acontece que, como têm muito serviço no Estado inteiro, só virão daqui a um ou dois dias, talvez mais, e como o rio está cheio, com corredeiras fortes, o cadáver já estará muito longe daqui. Mergulhar nessa correnteza também não será fácil não... Olhe aqui, Haroldo, porque você não chama um homem que mora em São Luiz do Paraitinga, conhecido por Anésio que, segundo dizem, descobre qualquer cadáver dentro do rio com facilidade? Tem faculdades mediúnicas ou clarividentes especiais para esse fim ou que tem usado com esse fim e com grande sucesso?

O Haroldo olhou-nos muito espantado, coçou a cabeça e disse:

— Dr. Ranieri, sou católico, não creio muito nisso e não quero mexer com essas coisas! Prefiro os bombeiros...

— Está bem, eu peço os bombeiros, mas tenho certeza de que não encontrarão o corpo do moço. É melhor chamar o Anésio de Paraitinga! Em todo o caso, se você resolver providenciaremos a vinda do Anésio...

O Haroldo foi embora e nós pedimos a vinda dos bombeiros. Estes vieram, corpo especializado de salvamento que trabalha com eficiência em todo o Estado de S. Paulo. Durante dois ou três dias, procuraram o corpo inutilmente nas águas escuras e barrentas do Paraíba... Nada. Nada. Nada.

Na quinta-feira, se não me engano, apareceu de novo o Haroldo.

— Doutor, a mãe do rapaz está desesperada, quer o cadáver do filho, e nós resolvemos procurar o homem de São Luiz do Paraitinga... Afinal, vamos tentar tudo. Como é que se encontra o Anésio?

— É fácil. Em São Luiz todo o mundo o conhece! É só chegar na praça e perguntar por ele e lhe indicarão onde mora.

O Haroldo saiu atrás do Anésio.

* * *

Depois, recebi do Haroldo a notícia de que o Anésio viria.

De fato, o Anésio veio.

* * *

Veio às dez horas da noite. Foi direto ao Bar do Landru que fica na praça principal e pediu refeição.

O Landru, que é fiscal de caça e pesca e conhece bem o Anésio, pois é também de São Luiz ou morou lá, lhe perguntou:

— O que é que você está fazendo aqui, Anésio?

O Anésio, tomando a sua refeição, e na sua simplicidade de caboclo, humilde e pobre, foi-lhe respondendo ingenuamente:

— Oh, em vim aqui para achar o cadáver de um moço que caiu no rio...

O outro deu uma gostosa gargalhada.

— Deixe de coisa, Anésio! Você é bobo, não diga besteira! Os bombeiros estão mergulhando no rio há mais de

uma semana, agora aparece você aí e diz que vai achar o homem?

O Anésio continuou comendo e apenas retrucou:

— Eu já sei onde o homem está. À meia-noite vou descer o rio de canoa, devagar. Vou andar mais de cinqüenta quilômetros, passarei por todas essas cidades aí, Lorena, Cachoeira, Cruzeiro... Ele está jogado sobre umas pedras, no meio de uns galhos secos.

— Então, você daqui, de Guaratinguetá, está vendo o homem nessa distância? — exclamou o Landru, incrédulo —. Deixe disso! Você está é doido!

O corpo de bombeiros não achou e você chega e logo vai dizendo que está **vendo o cadáver** sobre pedras!

— É isso mesmo, já sei onde está. À meia-noite desço de barca, e de manhãzinha **acho ele.**

O Landru ficou boquiaberto enquanto o Anésio acabando de comer se despedia.

O Anésio saiu, e o Landru ficou meditativo.

* * *

À meia-noite, o Anésio, acompanhado pelo Haroldo e por um funcionário da Polícia, entrou na barquinha e desceu o rio...

Noite clara, as sombras dos barrancos e das árvores se desenhavam na distância margeando as águas.

Passaram Lorena, passaram Cachoeira, passaram Cruzeiro. Mais de setenta quilômetros de rio. Em Lavrinhas, o Anésio, olhando na imensidade, com os olhos perdidos na clarividência, exclamou:

— Olhem ele lá, sobre as pedras!

Todos olharam espantados e viram sobre pedras, no meio de galhos secos, os contornos da figura de um homem.

Aproximaram-se lentamente e, de fato, lá estava o rapaz, macacão do posto de gasolina, da Shell, e botinas ainda presas nas roupas. Amarrara-as no macacão, segundo disseram, para atravessar o rio pelos cabos de aço que controla a balsa.

A estupefação foi geral. Como pudera o Anésio naquela distância, tantos dias depois do afogamento, **ver** o cadáver, além, muito além das cidades mais vizinhas?

Não se falou noutra coisa na cidade naqueles dias e o vento do sobrenatural soprou estranhamente em todas as portas.

II

NA PRISÃO

Velho amante das investigações espíritas e das faculdades espirituais, humilde estudioso de todos os fenômenos que abrem a visão do homem para as outras humanidades situadas no outro plano da vida, interessamo-nos por conhecer o Anésio mais de perto.

Ele veio. Mal vestido, simples, de camisa de sarjão listrada, sapatos velhos desbeiçados, chapéu surrado na mão, respeitosamente.

Conversamos, conhecemo-lo mais intimamente. Estudamos bem o Anésio e lhe pedimos que cooperasse com a polícia tirando cadáveres dos rios de nossa região, quando houvesse. Dissemos-lhe que iríamos chamá-lo muitas vezes e mandaríamos que o procurassem.

Dispôs-se a tudo.

Iniciamos até uma certa movimentação junto aos poderes do Estado para conseguir-lhe uma nomeação qualquer a fim de que pudesse ficar à disposição de nossa Delegacia Regional para os serviços de salvamento e retirada de cadáveres.

* * *

A coisa estava nesse pé, quando o telefone tocou, certo dia.

— Dr. Ranieri, dizia uma voz aflita —, o Anésio, aquele homem de São Luiz de Paraitinga que acha cadáveres no rio, mandou lhe dizer que está preso na cadeia de Aparecida e pede para o senhor mandar soltá-lo.

— O que foi que ele fez para ser preso?

— Não sei direito, mas o que sei é que o negócio aconteceu porque ele disse aos bombeiros onde estava o cadáver de um homem que se afogou na Aparecida e por isso foi preso.

Muito surpreendidos, prometemos ver o caso do Anésio. Logo depois, telefonamos para a Delegacia de Aparecida.

— É o Dr. Altino quem fala?

— Ele mesmo — respondeu o delegado.

— Altino, falamos nós, como é que você foi prender o Anésio, um homem bom, clarividente extraordinário, que possui faculdades superiores, que tem prestado relevantes serviços à Regional na busca de cadáveres?

Mais surpreendido ainda respondeu o delegado de Aparecida:

— Ranieri, eu não sabia disso. O que aconteceu foi o seguinte: um homem caiu no rio e afogou-se. Chamamos os bombeiros. Já estavam batendo o rio inutilmente há uns três dias ou quatro, quando esse caboclo chegou no barranco onde estavam os bombeiros procurando o cadáver, margem do rio, sentou-se e ficou olhando... Depois de algum tempo, falou:

— Mergulhem ali (apontou o local com o dedo), o cadáver que vocês procuram está ali.

Os bombeiros ficaram incrédulos, mas ele insistiu e de tal modo que resolveram tentar. Mergulharam e logo no primeiro mergulho acharam o cadáver!

O sargento da polícia não teve dúvida, prendeu-o e trouxe-o para a prisão.

Afirmou-lhe o sargento:

— Se o senhor sabia onde estava é porque foi o senhor que o empurrou no rio!

— Ranieri, disse ainda o Altino, ele está aqui preso por suspeita de assassinato! Estamos investigando.

Dei uma gargalhada.

— Deixe de besteira, Altino, o Anésio é médium e não mata ninguém! Solte o caboclo!

O Altino soltou o homem.

* * *

Mais tarde o Anésio veio a Guaratinguetá me agradecer e despediu-se de mim:

— Dr. Ranieri, venho agradecer por ter mandado me soltar. Nunca mais vou procurar ninguém no rio!

— Mas por que, Anésio? Essas coisas acontecem e eu estou aqui para protegê-lo.

— Sei lá, doutor, qualquer dia me prendem e não me soltam mais! Não, não quero saber disso!

Sorri e ainda tornei a falar-lhe:

— Espero vê-lo de novo tirando gente do rio... Quem sabe não é uma missão que Deus lhe deu?

O Anésio fez um gesto respeitoso e saiu.

* * *

Meus argumentos não conseguiram no momento convencê-lo.

Na realidade, ninguém esperava esse desfecho imprevisto. A impressionante clarividência do Anésio merecia ser descrita em livro à parte. Depois desse ainda ocorreu outro aqui em Guaratinguetá, que relataremos a seguir.

As dezenas de casos ocorridos com ele, os cadáveres que por um capricho dos rios subiam ao invés de descer e que ele achou, tudo isso daria um volume maravilhoso. Quem sabe algum dia o escreveremos?

Quando o conhecemos, já havia retirado de rios vinte e sete cadáveres.

Todos em condições difíceis e após terem desafiado os bombeiros de S. Paulo.

Perguntamos-lhe como é que sua clarividência funcionava e ele humildemente nos explicou:

— Assim que me pedem para achar alguém uma idéia fixa surge em minha cabeça e não sai mais. Então eu **tenho a certeza** de que o cadáver está no lugar que me aparece na cabeça. Sei a distância. Mergulho e acho. Nunca falhei.

Deus me ajuda.

* * *

Vem-nos ao pensamento tanta coisa... Ficamos pensando na maravilhosa máquina que Deus nos concedeu que é a máquina da vida. E compreendemos como é desconhecida para o homem a sua própria organização espiritual!

Temos em nós mesmos extraordinários poderes espirituais e não os usamos. Preferimos permanecer na ignorância. O **conhece-te a ti mesmo** de Sócrates ainda é desafio à humanidade.

III

ANÉSIO VOLTA COM STROHMAYER

Não se falou mais no Anésio. Os bombeiros continuaram procurando corpos no rio exaustivamente... Às vezes

encontravam; às vezes, não. Toda uma organização ativa, preparada, bem remunerada, caminhão, barca... Tanta coisa!

Aconteceu, porém, que um menino de três a quatro anos desapareceu de casa e o pai desesperado buscou o auxílio da polícia. Fora visto em companhia de um outro menino, maior, de uns doze ou treze anos, pela última vez. A Polícia localizou este menor e conseguiu saber dele que o garoto caíra no rio. No fim, era crime, o menino maior empurrara o menor no rio depois de levá-lo ao meio do rio e colocá-lo sobre uma pedra. O caso repercutira intensamente na cidade, o pai era advogado conhecido e começou então a busca dos bombeiros. O Tenente da Aeronáutica Brazílio Strohmayer, que já trabalhara com a nossa polícia e a serviço da Aeronáutica no combate ao tráfego de maconha no Vale do Paraíba com grande êxito, homem experimentado, competente, sério, havia-se interessado pelo caso do menino e estava ajudando nas investigações. Resolveu, em face da demora para a descoberta do cadáver do menor, recorrer ao Anésio. Eis o relato que nos faz então, a nosso pedido, o Tenente Strohmayer, por escrito, de próprio punho, conforme original em nosso poder:

"Prezado amigo Dr. Ranieri, como não me recordo da data do fato, o amigo poderá verificá-la nos próprios arquivos da Delegacia:

Este é o relato sucinto da participação do Sr. Anésio de São Luiz do Paraitinga no caso:

O filho do Dr. Hamilton Ferreira achava-se já há quatro dias na água e seu corpo não era localizado, quando uma pessoa, cujo nome não me lembro, sugeriu que pedíssemos o auxílio de um tal senhor Anésio de São Luiz do Paraitinga a quem eu ainda não conhecia. Como na hora do desespero de hábito acolhemos todas as sugestões que se nos apresentam, fomos, em companhia de alguns amigos do Dr. Hamilton, em busca do Sr. Anésio. E lá chegando, foi preciso instar muito junto ao próprio para que se decidisse a vir. Ao chegar no dia seguinte, disse que via mais dois corpos na água afora o do menino de 4 anos do Dr. Hamilton.

Saiu logo com uma canoa a fim de localizar o corpo do menino, para nossa surpresa, encontrou-o 3 ou 4 horas depois em Lorena e retirou-o dágua, e para maior surpresa ainda ao lá chegarmos, para os procedimentos de praxe para a retirada do corpo da Polícia, havia mais dois cadáveres de dois irmãos que se haviam afogado na véspera e cujos parentes haviam andado à procura desesperadamente, sendo que um deles foi retirado da água pelo próprio senhor Anésio. Este era o fato que tinha a relatar.

BRAZÍLIO STROHMAYER

Brazílio Strohmayer 1.º Ten. da FAB E E AER"

COMENTÁRIOS FINAIS

Esse o relato do Tenente Strohmayer da FAB, pessoa correta, oficial competente e respeitado na corporação de que faz parte e no seio da população civil de nossa região. Transcrevemos seu relato, feito em 19-3-67, a nosso pedido, rigorosamente como ele o escreveu, respeitando-lhe a ortografia e o modo de se expressar.

Notamos, além da habitual clarividência do Anésio, os seguintes fatos que vamos destacar para alertar o leitor:

1.º) Strohmayer não conhecia antes o Anésio.

2.º) Segundo afirma, foi preciso "instar muito" para que o Anésio viesse.

Não queria vir.

3.º) Logo ao chegar em Guaratinguetá, Anésio declarou a Strohmayer que **via** mais dois cadáveres na água.

4.º) Em Lorena é que achou de maneira relativamente rápida o corpo do menino e encontrou também outro cadáver enquanto que os bombeiros encontravam o segundo, pois que dois irmãos haviam-se afogado ali, na véspera. Confirmação do que dissera Anésio ao chegar a Guaratinguetá: **vejo mais dois cadáveres na água.**

Nossos leitores tirem outras conclusões dos fatos. Para aqueles que não crêem, damos esta informação: o Anésio ainda está vivo, mora em S. Luiz do Paraitinga, Estado de S. Paulo, é só procurá-lo e pedir-lhe que encontre algum cadáver no rio e ele o achará...

Haverá prova mais fácil, mais simples?

Deus está em toda a parte e os seus tesouros de espíritualidade estão ao alcance da mão e dos olhos do Homem.

Busquemo-los para evoluir e evoluamos para alcançar a glória da vida imortal.

38

Juvenal

Foi em Águas da Prata, por volta de 1953.

Éramos autoridade policial no lugar e ao mesmo tempo sintonizados com o trabalho de auxílio aos sofredores e aos obsedados.

Constantemente nos chamavam para atender alguém que estava louco ou possuído por espíritos terríveis. Reuníamos os poucos espíritas da cidade e lá íamos, em nome de Cristo, tentar o auxílio ao enfermo.

Quatro ou cinco horas da manhã, de certo dia, bateram à nossa porta.

Ainda escuro, abrimos a janela e o sargento nos disse:

— O senhor vai desculpar, mas há um moço que enlouqueceu na fazenda do Tozinho e venho-lhe pedir o favor de ir até lá. O negócio está diferente e parece espírito!

Vesti a roupa e saí.

O sargento era católico fervoroso. Não aceitava o Espiritismo. Admirei-me, pois, da sua atitude.

Manhãzinha, o dia escondido atrás do horizonte a abrir as suas pálpebras de luz.

Tomamos o rumo da fazenda, deixando a cidade além. famos a pé. Percorremos o caminho de terra, subimos uma estrada pedregosa e penetramos em terrenos da fazenda. No terreiro em frente da casa do lavrador que enlouquecera havia uma quantidade relativamente grande de caboclos, cabisbaixos, espantados, que nos acompanharam com os olhos semi-ocultos, desconfiados...

Casa de pobre, chão de terra batida. A porta pequena de entrada era logo seguida por outra em frente que ligava ao cômodo seguinte. O primeiro cômodo que funcionava com sala estava vazio. O sargento postou-se na primeira porta que dava para o terreiro e nos indicou um homem, no segundo cômodo, sentado num banco de madeira tosca. Descalço, roupa modesta, em mangas de camisa. Tipo comum em nosso interior. Fisionomia que não denotava grande inteligência.

Entre ele, sentado no banco, além da segunda porta e o sargento, encostado na primeira porta, no batente, havia toda a extensão de sala de entrada e um pedaço do segundo cômodo onde ele se encontrava. Três a quatro metros mais ou menos.

Chegamos e colocamos-lhe as mãos na cabeça para lhe aplicar um passe espiritual. Em pouco começou a resfolegar e, de repente, sem que tivéssemos tempo de qualquer gesto, e até hoje não sabemos como, foi levantado no ar e projetado vertiginosamente em sentido horizontal através das duas portas, percorrendo como um foguete o espaço dos dois cômodos, passando como uma bala na frente do sargento, indo cair no terreiro, no meio da caboclada estupefata. Caiu embolado, como uma trouxa. Corremos lá para ver o que lhe acontecera, mas fomos recebido por uma gargalhada alegre e feliz:

— Como é, **Doutor**, não está me conhecendo? Eu sou o Juvenal!

Buscamos na memória quem se chamava Juvenal, mas, de momento, não pudemos recordar ninguém.

— Não se lembra? Estive preso por embriaguez algumas vezes na cadeia. O senhor me mandou soltar. Sou o preto Juvenal!

— Está bem, agora me lembro de você. Como é que está aqui maltratando este coitado deste jeito?

— Ah! O senhor não está acreditando que seja eu porque sabe que estou vivo? Olhe, eu morri ontem à noite, com o frio o meu corpo está lá no meio do capim, perto da estrada de ferro. Pode procurar que o senhor acha. Morri de tanto beber e de frio. Meu coração não agüentou. Mas estou satisfeito aqui. Vim só lhe avisar e pedir que mande sepultar o meu corpo. Daqui vou me embora e não volto mais!

O Juvenal saiu do corpo do rapaz e este, meio abobalhado, ficou melhor.

Mandei que lhe dessem um café quente.

Não tivemos dúvida, saímos e fomos procurar o corpo do Juvenal. De fato, o encontramos morto, na posição serena de quem dorme, no meio do capim molhado e alto, molhado pela noite fria. Da estrada ninguém podia ver o corpo porque estava bem afundado no capim de altas proporções.

Não havia sinais de arrastamento nem de luta. Tinha-se a idéia de que entrara ali, deitara-se, adormecera e morrera. No capim, apenas o desenho do corpo no capim amassado.

Mandamos examiná-lo pelo médico e não se encontrou sinal de violência alguma. Morrera sereno sob o frio da noite. O médico afirmou:

— Tratei muito desse preto. O coração dele estava enorme e ia morrer a qualquer momento. Estava condenado!

Apesar disso, procedemos à rigorosa investigação policial em torno das possíveis relações do rapaz que enlouquecera e Juvenal e não encontramos o menor sinal de ligação, a mais tênue relação. Não se conheciam.

Nunca foram vistos juntos. Nada existia entre os dois. O lavrador louco não era médium desenvolvido. Era católico como todo lavrador comumente é.

Juvenal morrera e nos viera avisar de sua morte para enterrar-lhe o corpo físico. Sua alma, porém, já paira nas regiões do espírito eterno.

Fato certo, comprovado policialmente, sem dúvida nenhuma.

* * *

Em todos os ângulos do caminho, o Senhor desafia a nossa observação e a nossa capacidade de conquistar a imortalidade. Dá-nos a cada momento a oportunidade de descobri-Lo e de amá-LO.

Pequenas provas como essa podem-se tornar gloriosa ocasião de encontrar o Reino de Deus para sempre.

39

A menina

O telefone tocou. Atendemos e a voz do Juca Antunes do outro lado nos falou:

— O senhor já foi ver os fenômenos que estão ocorrendo na fazenda do Cristovam Galvão?

— Que fenômenos? Não tenho conhecimento de nada!

— Há uma menina, filha de lavradores, com quem estão acontecendo coisas. Panelas voam, objetos se deslocam à vista de todos... O senhor não quer ir lá hoje?

— Às três ou quatro horas, se houver folga, irei. Telefone na hora.

O Juca desligou e nós ficamos meditando na conversa.

Mais tarde, na hora marcada, ele apareceu com o Argemiro, gerente do Banco do Estado, e com um industrial nosso amigo. Tocamos para a fazenda, que fica nas imediações da cidade. Caminhos de terra.

Em pouco chegávamos à casa do lavrador, pai da menina.

Havia algumas pessoas por ali e vimos logo que o "caso" estava-se tornando sensacional nas redondezas.

Conversamos com o pai e com a mãe na porta e eles nos disseram que não tinham mais sossego porque os fenômenos ocorriam a qualquer hora.

Era só tudo ficar em silêncio e alguma coisa acontecia. Sempre em volta da menina.

Entramos na casa de tijolos e num dos quartos modestos, sentada na beirada da cama, com ar triste e compungido, uma menina de onze anos mais ou menos. Limpinha, embora vestida modestamente.

Contou-nos que "aquilo" acontecia toda a hora e que ela sentia o "ar mexer". Disse que poucos minutos antes de chegarmos um funil que nos mostrou havia saído de cima de um guarda-roupa que apontou e **voando** atravessara o quarto onde estava e viera cair no quarto onde ela se encontrava, à vista de todos.

Pegamos o funil e o examinamos. Igual a qualquer funil de folha de flandres. Observamos a distância de onde dizia que viera e calculamos uns dois ou três metros. Guarda-roupa relativamente alto para o tamanho da menina. Além disso, não saíra da beirada da cama...

Todos, ouvindo o relato, ficaram ansiosos por ver algum fato. Permanecemos, por isso, perto dela durante certo tempo. Como nada ocorresse e ela nos parecesse muito acanhada com a presença de tantos homens **bem vestidos** e estranhos, achamos melhor observá-la do lado de fora da casa, pela janela aberta. Saímos e do lado de fora, do quintal, encostados à janela do quarto onde estava, fiscalizávamos qualquer gesto seu. Na porta de seu quarto, porém, ficara algumas pessoas.

Nada de suspeito. Não arredava o pé da cama.

De repente, deu um grito e foi quando quase todos viram um garrafão grande, de mais de cinco litros, cheio de querosene, flutuar no ar à altura de um metro e meio, andar rapidamente pelo quarto e cair no chão, despedaçando, como se fora atirado com violência, e deixando enorme mancha de querosene no solo, em meio aos cacos de vidro.

A menina só deu aquele grito angustiado, mas estava visivelmente assustada.

Corremos para dentro. Lá estavam pedaços grandes do garrafão próximos à criança.

* * *

Interessamo-nos de imediato pelo caso. A força mediúnica da menina era claramente prodigiosa e, provavelmente, bem aproveitada, viríamos a ter extraordinária médium de materializações.

Assim, esclarecemos à mãe que a filha era médium de efeitos físicos, poderoso médium, e que, se eles, sua mãe e seu pai, quisessem, nós nos encarregaríamos de orientá-la nesse campo, em nossas reuniões. Fizemos que vissem o quanto ganharia a humanidade com essa colaboração, pois seria levar a certeza da imortalidade a muitas consciências etc. etc.

Responderam que já estavam realizando algumas reuniões com a menina e que ela demonstrara melhora. Alegraram-se com a nossa disposição de **resolver** o caso da filha. Não sabiam como nos agradecer o interesse.

Ficamos, assim, de voltar no dia seguinte à mesma hora e iríamos programar uma reunião de efeitos físicos em nosso Grupo na terça-feira.

Tudo combinado, tudo certo.

* * *

À mesma hora do outro dia, comparecemos. Esperávamos, indo mais cedo e preparados para uma melhor concentração, obter fenômenos interessantes.

Mas fomos surpreendidos pela mãe, que nos declarou:

— Minha filha foi embora. Não está mais aqui.

— Embora, para onde? — interrogamos.

— O Padre do Colégio do Carmo levou-a. Contamos a ele que o senhor tinha vindo aqui ver as coisas que aconteciam e que desejava fazer experiências com nossa filha e ele então resolveu levá-la para o colégio e internar. Não volta mais. Vai ser freira.

A simplicidade da mulher era tão grande que nada poderíamos responder.

Fomos embora realmente desapontados. O que iria fazer o Padre com a menina? Desaparecer com ela para que os fenômenos que nessa altura já causavam sensação na cidade, cessassem de uma vez? Para que e por quê?

Estava contra a Verdade, contra a Ciência ou contra Deus?

40

Espíritos que atiram pedras e dinheiro...

Desde quinta-feira, dia 7 de outubro de 1954, está a fazenda Sta. Luzia, situada na divisa de Águas da Prata com S. João da Boa Vista, em verdadeira confusão. Isto pelo fato de ter na casa do colono Sebastião da Silva surgido manifestações de um ou mais espíritos. Manifestações ostensivas e de natureza física. Os espíritos começaram por atirar terra dentro da casa, através do telhado; depois, pedras de todos os tamanhos e, a seguir, dinheiro.

Moedas de dez e vinte centavos. Este último fato, como é natural, está causando enorme repercussão e interesse. Provavelmente, aqueles que não acreditam em coisas do outro mundo, mas gostam de dinheiro, estão entusiasmados.

E cremos nós que se o espírito continuasse a atirar dinheiro "haveria conversões em massa..."

Felizmente, supomos que não lhe será permitido estabelecer relações de Casa da Moeda entre o seu mundo e o nosso.

Os colonos deixaram de trabalhar desde sexta-feira. Estão assombrados sem saber o que fazer. Sebastião da Silva, assustado, procurou um Padre e este, que segundo informações se chama Lisboa, compareceu ao local, benzeu, rezou, rodeou a casa, e levou as moedas atiradas pelo espírito para pôr nos pés de Nossa Senhora...

Perguntou-lhe o caboclo o que poderia ser aquilo e o Padre respondeu:

— Não sendo gente deste mundo, meu filho, é espírito mau.

* * *

Aliás, resposta honesta.

* * *

O Padre terminou o seu trabalho e foi-se embora. Nesse dia, após a sua saída, os espíritos fizeram questão de atirar mais pedras do que nos dias anteriores...

* * *

Procurou, então, o Sr. Sebastião da Silva um "curador" e este lhe disse:

— Eu faço o serviço por quatrocentos cruzeiros. Preciso de uma galinha vermelha, de outra branca e outra preta.

O rapaz, ingênuo, entregou-lhe os quatrócentos cruzeiros e as galinhas.

Mas os espíritos não deram confiança: continuaram a atirar pedras e a assustar a família.

Em número de vinte e nove pessoas reúnem-se acovardadas dentro da casa.

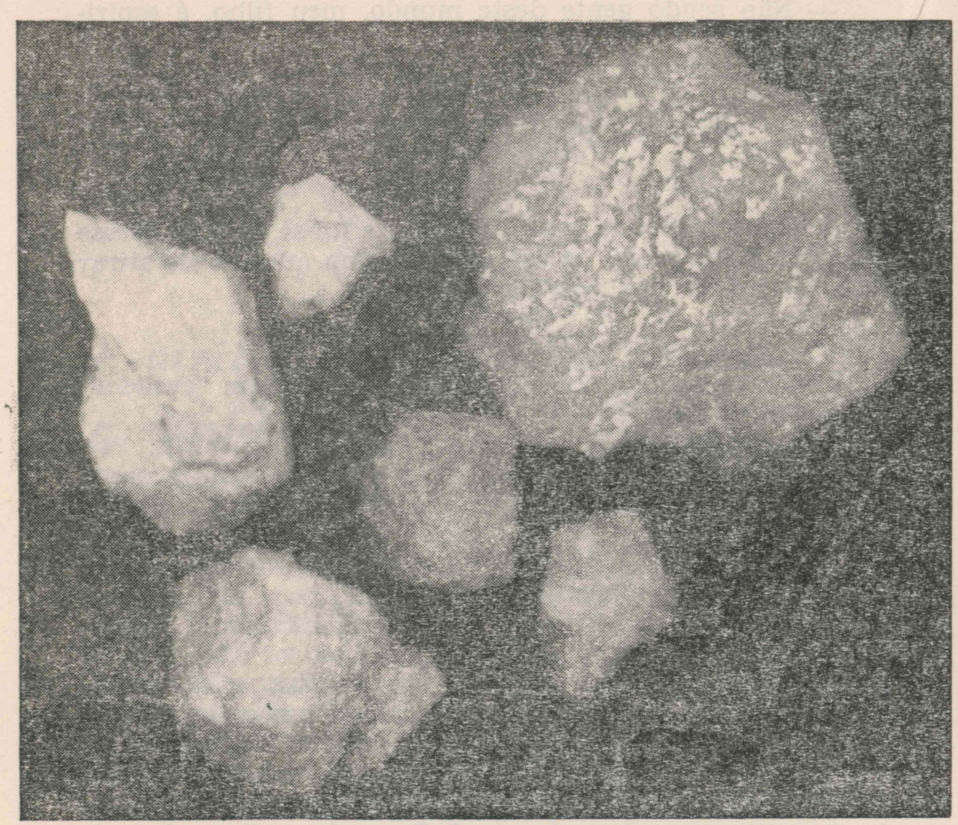
De vez em quando o "espírito" ou "espíritos" desandam a jogar pedras, que passam através das telhas e das paredes deixando todos boquiabertos.

Ontem, comparecemos ao local, convidados pelo Peres Castelhano, redator de "O Município" e combatente ativo do Espiritismo nestas plagas. O Peres fora chamado pelo colono Sebastião da Silva, cansado de andar às voltas com o Padre e com o galinheiro multicor exigido pelo homem da feitiçaria.

Resolvera agora tentar o Espiritismo "às direitas".

* * *

Realizou-se uma reunião, manifestou-se um espírito inferior revoltado, dizendo que ele é que estava fazendo aquilo tudo e disse que não poderia afirmar que suspenderia suas atividades. Por outro médium de incorporação, falou um benfeitor espiritual exortando os homens à luta pela espiritualização, mas também não nos disse que as manifestações físicas seriam suspensas. Trouxemos algumas pedras das muitas que os espíritos atiraram no local e são as que figuram na fotografia. Dizem que os espíritos haviam atirado



FOTOGRAFIA N.º 12 — Pedras atiradas pelos espíritos através das telhas de uma casa em São João da Boa Vista, sendo médium uma menina. Comprovação do capítulo: "Espíritos que atiram pedras e dinheiro..."

maiores. Nós saímos satisfeitos, embora penalizados por ver o terror daquela gente que ainda não compreende que os espíritos são criaturas como nós, apenas num outro plano da vida. Reconhecemos, contudo, o benefício que esses fenômenos trarão à população das proximidades e às criaturas que habitam aquela casa. Provas duras, "de pedra", caem do céu a fim de que os homens de coração mais duro do que as pedras se lembrem de Deus.

Águas da Prata, 12-10-54

R. A. RANIERI

NOTA — Voltamos àquela casa mais duas vezes e foram realizadas mais duas reuniões. Desapareceram os espíritos e as suas manifestações. Do ponto de vista **comum**, tivemos pleno êxito. Ficamos sabendo que o médium de efeitos físicos era uma mocinha, senhora de um dos colonos. Pretende desenvolver-se.

Águas da Prata — 16 de novembro de 1954.

41

Uma nova mediunidade

Cipião Pricola, gerente do Banco do Estado de S. Paulo em Mogi das Cruzes, hoje ocupando o mais alto cargo na matriz, na Capital, veio nos visitar e trouxe alguns trabalhos interessantes executados por uma senhora de condição humilde, residente em Botucatu. Uma série de desenhos nos quais aparecem figuras retratadas.

Explicou-nos o Cipião que a médium fica "tomada" e sobre um papel vai passando o lápis **deitado**, da mesma forma que as crianças antigamente copiavam moedas colocando-as debaixo de uma folha de papel e passando o lápis, deitado, em cima. Os desenhos da moeda vão aflorando como por encanto. Assim, também, se dá com a médium de Botucatu. Ela não desenha, absolutamente, **com a ponta do lápis**, ela passa simplesmente o **lápis deitado sobre o papel** e tudo vai aparecendo. Vimos figuras interessantíssimas, não só retratos, mas também desenhos de castelos etc.

Publicamos aqui a única das figuras que consideramos mais interessantes e das que escolhemos, a única que pôde ser reproduzida em fotocópia, pois as outras, embora numerosas, não serviram para reprodução.

Cipião revela-nos quem é a médium de Botucatu, conforme transcrevemos abaixo e que inaugura um novo tipo de mediunidade, que provavelmente, bem aproveitada, poderá dar ótimos resultados no campo da identificação de espíritos familiares.

Eis o relato que Cipião Pricola fez a nosso pedido:

"A médium chama-se Carmem Gonçalves e tem um apelido, "CALI". É casada com o Sr. José Gonçalves Filho e reside na Rua Quintino Bocaiuva, 721, na cidade de Botucatu, Estado de São Paulo. O casal tem 8 filhos, não obstante serem os cônjuges ainda relativamente jovens.

Conheci-a numa noite em que, juntamente com outros confrades, participei de um trabalho em sua própria casa a fim de aliviá-la de perturbações espirituais de que estava sendo vítima há já algum tempo. Sua mãe, Dona Carmem Serrador que morava em São Paulo, foi chamada a participar dos trabalhos, pois, não obstante sua idade, já um tanto avançada ainda dava muito de sua mediunidade que todos, em Botucatu, eram unânimes em reconhecer. Apesar de filha de espíritas, pois que seu pai também o era, não participava de trabalhos. Talvez devido ao grande número de filhos e ser pessoa que lutava muito com dificuldades financeiras. Seu marido é funcionário público.

Trabalha no Posto Fiscal (Secretaria da Fazenda), mas não é fiscal é apenas funcionário do Posto.

Vários trabalhos foram feitos em seu benefício. Passados uns tempos, eis que diversas mediunidades se lhe desabrocharam, tais como: auditiva, vidência e essa outra de desenho, cujo nome desconheço. A de desenho, segundo ela nos disse, manifesta-se da seguinte maneira: Morava e ainda mora com ela, uma sua irmã de nome Joaquina, que é servente do Instituto de Educação de Botucatu. Criatura boníssima e cheia de predicados. Os sobrinhos, filhos de Dona Cali, a adoram.

Como se aproximava o seu aniversário natalício, os sobrinhos desejavam presenteá-la com alguma coisa em troca do grande carinho que lhes dedicava. Pediram a sua mãe, Dona Cali, que visse um presente para ofertar-lhe na oportunidade. Como lutava com dificuldade financeira, disse aos filhos: "Vamos fazer o seguinte: vou desenhar um retrato dela e vocês lhe oferecerão. Procurou uma de suas fotografias mais recentes e por ela pôs-se a desenhar.

Dona Cali tinha algum pendor para o desenho, mas, fracamente, seus poucos trabalhos eram péssimos, muito irregulares.

Eram de principiante.

Pois bem, ela fez o retrato da irmã, ou melhor, pintou copiando da fotografia e pendurou-o para secar.

FOTOGRAFIA N.º 13 — Fotocópia de um desenho mediúnico executado pela médium CALI (Carmem Serrador Gonçalves), de Botucatu

Qual não foi o seu espanto quando, no dia seguinte, teve sua atenção voltada para uma pequena careta que havia feito numa das extremidades do desenho. Indignada perguntou aos filhos quem havia feito aquilo, mas não achava possível ter sido um deles já que as crianças eram pequenas e não tinham habilidade para fazê-la tão bem feita era ela.

Estava pensando no caso, quando começou, a esmo, a rabiscar uma folha de papel e, com grande espanto, notou a forma de um rosto.

Daí em diante, foi-se manifestando mais essa mediunidade. Tem produzido um número colossal de desenhos de todos os tipos."

* * *

Esse o relato do Cipião. Juntamos um dos desenhos para que o leitor tire as suas conclusões. Os fatos aqui descritos ocorreram por volta de 1960 a 1961.

Registramos, porque estamos construindo um edifício, que é o edifício da Imortalidade para os homens.

Os estudiosos, no futuro, poderão aproveitar essas anotações. Outros fatos semelhantes, provavelmente, com outras pessoas, irão ocorrer através dos tempos. Como diz sabiamente Bozzano, há necessidade da convergência de provas e para esse objetivo tudo deve ser anotado.

O Espírito sopra onde quer...

42

Testemunho da verdade

"Falo eu, não o Senhor"
(Paulo)

Temos procurado viver um Espiritismo verdadeiro, real, Cristianismo restaurado. E, para isso, só podemos contar com a misericórdia de Cristo e de Deus.

Não concebemos, porém, Espiritismo e Cristianismo sem lealdade, sem sinceridade, sem verdade. Não importa o que dizem de nós, o que pensam de nós, o que sentem a nosso respeito. Importa-nos o que a nossa consciência assinala, o que Deus e Jesus poderão observar em nós.

Na intimidade de nosso ser, no silêncio secreto, é que está o julgamento. Respeitamos os homens, amamos a humanidade, queremos sofrer e lutar com ela. A verdade, no entanto, acima de tudo, em face de Deus a quem devemos **amar acima de todas as coisas.**

Como ser espírita-cristão e esconder a verdade ou falseá-la? A Verdade é verdade. É certo que a propósito de sermos verdadeiros não devemos levar, com isso, a confusão e a infelicidade ao coração das criaturas. Mas há coisas que não podem permanecer ocultas. O que somos, **somos.**

A Igreja Católica escolheu um caminho que não consideramos o melhor.

Tudo que possa prejudicá-la, mesmo que seja a expressão da verdade, fica oculto. Disfarça-se, modifica-se, altera-se. Dá-se-lhe outra interpretação, mais de acordo com os interesses materiais que lhe presidem os destinos.

Lamentamos essa sua conduta que tanto tem prejudicado o gênero humano. Não desejamos a mesma atitude para o Espiritismo nem para os espíritas. Lutamos, dentro de nossas fraquezas e de nossas imperfeições por viver um Espiritismo de sinceridade, de lealdade, de absoluta verdade. Em razão disso, temos desagradado a amigos do coração. Poderíamos ser diferentes. Adotaríamos uma atitude conciliatória do erro com a verdade e todos nos considerariam a melhor criatura do mundo. Para nós, todavia, permanece o seguinte roteiro: "**O que é, é;** o que não é, não é mesmo."

Realmente, há muitas maneiras de dizer a verdade e sempre procuramos a mais suave por ser a conduta que deve tomar o cristão. Nem sempre se consegue, contudo, apesar de todo o esforço, uma forma convincente e delicada de dizer a verdade.

* * *

Morreu Amauri Pena. Nunca dissemos uma palavra, até hoje, a propósito de Amauri Pena. Inegavelmente, médium. Talvez comprometido com as mais desencontradas forças do Além. Depois de morto, sentimo-nos na obrigação de dizer algumas palavras. Nossa consciência nos convoca de maneira dura e enérgica. Somos obrigados a dizer.

Silenciar seria covardia.

Conhecemos Amauri ainda menino, em Sabará. Era uma criança de onze a treze anos e quem no-lo apresentou disse: "cremos que vai ser o sucessor de Chico Xavier, que é seu tio." "Tem um livro de poesias notáveis que está recebendo." "É mediúnico. Não queremos que seja publicado agora assinado com o nome dele, **Amauri**, para não prejudicá-lo mais tarde."

Achamos esquisito. Não dissemos nada. Tinha muita autoridade no Espiritismo quem nos falava e nós nada sabíamos de Espiritismo. Um menino de onze a treze anos tinha um livro notável de poesia que estava completo ou quase completo e não devia de ser publicado porque **resolveram** que não devia ser publicado.

"Escreve poesias com uma facilidade espantosa! — disse a pessoa. Você tem que ver as poesias do Castro Alves por ele!"

* * *

Achei extraordinário. Olhei o Amauri que me estendeu a mão despedindo-se. Era um mulatinho magrelo, estranho. Ninguém daria nada por ele.

Calças curtas. Nunca mais o vi.

Era o filho de Dona Maria Xavier.

* * *

Muitos anos depois, passei a acompanhar a trajetória do médium Amauri Pena através das páginas do jornal "Síntese", do Rubens Romanelli e do Noraldino. Boas mensagens, seguras, sérias.

Mais tarde, fomos informados de que Amauri Pena recebera um maravilhoso livro escrito por Camões. Alegrou-nos a notícia, principalmente porque dois anos antes, numa reunião a que estávamos presente alguém vira o espírito de Camões, sentado sobre um rochedo em pleno mar, contemplando a imensidade, e disse o vidente: "tenho a impressão de que Camões procura um médium para escrever."

Uma coisa confirmava a outra. Achara o médium.

Terminado esse livro, considerado pelo Prof. Romanelli **notável por todas as razões,** inexplicavelmente, de maneira surpreendente e lamentável, vai Amauri para os jornais e faz acusações tremendas contra Chico Xavier. Chocados diante do fato, poucas pessoas tiveram a coragem de tratar do assunto. O Chico está aí vivo, só ele teria o direito de se defender ou não. Numa atitude absolutamente cristã e franciscana, o Chico, mansa e afetuosamente, justifica-lhe com muito amor a conduta, evitando dizer qualquer coisa que o prejudicasse ou menosprezasse.

Nós, porém, sentimos em nosso coração e compreendemos a tragédia imensa do médium Amauri Pena, incapaz de distinguir **o que era seu do que era dos espíritos.** Escrevendo uma obra que fora considerada desde logo pelos que a leram e que eram autoridades competentes no idioma pátrio, como sendo obra semelhante aos "Luzíadas" e digna do gênio de Camões, açoitado por uma verdadeira tempestade no campo do sentimento, afastou-se de repente da faixa vibratória que o protegia e caiu nas ondas habitadas por espíritos inferiores e incompreensíveis que passaram a dominá-lo. Estes buscaram destruí-lo e destruir-lhe a obra. Tentaram também desprestigiar o Chico e não o conseguiram.

Tristíssimo drama mediúnico esse a que assistimos! Só na espiritualidade poderemos apreciar melhor essa tragédia!

* * *

Meses depois, amparado pela Fraternidade que procurou trazê-lo ao campo do equilíbrio, pediu Amauri que o internassem num sanatório espírita onde desejava se tratar. Escreveu-nos Rubens Romanelli solicitando-nos a intervenção junto a um Sanatório do Estado de São Paulo. Sairia de Minas. Seria melhor para ele. Ao mesmo tempo pediu a outros companheiros do Movimento da Fraternidade. Parece que por intermédio de nosso irmão Barbosa, de São João da Boa Vista, foi internado no Sanatório espírita de Pinhal. Ali, encontrou a dedicação dos companheiros da Fraternidade do Grupo de Pinhal, Águas da Prata e São João da Boa Vista, e o carinho da família Cavalieri, que lhe dispensou afetuosa acolhida.

Quando o encontramos de novo, após tantos anos, foi no "I Conclave da Fraternidade" realizado em Pinhal. Estava bom e arranjara uma pequena oficina de sapateiro. Recomeçara a escrever belos sonetos...

Procuramos conversar com o Amauri. Percebendo-lhe o drama mediúnico, explicamos-lhe, dentro de nossas humildes possibilidades, os problemas complicados da mediunidade, mostrando-lhe as razões de certas manifestações mediúnicas, as formas de comunicações e uma série de dificuldades próprias da mediunidade. E acrescentamos que se os médiuns verdadeiros contassem **claramente** tudo o que com eles se passa e se revelassem **como é que mediunidade** é, seriam no mínimo considerados loucos, **pelos próprios espíritas!**

Parece que, pela bondade de Deus, Amauri entendeu. Ficou mais tranqüilo e feliz. Separamo-nos.

Naquele dia mesmo, porém, vieram me dizer que Amauri pedira ao pessoal da Fraternidade uma reunião com ele. Iria expor-nos assunto **importante e grave**. Diante, disso, foram convocados alguns elementos, entre eles: nós, Rubens Romanelli, Jair Soares, Welson Barbosa, Manoel Marshall e parece que também o Dr. Lydio Diniz Henriques.

Reunidos numa pequena sala da casa dos Cavalieri, declarou-nos humildemente Amauri que desejava fazer uma declaração por escrito e assinada na qual se retratasse pú-

blica e definitivamente de todas as acusações que fizera a seu tio, Francisco Xavier.

Contou-nos o seu drama, terrível drama de amor e de tristeza, justificando o mal que praticara e foi claro afirmando que tinha sido vítima de forças inferiores dos dois planos.

Retratava-se agora de tudo, **e queria que o Brasil soubesse disso.**

Surpreendidos com a decisão, alguns companheiros, embora recebendo a notícia com alegria, consideraram que seria melhor que **ele pensasse bem, escrevesse a retratação** e **mais tarde seria publicada.** Poderia parecer que nós o havíamos forçado a fazer aquilo ali, num congresso.

Não sei se o fez. Não sei se escreveu. Logo depois morreu. Nós estávamos como Autoridade Regional de Polícia no exercício de nossas funções e a sua retratação foi válida, testemunhada por muitos, embora verbal. Assim, como **testemunho da verdade e para tranqüilidade de seu espírito,** declaro: perante nós, naquele dia, Amauri Pena se retratou de tudo o que disse contra Chico Xavier com profundo arrependimento e humildade.

Guaratinguetá, 24 de setembro de 1961

43

Jesus na humildade

Eram uns pretos, pobres lavradores que suavam, dia-a-dia, no amanho da terra.

Quando o sol se levantava no horizonte, já estavam com as mãos calosas no cabo da enxada. A aurora encontrava-os de cabeça descoberta, o olhar perdido na imensidade do mundo, músculos retesados no trabalho laborioso de arrancar do terreno áspero as espigas luminosas que brotariam nas pontas do milharal.

Nada sabiam de doutrina nem conheciam o Evangelho senão por ouvir de longe em longe alguém falar, mas o coração deles estava cheio de espiritualidade e amor. Não sabiam o que os homens falavam de Deus, mas conheciam Deus e O amavam com a simplicidade das criaturas da natureza.

* * *

Alguém me segredou ao ouvido:

— Você não sabe? aqueles pretos que têm um sítio além da Barrinha estão fazendo milagres!

As palavras soaram aos meus ouvidos como coisa estranha, porém possível. Deus derrama do seu Espírito por toda a parte. Por que não haveria de dar a mão àqueles homens humildes que O compreendiam e O amavam?

— Que espécie de "milagre" estão fazendo?

— Fazem operações, curam doenças de toda a qualidade e libertam obsedados! Você não quer ir lá um dia destes?

— Com muita alegria — irei. Gosto de ver as coisas de Deus e os homens que O amam.

* * *

A casa dos pretos era situada numa baixada. Dever-se-ia descer por um trilho entre os matos contornando uma encosta de barranco. Quem passava pela estrada não via ninguém. Estava escondida pela pobreza e pela humildade.

Casa simples, de caboclo, sem forro e sem assoalho ou tijolos. Era chão, terra batida pelos pés dos que ali viviam. Apenas uma mesinha tosca no centro da sala. Nos quartos, uma ou outra cama com colchão de capim.

Chegamos no cair da tarde. Muita gente. Criaturas humildes, trabalhadores. Os negros, surpreendidos com a nossa presença, vieram nos receber.

— Desculpe a pobreza de nossa casa... — disseram.

Não havia nada a desculpar.

— Não temos cadeira para sentar. Fazemos a reunião de pé mesmo.

A sala era pequena. Dois metros e meio por dois e meio ou por dois e oitenta. Quase cem pessoas ali dentro. Lá fora, no quintal, ficara o resto. Outra multidão. Luz de candeia. Trêmula, pálida, lançando sombras nos ângulos e através da janelinha onde se apinhava o povo.

Sobre a mesa dezenas de garrafas com água para fluir. O filho do dono da casa era o médium principal, depois vinha a mãe e mais dois.

Em pé, em torno da mesa, acotovelados pelo povo que os comprimia. Ao lado deles, observamos as garrafas onde a água clara não apresentava nenhum sinal diferente nem espuma ou bolhas.

Olhávamos as garrafas porque era a única coisa que podíamos observar naquele círculo de ferro.

Doentes e necessitados ali estavam com os olhos nos médiuns esperando a palavra de conforto ou salvação.

Aleijados, cegos, paralíticos, obsedados, gente de toda a espécie, necessitados de toda a parte.

A humildade reinava ali.

O moço médium fez uma prece e invocou a proteção de Jesus. Nunca vi tanta humildade num lar nem nas criaturas. Todos estavam submissos, corações pulsando num mesmo sentimento de esperança e de amor.

Jesus brilhava em suas almas como a luz libertadora.

* * *

Em todos os olhares havia uma fé inabalável. Dir-se-ia que esperavam a chegada de anjos que iam descer do céu entre eles.

Homens rudes como os pescadores da Galiléia, simples e bons, de uma bondade transparente refletida nos olhos.

Roupas sujas de terra, roupas de trabalho. Alguns que chegaram mais cedo em casa haviam tomado o seu banho ou lavado as mãos e os rostos e envergavam um terninho de brim, limpo e passado a ferro, ou uma camisa melhor.

Tudo era a mais profunda espiritualidade e fé.

Os espíritos começaram a se manifestar. Foram atendendo as consultas.

— Você, diziam a um, deverá ser operado. Iremos operá-lo ainda hoje.

A outro davam uma receita indicando remédios.

Todos sorriam de satisfação.

— Você, aí, meu filho, será operado de apendicite.

A mais outro falava-lhe no filho obsedado.

Observei, todavia, um fato estranho e surpreendente.

À proporção que a reunião transcorria e que os espíritos falavam, a água que estava nas garrafas e nos copos sobre a mesa enchia-se de bolhas como guaraná gaseificado. Mas aquela água era água pura e comum que os homens simples haviam trazido de suas casas e colocado sobre a mesa. Milhares de pequenas bolhas formavam-se no interior das garrafas como se um céu estrelado, de repente, surgisse ali dentro como por encanto. Coisa espantosa! As garrafas **manchavam-se de bolhas.** Milhares, milhões, talvez!

Mão invisível ou o sopro de Deus gaseificava a água aos nossos olhos.

Os espíritos estavam curando os enfermos e estavam ali mesmo operando criaturas doentes, mas para nós o maior fenômeno era aquele.

Na humildade da casinha simples daqueles negros a Mão de Deus pousara sobre a água sacudindo-a milagrosa-

mente e fazendo com que dentro dela uma nova vida se estabelecesse. Forças curativas penetravam o líqüido e o Espírito de Jesus, de novo, impregnava a pureza da água com o seu Amor Imortal!

* * *

Nunca vimos em parte alguma, com nenhum médium, desde os menores até os maiores, que temos visitado e acompanhado no Brasil, a realização de um fenômeno de fluidificação da água igual a esse.

As garrafas em algumas horas tornaram-se só espumas e bolhas, que subiam do fundo da garrafa para aglutinar-se nas paredes laterais ou formavam extensos arquipélagos flutuantes.

* * *

Vem-nos ao pensamento a passagem do Poço de Siloé, onde os paralíticos e os coxos, os cegos e os leprosos, esperavam que a água se movimentasse para pular dentro dela, certos de que aquele que entrasse na água quando esta estivesse se movendo ficaria curado. E lembramo-nos daquele homem cego que encontrou o Senhor e este cuspindo e soprando um pouco de barro colocou-o em seus olhos sem vida e curou-o.

Com a simplicidade da fé e do amor pôde Jesus curar os que estavam aflitos e dar vida aos que estavam mortos.

Mas a humanidade moderna, complicada e sem fé, prefere o desespero e a guerra, a morte e a destruição, e repousa no materialismo sem Deus.

Nós, porém, ouvimos ainda do fundo dos séculos:

— Crede em Deus, crede também em Mim.

Vinde a Mim todos vós que sofreis, e eu vos aliviarei.

44

"Whistes" e Rachel

Poderíamos chamar este relato de "Caso Whistes", assim como poderíamos denominá-lo, com muita propriedade, de "O Caso Rachel". Questão de gosto.

Todavia, permanece em nós uma terrível dúvida. O leitor, após lê-lo, escolherá para si mesmo o nome pelo qual deverá guardar em suas lembranças um caso tão notável. Pelo menos nós, em nossa humildade, o consideramos extraordinário entre as coisas extraordinárias que ocorrem em nosso mundo.

O nome "Whistes" se pronuncia "RAISTES".

* * *

Foi exatamente no dia 9 de setembro de 1964. Estávamos em nosso gabinete de trabalho, na luta policial intensa de todo o dia, quando o telefone tocou. Eram quase doze horas e já havíamos recebido um recado de casa, chamando para o almoço. A atribulação era grande, os problemas eram muitos e preparavamo-nos para sair de viagem, em serviço.

— É o Ranieri? — perguntou a voz conhecida e amiga do Domingos Delmonaco.

— Oh! É você, Delmonaco? O que é que há? Tudo bem, por aí? E a família?

Delmonaco ligeira e apressadamente falou da família e entrou logo no assunto.

— Ranieri, a Dona Luiza acabou de me enviar um caso interessante aqui e penso que o negócio é com você. É um caso extraordinário que vai interessá-lo!

Dizendo isso, o nosso Delmonaco historiou:

— Estou aqui com uma menina que trabalha na fábrica do Pedregulho, do Otto Spalding, e aconteceu com ela um fato estranho. É filha de gente humilde, sem qualquer instrução mais elevada, e a menina hoje, após ter tido um desmaio, apareceu lá na fábrica onde trabalha completamente mudada. Quem dirige o escritório é o Professor Patrício, que também leciona no "Nogueira da Gama" e como a menina havia faltado um ou dois dias, estranhou que naquele dia ela ainda estivesse chegando tarde ao serviço, mas, quando foi conversar com a moça, ficou estarrecido porque a menina além de apresentar uma personalidade completamente diferente da habitual, estava falando numa língua estranha!

Ficou mais assombrado ainda quando ao chamar o Otto, que é o gerente da fábrica, para vê-la, acreditando que estivesse doida, esta ao invés de se impressionar, convidou, com ares de grande dama, o Otto para se sentar a seu lado numa cadeira e passou a conversar com ele nessa língua que ninguém sabe qual é. Você não quer vir aqui imediatamente para ver o caso?

Sem pestanejar, respondemos ao Delmonaco:

— Estou de viagem, serviço inadiável, mas você faça o seguinte: peça emprestado a alguém por aí um gravador para gravarmos tudo o que ela disser nessa língua, porque não posso ir em casa buscar o meu.

Passarei por sua casa agora mesmo, acompanharei o caso um pouco, em seguida farei minha viagem e, ao retornar, voltaremos a seguir ao problema da menina. Tudo certo?

— Está bom — disse o Delmonaco —, vou providenciar imediatamente um gravador e espero a sua chegada...

Foi assim, prosaicamente, que começou o "Caso Rachel" ou a visita de WHISTES ao nosso mundo.

* * *

Ansiosamente, Domingos Delmonaco já nos esperava. Poucas pessoas à volta da mesa. Uma menina ingênua e simples, pareceu-nos Rachel. Delmonaco apresentou:

— Este é o Dr. Ranieri, Delegado Regional de Polícia...

A menina sorriu e com uma delicadeza extrema e uma finura de maneiras extraordinárias, cumprimentou-nos pronunciando palavras numa língua que nunca havíamos ouvido, mas que parecia muito com alemão e, às vezes, com inglês.

Com o decorrer da conversa vinham-nos ao pensamento as páginas de história universal, quando no ginásio nos ensinaram que os gregos falavam uma linguagem suave e doce, delicada e melodiosa. Não, não era grego, mas seria alemão? Inglês não era.

Pronúncia fácil, melodiosa, ligeira como o pipilar dos passarinhos. Saíam-lhe as palavras da boca com a maior naturalidade como se em toda a sua vida não falasse outra coisa.

Vimos logo que o seu modo de portar-se era de uma criatura finamente educada e culta. Ao nosso lado, um rapaz humilde, talvez um operário da fábrica, que era vizinho de Rachel, assombrado, dizia-nos:

— Estou abismado. Essa moça é minha vizinha! Vai sempre à minha casa, conversa com a gente, é uma cabocla! Não sei como se transformou repentinamente nessa criatura!

De fato, a pessoa que ali estava falando aquela língua desconhecida não era uma operária de fábrica ou mesmo escriturária de escritório de qualquer organização comercial. Estávamos diante de alguém que houvesse pertencido à nobreza nos tempos mais requintados. Por tudo o que havíamos lido ou visto através do cinema, de príncipes, reis e princesas, parecia-nos aquela criatura uma dessas personagens saídas dos palácios reais. Cada gesto seu, cada palavra, cada atitude, revelava de imediato uma perfeita educação. Nada de afetado, nada de estudado, nada de fingimento. Conversava como um estrangeiro conversa com o domínio completo de suas faculdades.

O gravador de um amigo iniciou a primeira gravação, depois, em nosso próprio gravador, iríamos gravar quatro carretéis daquela língua diferente e bela.

Fizemos perguntas a Rachel, muitas perguntas e entre elas, estas:

— Como você se chama?

— WHISTES.

— Que língua você está falando?

— Húngaro (**Rângaro**, esta a pronúncia).

— Qual a sua nacionalidade?

— Rângaro (Húngaro).

— De que lugar você é ou onde vive ou viveu?

— Você é uma personalidade da própria Rachel que por qualquer motivo ressurgiu de repente? Ou melhor, não sei se você me entende: você é aquilo que os psicólogos chamaram de o resultado da dissociação da personalidade ou você é coisa diferente?

— Eu me chamo WHISTES e sou diferente de Rachel. Ela é uma e eu sou outra. Sou um espírito e **tomei** Rachel porque esta queria morrer e deseja morrer. Eu a acompanho há muitos anos. Tenho passeado com ela, ido ao cinema, procurado ajudá-la. Rachel está desesperada e para que ela não se suicide, tomei o corpo dela, mas eu não sou ela, eu sou outra, sou WHISTES, você me compreende? Vou ficar aqui até que ela melhore e resolva continuar vivendo na Terra. Rachel está em grande perigo. Como sou amiga dela, quero ajudá-la. Se eu me afastar e ela voltar agora, fará uma bobagem e procurará destruir o próprio corpo, pois ela não quer mais viver, Rachel é uma revoltada... Sofreu muito e não quer mais viver...

A sinceridade das afirmações de WHISTES era impressionante e tocou-nos o coração. Poderia ser algum espírito obsessor que estivesse usando de subterfúgios para melhor dominar a sua vítima, no entanto, a maneira com que ela falava parecia afastar qualquer hipótese menos dígna.

Era evidente que estávamos entendendo a linguagem de WHISTES, mas havíamos perguntado se ela era capaz de escrever qualquer coisa numa língua que nós entendêssemos. Disse que sabia um pouco de inglês, um pouco de francês, um pouco de alemão e um pouquinho de português... Muito pouquinho, que havia aprendido quando vivera na Terra. Disse que iria se esforçar por nos atender. Assim, à proporção que nos falava naquela língua, também ia escrevendo num português cheio de dificuldades como um estrangeiro que escrevesse muito mal a nossa língua e até de modo infantil.

Apesar de tudo, havia um fio de possibilidade de entendimento e foi o caminho que nos conduziu até WHISTES.

A escrita em português era irregular, lembrando a escrita de uma criança que inicia no grupo escolar. Perguntamos-lhe como é que **não podendo** falar em português escrevia em **português?** Respondeu que havia aprendido quando na Terra **um pouco de português, um pouquinho só.**

Pedimos a WHISTES que escrevesse uma página naquela língua que ela falava. Com a maior delicadeza possível e com a mais cativante boa vontade escreveu a página que se segue e que em outro local reproduzimos com a escrita original:

Whistes Whastenz Kenz.
Whas Kenz teing.
Whastzh 25-01-57. Pan American. Whasthzdestezwhz. Wahstenzwhz.
28-11-37. Whazkenzteing. Hungaro.
Qhistz Whazwkenteizten Kewetz.
dapkatezwhisth edchakep. Rackel
dekchepwz twdwz Vkeps enk enfek pwz.
L viwk apkenwaz pksa Wkiver nnwz.
nwz, pwantchwz. Z equkawtwat awhist estwz.
Rackel pwoussewz auwestein pestiu xi dwady.
Viwk kawiz tein chakep ehasteteing.
Kauir nastein whistein.
Whascki deskenzwth chakep wacht.
brikweiz kawiztein phastwhast.
deskenpwth deiwair estwez chakep.
phortinorwhet.

WHISTES WHASTENZ KENZ

9-09-64

Com a página em mãos, buscamos alguém que pudesse traduzi-la ou que pelo menos nos desse uma indicação sobre a língua. Lembramo-nos do Dr. Lang, que fala umas seis ou oito línguas européias e é húngaro finamente educado, conhecedor das coisas da sua gente. Fomos buscá-lo. A experiência realizou-se na presença de algumas autoridades policiais, além de nós. Havia na sala umas quarenta pessoas e tudo o que se disse foi gravado em fita magnética. O Dr. Lang conversou longamente com ela, de todas as maneiras e chegou à conclusão de que a linguagem não era húngara. Identificou uma ou outra palavra como sendo de origem inglesa ou alemã, todavia não pôde situar a língua verdadeira. Houve um momento, na conversa deles, como pode mostrar a gravação, de grande emotividade: foi

quando o Dr. Lang, investigando de onde viera a moça (pois ele não sabia que estava conversando com um espírito e pensava que, como delegado de polícia, estávamos investigando algum caso intrincado e admitia que a mocinha era alguma estrangeira), perguntou-lhe sobre Auschwitz e Dachau, campos de concentração pertencentes à Alemanha Nazista, e ela, em pranto convulsivo, se levantou da cadeira em desespero e caiu nos braços de Dona Angelina Delmonaco, que a amparou. Falava chorando naquela língua e com uma espontaneidade de estarrecer e emocionar. Hora de patético e pungente.

Tão emocionante que poucos foram os que puderam manter as lágrimas nos olhos.

A simples lembrança do campo de concentração parecia desorientá-la.

As perguntas foram então orientadas nesse sentido e ela nos disse que estivera prisioneira ainda criança, 12 anos talvez de idade, em campo de concentração e que ali sofrera as maiores atrocidades no setor sexual, dando a entender a brutalidade de seus carcereiros que faziam as mais terríveis experiências sexuais da História. A cena é uma obra prima de naturalidade e dramaticidade, infelizmente só possível a real apreciação ouvindo-se o gravador.

Foram chamados outros tradutores, entre eles, dois judeus. Estes que também não sabiam que falavam com um espírito, se esforçaram para nos ajudar, certos de que estavam ajudando a resolver problema policial, e deram todos os seus esforços para nos atender. Disseram que a língua lhes parecia uma das línguas muito antigas, talvez hebraico antigo ou uma daquelas línguas orientais.

Quando alguém lhes disse que estavam falando com um espírito, saíram precipitadamente da sala alegando que sua religião não lhes permitia isso, assombrados e assustados.

O Dr. Lang, por sua vez, quando teve conhecimento de que falara aquele tempo todo com um espírito, demonstrou profunda surpresa e considerou o fato um fato extraordinário.

* * *

Whistes no corpo de Rachel permaneceu durante cinco dias. Almoçou e jantou com a família Delmonaco, sempre

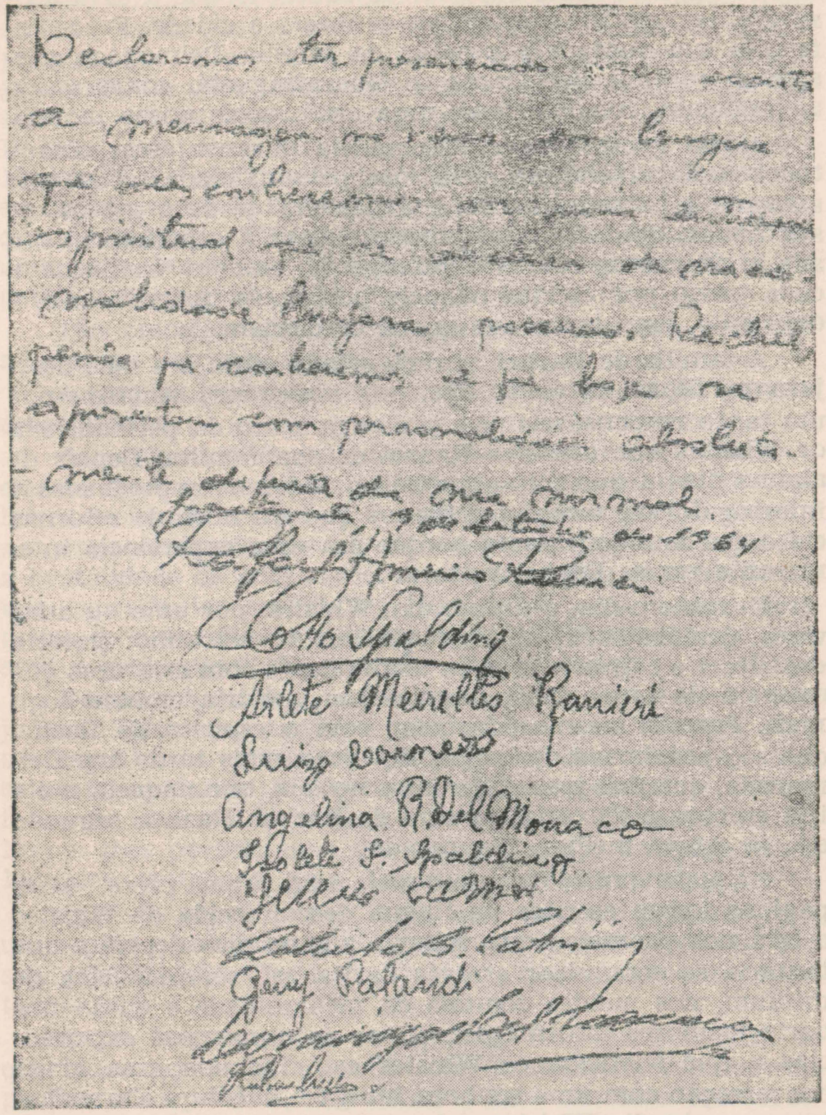
dentro daquela linha superior de educação que a caracterizava e demonstrou vontade de conhecer a cidade. Foi satisfeita a sua vontade e pessoas da família Delmonaco passearam com ela pelas ruas de Guaratinguetá, conversando alegremente, como se fosse uma criatura de nosso mundo.

Muita gente conversou com ela durante esses dias e todos se apaixonavam pela sua personalidade, altamente atraente e extraordinária. A delicadeza de seus gestos, de seu andar, de todo o seu modo de ser e especialmente a sua conversa agradável e inteligente, embora traduzida a cada passo por escrito naquele português insignificante e deficiente, empolgava aos que a conheciam.

A família de Rachel, porém, estava aflita e a mãe desejava a "filha" de volta. Nós, por nossa vez, sentíamo-nos um tanto responsáveis pela prolongamento da permanência de Whistes que afastava Rachel de sua família. Depois de alguns dias a que foi submetida a todas as experiências e interrogatórios, também achamos que era hora de retornar ela a seu mundo, mesmo porque era uma experiência interessante ver se Rachel voltava...

Durante o dia, o último dia, Whistes, por uma ou duas vezes, demonstrara um enfraquecimento estranho: parecia desfalecer e conversava meio inconsciente com criaturas que estavam **do outro lado**, dizendo-lhes que iria embora logo mais. Parecia mesmo conversar com o espírito de Rachel que se aproximava do corpo. Notificou mais tarde aos Delmonaco, que nos transmitiram a notícia, que naquela noite iria embora e deixaria o corpo de Rachel. Rachel, segundo ela, já estava melhor, recuperada.

Naquela noite, reunimo-nos para uma prece. Mais páginas foram escritas na língua desconhecida de Whistes e esta nos prometeu que voltaria alguns dias depois e que tentaria se comunicar através de Rachel, servindo esta de médium, nos moldes comuns da mediunidade e então nos daria melhores informações. Entre as numerosas experiências a que submetemos Whistes está incluída uma longa conversação com uma senhora húngara, médium clarividente, que entendia Whistes pelo pensamento e pela intuição, de maneira que mantiveram um entendimento que foi gravado em mais, talvez, de uma hora. A senhora, pessoa amiga do Delmonaco, chamada Dona Júlia. Conversa para nós não de todo surpreendente porém um tanto estranha de um modo geral, pois que Dona Júlia não lhe entendia a palavra,



FOTOGRAFIA N.º 14 — Declaração de pessoas que assistiram ao caso Whistes

mas declarava entender-lhe o **pensamento.** Fato que pode ser aceito já que admitimos a telepatia e que no plano espiritual existe também a **linguagem mental,** como se pode ver nas obras de André Luiz.

A personalidade de Whistes é uma dessas coisas extraordinárias que só tem paralelo no caso de Katie King quando se materializou para William Crookes e sua família, mantendo com eles contacto quase permanente cerca de três anos. Katie era em geral fina, educada e se dizia uma princesa oriental em outras existências. Whistes também se afirmou figura de ambientes fidalgos, se não me engano se disse uma duquesa em encarnação recuada. O fato é que Domingos Delmonaco nos disse que durante as refeições se sentia constrangido até de almoçar ou jantar com ela porque verificava que a educação de Whistes era superior à sua, tão delicada, tão traquejada na maneira de viver em sociedade. Declarando-se surpresa ao lhe ser servida uma banana como sobremesa, afirmando que não conhecia a fruta, comeu-a no prato, partindo-a com a faca e levando-a à boca aos pedaços com o garfo enquanto que os outros comiam bananas à brasileira, com a mão e tirando a casca. O interessante é que em suas atitudes não demonstrava nenhuma afetação ou desajeitamento. Via-se que eram naturais nela os gestos e as atitudes como se a vida toda não tivesse vivido senão assim. Tão diferente era a sua personalidade da personalidade simples de Rachel que chocava a todos a diferença. Aliás, nós consideramos mais impressionante que a linguagem que usava a mudança de personalidade que era um fato que todos podiam comprovar. Sedutora e empolgante. Não se traiu uma só vez em cinco dias, misturando qualquer palavra em português com a língua que falava. Língua suave, língua de anjos. As perguntas eram as mais imprevistas e quase sempre feitas por desconhecidos. Esteve em visita em algumas casas de família de nossa sociedade, gente fina, e em todos os lugares se mostrou sempre a mesma Whistes, perfeita, correta, serena, compreensiva e extraordinária. Inteligência vivíssima. Respondia sempre com graça e acuidade. As perguntas mais desconcertantes eram respondidas ao pé da letra com uma entonação tão bela e cativante que seduzia. Whistes, em verdade, foi um anjo entre os homens por cinco dias. Veio e foi.

* * *

Na noite daquele dia, reunidos, foi feita a prece. Whistes despedia-se de nós, também saudosa. Deixou-nos algumas palavras escritas de agradecimento pela cooperação que lhe foi dada. Havia em sua voz muita saudade e muita tristeza. Falou de Rachel, contou-nos tudo a seu respeito e compreendemos verdadeiramente que ela viera para salvar Rachel e que a salvara.

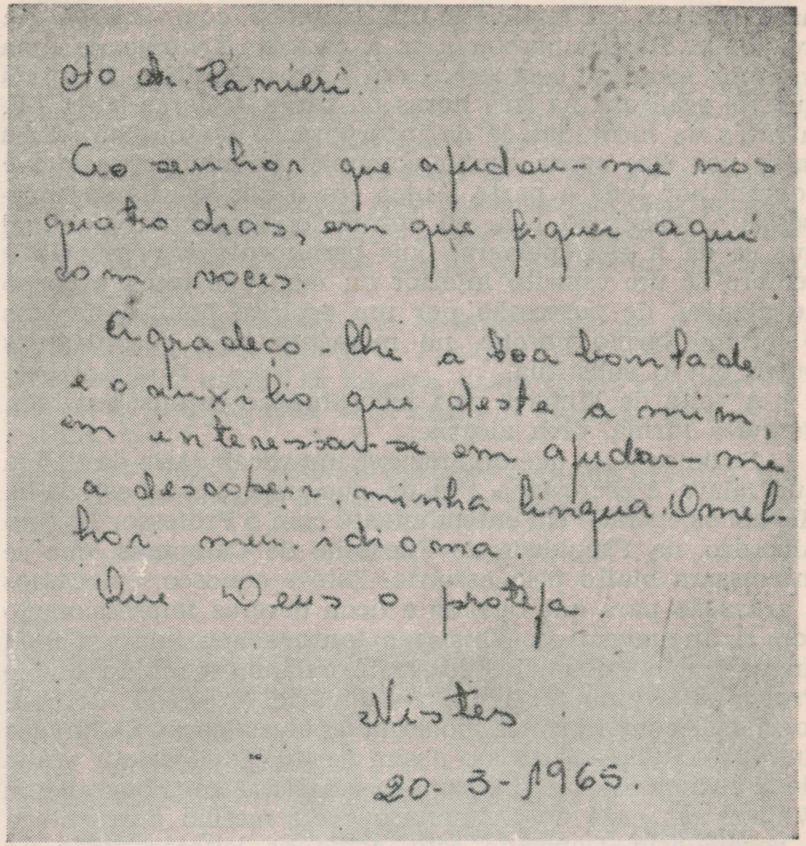
Começou a empalidecer e a desmaiar. Sua voz sumia e, caída sobre a cadeira, parecia que estava morrendo. Na realidade assistimos ali a morte de uma criatura. Dava-nos a impressão de uma longa agonia... Depois voltou, animou-se outra vez, falou com todos e disse que Rachel reagia, não queria retornar e que ela tentava convencê-la. Novo desmaio e depois algumas palavras de Rachel que ouvíamos pela boca do corpo de Rachel, pois que aquele corpo se tornara morada de dois espíritos. Falamos com ela, eu, Delmonaco e Dona Angelina, procurando convencê-la da sua responsabilidade para com o seu organismo físico que lhe fora dado como um dom de Deus. Reagiu muito. Dona Angelina falou-lhe com o carinho de mulher. Se não me engano, por Dona Angelina, um guia espiritual conversou com Rachel. Finalmente, Whistes voltou e se despediu mais uma vez de todos. Disse que naquela noite Rachel-corpo deveria ser levado para a sua casa e que durante a noite a **outra** retomaria o seu organismo sem choques. Ao amanhecer o dia, acordaria sem saber que ficara cinco dias no mundo espiritual, isto pela bênção do esquecimento que redime e renova. E esse fato aconteceu.

No dia seguinte, Rachel **nascia** de novo para o mundo e para si mesma...

Whistes havia partido e cumprido a sua promessa. Viera para salvá-la e salvou-a.

* * *

Como é natural, o caso Whistes impressionou a todos. A cidade, aos cochichos, ficou cheia de comentários. Nessa ocasião o Padre Quevedo dava um curso de Parapsicologia em Guaratinguetá. Foram-lhe contar o caso e pedir-lhe explicações sobre o fato de uma mocinha ingênua e simples, sem conhecimento de línguas estrangeiras, falar uma língua que ninguém sabia o que era, e ele, segundo constou, respondeu, como sempre, com uma de suas explicações estapafúrdias, mas não nos procurou nem foi investigar o caso


Ao Sr. Ranieri.
Ao senhor que ajudou-me nos quatro dias, em que fiquei aqui com vocês.
Agradeço-lhe a boa vontade e o auxílio que deste a mim, em interessar-se em ajudar-me a descobrir minha língua. Omelhor meu idioma.
Que Deus o proteja.
Whistes
20-3-1965.

FOTOGRAFIA N.º 15 — Fotocópia da despedida de Whistes a Ranieri

que estava praticamente à disposição de todos os que desejam investigar.

Foi pena, para ele. Poderia ter aprendido alguma coisa de real.

* * *

Rachel voltou e Whistes foi embora. A menina de fábrica deixou de ostentar a alta personalidade que exibira por alguns dias. Os vizinhos tornaram a ver a menina ingênua e simples, sem qualquer pose e que retornara ao convívio deles, como alguém que retorna do mundo da morte.

De acordo com entendimento havido conosco, Delmonaco iniciou em sua casa um trabalho com Rachel. Na realidade, Rachel passou a ir à casa do Delmonaco uma vez por semana, comparecendo a uma reunião já antiga que ele realizava às três horas da tarde de terça-feira. Ali, através da mediunidade de incorporação voltou Whistes a falar por ela, agora numa comunicação simples e que é comum por toda a parte. Antes era o que se chama "possessão", possessão boa, ao contrário do sentido habitual que se dá a essa palavra, pois geralmente a possessão é sempre de um espírito inferior ou mau que toma o corpo de alguém, de possessão por um espírito bom, aplicamos o mesmo termo porque, no momento, não encontramos outro que o substitua.

A volta de Whistes pela incorporação inconsciente foi, de certa forma, uma alegria.

Pedimos a ela que organizasse um vocabulário da língua que falava e escrevia a fim de que pudéssemos estudá-la. Havíamos entrado em entendimento com o Professor Hygino Aliandro, da Faculdade de Filosofia, de Campinas, que se interessara muito pelo assunto. Esteve conosco, colocamos a gravação para que ouvisse e ficou deveras impressionado com a linguagem de Whistes e tanto achou que era uma língua que passou a estudá-la. Combinou-se então que o Professor Hygino faria um vocabulário ordenado, de conformidade com a técnica moderna de investigação de línguas antigas ou desconhecidas. Assim se fez. O Professor vinha de S. Paulo uma vez por semana e assistia ao trabalho com Whistes em casa do Delmonaco e ele mesmo apresentava o vocabulário. Consistia este, como os leitores verão no fim deste capítulo e que transcrevemos em tipos, tendo em vista as dificuldades para se publicar tudo em clichês, pelo fato de encarecer sobremaneira a obra. Publicaremos o trabalho na íntegra e um trecho ou outro em clichê para comprovação do que existe no original. Qualquer dos leitores que se dedique ao estudo aprofundado de línguas, então, poderá colaborar conosco dedicando-se à decifração dessa linguagem estranha. Lembramos aqui que no livro **A VOZ DO ANTIGO EGITO**, de Francisco Lorenz, vem estudado um caso desses que demorou três anos para ser decifrada a língua.

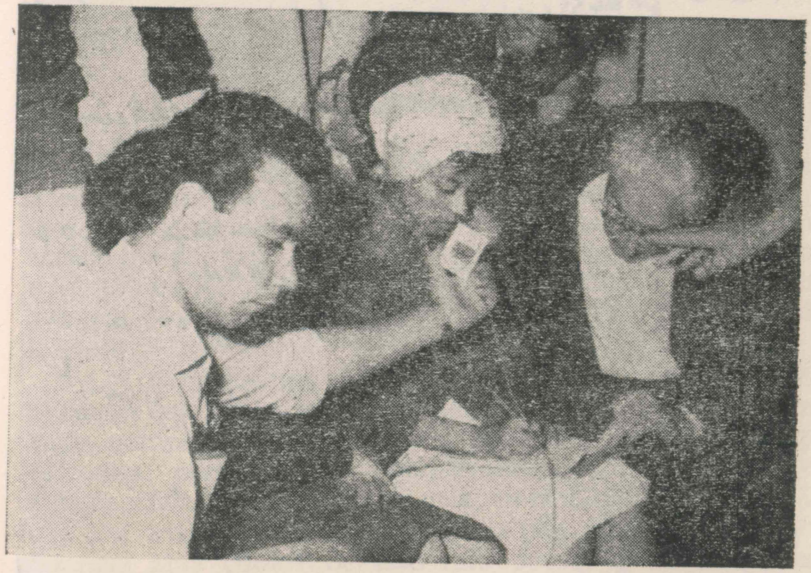
O leitor estudioso terá, pois, oportunidade de estudar conosco. Deverá remeter-nos as suas conclusões para publicação futura nesta mesma obra.

O Professor Hygino, como se verá, organizou um vocabulário no qual se apresenta uma frase escrita em português e o seu correspondente na língua de Whistes posteriormente respondida por ela ou reproduzida por ela. Passou do simples ao complexo de modo a permitir todas as variações e flexões, de gênero, número, e verbo.

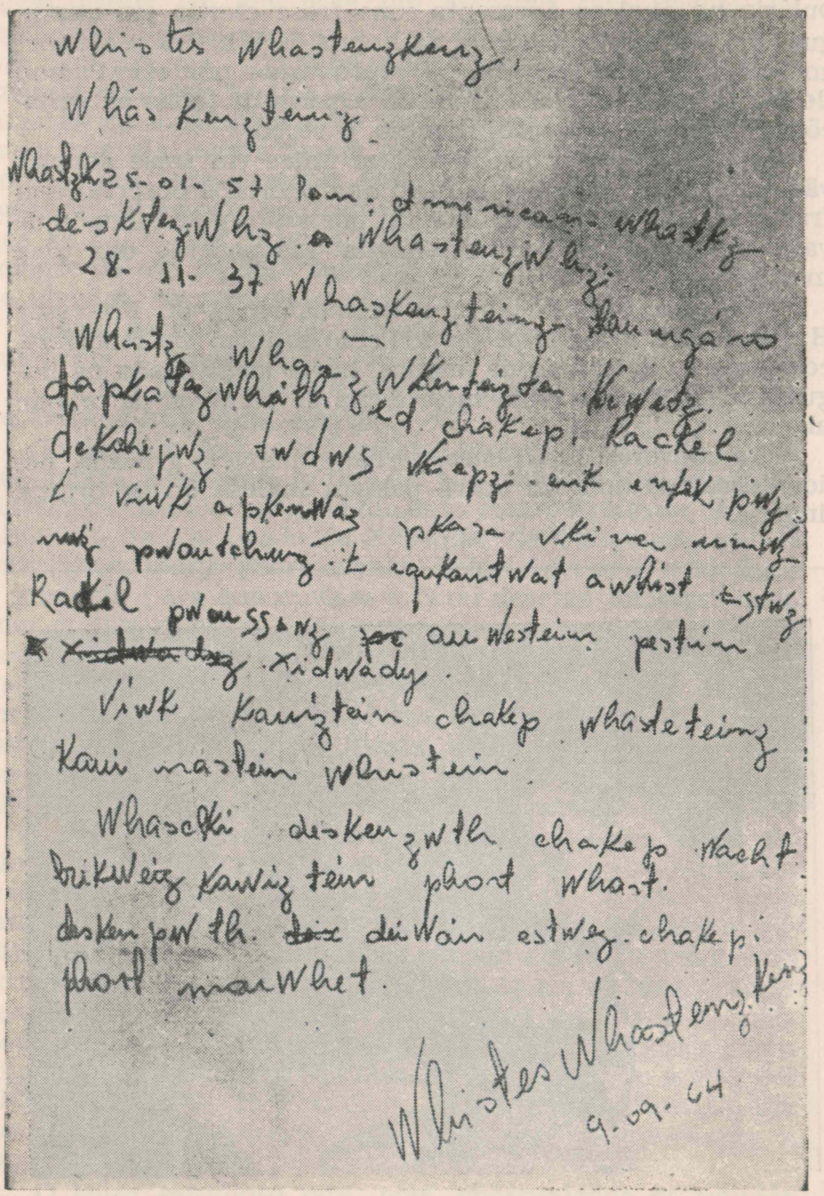
Muitas palavras que aparecem antes em frase simples vão-se reproduzindo depois, pelo que pudemos observar, em frases mais complicadas. Haverá, portanto, possibilidade de variações no mecanismo da língua que poderão dar uma indicação.

A última informação que tivemos vinda do Professor Hygino era que a equipe de S. Paulo a quem ele recorrera, colegas seus de estudo de línguas, havia identificado na linguagem de Whistes uma meia dúzia de palavras de origem alemã.

Na conversa de Whistes, verbal e que vem gravada, nós identificamos uma ou outra palavra inglesa ou de origem inglesa.



FOTOGRAFIA N.º 16 — O Espírito de WHISTES através de RACHEL conversa, escreve e responde a interrogatório feito pelo Dr. LANG.



FOTOGRAFIA N.º 17 — Fac-simile da escrita de Whistes

Whistes informara que misturava palavras de muitas línguas porque estivera criança prisioneira num campo de concentração que reunia gente de todas as nacionalidades, por isso aprendera muitas palavras e misturava as línguas. Explicação lógica, razoável, contra a qual não temos argumento.

Convém esclarecer que também o Professor Hygino, que não é espírita, ficou profundamente impressionado com a **personalidade** de Whistes, com a sua finura, delicadeza de atitudes e gestos. Parece-nos que até se afeiçoou a ela intensamente.

Está, portanto, em mãos competentes o estudo da língua de Whistes.

Durante muitas semanas Whistes vinha e **através de Rachel** cumpria a sua obrigação. Domingos Delmonaco Filho encarregou-se de acompanhá-la nessa parte e ajudou-nos muito.

Terminada a tarefa que lhe fora imposta e que aceitou de boa vontade, Whistes não mais voltou. Cumpriu o seu dever, resta-nos agora cumprir o nosso.

* * *

CONCLUSÕES NOSSAS

Não apresentamos este caso como um caso definitivo e encerrado. Não declaramos nem queremos afirmar que seja realmente um espírito que tomou Rachel. Manteremos nossa opinião em reserva. Estamos apresentando um fato notável aos leitores e junto com eles o vocabulário e a linguagem com os elementos comprobatórios para que todos possam estudá-lo.

1.º) Uma menina simples, humilde, sem grandes possibilidades culturais, certo dia acordou com outra personalidade, compareceu ao serviço e passou a falar uma língua estranha; personalidade completamente diferente, conduta e conhecimentos acima dos dela, normalmente.

2.º) Poderia ser uma inversão nos valores mentais de Rachel? Mas como? Se isso não ocorre geralmente, se é raríssimo ouvir falar de fenômenos dessa natureza. O fenômeno das línguas estranhas é um dos mais raros da fenomenologia espiritualista.

3.º) Teria Rachel, sob um impacto emocional qualquer, voltado a uma encarnação anterior? Teria emergido das ondas vibratórias de seu perispírito uma vida passada?

4.º) Seria realmente WHISTES um espírito independente, como afirmou e que veio ao mundo para salvar Rachel?

Deixamos por enquanto ao leitor responder a si mesmo essas perguntas até que a linguagem de Whistes esteja decifrada, quando então poderemos, talvez, mais decisivamente tirar uma conclusão final.

Todavia, é bom recordar o velho Shakespeare: "Entre o Céu e a Terra, há coisas que nem sonha a vossa vã filosofia."

Vocabulário Whistes

o pai — w whanzt
a mãe — wz zhanwtz
o irmão — w whanstz
a irmã — wz whanztzen
o livro — w wzantewez
a caneta — wz zzhantenz
os pais — whs whanztenzs
o filho — w wzantent
a filha — wz wzantentenz
os filhos — whs wzantentenzs
as filhas — whzs whanteinzs
os lápis — whz wzantenz
os livros — whz whanztenz
a cadeira — wz whantenz
a mesa — wz whentz
a casa — wz whantent
a janela — wz zantentz
a porta — wz whantenz
a escada — wz whastent
a borracha — wz zahtentz
o tapete — w lantenzt
as cadeiras — whzs whantenzs
as mesas — whzs whent
as coisas — whzs whantentzs
as portas — whzs whantenzs
as janelas — whzs zantentzens
O livro está na mesa
W wzantewez whist nwz whentz
os lápis estão na cadeira
Whz wzantenz whestenz nwz whantenz

Papai fala com mamãe
Whanstent whanst whant whantentzs
Eu pego o livro
Whuz whentenz whutenz
Eu abro o livro
Whuz whanting whuteinz
Eu leio uma sentença
Whuz ztnhant whatein whantnz
Eu fecho o livro
Whuz whanting whuteinz
Eu o ponho na mesa
Whuz whn whinrteinz whanz whantaing
Quantos livros tem você?
Whantanzz whuteinzz thenz whantuz?
Tenho uns 500 livros e uns quinhentos cadernos
Thanwant wahfan 500 whuteinzz wanfanz whunteizt
Você tem muitos lápis?
Whantuz thenz whanft?
Ela tem uma bela casa
Whantz thenz whatein whanteiz whanteizen
Ele tem um belo carro
Whantez thenz whanterz whaintef
Nós temos muitos amigos
Whos thenzewaz thenzent whanterz ant
Ele sai do quarto
Whantez whant thez whantens
Ele anda em direção da porta
Whantez whant ..... dhewant
Ela pára em frente da porta
Whantezunt athetwant dhewant
Ele distende o braço
Whantezant dhistwdzant whu whanth
Segura a maçaneta
Rthetenz whanthatz
Gira a maçaneta
Ghirwat whanthatz
Puxa a porta
Phwantein dhewant
Abre a porta
Whanteizt dhewant
E ele sai do quarto
Whwant whant ..... whanteinz
Onde está o livro?

Whantz whatz whanteiz?
Ele está na mesa
Whantuz whatz whanteiz
Qual é a sua cor?
Whantuz whant whantanz?
(.....) ilegível
É azul e branco
Whant whanteinzt Rthant
Qual é o seu nome?
Whanteiz whaertz whanteiz?
"A minha alma"
Whaz whantannz whatheinz
Você já o leu?
Wanternff Wh hant?
Já. Por quê?
That. Phortant?
Porque desejo saber a sua opinião
Phantazanteiz phantaenf whanteinz
É excelente.
Whanteinzant
Como se chama o seu autor
Chamhiwansent wantenzant
Não sei.
Niswanteinz
Que pena
O whenteinzet
Não
Nisten
Sim
Sisten
Traga-me o canivete
Twhanteinz chanteinz
Onde está ele?
Whanteiz Whanteizart
Na cama. O canivete caiu da minha calça.
Nhaw chawat. Whz chanteinz cwant dhe whinteizfant
Abra-o e faça a ponta no lápis
Whanteiz fthunt whant eizfant
Pronto. Já fiz a ponta
Phantwant fhat want wantaiz
Muito bem. Agora escreva o seu nome
Whantanfrenz. Whantenteinz whanteiz

O meu nome é .....
Whz whant thantkant Whistes
Como você se chama?
Whastenik whantz
Eu me chamo .....
Whzant thant ..... Whistes
Que dia da semana é hoje?
Plantaz .....?
Hoje é domingo.
Tekent etk
Que dia foi ontem
Plantaz wkantkantlz
Ontem foi sábado
Wkantekantz
Que dia será amanhã?
Plantaz Wkantk shokert whostkent
Amanhã será segunda-feira
Whostkent shokert
Você pode repetir os dias da semana?
Whantzantkenz Plantkenqrenz rentkenz
Sim. Os dias da semana são:
Sisthenz Whzs whanktenz sakent
Veja o telhado da casa
Whanteiz whantankentantz
Qual é a sua cor
Plantanzent whantaizent
É marrom
Wht Rantkant
E qual a cor do livro?
Wht Plantaz Whatantanz
É branco e azul
Wht Rtkenz wzt whantkenz
Que cor você prefere?
Plant whatanz whatankent
Verde
Rentazank
Por quê?
Plantkent?
É a cor da esperança
Wht whantaz whantanz
Eu prefiro o azul
Wat ankentz whz whantkenz

É a cor da amizade
Wht whantaz whantenk
E as estações do ano?
Whtanzstent whantantz?
São quatro:
Rthantantkentz:
Primavera
Rthantentazt
Verão
Plantentz
Outono
Whantantzzt
Inverno
Sstantentz
Qual é a estação das flores?
Plantanzkantent fkentantz
A Primavera
Whzt Rthantentazt
Você gosta da primavera?
Whatantkent wh Rthantentazt
Muito
Whantantz
E do Inverno?
Whztz Sstantentz
Eu não gosto
Whaztant wisthen tantkant
Por quê?
Planteiz?
Porque é muito frio
Plantenkent whantantzent
No inverno cai a neve
Nhl sstantentz Nhatentztk
A neve é branca
Wlz Nhatkenkenzt
Branco como a neve
Rtkenztenatz Nhatkenzk
Você é branca ou preta?
Whantz whtrtkenzz hakenkwtaz
Eu sou
Whatzent whtrtkenzt
Qual é o seu nome?
Plantentakwt Nwhaktez

Meu nome é
Whantenwhaktez Whistes
Onde está o lápis?
Plantez whakenwthz
Ele está na mesa
Whanteztant whantenzt
E a mesa?
Whantenztantat
Ela está na sala
Whantezztant whatantz
A sala é grande
Whatantzzt ofttakentz
Mas a mesa é pequena
Rtankentwtz oftzantakez
Eu saio da casa
Whantenz Phantentanz
Desço a escada
Rtantant Whanzzanrt
Chego ao jardim
Whantkwart Whawartent
Atravesso o jardim
Thantentz offwhart
Chego à rua
Whantkwarztant
Ando pela calçada
Zantenkent rqtant Plantkent
Vejo um amigo
Zwart unzentatwt
Cumprimento o amigo
Ckententant ofzentatwtk
Bom-dia
Plantez tiwartz
Boa-tarde
Plantezdtewartz
Boa-noite
Plantez Whantezz
Dou um passo
Ptantenz untenzat
Dou dois passos
Ptantenz dhantent
Dou três passos
Ptantez thantentz

quatro — whantz
cinco — zant
seis — Platez
sete — Pladez
oito — offtz
nove — Whantken
dez — Pant
onze — oftz
doze — Pantez
treze — thenz
quatorze — Kentenz
quinze — Kentent
dezesseis — Pantettz
dezessete — Panttzent
dezoito — Panzant
dezenove — Pantentz
vinte passos — Whartantenzt
Que mês do ano você prefere?
Plantenzant dhantaz vhanttetz
Prefiro janeiro
Vhazzent .....
Bem. Eu prefiro dezembro
Plante Whart vhazzent .....
Por quê?
Plantenzt?
Porque é o mês do Natal
Plantenzt whantent Rtantenz
Você já ganhou presentes do Natal?
Vhantanjantk Plantenz two Rtantenz
Já. Muitos presentes
Whatante... Plantenz
1 par de sapatos
1 plart dhezent
um vestido — whart vhantenqth
um trenzinho — whart twenten
2 pares de meia — dhantez plantzz thantez
doces — Dhotez
frutas — Tharzanzz
laranja — Thanrangt
banana — twartenk
jaboticaba — kantenzent
ameixa — whantenzant
maçã — Mhantaw
pera — Plantw

uva — Vhantz
pêssego — Planzent
morango — Mhowrantw
romã — Rwant
cereja — Chantez
tâmara — twanwatw
damasco — Dhantenz
Chega. Não fale mais
Chtew. Nisthen flantewart
Por quê?
Plantkent?
Porque está me dando água na boca
Plantenzt uf thant dhant akunt nha phoctw
Qual é a sua fruta predileta?
Phantant shut thenzanzzentz antz
a melancia
whaz Nelwanthz
Eu gosto muito de melão com presunto
Whantenzzent dhewant dtent dhe whanterf
Você sabe rezar?
Whantz shazent Plantez
O que é rezar?
Whantent Plantenz?
Rezar é falar com Deus
Plantenz whantenz chont wh
Sim, sempre falo com Deus
Sisthen, Shanthe whant chont wharz
Ave-Maria
Whart Mhanteraz
Cheia de Graça
Choent dhe dhentz
O Senhor é convosco
Whz wartez wartanzanr
Bendita sois vós
Bhantez sthant whoz
Entre as mulheres
Dhent whaz Mhartthez
Bendito é o fruto
Bhantezz offert Tharzant
Do vosso ventre
Dhot whozzt whanzent
Jesus
Jhantez

Eu rezo de dia
Whantez dhe whant
Você reza de noite
Whanzt Plantz dhe whzart
Nós falamos com as pessoas
Nhoz plantenzehont whaztenzant
As pessoas falam conosco
Whaztenzant plantent chontenzant
Eles escrevem cartas aos amigos
Rthez esthant chontenz Whous aumhantz
A casa está cheia de cadeiras
Whaz chontz ewtz chantenz dhe chantentz
Nós sentamos nas cadeiras
Nhoz thenantz nhastentz
As cadeiras não são grandes
Whazz chantentz nisthen sthot ghandhes
Aqui está uma cadeira pequena
Athi flentz uthe chantentz plentenzz
Você fala inglês?
Whantz whantenz ittherz
um pouco — uthe planterz
Quanto tempo você estudou inglês?
Plantenz ttempho whantz whantenzt ittherz
Estudei inglês durante ... meses
Whantenzt tthenz chutenzent 13 whartez
um mês — untentantez
dois meses — dhantwartz
três meses — thantwartz
quinze meses — kentwartz
vinte meses — whartanwartz
Você acredita em Deus?
Whantz whanteranly eft Whaz
Claro. Quem não acredita em Deus não acredita em si mesmo
Chtentz Plant nistren wha... tvanly eft Wharz nisthen
whantvanly eft sthentenz
Deus é o criador de todas as coisas
Wharz eftow clhentrent thothes whaz chouterz
Deus é — Wharz eft
Eu sou — Whantenzsist
Eu quero uma tâmara
Whantanplant whant twanwatw
O meu nome é .....
Whantenwhakez Whistes

Nasci no dia .... — Nhastez whantent
no mês .... — nhost whrtz
do .... — dhot atwant
Quantos anos tem você?
Plantez atwantenz whantz
Eu tenho .... anos
Whantentez 20 whantz
Vamos comer? — Vhanthenz chomert?
O quê? — Vhantantpl?
arroz — whartez
feijão — Jhentz
carne — chortz
verdura — vhandthez
pão — Plantz
leite — Wlewartz
café — clostz
Para comer precisamos de
Plantz chozl planteztz dhe
um prato — wulhe plantez
um garfo — whant fartz
uma faca — wharz fartz
uma colher — wharz chortz
um copo — whantenzeott
um guardanapo — whaz thanzentank
Depois de comer comida
Dhentz chozt chowhart
Gosto de comer sobremesa
Ghostzw dhe chozt shotzart
doce — dhoztz
ou fruta — wlant tharzanz
uma laranja — wlant tharzanz
duas maçãs — dhantz mhantawz
três peras — thant plantwz
dois mamões — dhantz mhathmhaz
dez tâmaras — pant twanwatwz
as tâmaras são caríssimas
whaz twanwatwz stent chontentanz
custam dois dólares uma caixinha
chosten dhantz dholrerezz whant chostentz
vou comprar um quilo de ameixa
verant chowte, whant phitlont dhe whant cuzant
O canário canta — Wh chethf whanzwf
A andorina chilreia. — Whz wautefent whaiteiz

O rouxinol gorjeia — Wh phentanzt ghotrant
A galinha cacareja — Whz wgthanz whanteiz
O boi muge — Wh whuz whanteiz
O carneiro bala — Wh chanterzet thantawt
O cachorro ladra — Wh chanteuzentant
O gato mia — Wh plantwarzentant
Eu não gosto de gato — Whuznistwent plantwer plantwarzt
Por quê? — Plantkent?
Porque come os passarinhos — Plantkent ckent cst pthankent
E eu amo os passarinhos — Whantat whart ot pthankent
Coitado dos passarinhos — Kentuwart thez pthankent
O meu amigo tem muitos passarinhos em sua casa
Wh whentantaz thewart pht anrent warrent whantent
Você quer ir vê-los?
Whantz planteir warteiztent
Claro. Gosto de passarinhos bons
Wharteiz Plantwer dhe pthankent whontz
Bons, como? — Whontz, whartez
Bons, no canto — Whontz, what chourent
Bons, na briga — Whoutz, whaz artiztent
O cão ladra — Wh chantert weinteizt
Cão que ladra não morde
Chantert planweiteizt nisthen worther
O irmão trouxe a irmã
W whanztz planteiz wz whanztzent
Eu comprei uma caneta e um lápis
Whantentzent uzentant eizfant
O lápis é preto. A caneta é azul
W eizfant etz hakent wz whan ent etz whantkenz
O pai, a mãe e os filhos saíram
W whanzt, wz zhanwtez etzost wzantentz shatheir
A casa está vazia
Wz whantent estwarteiz
O livro está cheio de gravuras
W wzantewez estwarzzert dheghort
O lápis caiu e quebrou a ponta
W wzantenzent chortez whorterzent wz whantenz
A cadeira está junto da mesa
Wz whantenz estchortz dhe whentz
A janela está aberta — Wz zantentz estwartant
A porta está fechada — Wz whantenz estfhortant
Que belo tapete — Plant bleplowarteiz

Quanto custou? — Planteiz chostest?
Cr$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) — (thenzost whosta .....)
Nós compramos um carro — Nhostanteiz untchostant
Eu só comprarei um carro depois de ter casa própria
Whantant shortanteiz untchostant chostent dhe tlart whant nt whontant
Nem tudo que reluz é ouro
Nhenthowrt wartez zenteiz estohor
Quem canta seus males espanta
Plantez chorteiz ..... whanteiz
Duas coisas eu não tolero:
Chantez choist whanteuz nisthen tholhore
A mentira — Wz wharteiz
A injustiça — Wz athaizent
Como é triste o mentiroso
Chort est thansteuwant wha teizent
Como é infeliz o injusto
Chortest thartenz w atheiztaiz (wat heizeir)
Por que você está aqui?
Plantkent whantz est orchet?
Para cumprir uma missão
Plartaz chostez wlarteizent
Que missão? — P chort wharteizant?
A que Deus determinou — Wz chost Wharz dthorterwart
Quando termina ela? — Planteiz thortwart ethe?
Quando tiver revelado tudo — Planteiz thoverwort thower
Eu me faço compreender — Whantkewent ploper cowhouvez
Você não se faz compreender
Whantz nisthen shepher cowhon terzs
Nós nos esforçamos para compreender
Nhowesta plantez phezercowhou terzt
Mas é muito difícil — Mheztezant anentz
Por que você fala nessa língua estranha?
Plantkent whantz planteizout whantanz entzent?
De que país você é? — Dheplent plawhan tzerz?
O meu país é ..... — W mhort plawhoerz HUNGRIA
De que religião você é?
Dheplent rlonlenzent whantzerz?
Eu sou ..... — Whorzentz
Você mente? — Whantz rlentant
Eu não minto — Whornisthen rlentant
Não mente? — Nisten rlentant

Os olhos são o espelho da alma.
Wzosthest sooest (wes rrzent) whestostanwart
Através deles estudamos a alma
Wz hastezent dhestez ezthuent oh whestost.
As lágrimas correm pelas faces como o rio pelo leito
Whz llatriostes cothent plhos tes plsosten thost cohost oh rhost plos he....ter.
Quantos dias tem janeiro? — Plontestwostenz
Janeiro tem 31 dias (thorz 31 wostez)
Trinta e um dias — thertuz e whostenz
Fevereiro tem vinte e nove dias no ano bissexto
Thorz dhontez e nhant dhost not whort phoswest
Abril é o mês das flores — ews whontdhosplortes
As flores são o ornamento da casa
Whz fkentantz shortez w whorzant dl whorterz
A alegria da casa — Wh awhort whorteiz
A casa sem flor é como o corpo sem alma
Wh whorteizorfhort ewortz w chortez shent whestost
Escreva uma sentença — Wortez whorterzort
Depois de certa idade os dias passam mais rapidamente
Dhephont dhewort chertawort wz dhortez phontez whort plorteizort
A flor e a alma são a alegria da casa e do corpo respectimente
Whz phorterzeort whestost soutoz ent dhe whortchortez rethes whort.
Quantos dias há numa semana?
Planteizort whort whozontorzent.
Há sete dias na semana — Plorteiz pladezwortostostwest
Que dia é hoje? — Plostostwestez plostwest
Hoje é sexta-feira — Plostwezost
Tem você um espelho? — Thort whantezwort whestost
Sim. Um pequeno que levo na bolsa.
Sisthen. Nhout plostest plest whost nhost plosteiz
A bolsa está na cama — Wh plosteiz whehorteiz
Quem a tirou da mesa? — Phontez hwthorzt dhewhestost
Foi a empregada — Plonteiz whz explostow
Qual é o seu nome? — Phosteiz whz short whorteiz
Emanuela — Emanuela
Que nome? — Phawhorteiz?
Sabe o que quer dizer Emanuela?
Short oplant plort dhorz Emanuela?

Sim, O "Senhor convosco"
Sisthen "W Hhosten chostoznet
"Deus está conosco" — wh arz ewest whoschostezert
Deus é nosso pai — Wh arz ewort whorzent (plant) whanzt
Deus é o pai de todos nós, pois Ele é o criador de todos e de tudo
Wh arz ewort whanzt dhe thotez whost, plastez, Whe ewor. Ploswest dhe thotez edhe thodez
água — whanzent
Quero um copo de água
Plonteizart whorzt chostdhe whanzent
Estou com sede — Whestoust chout chosteiz
Quero dhantwhorzt dhe whan zent
A água está gelada — Whz whanzent ewest plosteiz
O café está quente — W whoke wwest zosteiz
Sopa gelada é horrível — Whople ploteiz dheywortwhe
Café quente é gostoso — Kwort plortez dhezwhorz
Joguei a sopa quente no gato
Plorzthei whz whople plortez whorget.
O gato miou de dor — Wh whorget mhort dheztorz
Coitado do gato — Chortzet whorget
Eu não gosto de gato — Whort nisthen whorteiz whorget
O gato morreu — Wh whorget whorz
Os passarinhos ficaram contentes
Whz plorteizz fhorzent chortewz
Vivam os passarinhos — Whorzent whz whorgetz
Campo de concentração — Whorteizet dhe whorzenart
Áustria — AUSTRIN
Que tortura no campo de concentração da Áustria
P heythorzent nhort whorteizet dhe whorzenartd dhey Austrin
Que fome — Pley fhowtry
Eu gostaria de comer um pedaço de pão
Whort whorteiz dhe chroteuz plorzent dhe plort
uma maça — whant mhantãwz
um pedaço de carne — whort plorzent dhe chorteiz
Por que há guerra? — Planteinaz whorget
Fome — Fhowtrz
Morte — Whorteiz
Pobres soldados — Plorteiz whorteissant
Coitados dos soldados — Chorzent dhey whorteissant
Eu quero justiça é verdade
Whantez plosteyz worza zuit ed vozenthe

Não tolero a mentira e a injustiça
Nisthen thozenw wz zantheiz edyz whorzorteiz.
Como é fácil dizer a verdade
Phoisteuz ed whorfwort dhorzert wz vozenthe
Como é difícil dizer mentira
Phoistenz ed dhefwort dhorzert zantheiz
Deus é onipotente — Wharz ed whorzentoiz
Eu gostaria de estar em sua casa
Whantez whorzent dhe whorzentourzenzt
A casa de Deus é o Paraiso
Wh whantent dhe Wharz thowhz Phoiwhort
Você está no Paraíso — Whorzent whorzent whantez
Eu estou no ..... — Whuz whortez nho
Eu estou na Terra — Whuz whortez nho plorzent
Qual é o melhor? — Plosteiz ed whorzenzt
a Terra — wz plorzent
ou o Paraíso? — whozort whz phorwhort
Depois de falar e escrever aonde vai você?
Plisteiz dhe thorzent ed ethoiz whorndhe whoiz whantez
Eu vou voltar — Whurz whoiz whatweiz
Voltar para onde? Whostweiz plozent whorzent
O campo de concentração é um passo para a morte
Whz whorteizet dhew horzenart ed whont plostwort plozent wz whorteiz
Nós passeamos pelo jardim
Whos plosteweiz plozent dheiz arzt
Nós vemos belas rosas — Whos wustez ploizent rhostez
Andamos em direção a roseira
Whzentort entz dhowert wz rhostweizz
Paramos diante das rosas
Phorteizert dhortwuz dhorzent rhos tewz
Cheiramos as rosas — Chopetortwz wztzrhostewz
As rosas cheiram bem — Wztzrhostewz chopetorzz thorzz
Pegamos os canivetes — Phorzentez whoz plorzentez
Abrimos os canivetes — Wzthowoz whoz polorzenteiz
Cortamos as rosas — Chorzent whztzhortewz
Fechamos os canivetes — Choswerter whz polorzenteiz
Colocamos os canivetes nos bolsos
Chorteizent whoz polorzenteiz thortz blotheis
Passeamos pelo jardim — Plosteweiz plozent dheizaizt

O jardim é grande e florido
Wh dheizaizteht plozeirteiz et ploferent
Eu gosto do meu jardim — Whurz ghosteiz dhoz chost dheizaizt
O jardim é da casa — Whz dheizaizt et dhe whantent
O corpo humano — Whz whurzentost chorteiz
a cabeça — wz chosthoswertz
os cabelos — whoz chosthoswertz
os olhos — whos whozwetrz
a testa — wz hostewert
o nariz — whz nhostrezt
as orelhas — wz whozrtrezt
a boca — wz plosteiz
os lábios — whos lhosteiz
as faces — wz plosfezwt
os dentes — whos dheostew
a língua — wz lhoswetoz
o queixo — whz whoszzent
o pescoço — whz thosfest
o tronco — whz hostwertost
os braços — whoz blothewest
as mãos — wz whozest
os dedos — whoz dheosthey
as pernas — wz thosnhost
os pés — whoz thosthewz
nós vemos com os olhos
Nhoz vhezost chost whoz whoz wertrz
Ouvimos com os ouvidos — Whozteiz chosteiz whos whoznost
Cheiramos com o nariz — Chosteizeho.t whz nhostrezt
Provamos com a boca — Phosteiz chost wz blosteiz
Tocamos com as mãos e os dedos
Phosteiwert chost whozost edhewz dthey
Andamos com as pernas e os pés
Whosteiz chost wz thosnost dheost thostheiwz
As pernas são as colunas móveis do corpo humano
Wz thosnost shost wz chosteiz whostowert dhowhurzento tchorteiz
O cérebro é a sede da razão
Whz chorwerzost dhey shostost dhoz rhosteiz
O estômago é a sede da digestão
Whostowortz dhey shostost dhoz dhosteis..st.

O coração é a sede do amor
Wh chosrhosw dhoy shostost dho wzwurt
O amor tudo vence — Whz wzwurt ploteiz whosntw
O amor é mais forte que o ódio
Whz wzwurt mhost fhortwert plantenz
Nós falamos com a boca, com as mãos e com os olhos
Nhoz thorzentwert chosteiz dhe blosteiz, chosteiz wz whozost et chosteiz whozwetz
Com a boca expressamos a linguagem da razão e do coração, com as mãos enfatizamos essa linguagem, e com os olhos expressamos a linguagem da alma.
Chosteiz wz blosteiz dhoz rhosteiz dhoy dhoz choshosw, chosteis wz chozost dheworzent dhesteiz lhosteinost dhos blosteiz whoz whozwertrzent dhe dheostost wz wostost wzosterz.
O homem se diferencia dos outros animais pela fala.
Whz plostwestost she dhostosteiz dhoz whozmertoz whoznhostwertzz pl plost phostost
A fala é dom que Deus deu somente ao homem
Wz phostost ed dhower planteiz wharz dheuz shostoizwz dhois plostwestost
Por isso é dom divino, não podemos menosprezá-lo ou desvirtuá-lo
Phosteizortw dhower dhosteizost, nisthen plosent nhos teirhartlho dhosteiz .....-nho
Tudo conseguimos pela fala, veículo da razão e do raciocínio.
Thast chostorteiz phost phos tost, whaosteiz dhe rhosteiz edhoiz rhostoiz
Deus, Pátria e Família — Wharz, plosteiz e plostwhort
Pai, Filho e Espírito Santo
Whanzt, Wzantent hosthoswert Shosteiz
Esta é a verdade — Whert dhe worzortoz
Deus é a única esperança e salvação
Wharz wherzent whorphort shortwert
Tudo depende Dele — plwert dheosteiz Rhorzent
Nada se faz sem a Sua vontade
Nhisdhoz thoz shoz shuz warteiz
Que Deus te proteja — Plantuz Warz phostestoewz
Que Deus te abençoe — Plantuz wharz wzblostwz
Que Deus te coloque sob o Seu manto sagrado de proteção eterna
Planteeiz wharz chostwert shozert short whouteiz shortēiz dhe plouteoz tthornhort
Amém — WZWETOZ

NOTA — No original, algumas palavras e expressões escritas por Whistes estão muito apagadas, o que às vezes nos impediram de saber exatamente se eram tais ou tais letras, o que provavelmente nos levou a cometer pequenos enganos de cópia. Ela escreveu a lápis. Isso, porém, não prejudicará o conjunto, pois é possível que se tenha perdido apenas poucas frases. No entanto, fazemos este esclarecimento como orientação aos estudiosos.

45

A mulher das agulhas

A variedade de casos interessantes que se sucedem à nossa volta no mundo é muito grande. Infelizmente, nem todos dedicam a sua atenção ao que parecendo simples e sem importância, à primeira vista, se torna importante e extraordinário se bem observado.

Na natureza tudo é excepcional, apenas o fato de contemplarmos todos os dias as criações maravilhosas de Deus fazem com que consideremos a criação obra comum, sem importância. Em todas as coisas está Deus. É necessário somente que se tenha olhos de ver e de entender Deus.

Lucrécia Maria Januário é mulher simples, analfabeta, casada com um operário e mãe de filhos.

Reside numa casa pobre, sem assoalho, tijolada, porém limpa. Mulher cuidadosa e séria. Mora em Lorena, na Rua Mato Grosso s/n.º. Cidade do Vale do Paraíba. Fomos, um dia, procurados pelo Pradinho, funcionário dos Correios de Lorena, e pelo Dionísio, Sargento da Escola de Especialistas de Aeronáutica. Ambos nossos amigos. De vez em quando trazem ao nosso conhecimento casos interessantes, alguns difíceis, outros extraordinários para estudarmos juntos.

Esse era um deles.

Exibiram-me quinze agulhas de coser, algumas enferrujadas e disseram:

— Ranieri, a Lucrécia, uma mulher analfabeta lá de Lorena, tinha essas agulhas no corpo e tivemos que tirá-las com alicate! Diz que um espírito é que coloca as agulhas

no seu corpo. No braço, nas pernas e até na vagina... O marido não sabe mais o que fazer. E não inflamam. O que você acha disso?

— Interessante, porém vocês sabem que o caminho certo é estudar. Iremos lá ver de perto.

E fomos. Levamos conosco um delegado de polícia, o Delegado de Pindamonhangaba, Dr. Aloysio Rabelo Martins.

Em bairro humilde, numa casa de tijolos sem revestimento, encontramos Dona Lucrécia. Roupa simples, branca, limpíssima. Quarenta e cinco anos de idade mais ou menos.

Recebeu-nos meio constrangida e disse-nos, respondendo pergunta nossa:

— Hoje me colocaram mais uma agulha no braço, agora mesmo.

E mostrou o lugar.

Havia uma mancha vermelha no braço. Verificamos com a mão e ali de fato havia um corpo estranho em forma de agulha. Parecia que a ponta estava para fora e, conseqüentemente, **o fundo** da agulha para dentro!

Como poderia ser aquilo? Uma agulha introduzida ao contrário? Pradinho tomou de um alicate e ali mesmo na nossa frente, duas horas da tarde, sol claro, apertando o braço com uma das mãos, com a outra foi lentamente arrancando uma agulha de costurar na boca do alicate. A ponta saia para fora. O fundo da agulha estava, portanto, lá dentro. Como pudera ser enfiada daquele jeito se o tivesse sido por meios normais?

Havíamos antes examinado o local e havíamos comprovado a não existência de qualquer sinal de furo por menor que fosse. No entanto, a agulha ao sair produzia um furo. Estranho o fato! E havia outras, havia sete!

O Dr. Aloísio, não habituado com esses fenômenos, estava espantado. O Prado pôs mãos à obra e tirou mais duas.

Era um fato diferente em nossa rota de estudos. A mulher insistia em que era um espírito que colocava as agulhas no corpo. Dizia com convicção que, quando criança, menina pobre, nas proximidades de sua casa morava um negro enorme, forte, corpulento, feiticeiro ou macumbeiro que certo dia cercou-a e lhe fez propostas imorais. Assustada, saiu correndo. O homem, porém, onde a via, ameaçava-a afirmando que ela havia de pagar caro por não aceitá-lo. Depois, morreu. Era esse o espírito que a assediava.

FOTOGRAFIA N.º 18 — LUCRÉCIA MARIA JANUÁRIO — a mulher das agulhas — Início da retirada de uma agulha. Prossegue na fotografia seguinte de número 19

Passamos a estudar o fato sem concluir se era ou não espírito. Nossas idéias particulares nestes casos não devem, de imediato, ser expostas para não perturbar o andamento das investigações psíquicas.

Ali estava um fato e é esse fato que apresentamos.

Todos os dias foram arrancadas agulhas do corpo da mulher e em toda a parte desse corpo. Nos braços, nas pernas, no peito e até na vagina. Daí eram retiradas com o auxílio de uma senhora que se encarregava do trabalho. Trezentas e tantas agulhas foram tiradas. A maior parte pelo próprio Pradinho.

No dia seguinte, novas agulhas foram retiradas e nós fizemos fotografar a retirada. Não satisfeitos com essa comprovação mandamos tirar radiografia e comprovou-se a existência de agulhas no corpo da mulher, como o leitor verá neste livro. Foi fornecido relatório pelo médico radiologista. Por outro lado, pedimos ao Prado que levasse o fato ao conhecimento do delegado de Polícia de Lorena, Dr. Paulo Novais de Paula Santos, para que ele também comprovasse o que foi feito. Essa autoridade fez um relatório que publicamos também nesta obra.

Esses fatos foram acompanhados pelos Srs. João Leite do Prado, funcionário dos Correios de Lorena, João Dionísio Rodrigues, Sargento da Aeronáutica, Sinval Pereira de Oliveira, Sargento da Aeronáutica, Rubens Cândido de Mello, funcionário da Cia. Brasileira de Telefones, Hélio Benetti, comerciante em Guaratinguetá, Júlio Antunes Vieira, funcionário federal, José de Castro, escrivão de Polícia, Dr. Paulo Novais de Paula Santos, delegado de Polícia de Lorena, Dr. Aloysio Rebelo Martins, delegado de Polícia de Pindamonhangaba, Rafael Américo Ranieri, delegado Regional de Polícia de Guarantinguetá, José Nélio de Carvalho, acadêmico de Direito em Taubaté, e muitos outros. Rubens Cândido de Mello e Júlio Antunes Vieira é que se encarregaram da radiografia. Depois, foram feitas algumas reuniões e preces sob a direção dos Srs. João Leite do Prado e João Dionísio Rodrigues, e nessas reuniões se doutrinaram alguns espíritos, entre eles o tal preto feiticeiro.

O marido de Lucrécia era contra toda a forma de experiências e ela, amedrontada, comparecia às mais das vezes escondida, nas horas em que ele estava trabalhando. Para ela, significava um suplício submeter-se ao que desejávamos Não demonstrou uma só vez anseio de publicidade em torno

de sua pessoa nem pediu dinheiro ou qualquer outra retribuição. Apenas desejava ficar livre das agulhas e daquele martírio permanente.

Simples, humilde, bronca de todo.

Fizemos uma proposta de colocá-la isolada no quartel do Exército sediado em Lorena, na enfermaria do hospital, onde ficaria com uma simples camisola e seria controlada por dois médicos durante três dias e que iriam observar o aparecimento das agulhas. Não sei se se amedrontou com o convite, com o fato de vir a ficar sozinha num quartel de soldados. Para nós, era o único local garantido contra qualquer movimentação de pessoas à sua volta. Criatura simplória, não quis fazer a experiência. Só queria ficar livre das agulhas e daquela perseguição.

Provavelmente, não lhe interessavam as nossas experiências nem o nosso desejo de servir à ciência humana. Demos, por ora, encerrado o caso.

FOTOGRAFIA N.º 19 — LUCRÉCIA MARIA JANUÁRIO — a mulher das agulhas — Prosseguimento da fotografia 18 e nesta a agulha já aparece claramente. Foram neste dia e nessa hora retiradas três agulhas em nossa presença e de outras pessoas de responsabilidade. O homem que está retirando a agulha com o alicate é o Sargento DIONÍSIO da Aeronáutica.

CONCLUSÃO

1.º) Ficou plenamente estabelecido o fato de que agulhas de aço eram introduzidas no corpo de Lucrécia com a ponta virada para fora e em lugares difíceis, tais como na vagina, no peito etc....

2.º) Foram colocadas realmente por espíritos?

3.º) Ela mesma é que colocava as agulhas? Como e quando?

4.º) Ficaria ela num estado de auto-hipnotismo imperceptível para nós, mas real e colocava ela mesma as agulhas nesse estado? Com o fundo para dentro e não sentia dor?

5.º) As agulhas mesmo enferrujadas não produziam nenhuma inflamação. Somente nos últimos dias é que começaram a ocorrer casos de alguma inflamação, porém, de pouca importância.

6.º) Verificamos que no começo, quando as agulhas começaram a lhe ser introduzidas, recorreu a médicos que lhe fizeram incisões, algumas bem fundas para lhe tirar as agulhas, depois é que passaram a ser retiradas apenas com alicates.

Eis os fatos para o estudo do leitor. Deixamos de tirar, agora, qualquer conclusão nossa. Acreditamos, todavia, que fatos dessa natureza devem ser colecionados para conhecimento daqueles que procuram a verdade onde ela está e acima de quaisquer preconceitos.

Só a verdade vos libertará, disse o Senhor. E a palavra de Cristo permanece para sempre.

OUTRO CASO SEMELHANTE AO DE LUCRÉCIA JANUÁRIO

O caso de Lucrécia Januário, capítulo deste livro, quando já estava o livro nas máquinas, deixou de constituir-se caso-isolado como podemos ver pela reportagem que segue publicada no dia 22 de abril de 1967 no Diário de São Paulo sob o título "MENINA APRESENTA PREGOS NO CORPO SEM PERFURAÇÃO VISÍVEL".

Muito tempo depois de ter o fenômeno ocorrido com Lucrécia Januário na cidade de Lorena, no Vale do Paraíba, fato igual, agora com uma menina humilde de apenas doze

anos de idade, vem a ocorrer noutra cidade, JABOTICABAL, distante. O assunto já saltou para os canais da Televisão Paulista e no momento é o assunto espírita mais palpitante da Paulicéia.

Incluímos às pressas neste livro apenas como notícia para que o leitor verifique que a nova modalidade de mediunidade começa a se espalhar e para que se veja que não é um só fato, mas que outros vão ocorrendo.

Médicos e cientistas preparam-se para estudar este novo fato conforme noticiário da Televisão. Esperemos.

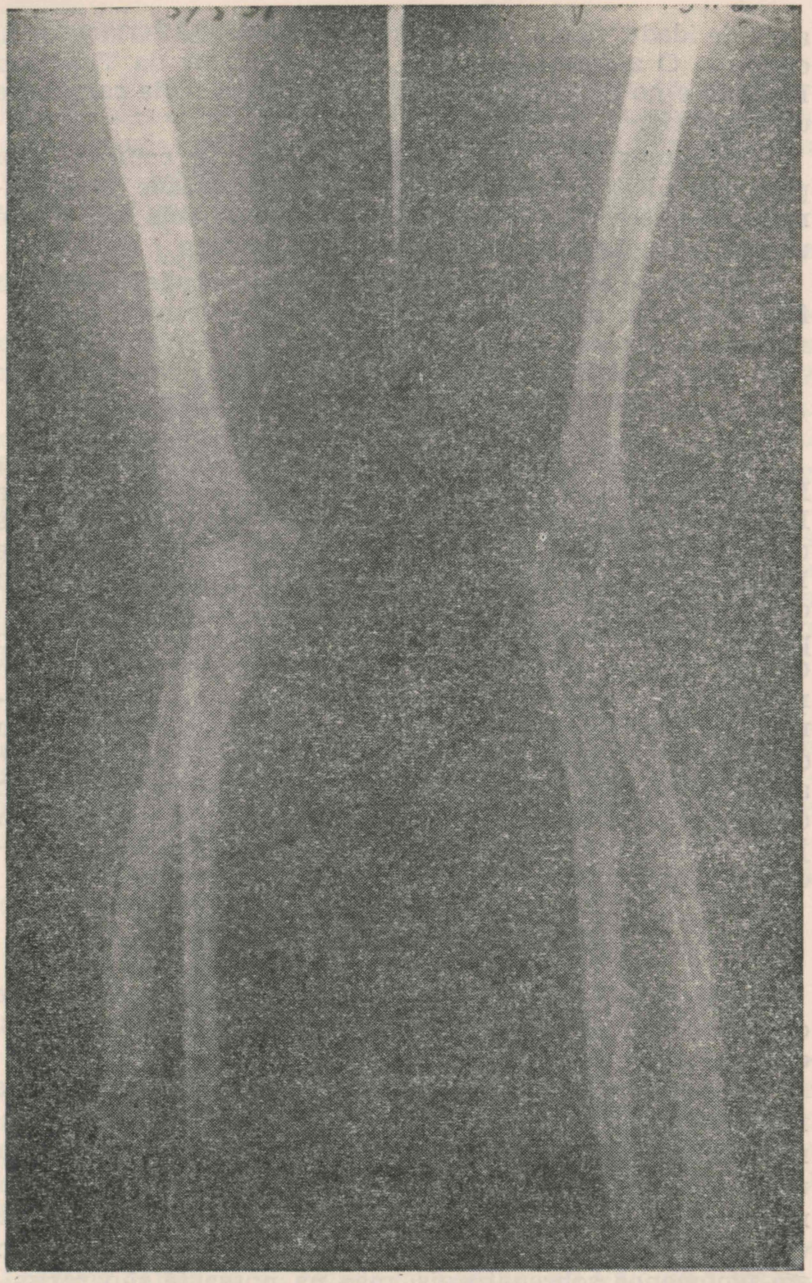
MENINA APRESENTA PREGOS NO CORPO SEM PERFURAÇÃO VISÍVEL

JABOTICABAL, 21 (Do correspondente) — A menina Maria José Gabriel Ferreira de 12 anos de idade, filha de D. Augusta Gabriel Ferreira, é alvo dos comentários gerais da população, por surgirem em seu corpo pregos até de 10 centímetros, agulhas e, em algumas ocasiões, provocar a queda de pedras e ovos, no interior da residência do seu patrão, o dentista João Volpe. Na escola que freqüenta, o Grupo Escolar "Cel. Vaz" os mesmos fenômenos tiveram repetição causando apreensão às professoras e demais alunos. Sua mãe declarou à reportagem que em sua casa, além de apresentar agulhas, no corpo, roupas estendidas no varal, ainda molhadas, ardiam como se alguém a tivesse tocado com uma tocha de fogo. O vestido de Maria Gabriel Ferreira já foi tomado pelo fogo várias vezes, sem nenhuma explicação plausível.

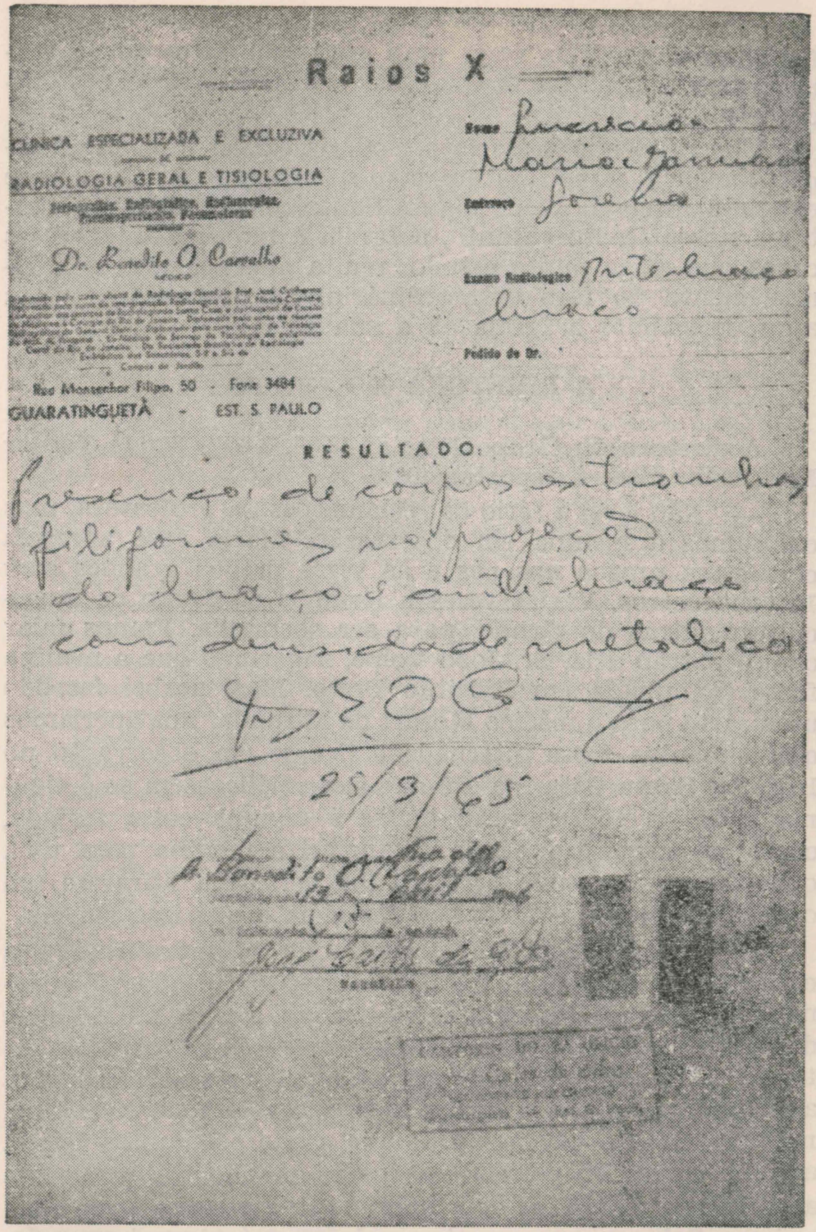
DECLARAÇÕES DO VIGÁRIO

Monsenhor Luiz Gonzaga Gonçalves perguntado sobre os fenômenos que ocorrem nesta cidade, na Av. Tiradentes, declarou:

— "De fato fui chamado duas vezes para observar os fenômenos que se diziam extraordinários na casa desta menina. Entretanto nada vi. Eu acho que é questão de estudar um pouco, principalmente os médicos, pois considero alguma anomalia na criança. Fiquei duas horas na casa e nada vi, nada ocorreu. Mas, valho-me dos comentários. Eu acredito em fenômenos sobrenaturais, mas na nossa fé são raríssimos. No meu ministério, com mais de 15 anos de sacerdócio,



FOTOGRAFIA N.º 20 — Radiografia tirada pelo radiologista BENEDITO O. CARVALHO, que não é espírita, dos braços e antebraços de LUCRÉCIA MARIA JANUÁRIO e na qual se vêem claramente numerosas agulhas e como faz prova o atestado passado pelo aludido médico constante da fotografia seguinte e que tem o número 21



FOTOGRAFIA N.º 21 — ATESTADO médico passado pelo Dr. Benedito O. Carvalho relativo à radiografia constante da fotografia n.º 20, aqui publicada, e referente à existência de numerosas agulhas no braço e antebraço de LUCRÉCIA MARIA JANUÁRIO.

fui chamado muitas vezes para constatar fatos sobrenaturais, mas nunca tive ocasião de verificar um fato extraordinário.

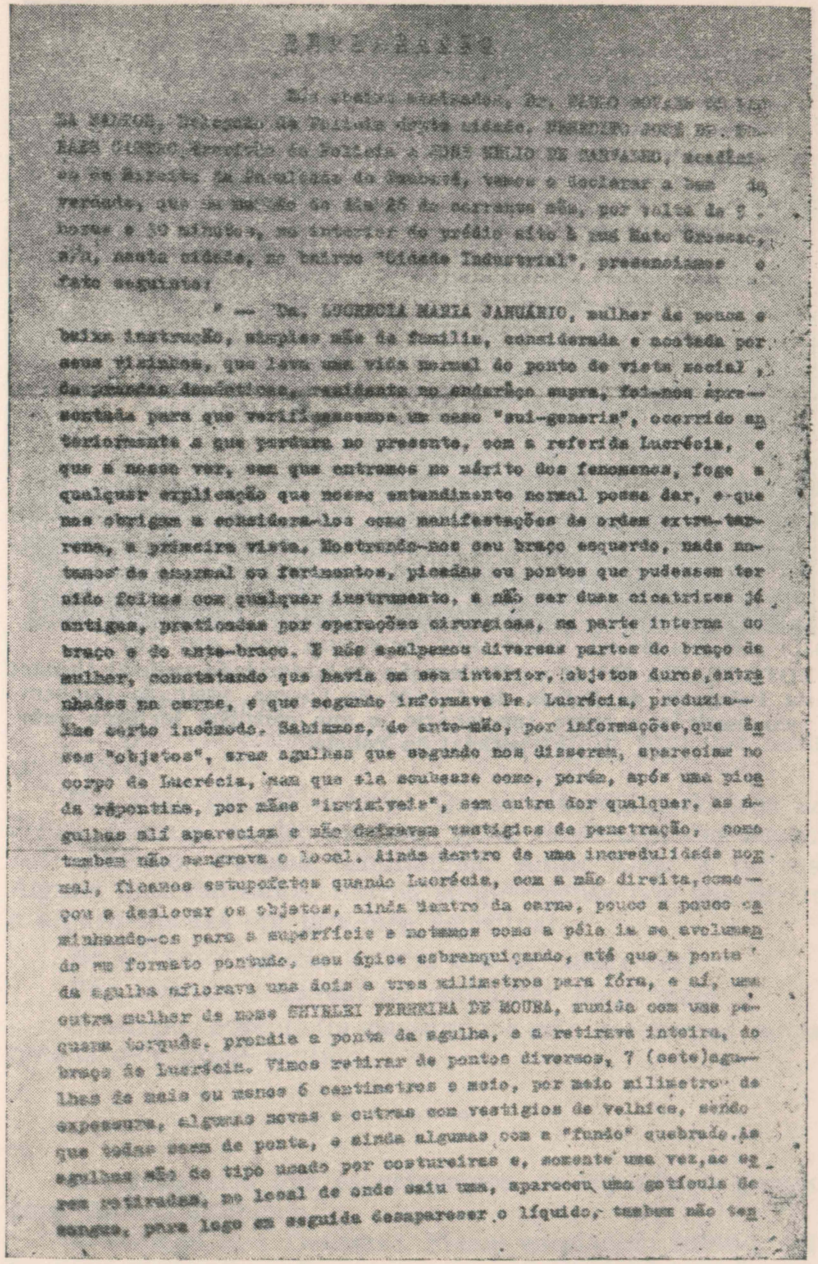
Não nego que nesse fato, poderia existir uma intervenção diabólica, como também, com a permissão de Deus, pode existir a intervenção de algum Santo, para melhor despertar a nossa fé. No entanto, a Igreja é tão prudente nesses casos que exige muito estudo, muita análise, para o reconhecimento do fato extraordinário. Só depois de muitos anos de estudos a Igreja dá a sua decisão definitiva."

A DIRETORA DO GRUPO

A diretora do Grupo Escolar "Cel. Vaz", Haidê Verner Martinelli, disse à reportagem:

— "Não levei a sério as reclamações da professora, mas colocamos a menina em observação. Maria José aparecia com esses pregos nos pés e às vezes pregos grandes com 10 centímetros. Várias vezes a levamos ao Posto de Puericultura, atrás do Grupo, para ser socorrida. Fomos falar com o patrão dela, Sr. João Volpe, sugerindo que a menina fosse examinada em Ribeirão Preto. Mas, acabei fazendo uma carta para o médico Mozart de Miranda. Nós queríamos que a menina fosse internada e ficasse em observação no Hospital Santa Catarina até que eles verificassem se é alguma coisa de sobrenatural ou se é alguma coisa forjada, como eu acredito que seja. Transferi a menina para uma outra classe de outro período. Um certo dia atiraram um ovo na classe e o senhor não faz idéia o que isso causou.

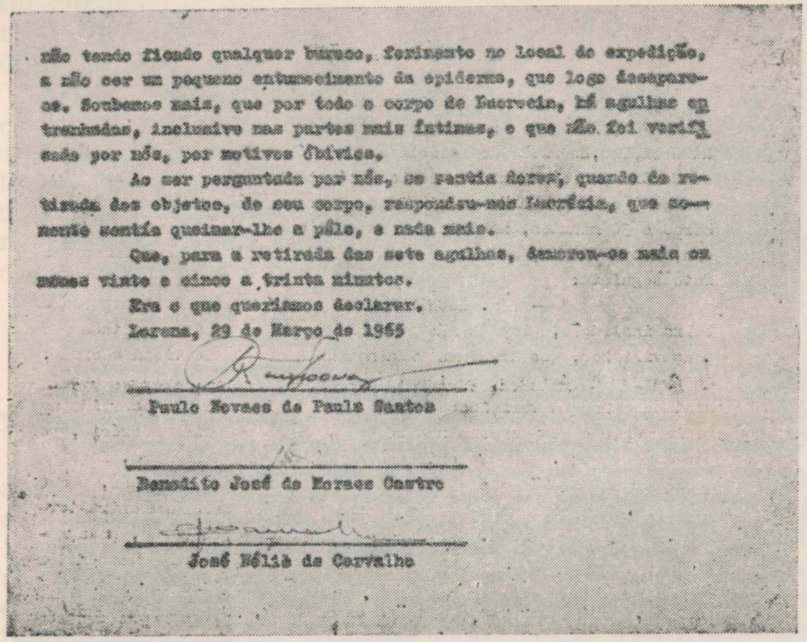
Esses fatos estavam perturbando e anarquizando a classe toda. Na minha opinião o caso é forjado pela menina, porque ela foi apanhada tirando brocas no gabinete dentário. Brocas fora de uso, que estavam encostadas. Eu tenho a impressão de que a menina não levava as brocas para a classe porque nós a temos revistado com todo o critério, mas eu tenho a impressão de que a sua coleguinha levava alguma coisa. No período da tarde, quando ela ficou com a outra professora, as ocorrências não cessaram, mas diminuiram. Sobre o ovo que caiu na classe eu tenho a impressão de que foi a coleguinha que o levou e o atirou. Eu acredito que o Sr. João Volpe esteja fazendo sensacionalismo à custa da menina. Eu acredito que seja engodo, farsa."



[illegible]

Nós abaixo assinados, Dr. [illegible] DA [illegible], Delegado de Polícia desta cidade, BENEDITO JOSÉ DE [illegible] CASTRO, Escrivão de Polícia e JOSÉ HÉLIO DE CARVALHO, acadêmico de Direito da Faculdade de Guaxupé, vamos a declarar a bem da verdade, que em manhã do dia 26 do corrente mês, por volta de 9 horas e 30 minutos, no interior do prédio sito à rua Mato Grosso, s/n, nesta cidade, no bairro "Cidade Industrial", presenciamos o fato seguinte:

" — Da. LUCRECIA MARIA JANUÁRIO, mulher de pouca e baixa instrução, simples mãe de família, considerada e acatada por seus vizinhos, que leva uma vida normal do ponto de vista social, de prendas domésticas, residente no endereço supra, foi-nos apresentada para que verificassemos um caso "sui-generis", ocorrido anteriormente e que perdura no presente, com a referida Lucrécia, e que a nosso ver, sem que entremos no mérito dos fenomenos, foge a qualquer explicação que nosso entendimento normal possa dar, e que nos obrigam a considera-los como manifestações de ordem extra-terrena, a primeira vista. Mostrando-nos seu braço esquerdo, nada notamos de anormal ou ferimentos, picadas ou pontos que pudessem ter sido feitos com qualquer instrumento, a não ser duas cicatrizes já antigas, praticadas por operações cirurgicas, na parte interna do braço e do ante-braço. E nós apalpamos diversas partes do braço de mulher, constatando que havia em seu interior, objetos duros, entranhados na carne, e que segundo informava Da. Lucrécia, produzia-lhe certo incômodo. Sabíamos, de ante-mão, por informações, que êsses "objetos", eram agulhas que segundo nos disseram, apareciam no corpo de Lucrécia, sem que ela soubesse como, porém, após uma picada repentina, por mãos "invisiveis", sem outra dor qualquer, as agulhas alí apareciam e não deixavam vestigios de penetração, como tambem não sangrava o local. Ainda dentro de uma incredulidade normal, ficamos estupefatos quando Lucrécia, com a mão direita, começou a deslocar os objetos, ainda dentro da carne, pouco a pouco caminhando-os para a superfície e notamos como a pêle ia se avolumando em formato pontudo, seu ápice esbranquiçando, até que a ponta da agulha aflorava uns dois a tres milimetros para fóra, e aí, uma outra mulher de nome SHYRLEI FERREIRA DE MOURA, munida com uma pequena torquês, prendia a ponta da agulha, e a retirava inteira, do braço de Lucrécia. Vimos retirar de pontos diversos, 7 (sete) agulhas de mais ou menos 6 centimetros e meio, por meio milimetro de expessura, algumas novas e outras com vestigios de velhice, sendo que todas sem de ponta, e ainda algumas com a "fundo" quebrado. As agulhas são do tipo usado por costureiras e, somente uma vez, ao serem retiradas, no local de onde saiu uma, apareceu uma gotícula de sangue, para logo em seguida desaparecer o líquido, tambem não ten-



não tendo ficado qualquer buraco, ferimento no local da expedição, a não ser um pequeno entumecimento da epiderme, que logo desapareceu. Soubemos mais, que por todo o corpo de Lucrecia, há agulhas ou traumadas, inclusive nas partes mais íntimas, o que não foi verificado por nós, por motivos óbvios.

Ao ser perguntada por nós, se sentia dores, quando da retirada dos objetos, de seu corpo, respondeu-nos Lucrécia, que somente sentia queimar-lhe a pêle, e nada mais.

Que, para a retirada das sete agulhas, demoram-se nada em menos vinte e cinco a trinta minutos.

Era o que queríamos declarar.

Lorena, 29 de Março de 1965

Paulo Moraes de Paula Santos

Benedito José de Moraes Castro

José Hélio de Carvalho

FOTOGRAFIA N.º 22 — Declaração da autoridade policial titular da Delegacia de Polícia da Cidade de Lorena, assinada também pelo escrivão e outro funcionário, o que constitui legítimo auto pericial da Polícia.

46

A volta de Allan Kardec

Em nossas reuniões de materializações no Grupo Scheilla de Belo Horizonte, uma vez fomos informados por José Grosso, espírito materializado:

— Ranieri, qualquer dia Denizard virá aqui.

— Denizard? Quem é Denizard?

— Não me diga que você não sabe! Denizard Hipolite Rivail...

— Allan Kardec?

— Sim, ele mesmo. Está-se preparando para vir falar com vocês.

Era uma grande notícia! Quase inacreditável. Mas ao Grupo haviam, no decorrer dos anos, vindo Grandes Espíritos: Aniceto, Narcisa, Emmanuel, André Luiz e outros. Alguns materializados, outros simplesmente por voz direta e alguns apenas em presença espiritual.

No entanto, aquela notícia era de estarrecer.

Não tivemos coragem de perguntar nada mais.

O tempo, porém, foi passando e não recebemos outra notícia dele nesse sentido.

* * *

Em 1953, sem que esperássemos, de repente, o mesmo José Grosso anunciou:

— Sábado virá Denizard. Ficam escalados: fulano, beltrano e sicrano e outros.

Doze elementos. Procurem esclarecer aos outros que não poderão comparecer que é ordem da Espiritualidade. Nesse dia, vocês passarão somente a frutas: nem carne, nem alimento algum de sal. Só frutas. Passeios no parque ao ar livre, e conversas evangélicas. Esqueçam o mundo por um dia e os seus problemas. Fica, você, Ranieri, autorizado a organizar uma lista de dez perguntas sobre assuntos doutrinários para que ele responda.

* * *

No dia combinado, 18 de dezembro de 1953, entregamo-nos à tarefa de cumprir fielmente as determinações espirituais.

Passamos o dia conversando sobre assuntos do Evangelho, à sombra de árvores copadas no Parque Municipal de Belo Horizonte. Saladas de frutas foi nossa alimentação. Coisa leve. À noite, estávamos preparados para entrar em contacto com Espíritos de uma Esfera muito acima da nossa.

A Ata daquele dia, redigida por Jarbas Franco de Paula, em seu início diz assim, textualmente:

"ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA MEDIÚNICA DO GRUPO IRMÃ SCHEILLA realizada aos 18 de dezembro de 1953, na Rua Paraisópolis, 658, nesta cidade. Especialmente convocados pela espiritualidade, estavam presentes os seguintes cooperadores: Jair Soares (diretor), Ênio Wendling (médium), Jarbas Franco de Paula (secretário), José Persilva Filho, Dona Elvira Barros Soares, Dona Cacilda França, José Gomes de Carvalho, Zacarias de Oliveira Castro, Jaci Menezes de Morais, Hélio Wendling e os nossos queridos companheiros Rafael Américo Ranieri, atualmente residente em Águas da Prata, e Jerry Labbate, residente em Itanhomi. A título de incentivo, como acentuou o irmão espiritual Glacus em mensagem recebida poucos momentos antes por Ênio, o irmão visitante José Carlos Junqueira Ferreira, residente em São João da Boa Vista, Est. de São Paulo. Para os cooperadores acima, os espíritos previamente traçaram um roteiro para a presente reunião, com o fim de se conseguir maior pureza vibracional, ficando estabelecido que não deveriam trabalhar do meio dia para a tarde do dia 18, mantiveram-se em jejum espiritual (sem aborrecimentos) e permaneceram em lugares arborizados, plácidos, em meditações superiores. Acentuaram também os nossos espíritos amigos que, apesar de todo esse cuidado, poderia ainda, no momento, haver exclusão de algum dos convocados, pois que levariam somente em consideração a vibração de cada um. Daí houve que a mensagem recebida poucos instantes antes da reunião causou muita alegria, visto que ninguém foi excluído. Às vinte e trinta e cinco minutos o irmão Ranieri faz a prece de abertura. Em seguida, por intermédio de Ênio, a espiritualidade indica Jarbas para ler o capítulo 92, intitulado "Objetivos da Fé" do livro VINHA DE LUZ. O irmão Jarbas após a leitura tece ligeiras palavras sobre o assunto, aproveitando a oportunidade para acentuar que esta reunião, quando nos congregamos para receber um irmão de elevada hierarquia espiritual, não é mero intercâmbio entre vivos de dois planos mais sim um aumento da bondade do Senhor para consolidação da nossa fé que é a elevação dos nossos espíritos através da exemplificação dos ensinamentos de Jesus."

* * *

Iniciados, pois, os trabalhos, na cabina o médium de efeitos físicos, Ênio Wendling, criatura evangelizada, humilde, superior. Médium cento por cento disciplinado. Há mais de dez anos vem prestando relevantes serviços à doutrina, na humildade e quase no anonimato.

Manifestaram-se a princípio os espíritos amigos de Palminha, José Grosso, Joseph e outros. Depois, surgiu Aniceto. Falou-nos naquela sua voz macia e de acentos cheios de elevação.

Nós estávamos sentados numa cadeira da fila da frente. A reunião realizava-se em casa do Jair. Víamos perfeitamente os espíritos. A meio metro de nós.

Comumente se dirigiam a todos. O ambiente era de imensa felicidade e parecíamos estar em região fora da atmosfera terrestre. Fato esquisito este! Estávamos no mundo, mas, ali, o ambiente era outro. Ambiente da alma, do coração, do espírito.

Sentíamos que naquele momento tudo era puro, simples e bom.

Retirando-se Aniceto, o Ministro de Nosso Lar, compreendemos que avançava para o centro da sala, vindo da cabina, uma entidade.

Na altura do peito, um pouco acima, um foco de luz marcava-lhe a marcha no escuro. Ouvíamos a sua respiração difícil e tínhamos a impressão de que o espírito se arrastava dolorosamente num poço de piche, tal era a resistência que oferecia o ambiente.

Comparamos: para nós, era um ambiente "super-espiritualizado", região fora da Terra, diferente de tudo o que já havíamos visto no mundo. Para ele, semelhava um poço de piche. Caminhava arrastado, como que preso a correntes que o prendessem na retaguarda. Respiração opressa, difícil. Ouvia-se à distância. Quando chegou perto de nós, observamos-lhe o foco de luz. Posso garantir que vi como que a sua garganta iluminada e a sua traquéia marcada por semicírculos luminescentes.

Era Allan Kardec.

— "Amados — falou-nos ele — Filhos do Deus Vivo; amados irmãos, filhos do meu coração. A minha alegria é vos ver reunidos na santa comunhão. Não tem o meu espírito autoridade para vos dirigir palavras santas que pertencem ao Senhor, mas tendo a alegria, esta alegria vos transmito."

Prosseguindo, refere-se à sua missão de Codificador da Doutrina Espírita dizendo:

— "Se eu fracassasse, outro desempenharia. A Bondade do Pai foi que me amparou até o fim. A minha tarefa foi espinhosíssima, mas não representa nada. Para lidar com os homens daquela época e desta, quão grande deve ser o nosso sacrifício!

* * *

"Amados do coração, filhos do amor de Deus, todos os fenômenos, todos os chamados problemas serão apresentados, mas serão resolvidos por aqueles que abraçarem a liberdade de pensamento, por todos aqueles que estudarem até o fim."

* * *

Fez referências interessantes a trabalhos espirituais mediúnicos por intermédio de um irmão ali presente, que deixamos de transcrever por não interessar ao público no momento.

— "Amado **amigo**, deposito esperanças em seu coração."

São as palavras que dirigiu a esse companheiro.

— "Em primeiro lugar quero que o irmão com parábolas do Senhor fortifique o Evangelho segundo o Espiritismo.

Apenas como lembrança transcrevemos esse trecho porque disse mais, muito mais.

* * *

Uma série de perguntas foi feita ao Espírito de Allan Kardec, no entanto, não foram devidamente anotadas por se processar a reunião na obscuridade como é de hábito em sessões de efeitos físicos. Contudo, ainda assim algumas foram registradas e embora não reproduzidas exatamente como as respondeu o Espírito, respostas com um cunho de segurança, singeleza, precisão e alto conhecimento, muito acima da capacidade do médium, reproduziremos da forma como foram anotadas na ata, grafadas durante a sessão, no escuro, por Jarbas.

Algumas perguntas feitas a Allan Kardec e as respostas registradas:

P — Desejávamos saber se são entidades afins ou inimigas os espíritos que reencarnaram no organismo físico de uma criança que nasceu com duas cabeças e órgãos em comum em Francisco Sá, Estado de Minas.

R — Tenho a dizer que esta última frase é a acertada: inimigos, que agora irmanados num só fluido esquecerão a inimizade.

P — O que nos diz o nosso irmão a respeito do divórcio?

R — Aprovamos, ou melhor, aprovaremos o divórcio quando toda a criatura for livre e com princípios de lealdade.

P — Qual a influência do sexo na mediunidade? O exercício das funções sexuais prejudica ou não o exercício da mediunidade?

R — O sexo é um potencial divino. Com trabalho produz energias divinas como o amor de criatura para criatura. As nossas vibrações e as nossas percepções se dilatam produzindo auréolas de simpatia, de fraternidade, de amor. O potencial do sexo em excesso disvirtuado desequilibra as

FOTOGRAFIA N.º 23 — ALLAN KARDEC, O CODIFICADOR
Materializou-se em Belo Horizonte, no Grupo Scheilla, em 1953, pela mediunidade de ÊNIO WENDLING, e conversou longamente com os companheiros da Fraternidade. O Espírito mais humilde que já falou conosco nesta vida.

faculdades psíquico-mediúnicas, enrijecendo o perispírito, sufocando vibrações do coração. As energias do sexo, quando duas criaturas buscam entrelaçar em um só ideal e quando cada uma se esforça por se equilibrar num objetivo puro, não prejudicará nunca, levando-se em conta o não excesso, o trabalho mediúnico. Aquele que em uma só encarnação queira progredir duas ou três, poderá, se ficar livre do contacto sexual. Controlando, espiritualizar-se-á mais depressa, mas como o sexo é um patrimônio divino concedido a cada criatura, deve ser usado, vamos assim nos expressar, **com controle**, quando duas almas se encontram unidas.

P — Mas não seria falta de caridade uma criatura manter-se casta visando um progresso espiritual mais rápido, impedindo assim o reencarne de espíritos necessitados?

R — Encarando o proceder do mundo, assim seria, poderíamos dizer. O potencial do sexo repousado no organismo emite forças e estas forças serão aproveitadas pela criatura exteriorizando brutalidade ou amor.

* * *

Muitas outras perguntas foram feitas e respondidas magistralmente pelo espírito luminoso de Allan Kardec, mas não foram anotadas e se perderam, infelizmente.

Deveríamos ter colocado na sala da reunião um aparelho gravador, mas não fizemos isso. Ter-se-ia gravado a voz, com a sua inflexão, serenidade, energia e amor. Não nos ocorreu, porém, ou talvez não tivéssemos gravador. Fomos impedidos espiritualmente pelos guias? Não sabemos. No entanto, podemos afirmar que mais de cinqüenta por cento das respostas dadas por ele na reunião, a perguntas nossas, não poderiam chegar ao conhecimento da **maioria** dos espíritas sem lhes trazer grandes dificuldades ao pensamento. Coisas que realmente não seriam compreendidas por todos.

* * *

Após as despedidas foi-se afastando.

Na altura do peito, a luminosidade.

Uma sensação ao mesmo tempo de alegria e tristeza nos enchia a alma.

Alegria porque ele estivera ali. Tristeza porque se ia embora.

Só os espíritas realmente podem conceber a grandeza da alegria de que ficamos possuídos por ter conversado com ele. De ter estado por longo tempo ouvindo a sua palavra severa e amiga ao mesmo tempo. Nunca em nossa vida toda de espírita-cristão vimos e ouvimos espírito que se apresentasse com tanta humildade. E como falou da sua missão! Como procurou se apagar diante de nossos olhos buscando nos convencer de que muitos desempenhariam melhor o papel que veio desempenhar no mundo.

Lembramo-nos das palavras do Cristo: "Aquele que quiser ser o maior no Reino de Deus que seja o último de todos no Reino da Terra. Eu não vim para ser servido e sim para servir."

Assim fora Kardec.

Sublime na humildade e no amor.

Em pleno século XX descia de novo à Terra num círculo de fenômenos de materialização para dizer ainda palavras de orientação e carinho.

E demonstrando com essa atitude que os Grandes Espíritos como ele estão na Vanguarda do Movimento Espírita Mundial.

47

Retrato do Altino

Pedrinho Machado viera para S. Paulo.

Notável médium de psicografia. Recebeu o espírito de Monteiro Lobato em Belo Horizonte numa reunião pública que contara com a presença de duas mil e quinhentas pessoas, na Associação Comercial, ambiente não espírita. Quem quis foi lá ver. A assinatura do grande escritor no documento foi levada imediatamente a um cartório e o Tabelião reconheceu a firma. No dia seguinte, os jornais publicaram a fotografia da mensagem em fac-simile, e a firma do Lobato reconhecida. Grande alarido nos meios intelectuais de Belo Horizonte e, em seguida, do Brasil.

Godofredo Rangel, vivo, alegava a existência entre ele e Lobato de uma senha e este afirmara: a senha é esta: dentro de pouco tempo estará aqui comigo no mundo espiritual.

De fato, não demorou muito e morreu Godofredo Rangel. Mas em S. Paulo houve uma reação contra as mensagens do Lobato pelo Pedrinho. Alguns achavam que era o Lobato, outros não.

Amigos do médium, conhecendo-lhe o caráter íntegro, acreditávamos nele.

Certo dia, realizamos uma reunião íntima em casa de amigos. Pedrinho, cabeceira da mesa, recebeu numerosas mensagens. Entre elas, uma sobre os discos voadores, **muito antes de Ramatis**, dizendo da veracidade de sua existência e outra sobre o Corpo Fluídico de Jesus.

FOTOGRAFIA N.º 24 — ALTINO — Retrato feito pelo médium Pedrinho Machado, em alguns instantes, no escuro, sendo desenhista o Espírito de Fenáreta. Muitos anos depois o — ALTINO — transmitiu as mensagens: "Os Quinhentos da Galiléia" e "Fraternidade Essênia".

De repente, pegou uma folha de papel e começou a desenhar no escuro quase completo. Apenas uma pequena lâmpada vermelha colocada num ângulo da sala a uma distância de uns dois ou três metros iluminava frouxamente o ambiente. Sobre a mesa, o escuro. Alguns instantes depois me entregou o papel. Guardei e esperei o término da reunião. Terminada, qual não foi o meu espanto? Nas costas de um papel de casa comercial que estava sobre a mesa, o Espírito de Fenáreta desenhara o Altino, espírito amigo nosso, com longa túnica, grego de antes de Cristo.

Pedrinho, além do médium receitista extraordinário que era e do médium que recebera os livros "Frauta do Além", ainda inédito e em nosso poder, e o "Canções da Imortalidade", ambos do Tagore, era notável médium desenhista que grafara maravilhosos desenhos executados pelo espírito de Belmonte e amplamente divulgados pela imprensa espírita paulista.

O retrato fora feito num papel qualquer, de casa comercial. Nada preparado. Tudo de improviso. Ninguém pensara em desenho antes ou durante a reunião.

* * *

Com o retrato em mãos, levamo-lo a um pintor paulista, técnico no assunto, que nos disse:

— Ótimo desenho! Quem fez?

Perguntamos-lhe se aquele desenho poderia ter sido feito por alguém que não soubesse desenho ou por um principiante. Ele nos respondeu que **não** e apontou as razões: **os traços firmes e despreocupados lançados com segurança em todo o desenho, mostram que não são de um principiante. E quem não soubesse desenho não poderia fazê-lo.**

Quando lhe dissemos que fora um espírito que o desenhara no escuro, abriu dois olhos assombrados e abanou a cabeça incrédulo...

48

Às portas do Sinai

Quando escrevemos "Materializações Luminosas" e o publicamos, os fenômenos de materializações ainda não estavam tão disseminados no Brasil, quanto hoje. Os espíritos haviam predito para nós que uma nova Era se abriria, na qual eles procurariam dar ao homem maior certeza da imortalidade. Que um grande papel estava, para isso, reservado ao Movimento da Fraternidade, movimento que deveria se alastrar por toda a parte.

Poucas pessoas entendiam de materializações e não era tão popular. Depois do **Materializações**, muitas águas correram sob a ponte. Estudaram-se um pouco melhor os fenômenos ou, pelo menos, o público foi mais informado. O desconhecimento sobre o assunto ainda permanece, apenas os trabalhos dessa natureza estão mais generalizados. Talvez seja isso, o que eu, de fato, desejava dizer.

No entanto, na época em que escrevemos o livro, que não representa sequer **dez por cento** de tudo o que vimos, não havia clima para se expor certos fatos que presenciamos sem incorrer no risco de sermos considerado loucos pelos não espíritas e simplesmente obsedados, pelos espíritas.

Não podemos afirmar que ainda hoje possam os homens acreditar no que narramos. Marco Polo voltou de uma longa viagem e alguns se deslumbraram com as suas narrativas. Outros ficaram céticos e, provavelmente, muitos zombaram e riram. Mas o Oriente existia de verdade. Colombo na clarividência dos grandes homens viu a América antes que as terras do Novo Mundo surgissem das águas. Quantos anos

andou ele buscando os reis e os príncipes para lhes dar de presente um mundo novo?

É natural que exista a dúvida e natural é que não mereçamos de pronto o crédito dos homens. O tempo, contudo, em sua roda permanente se encarrega de provar aquilo que pregamos.

* * *

O primeiro fenômeno de materialização que assisti, embora notável, extraordinário, não pôde ser descrito no "Materializações Luminosas".

Correríamos o risco de pôr a perder a obra inteira. Esperamos que hoje, decorridos doze anos de sua publicação, possamos dizer algo mais sem grandes choques.

* * *

Havia eu transferido minha residência para o Rio de Janeiro e saíra de Belo Horizonte sob intensa saudade, pois deixara ali os companheiros de ideal e entre eles o nosso Chico Xavier, que durante algum tempo nos dera a honra e alegria de sua convivência cristã. Geralmente, aos sábados, vinha à minha casa e ficava até a noitinha de domingo. Companheiros de outras vidas, essa convivência foi talvez o que de melhor recebemos no mundo.

Morando no Rio, entramos em contacto com o Jaks Aboab, criatura excepcional, e com o Vicente Viola, alma de qualidades superiores.

Daí, comparecermos de vez em quando ao velho prédio da Rua Moncorvo Filho onde o Jaks e o Vicente vendiam casimira de dia e conversavam com os espíritos de noite.

A casa era freqüentada pelos espíritas do André Luiz que, como os primeiros cristãos, se deliciavam com as boas novas da imortalidade.

Aquelas visitas atrás do balcão e muitas vezes as conversas cochichadas para não escandalizar os fregueses que não eram espíritas...

Tudo aquilo lembrava muito o Cristianismo primitivo, as suas lutas e as suas glórias.

Não conhecíamos ainda, pessoalmente, o Peixotinho. Ouvíamos o seu nome e as coisas que se passavam com ele.

Não tínhamos assistido a nenhum trabalho por seu intermédio. Foi quando o Vicente Viola, sabendo que íamos a Belo Horizonte por aqueles dias, nos falou:

— O senhor vai a Belo Horizonte?

— Vou.

— Não seria possível o senhor ir até Pedro Leopoldo com o Peixotinho ou então orientá-lo em Belo Horizonte, pois deseja ir ao Chico e não sabe como fazer?

Ri-me da simplicidade do Peixotinho. Nos tempos modernos, aparecer alguém que não saiba se orientar numa viagem, demonstra a existência de uma alma cândida e ingênua.

— Não só posso orientá-lo — disse eu — como posso fazer mais. Comunicarei ao Jair que o Peixotinho vai e, assim, poderá ir ele para a casa do Jair onde ficará hospedado. O Jair é meu amigo de tal maneira que **eu mando nele e ele manda em mim.** Tenho absoluta confiança de que o Peixotinho será recebido com toda a alegria como se fosse eu próprio. Apenas peço que lhe diga que mande um telegrama quando for.

— Está bem — confirmou o Vicente.

* * *

Fui para Belo Horizonte.

Uma noite, resolvemos ir ao Pedrinho Machado, no alto da Floresta, fazer-lhe uma visita. O grande médium se afastara do mundo e vivia num recanto onde construira um barracão para funcionamento do Grupo Fenáreta. Espírito humilde, diante da tempestade que se abateu sobre sua cabeça, abandonado de todos, preferiu recolher-se à solidão e ao trabalho desconhecido. Minha afeição pelo Pedrinho sempre foi profunda e o meu respeito pela sua altíssima mediunidade será eterno.

Buscamo-lo, eu e o Jair.

O Peixotinho não dera notícias. Não o esperávamos mais.

Permanecemos com o Pedrinho algumas horas conversando e admirando a sua decisão, pois se estabelecera com um centro humilde onde continuava receitando para os pobres e dirigindo o grupo com o espírito da mais profunda cristandade.

Retornamos à casa de Jair sob intensa chuva.

Ao entrar em casa molhados, Dona Ló, esposa do Jair, nos mostrou um telegrama que chegara à noite. Era do Peixotinho, dizendo que chegaria naquele dia. Era mais de onze horas da noite. Tínhamos tomado café e preparavamo-nos para nos deitar quando ouvimos o barulho de um carro que parara na porta.

Abrimos e vimos que debaixo da tempestade desciam pessoas que não conhecíamos, mas só poderiam ser eles.

Era de fato o Peixotinho e mais dois companheiros dele, o Inácio e Dona Laura, uma moça.

Entraram e se apresentaram por si mesmos.

A alegria foi grande. O Peixotinho, no entanto, tossia muito, sufocado e dizia que sofria de asma.

Tomaram café com bolo e conversamos algum tempo. Deveria ser uma da madrugada quando se falou de novo em dormir.

Logo depois o Jair nos disse que já estava tudo preparado e que nos desculpássemos porque não havia outro jeito e foram obrigados a nos colocar todos os homens num mesmo quarto, o da frente que era pequeno: eu, o Peixotinho e o Inácio. A Laura dormiria num quarto separado.

Dei uma olhada no quarto e realmente achei que estava apertado. Quarto que não tem mais que dois e oitenta de largura fora ocupado por três camas de solteiro. O espaço existente entre uma e outra cama muito mal daria para que passasse uma pessoa, andando de lado. De frente não daria.

Mas as camas eram boas, a casa amiga e os hóspedes estavam cansados. A chuva caia a jorros cadenciados.

* * *

Entramos para o quarto e preparamo-nos para deitar. Posto o pijama, deitamos. O Peixotinho tossia intensamente. O Inácio conversava comigo alegremente.

Foi quando o Peixotinho nos disse:

— Ranieri, há um espírito aqui que deseja fazer "aplicações" em mim por causa da bronquite... Você que fazer uma prece para nós?

— Perfeitamente — respondi-lhe —, com muita satisfação.

O Peixotinho deitara-se e cobrira-se com um cobertor não muito grosso, até a altura da barriga, pouco mais acima, e deixara descoberto o peito sobre o qual estava apenas o pijama. A chuva lá fora prosseguia a sua ronda inexorável...

A janela estava aberta. De grade de ferro, não havia perigo de dormir com ela assim. Bem em frente dela, um poste de iluminação. E nela, um quadro de vidro semelhante a esses que os dentistas usam, opacos, através dos quais passa a luz, mas não passa a imagem. Apagada a lâmpada, mesmo assim o quarto, embora na semi-escuridade, continuava relativamente claro de modo a se poder ver as pessoas e as coisas.

O poste não fica a mais de quatro metros da janela do quarto. Eu via o Inácio e o Peixotinho perfeitamente. Este ficara na cama do meio, encostada na minha cama com um espaço de uns vinte centímetros de uma na outra e o grande médium a cinqüenta centímetros no máximo de minha mão direita. Tudo muito junto, tudo muito perto. A porta do quarto foi fechada. Distava talvez dois metros e meio, se tanto.

Bastante iluminada para se ver completamente.

Olhos abertos, sentado na cama, iniciei a prece. Vi logo que o Peixotinho entrava em trânse e começava a gemer.

A distância entre nós era muito pequena.

Gemia alto.

De súbito, senti uma forte impressão e arrepios sucessivos percorreram-me o corpo.

Na porta do quarto, porta de madeira, cedro ou pinho, um pequeno clarão começou a se desenhar. E logo, mais intensamente, mais forte, como um pequeno sol. Não demorou e vi que tomava a porta inteira.

Ao mesmo tempo que a figura de um enfermeiro se condensava no centro.

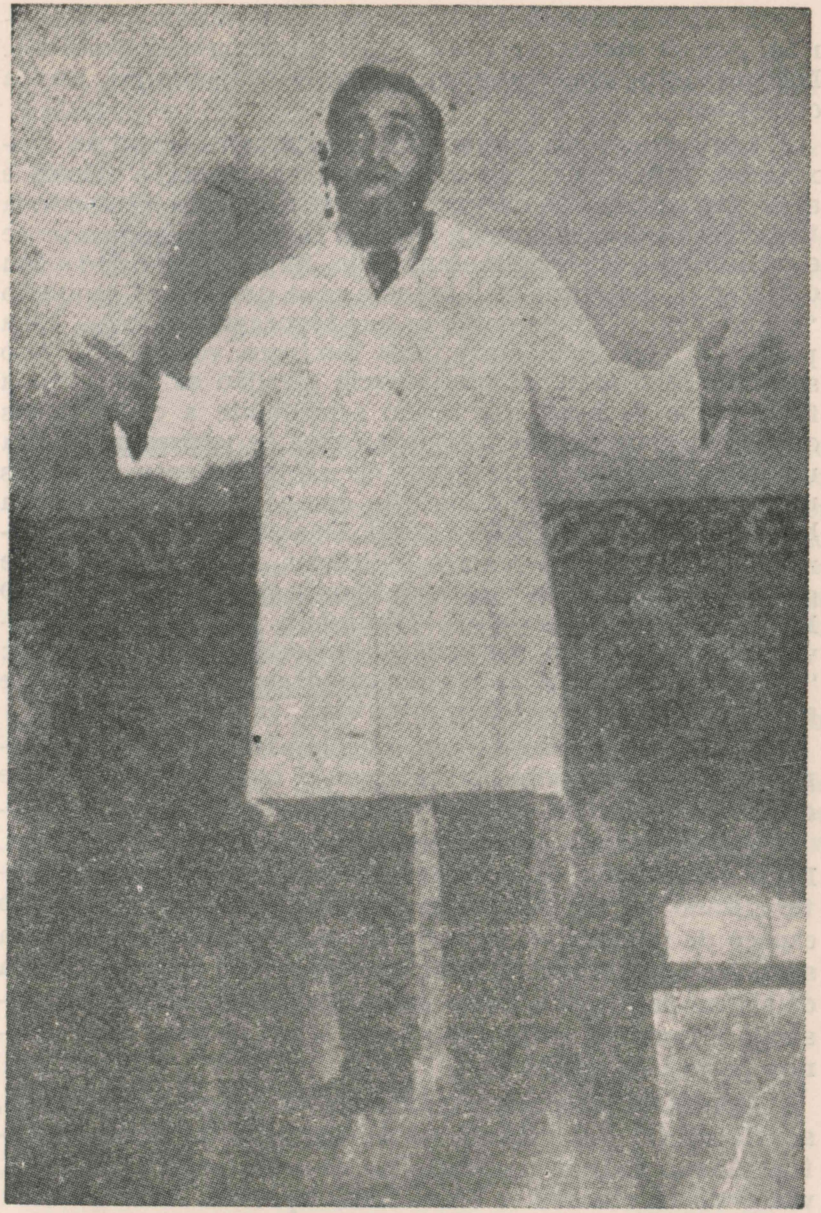
Alto e forte, vestido de braço, calça e paletó branco de enfermeiro.

Formou-se rapidamente e foi atravessando a porta como se aquilo fosse mole como doce de leite.

Em breve pisava no chão, no assoalho de taco.

Ao pisar o pé no chão ouvi o "ringir" de suas botinas, como se estivesse usando botinas rangedeiras.

Trazia nas mãos um bolo de algodão luminoso, verde-claro, ou matéria parecida.



FOTOGRAFIA N.º 25 — O famoso médium Mirabelli flutua no espaço, notando-se a sua sombra na parede e verificando-se que se encontra acima da metade das portas que aparecem no fundo. A presença da sombra é elemento importante de comprovação.

Desceu e imediatamente se encaminhou para o Peixotinho. Era um homem perfeito, igual ao comum dos mortais. Moreno claro, cabelo escuros, pequeno boné branco. Roupa claríssima.

Nem sequer me olhou tão interessado estava no Peixotinho. Entrou de lado entre as duas camas, a minha e a do Peixotinho até chegar bem perto de nós. Eu poderia tocar-lhe a calça com a mão. Não fiz. Havia terminado a prece e me limitei a observá-lo empolgado. Rapidamente distendeu o material que trazia nas mãos e com um rumor esquisito "zip, zip, zip..." e eu então vi que segurava nas mãos, uma ponta em cada mão, uma faixa luminosa verde-claro. Não sei dizer se o material que parecia algodão se abria numa faixa como se fosse um tecido semelhante a essas faixas que se enrolam nas pernas para casos de varizes ou se era um pequeno rolo de faixa que ele abria. Pareceu-me antes um material mole como algodão que se abria em faixa na hora, no momento. Estava sério. Debruçou-se sobre o Peixotinho, distendia a faixa e aplicava-a no peito dele. Este gemia alto e logo se virava automaticamente de costas. O Espírito levantava as mãos retirando a faixa e logo aplicava-a de novo, agora nas costas. Peixotinho gemia dizendo: "Ahn! Ahn! Ahn!" e em seguida se virava de novo de frente e a operação prosseguia ininterrupta.

Tive a impressão de que no plano espiritual, invisivelmente, outros espíritos executavam o trabalho de virá-lo e desvirá-lo enquanto que o "de cá" fazia-lhe as aplicações.

Aquilo durou muito tempo, talvez uns dez minutos. Depois, enrolando de novo a faixa luminosa, o espírito materializado foi se retirando devagar, andando de lado no espaço de palmo e meio entre as duas camas e começou a subir lentamente caminhando no espaço. Foi andando, agora de costas para nós e, como quem sobe uma rampa, foi passando através da porta que tornou a se iluminar. O Peixotinho parara de gemer.

Continuei acompanhando com os olhos, emocionado, aquela figura que voltava silenciosamente ao plano espiritual. Viera realizar um trabalho de enfermagem na Terra, vencendo os obstáculos vibratórios espaciais.

O clarão na porta esmaeceu-se pouco a pouco e tudo retornou ao silêncio das coisas mortas. A vida na Terra prosseguia. Peixotinho entrara em sono normal.

Foi quando o Inácio, gaguejando, perguntou:

— Você viu? Você viu?!

— Vi, Inácio, vi tudo! Formidável, não? Deus é extraordinário!

Ficamos ali os dois conversando até raiar o dia. Perdemos o sono.

Não poderíamos dormir, tão felizes estávamos!

Sentados na cama, falamos de doutrina, cheios de amor e de fraternidade e começamos a sonhar o mundo redimido do futuro onde a afirmação de Jesus se cumpriria: Amai-vos uns aos outros como vos amei.

* * *

A experiência era, de fato, fora do comum. Não houvera preparo do médium, nós o havíamos conhecido na hora, no momento. Chegara de viagem cansado. Estávamos deitados juntos. Não havia concentração alguma. A casa e o quarto eram desconhecidos para eles. A cama onde se deitara o Peixotinho fora designada pelo Jair. A porta era a mesma de sempre. Após as aplicações e nos outros dias, o Peixotinho passou bem, maravilhosamente bem.

Nós não éramos santos nem apóstolos.

Mas o espírito viera do mundo espiritual, do seio das sombras e se materializara entre nós.

Assim também um dia, no início da era cristã, Jesus se apresentara aos discípulos no Cenáculo, passando através das paredes ou da porta fechada, ante os olhos estupefatos dos discípulos humildes e dissera:

— A paz esteja nesta casa!

EM DEFESA DA MEDIUNIDADE

(Trabalho escrito e publicado em 1964, em livreto pela LAKE, quando dos ataques de "O CRUZEIRO" aos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira e de modo especial a Otília Diogo.)

OS FENÔMENOS DE UBERABA

I

O erro faz parte da Ciência e a Ciência também erra.

Ninguém poderá manter-se calado quando as forças da incompreensão governam o mundo. Acima das religiões e das paixões dos homens paira a Verdade. Infeliz daquele que se calasse deixando de dizer o que pensa dominado por quaisquer forças por mais poderosas que sejam. **Há momentos na vida em que viver é mais doloroso que morrer.**

Mas temos que viver e temos que lutar. É um imperativo da consciência humana. Enquanto muitos lutam pela verdade **verdadeira**, outros há que se comprazem em semear a confusão e a dúvida.

"Se algum escandalizar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar." Essas são as palavras de Jesus aos fariseus. Muito cuidado, portanto, deve ter o homem **que se diz cristão** quando acusa e desmoraliza os seus semelhantes. Dentro de qualquer religião podemos amar a Deus e amar ao próximo porque segundo palavras de Cristo isso é "toda a Lei e os Profetas".

Esses pensamentos nos vieram à mente, quando tomamos a firme resolução de colaborar com aqueles que de uma forma ou de outra estão estudando os fatos de materialização ocorridos em Uberaba. Evidentemente, algumas observações novas poderão ajudar aos que querem compreender. Independente da aceitação ou não dos fenômenos de Uberaba como verdadeiros, pode-se fazer um estudo geral em torno do assunto. Nessa ordem de idéias, buscamos empreender um passeio ligeiro no mundo da Ciência já que tanto se fala em Ciência e, no Brasil, quando se fala em **Ciência** todos acreditam que estão pronunciando a última palavra a propósito de **verdade, certeza e precisão.** Ninguém no Brasil duvida de que tudo que a Ciência faz seja certo, absolutamente certo. Quem iria duvidar da Ciência? Ou a Ciência não é a Ciência? Nós também achamos que a Ciência é a Ciência, mas acostumamo-nos a acompanhar os fracassos e as vitórias da Ciência.

Construção milenar está ainda em andamento. Coisa alguma no campo científico se tornou absolutamente certa, verdadeira, precisa, no dia em que foi anunciada. Houve fracassos e vitórias. Os fenômenos só entram realmente para o quadro das ciências como definitivos após uma série infinita de experiências cheias de altos e baixos, fracassos e mais fracassos, lutas e mais lutas. Seria um absurdo, o maior do mundo, desejar que os fenômenos espíritas de materialização alcançassem o domínio da verdade absoluta, da certeza absoluta e da precisão absoluta, num só dia. **Roma não se fez num dia...**

Citemos alguns vultos da Ciência e a luta que travaram com os donos do mundo. Seria interessante repetir a história de Galileu Galilei e de Giordano Bruno? Não, são muito antigos. Vejamos gente mais moderna. Madame Curie e Pierre Curie peneiraram montanhas de pechblenda num trabalho sacrificial dentro de um velho barracão antes de atingirem a descoberta do radium. Tiveram horas de alegria e horas de desânimo. Ninguém jamais disse que a Ciência estava desmoralizada porque suas experiências fracassaram dezenas e centenas de vezes antes de atingirem a vitória. Nem os sábios se tornaram menores ou deixaram de ser os sábios que eram porque estiveram presentes a todas as experiências. Quantas vezes subiu Santos Dumont ao céu até o dia em que contornou a Torre Eiffel aplaudido pelo povo francês? Os seus fracassos necessários na jornada da conquista

de seus objetivos prejudicaram a Aeronáutica ou as Ciências Físicas? Ele deixou de ser o que era por causa disso? O Prof. Picard quantas vezes fracassou antes de chegar à estratosfera? Não houve há pouco tempo um cientista que descobriu e mandou aplicar vacinas contra a poliomielite nos Estados Unidos, tendo ficado cerca de duas mil crianças aleijadas porque a vacina estava errada? Logo após se corrigiu o erro e a vacina é um sucesso? Desmoralizou-se a Ciência por esse fato? Desmoralizou-se o cientista por isso?

No campo da Paleontologia temos coisas de estarrecer. Segundo conta André Senet, Beucher de Pèrthes fazia escavações em Abbeville nos primórdios da Paleontologia e os operários contratados para o serviço enterravam ocultamente pedras silex que logo após exibiam como descoberta sensacional. Houve certa vez alguém que o enganou miseravelmente "encontrando" nas escavações uma mandíbula **pré-histórica,** que causou grande barulho entre os sábios da época. Depois, veio-se a saber que fora furtada num ossuário existente próximo às escavações. Nem por isso a Paleontologia deixou de ser a Paleontologia e Beucher de Pèrthes "O Pai da Paleontologia". Se tudo o que veio posteriormente e outras provas que já existiam provaram a verdade de suas afirmações a Ciência não ficou desprestigiada. Lembremos Pasteur suportando a zombaria de sua época. As lutas que travou, os fracassos e vitórias que experimentou. E a Talidomida que vinha até a alguns dias atrás causando aleijões e monstruosidades? A Ciência que autorizou a sua venda nos mercados do mundo ordenou que fosse retirada das farmácias a bem da humanidade! Seria de espantar se isso não ocorresse. Os erros fazem parte da Ciência, assim como os andaimes fazem parte da construção em caráter provisório.

O que hoje é a **verdade científica,** amanhã deixa de ser. O átomo era a última divisão da matéria, no entanto a Ciência moderna veio demonstrar que estamos longe da última divisão da matéria. E os electrons, e os prótons, e os mésons e o resto onde estavam quando a Ciência enfaticamente afirmou que o átomo era a última divisão da matéria?

Um período de experiências vitoriosas ou frustradas mostra sempre o caminho de uma nova ciência. Não se chega ao ápice sem a jornada dolorosa. Testemunhas vivas das experiências atômicas de nosso tempo, não podemos admirar-nos das experiências malogradas. Diante de nós desen-

rola-se o drama contemporâneo da conquista do espaço cósmico. Centenas de experiências se realizam incessantes. Quase diariamente um foguete novo é atirado aos céus.

Há vitórias e fracassos. Os russos conseguiram vitórias fabulosas e naturalmente fracassaram em muitas outras a respeito das quais já temos algumas notícias. Os americanos que vivem do lado de cá da cortina de ferro exibem constantemente as suas vitórias e derrotas. Não há muito e um colossal foguete americano, caríssimo, Vanguard, incendiou-se no início de sua arrancada na plataforma. Os jornais publicaram o fato e a fotografia, e o cinema reproduziu todas as fases do desastre. Em filme que corre o mundo, assistimos Von Braun lutar pela conquista do Cosmos numa série impressionante de fracassos, até atingir uma meia vitória. Não deixou de ser Von Braun nem se tornou menor como cientista e nem a Ciência por isso ficou achincalhada ou desprestigiada. É esta visão gloriosa da Ciência que devemos contemplar antes de penetrar no campo complicado e complexo da materialização ou da mediunidade. Porque só os fenômenos mediúnicos devem apresentar um índice intransigente de vitórias sem derrotas, de experiências sem falhas, de infalibilidade absoluta?

Toda uma técnica, desconhecida é certo da humanidade hodierna, se faz necessária, toda uma organização preparada no outro lado da vida, toda uma equipe de criaturas que dêem a sua vida, o seu caráter e o seu esforço, são precisos para que se atinja a vitória maior!

A materialização realiza-se através de uma técnica estabelecida não somente pelos homens que compõem o círculo mediúnico, mas também pelos espíritos que estão do outro lado do véu.

Não há de ser mais indisciplinado do que o homem. Nem o animal se mostra tão indócil, tão revoltado, tão incapaz de suportar exigências. Os cosmonautas são selecionados regorosamente. Físico, mental, moral. Devem ser equilibrados, serenos, perfeitos. Intelectuais capazes de entender os mistérios do cosmos.

Deverão vestir roupas diferentes, estranhas ao nosso modo de vestir. Nem todos poderão ser cosmonautas, no momento. Criaturas excepcionais, superpreparadas. Seria um absurdo pedir alguém para subir no primeiro foguete que aparecesse na plataforma. Nem o Presidente da República, nem o Rei da Itália, o Xá da Pérsia, o General da

Vitória ou o maior artista do Cinema! Há necessidade de possuir o candidato qualidades quase super-humanas!

Ninguém duvida disso. Todos entendem esse problema. Até o homem da rua que nada sabe e ouve apenas conversas pelas esquinas. Ora, para ir à Lua não basta ser homem! É preciso estar preparado!

Contudo, exige-se que os elementos que compõem uma reunião mediúnica sejam qualquer um, sem preparo físico, moral ou intelectual. Sem equilíbrio, sem serenidade, sem nada! É o mesmo que soltar um macaco num laboratório.

Mas a história não tem relação com a prova da imortalidade da alma? Como, pois, prescindir do mínimo necessário para a experimentação? Se com todo o rigor possível o homem não foi à Lua, a Marte, a Vênus, a Saturno, como desejar que se defronte a imortalidade gloriosa na primeira esquina?

Essas perguntas é que devem fazer a si mesmos aqueles que não podem compreender porque os espíritas não apresentam todas as provas que se lhes exigem de um momento para outro. Seria absurdo, mais do que absurdo, espantoso! Não são eles mágicos de teatro nem repentistas das praças da Bahia!

Existe uma técnica da materialização. Existem exigências na materialização.

Escafandristas de um oceano desconhecido, cosmonautas de um mundo invisível, deverão comparecer ao trabalho investidos numa roupa espacial, com características diferentes. Lembram-nos os convivas de Cristo que deveriam vestir a túnica nupcial. Quem não estivesse com a túnica branca como a neve seria enxotado e atirado à rua.

* * *

Há exigências de ordem moral, espiritual e há exigências até de ordem alimentar.

Não podem os elementos que compõem o círculo alimentar-se de carne, assim como são proibidos de fumar ou de ingerir bebidas alcoólicas.

Em alguns grupos a exigência com referência à carne é apenas para o dia da reunião. Outros, três dias antes. E por fim aqueles que se abstêm de carne por toda a vida. Por outro lado, a materialização dos espíritos não é fenômeno fácil, nem podia ser. É fácil descer ao fundo do mar?

Para os espíritos, a atmosfera terrestre representa um fundo de mar. A descida é tão complicada quanto a descida do mergulhador em águas marinhas. Reveste-se de condições excepcionais. Em livro que publicamos anos atrás denominamos **Superincorporação à materialização mais habitual** dos espíritos. Observando os fenômenos realizados no Brasil e os efetuados na Europa ou na América, notamos a semelhança que, às vezes, havia entre médium e espírito materializado.

No decorrer do trabalho verificávamos que as entidades conseguiam um domínio maior e a figura materializada se tornava mais perfeita e independente. Conversando com os espíritos e estudando de perto fomos informados da existência daquilo que passamos a chamar **superincorporação.** O espírito materializa-se à custa da organização perispiritual do médium. O espírito do médium sai do corpo e como é ele o **dono do ectoplasma** tem maior facilidade de atraí-lo para o seu próprio organismo perispiritual agora do **lado de fora.**

Como limalha de ferro, o ectoplasma **se precipita** sobre ou para o perispírito mediúnico, aglutina-se nele, o que o torna mais denso. É evidente que nessa hora o **corpo do médium** está em repouso (na cama, na cadeira ou até dentro da jaula), inconsciente, enquanto que o seu proprietário ou o espírito que o governa está no mundo invisível orientado por entidades mais elevadas e que dispõem de conhecimentos técnicos sobre mediunidade. Há, na realidade, toda uma equipe de espíritos entendidos em materialização que dirigem e controlam o fenômeno. Da mesma forma que a foguetaria americana ou russa dispõe de uma formidável organização e de uma notável equipe de cientistas, também a espiritualidade oferece um grupo de **cientistas-espíritos** ou se quiserem **técnicos-espíritos** que movimentam a fenomenologia.

Foram atirados foguetes à Lua. Um deles passou a oito mil quilômetros de distância e a Ciência de nosso tempo considerou esse fato uma grande coisa porque foi um "erro mínimo"! Outro foguete se esmagou contra a face da Lua e um terceiro desapareceu nos céus cósmicos. Dizem que uma nave espacial russa perdeu-se no espaço com dois tripulantes, um homem e uma mulher e afirma-se que muitos cosmonautas soviéticos perderam a vida sem que oficialmente o mundo saiba. Isso desprestigia a Ciência? De modo algum! Sabemos que o homem está lutando com as forças

da natureza e há de vencê-las e que a Ciência é o seu instrumento de trabalho. Haveremos de alcançar os outros planetas. É apenas questão de tempo. Deixem os cientistas experimentarem. Dêem-lhes ambiente e recursos e vencerão. Assim também acontecerá com os fenômenos mediúnicos. Tempo e recursos. Recursos, porém, estes que não significam dinheiro, mas um pouco de paciência e compreensão.

As materializações vêm sendo estudadas pelos cientistas do velho mundo, alguns notabilíssimos, e por homens que não sendo cientistas na compreensão geral são, todavia, estudiosos persistentes que buscam aquilo que deve valer mais que tudo para o homem e que é a imortalidade!

Parece espantoso que os homens se admirem de quedas científicas. Edison, o grande Edison que iluminou o mundo, realizou apenas a bagatela de nove mil experiências antes de descobrir o tungstênio que nos daria a vitória da luz. **Nove mil!!**

Uma nova plêiade de inteligentes inventores acompanhara-o em sua luta que se sucedia através dos dias e das noites até que encontrou o material adequado.

Se as experiências fracassadas desmoralizassem o sábio, ele, só nesse trabalho, estaria nove mil vezes desmoralizado!

Em nossos dias seguimos de longe os vôos do "homem-voador" que pretende a invenção do aparelho individual de vôo. Desde Santos Dumont que este sonho da humanidade tem sido um fracasso e hoje ainda não se concretizou. Milhares de experiências em todos os setores estão em andamento, os cientistas e os inventores, indiferentes à zombaria dos homens menos felizes, prosseguem destemidos na árdua tarefa de abrir novos caminhos para a humanidade. Buscam a origem do câncer e o remédio. Temos certeza de que haverão de encontrá-los. Rir deles porque ainda não encontraram? Não. Cabe-nos lamentar apenas a demora pela ansiedade de que estamos possuídos.

O mesmo ocorre com os fenômenos de materialização. Devemos rir e zombar porque esta ou aquela experiência possa ter fracassado ou parecer fracassada?

Temos à nossa frente as nove mil experiências de Edison, a visão dos foguetes cósmicos que ainda não alcançaram os seus objetivos definitivos, a luta do homem contra as enfermidades seculares ou milenares. **O tempo é o tesouro do homem.** Aguardemos o amanhã.

Os erros e as falhas fazem parte das conquistas científicas no curso gradativo de sua evolução. A Ciência da vida imortal não poderia escapar a essa determinante científica. Nem uma experiência isolada, só, única, prova coisa alguma.

Provem-me que o erro não faz parte da Ciência! Que a Medicina não erra, que a Física e a Química não fracassam, e que aquilo que hoje é a verdade científica aceita amanhã não se modifica!

II

A Técnica das Materializações

Os fenômenos mediúnicos de qualquer espécie não fogem à regra da Ciência em geral. Fenômenos de precisão, uma pequena falha altera-lhes o resultado. Os foguetes cósmicos dão-nos um exemplo disso.

Já na plataforma, tudo pronto, cientistas, jornalistas, cinegrafistas, televisionistas a postos, anuncia-se que "houve uma falha" e o foguete não subirá nesse dia. O tempo não estava bom, houve um desvio não sei onde. Paciência! os cientistas é que mandam, Von Braun está no comando! O homem é uma fera, o foguete representa milhões de dólares. Aguardem-se novas ordens.

No dia seguinte, faz-se o lançamento, o bicho sobe, todos riem, faz uma curva, as fisionomias se escurecem, os estampidos das máquinas de fotografias pairam no ar, e o monstro descreve uma parábola e explode no chão! Mais uma experiência fracassada. O pequeno erro, o tal desvio, não se arranjou direito, ou foi outra coisa? Talvez outra coisa... quem sabe lá... esses foguetes!

No campo mediúnico pode acontecer a mesma coisa, muitas vezes acontece. As experiências são de precisão. O assunto é o mais importante do mundo. Enquanto os russos e os americanos estão apenas procurando se transportar até a Lua que afinal representa somente uma viagem como quem abre uma via férrea ou coisa parecida, os médiuns e os experimentadores mediúnicos desejam provar que a imortalidade é um fato, que, após a morte do homem, subsistirá um princípio imortal, inteligente!

Se para abrir um simples caminho à Lua mobiliza-se toda a Ciência humana, todos os valores da mais alta expres-

são científica, físicos, químicos, matemáticos! Se para traçar um risco no céu que nos levará a outros planetas, afinal apenas uma reprise do que fizeram nossos avós avançando do litoral brasileiro para o interior na faina de bandeirantes, organiza-se e convoca-se toda a indústria do mundo e pedem-se bilhões de dólares ao Congresso americano, o que não seria preciso no campo da mediunidade para erguer o homem morto do pó da terra para a glória da imortalidade?!

Do lado de fora do corpo, o espírito do médium com o seu corpo espiritual, que nós espíritas chamamos de **perispírito,** tendo em si aglutinado, o ectoplasma, entrega-se a um espírito independente, tipo **desencarnado,** que o envolve, penetrando-o e dominando-lhe os centros vitais e da inteligência, assim como suas manifestações motoras. Como o moleque que anda em **pernas de pau** sai caminhando pelo salão, materializado, isto é, visível para todos, exibindo consistência física.

É preciso que se compreenda que nesse estado, semelhantes aos atuais cosmonautas, os espíritos materializados, assim como o próprio espírito do médium, estão com suas faculdades **limitadas** ou **reduzidas.**

O campo da imortalidade e da movimentação se torna restrito, os órgãos da fala muitas vezes se mostram incapazes de produzir um só som. Para que tudo se torne mais fácil, há necessidade de **uma adaptação.** Poderá realizar-se num curto tempo ou num tempo longo, dependendo de fatores variados, tais como sejam a afinidade que possa existir entre espírito materializado e médium, afinidade entre os assistentes e os espíritos e o médium, ambiente etc. etc.

Dessa forma, um espírito pode se materializar com muita facilidade por determinado médium, movimentar-se e falar à vontade e outra entidade, na mesma reunião, no mesmo ambiente, não conseguir nada. Lei é lei e afinidade espiritual é uma das grandes leis universais.

Ora, se um espírito depende noventa e nove por cento da organização mediúnica, se há necessidade de adaptação, se tem suas possibilidades limitadas, uma pequena falha pode pôr o fenômeno a perder. Fenômeno de natureza eletromagnética, as contrariedades ambientes e pessoais influem de maneira decisiva nos resultados. A delicadeza do fenômeno mediúnico é comparável ao desvio da agulha imantada em direção ao pólo.

* * *

A orquestra toca uma sinfonia no Municipal, dificilmente conseguirá êxito se o teatro cheio prorromper em gritaria infernal, se o piano estiver desafinado ou as cordas dos violinos arrebentadas. Um embriagado na platéia gritando ou berrando gracejos certamente perturbará a peça por mais bela que seja e por maior o gênio que a compôs. Não há Beethoven que agüente uma coisa dessas! Já imaginaram Madame Curie e mesmo Einstein realizando um cálculo importante para a Ciência rodeados de jornalistas e curiosos?

Então, imaginem.

Como, pois, desejar fenômenos mediúnicos a qualquer hora, a qualquer momento, de qualquer maneira?

III

Ainda a técnica das materializações. Semelhança entre espírito e médium. Transporte.

Na **superincorporação,** fenômeno de materialização mais habitual, o espírito que se materializa age **através** da forma perispiritual do médium. Assim, sendo o espírito do médium, **nesta encarnação, uma duplicata** do seu próprio corpo, têm que ser eles **na aparência externa,** absolutamente iguais. Por outro lado, o **espírito materializante** só pode aparecer materializado dominando a **forma** exteriorizada do médium. Deverá envolvê-la, dominá-la completamente, **dar-lhe a sua própria aparência,** e manifestar-se por intermédio do seu campo de inteligência e sentimento.

Unidos num só ser, como diria o poeta. Simbiose perfeita. Se consegue todas essas coisas, temos uma materialização completa e não há dúvida alguma de que estaremos frente a frente com uma entidade independente do plano espiritual que nos visita. Se não consegue, poderemos ter **materializado apenas o espírito do próprio médium** ou então uma forma semimaterializada de espírito que não seja o do médium. Nessas condições, como é um calcado sobre o outro, aparecerão partes de um e partes de outro, não devendo ser de estranhar que apareça uma mulher com barbas ou um homem com cara de mulher! Braços, pernas, andar etc. etc.

podem perfeitamente ser os mesmos do médium sem que aja qualquer mistificação.

Na realidade, é um fato notável e que a humanidade um dia compreenderá o quanto é extraordinário, porque tão importante quanto materializar um espírito é a comprovação da existência do duplo do médium, que afinal de contas é também prova da imortalidade da alma!

Se em dado momento e em certas circunstâncias podemos comprovar, pegando, pesando, e medindo, uma duplicata espiritual materializada de uma criatura humana, numa verificação evidente de que o homem é **dois**, e que a inteligência existente nele pode flutuar de um para outro, indo e retornando, o que mais queremos para nos convencer de que existiremos depois da morte? E mesmo que isso não fosse suficiente, não mereceria a atenção da Ciência? Por que não? Se o homem andou catando pedaços de ossos, pedras antigas e cidades esquecidas no fundo da terra, por que se negará a Ciência a mergulhar nos mundos invisíveis para buscar a imortalidade da alma? Ou a alma que somos nós mesmos é menos importante que esqueletos e ossos na viagem da origem das espécies?

Provar que um médium se torna **dois** em nosso modo de ver é tão sério quanto ver um espírito materializado. Na França, Madame Sachet exteriorizava-se em plena sala de aula, na presença de suas alunas e era vista **duplicada**, isto é, em duas formas ao mesmo tempo, em pleno dia, escrevendo na lousa. As alunas assombradas saíam correndo e gritando da sala de aula.

Será que os homens não compreendem a importância desses fatos?

Não será preciso citar Sto. Antônio que, pregando num lugar, apareceu noutro para defender o próprio pai, segundo a história dos santos.

As semelhanças porventura existentes entre médium e espírito numa reunião também não nos devem impressionar muito. O que se deve verificar é se realmente o médium permaneceu em seu lugar e se a manifestação se constitui, de fato, num fenômeno à parte. Se o médium está na cabina (jaula) inconsciente e do lado de fora o seu duplo, com as aparências do seu corpo, com a sua cara, exatamente a mesma, anda e conversa com os assistentes, estamos diante de um fenômeno notabilíssimo, digno dos maiores estudos. São dois e são o mesmo. Ou isso não é notável?

Caber-nos-á permitir que o fenômeno naquela ou em outras reuniões prossiga se desenvolvendo. É certo que se numa dessas reuniões fotografarmos **o espírito**, teremos uma figura igual ao médium fotografado ou uma figura parcialmente igual ou semelhante ao médium ou então, sendo mais felizes, uma materialização completa e perfeita. Nesta nada haverá semelhante ao médium. Nós até consideramos como sendo o que de mais importante possa haver um estudo comparativo das fotografias porventura existentes que exibem esse desenvolvimento gradativo ("Materializações Luminosas" às páginas 215, 216, 217 a 220 apresenta um fato semelhante de formação da figura de Pinheiros, embora numa materialização direta) da figura mediúnica ou de espírito que se superincorpora. Se fôssemos chamados a estudar o material de Uberaba, fato que ainda não ocorreu, começaríamos por aí. Um estudo comparativo das numerosas fotografias desde o princípio. Ver-se-ia o espírito em sua luta para dominar o perispírito do médium. Isso concorreria enormemente para o progresso da Ciência Espírita.

Não nos esqueçamos de que tudo ainda é muito novo no estudo dos fenômenos psíquicos. Há dez anos passados já dizíamos que era campo inexplorado e que estávamos somente engatinhando. Tudo muito igual ao esforço atual para a conquista do Cosmos. Lutamos com o desconhecido e nessa luta estaremos sujeitos a avanços e recuos para corrigir até atingirmos o conhecimento definitivo. Experiências malogradas? Já demonstramos que a Ciência comum em muitos setores tem sido "uma grande esperança malograda" sem que se desprestigie ou que se desprestigiem os cientistas. Cair e levantar em seguida são fases de um mesmo movimento.

A semelhança entre médium e espírito não prova mistificação.

* * *

LEI DE AFINIDADE — Existe um fato a propósito do qual nunca se cogitou nem se fez referência. É que a adaptação, **em todos os campos da mediunidade**, faz com que o **espírito-guia** do médium fique parecido com ele ou que o médium adquira traços fisionômicos de seu espírito-guia. Observando os dois, verificamos que, embora diferentes, mantêm semelhanças. Se desejarem fazer uma incursão no mun-

do da mediunidade universal façam e verifiquem esse fenômeno. Aliás, entre nós, homens da terra mesmo, esse fato acontece. É comum comprovar-se que os casais guardam às vezes semelhança flagrante entre si.

Há casais que nos parecem constituídos de dois irmãos, tão parecidos o homem com a mulher. Dizem que uma longa convivência cria a semelhança.

Da mesma forma, uma longa convivência entre **espírito-guia** e médium cria semelhança e com mais facilidade ainda por ser o **perispírito do espírito** material plástico ou capaz de prodigiosa maleabilidade. Vejam Emmanuel e Chico Xavier. São diferentes, mas têm traços de semelhança. Pedrinho Machado e Fenáreta, Katie King e Florence Cook. Governados pela Lei de Afinidade vão, cada vez mais, se tornando parecidos. Quase sempre são espíritos que em dezenas de encarnações nasceram e renasceram como parentes, pais, filhos, irmãos, netos etc.

Outro fato: podem ser, e quase sempre são, espíritos de evolução muito próxima ou da mesma evolução, habitantes da mesma esfera. Isto também não deve nos surpreender. Para o ocidental, ver um japonês é ver o Japão, ver um chinês é ver toda a China e provavelmente ver um marciano será ver todo o planeta Marte! Porém, se fizermos um estudo de perto, veremos que há muita diferença entre um chinês e outro chinês, entre um japonês e outro japonês.

Distinguir dois irmãos gêmeos. Como? Com o tempo acabamos distinguindo, pois existem pequenas diferenças que só com longo espaço de tempo poderemos perceber. Há tudo isso.

Meditar, estudar, investigar, eis o caminho certo.

O fracasso faz parte da Ciência. O erro faz parte da Ciência. Os enganos fazem parte da Ciência e a incompreensão é característica da humanidade.

FENÔMENOS DE TRANSPORTE

Nós sabemos e não é novidade alguma que os espíritos não somente se materializam, não somente se comunicam através da incorporação ou da psicografia, da audiência, da vidência... Eles também transportam coisas: pedras, flores, móveis, roupas e até pessoas, como no caso de transportar médiuns do chão para cima de uma mesa ou levitá-lo até o teto. Levitação de vitrolas, de cornetas etc. etc. Trazem

objetos de longas distâncias, às vezes de quilômetros e como trouxeram poderão devolvê-los.

Materializados podem entrar no ambiente e dele sair. Materializam-se, desmaterializam-se, usam as energias mediúnicas como melhor entenderem para o bem da humanidade. Na reunião de materialização ou efeitos físicos, podem manipular as forças existentes e com elas trazerem ramalhetes dos jardins, anéis, colares, roupas de casas vizinhas ou mesmo que estejam mais longe um pouco.

Não é novidade isso para os espíritas, para os ocultistas, para os faquires, para os sábios como William Crookes, Lombroso, Gibier, Lodge, Barret e outros; para todos aqueles que estudam de verdade.

Não é, pois, obrigatório e necessário que os espíritos que se materializam materializem também a roupa, o chapéu, o colar. Podem materializar as aparências físicas que possuiam na Terra e ir buscar em qualquer parte a roupagem de que necessitam para se apresentar na reunião. Se foi um padre, toma emprestada por algumas horas ou por momentos a batina de um padre que esteja disponível. Depois devolve, perfeita, colocando-a no mesmo lugar. Se foi irmã de caridade, toma um hábito existente nas proximidades. Colégios, Stas. Casas, sempre têm. Nem sempre as forças da reunião permitem manipular ectoplasma para fazer tudo. Se nós, para nos vestirmos, compramos roupa ou mandamos confeccionar, por que os espíritos terão que obrigatoriamente perder tempo e energia para fabricar uma roupa com que se apresentem? Acreditam vocês, por exemplo, que um sábio ou cientista que na Terra nunca foi alfaiate vai se tornar alfaiate no plano espiritual só para nos provar que sabe fazer roupa?

Não há necessidade disso. O próprio espírito usa uma roupagem que pode pegar em local próximo e nisso não há absolutamente mistificação. Não está roubando. Quando muito seria um crime de uso. Mas será que no outro lado da vida usam a técnica jurídica brasileira? Quem não emprestaria satisfeito o seu terno por melhor que fosse para Gagarin ir à Lua?

Imaginem Paganini ou Einstein costurando às pressas as suas roupas para se materializarem na Terra porque alguns homens exigem que eles façam as suas próprias roupas. Podem fabricá-las, se for possível, através do poder mental, mas no comum das vezes o fenômeno do transporte é solução mais rápida.

IV

OS FENÔMENOS DE UBERABA E AS ALEGAÇÕES DOS REPÓRTERES DE "O CRUZEIRO"

Neste ponto de nosso trabalho, que é uma visão rápida de caráter geral, após as observações apontadas em nossos artigos anteriores, bem esclarecido, portanto, o público, embora de modo ligeiro, sobre as diversas facetas do fenômeno mediúnico de materialização, podemos fazer um estudo dos fatos ocorridos em Uberaba e das alegações dos repórteres de **O Cruzeiro.**

Nossa intenção, no momento, não é a de estabelecer qualquer polêmica ou a de condenar qualquer daqueles que em nome da **verdade** expuseram o seu modo de pensar. A liberdade de pensamento, de crença e de manifestação do que se pensa são conquistas inalienáveis do espírito humano. Cada um pensa como quer e vive do jeito que acha melhor. Por outro lado, nós também podemos pensar como consideramos melhor e viver da maneira que mais nos agrada. Isso é o que constitui a Democracia verdadeira.

* * *

Enumeremos as alegações dos repórteres de "O Cruzeiro" que compareceram a uma das reuniões de Uberada e se manifestaram desfavoravelmente:

1) Semelhanças ou igualdade entre o espírito materializado e o médium.

2) A roupagem com que se apresentaram os espíritos foram iguais às usadas em nosso mundo, ou seja, dobradas, costuradas, passadas etc. etc.

3) Dois fios de ectoplasma retirados por um dos jornalistas de uma cortina existente no recinto, examinados pela perícia do Rio, não eram mais do que fios de algodão comum esmagado.

4) Um dos repórteres alegou que não lhe permitiram acender a luz de maneira alguma.

Estudemos item por item.

1) Semelhanças ou igualdade entre o médium e o espírito da irmã Josefa.

Este é um assunto praticamente liqüidado. Em nosso artigo III demonstramos que esse fato faz parte dos trabalhos de materialização sem que se constitua ou venha a se constituir numa mistificação, caso outras condições de rigor tenham sido observadas. No entanto, pelas próprias fotografias estampadas em "O Cruzeiro" notamos uma diferença visível, a olho nu, muito antes de que a Técnica de S. Paulo assinalasse, entre Otília e Josefa. É só comparar as fotografias das duas que vêm na capa da própria revista. Uma é magra, muito magra mesmo, rosto afilado, enquanto que o espírito exibe um rosto cheio, gordo. Além disso, afinidade entre as duas justifica a semelhança por ser uma guia da outra ou espírito ligado a ela através de muitos milênios. Principalmente se houver, conforme a médium afirma, parentesco físico entre as duas. E por fim fica uma última hipótese: ter o fotógrafo de **O Cruzeiro** fotografado a figura quando ainda esta se encontrava em fase incipiente ou inicial de **superincorporação.** Ali estaria então o duplo do médium materializado começando a ser dominado pelo espírito Josefa.

A única falha verdadeira que nós assinalamos em tudo isso **foi o fato de naquele dia terem retirado a jaula.** Ora, se a jaula permanecesse e ficasse provado que dentro dela **havia uma Otília e fora da jaula estava outra Otília,** igual, absolutamente igual, só esse fato por si mesmo constituiria notável e extraordinário acontecimento. Para nós, em tudo o que ocorreu em Uberaba só a ausência da jaula

é que temos a lamentar. **As afirmações dos repórteres nada provam contra os fenômenos.** Podemos deixar bem clara esta assertiva, pois que a Ciência Espírita tem explicações claras como a luz do dia para isso tudo. Explicações e fatos. É só estudar a fenomenologia dos sábios europeus sobre o mesmo assunto.

2) A roupagem com que se apresentaram os espíritos foram iguais às usadas em nosso mundo, ou seja, dobradas, costuradas, passadinhas a ferro etc. etc.

Também esta afirmação não prova nada contra os fenômenos.

À primeira vista, para os leigos no assunto, é de estarrecer. Para os ligeiramente entendidos é de admirar como fato tão comum causou tanta impressão. Em nosso artigo III citado falamos nos transportes. O espírito Josefa e o Espírito do Dr. Veloso podem perfeitamente ter transportado essas roupas de algum lugar próximo, tirado de algum guarda-roupa ou de algum baú, de um colégio de irmãs ou de um orfanato e de empréstimo por algumas horas ou minutos se apresentando com elas. Que necessidade tem um espírito de **laboriosamente** fabricar um colar e uma cruz que lhe darão à figura maior identidade com uma irmã de caridade, se podem com trabalho muito menor como seja o de **transporte** exibi-los em alguns instantes?

Qualquer loja que venda objetos religiosos católicos tem milhares de terços em suas vitrinas. Seria acreditar que os espíritos são menos inteligentes do que nós. Assim, se as roupas e os apetrechos foram transportados, não é novidade alguma que sejam iguaizinhos às das irmãs de caridade, com dobras, costuras etc. etc. Pois de fato é roupa mesmo de irmã de caridade.

Por que haveriam as entidades de gastar tanto ectoplasma se é mais fácil pegar a roupa pronta no vizinho ao lado?

Alguém perguntou na reunião se as roupas eram transportadas ou fabricadas pelos espíritos?

Mesmo que fossem pelo **poder mental dos espíritos**, não haveria exclusão das dobras, passamentos e costuras. Quando sonhamos em nossos sonhos não aparecem as pessoas, as coisas e os seres absolutamente iguais como são em vida? Até **cor de roupa e de botões** aparecem perfeitos em nossos sonhos: costuras, enfeites, tudo, no sonho é real. Vive-se

uma vida absolutamente real. As ruas, as casas, os acontecimentos, nos sonhos, são reproduções exatíssimas daquilo que conhecemos. Ou isso nunca aconteceu com os senhores?

As roupagens com costuras, dobramentos etc. nada provam contra os fenômenos de Uberaba.

Só uma coisa tinha importância naquele dia e foi uma grande infelicidade ter sido retirada: a jaula. O resto é secundário.

3) Dois fios de ectoplasma retirados por um repórter sorrateiramente de uma cortina existente no recinto não eram mais do que fios de algodão comum esmagado.

Esta eu considero a afirmativa mais fraca dos repórteres. Fraquíssima.

Perguntamos o seguinte: **esse ectoplasma** foi entregue pelo espírito ao repórter **como sendo ectoplasma** ou o repórter pegou e levou por sua conta sem ninguém saber? Pelas declarações insertas em "O Cruzeiro" levou sem ninguém saber. Logo, tanto pode ser do recinto da reunião como pode ser um fio qualquer arranjado no Rio de Janeiro. Além disso, mesmo aceitando que retirou na reunião, ficamos diante dos seguintes fatos: pode ter sido fio da cortina de onde ele disse que tirou e pode ser fio de algodão de roupagem dos espíritos que, conforme vimos, talvez fossem roupas mesmo **provenientes de transporte.** Se foi de transporte, só podia ser ele de algodão, lã etc. não podendo ser de outra coisa e isso não prova nada.

Esse ectoplasma só teria valor pericial se o jornalista tivesse pedido ao espírito ou se este lhe tivesse entregue um pedaço de ectoplasma declarando que aquilo era ectoplasma. Após esse fato, se tivesse constado em ata mediante verificação dos presentes que também a assinariam e por fim se pudéssemos ter garantia que o material recebido pela perícia era o mesmo. Fora disso, essa prova nada significa. Na Polícia é assim. Na Justiça é assim. Nenhum material para exame sem esses cuidados tem valor probatório. Pelo que lemos em **O Cruzeiro,** o referido jornalista nem declarou **na hora,** em Uberaba, na reunião, que ia levar um pedaço de ectoplasma para examinar. A declaração dele na revista, que nos perdoe, foi gratuita.

Ele não acredita em nada do que viu. **Declara de longe** que levou um pedaço de ectoplasma retirado de uma cortina, um pedaçinho que ficou por ali abandonado, sem que ninguém visse, e deseja que acreditemos nele cento por cento.

Não resta dúvida de que impressionou. Vemos por aí que se as materializações dos espíritos dão oportunidade para se argumentar sofismando, duvidando, destruindo, também as afirmações dos jornalistas, por mais respeitáveis que elas pareçam, dão oportunidade para que argumentemos, duvidemos e destruamos as **grandes provas** que declaram possuir. Essa prova nada prova. Fraca, fraquíssima. Não tem conteúdo de convicção. O material que enviou para a perícia não foi retirado em condições aceitáveis. Se para um exame comum, simples, de fezes, há necessidade de se colher o material de acordo com certas regrinhas, por que o ectoplasma, fundamento da vida na Terra, pode ser recolhido de qualquer maneira? Sabemos que uma urina mal colhida, fora das determinações da medicina, apresenta um exame que pode ser negativo. Às vezes o material exige duas, três e mais colheitas. Lamentemos apenas a falta da jaula. O resto nada prova.

4) Um dos repórteres alegou que não deixaram acender a luz.

Esse é fato pacífico nos fenômenos de materialização. A luz dissolve o ectoplasma. Excepcionalmente têm havido materializações até a luz do dia, **mas excepecionalmente!** O comum é na obscuridade. Estranheza? Não, nada disso. As fotografias não têm que ser reveladas num quarto escuro? E o que aconteceria se de repente entrasse um raio de luz ou uma janela se abrisse no quarto escuro do fotógrafo que estivesse revelando? O filme se queimaria.

Com as materializações ocorre o mesmo fenômeno. O ectoplasma fica inutilizado e como ele faz parte dos órgãos do médium, destruído põe em risco a vida e a saúde dele. Pode **queimar-se** como a chapa fotográfica.

Por fim queremos dizer alguma coisa a propósito daquilo que os jornalistas não falaram. A presença de grandes médiuns no ambiente e que deixarám de perceber ou assinalar isto ou aquilo. Mesmo que tudo fosse engano, falsidade, não haveria desmerecimento para ninguém. Há pouco tempo, uma entidade espiritual recomendava em conceitos

publicados em jornal de doutrina, que não havia infalibilidade de médiuns. Advertência preciosa porque feita com grande antecedência. Nisso tudo devemos ver uma grande lição para nossas almas. Não há infalibilidade de ninguém. O homem, em muitos momentos da vida, fica sozinho, consigo mesmo, entregue ao seu livre arbitrio. Jesus esteve sozinho a caminho do Calvário. Vimo-LO exclamar: "Senhor, por que me desamparaste?" Não se tornou o Cristo menor para nós. Antes se engrandeceu nas suas fraquezas que são mais do que os fenômenos que realizou em nome de Deus, a Sua Glória.

20 ANOS

Este livro é o resultado de uma parte de nossas pesquisas, observações, investigações, estudos e ensinamentos recebidos dos Espíritos num período de 20 anos dos vinte e sete que temos nos dedicado ininterruptamente ao trabalho junto às forças espirituais. Uma pequena parte.

No correr da vida, provavelmente até a nossa morte, pretendemos ir lentamente publicando tudo o que recebermos do mundo espiritual.

Curvamos humildemente a cabeça diante de Deus e agradecemos a Sua Bondade Misericordiosa que se esqueceu da nossa imensa fraqueza e assim mesmo nos permitiu olhar através dos véus do Infinito.

R. A. RANIERI

R. A. RANIERI — Rua Luiz de Menezes, 44
Guaratinguetá — São Paulo

Rafael Américo Ranieri

Composto e impresso nas oficinas da
FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA.
Rua João Cardoso, 23, tel.: 223-0562
CEP 20.220 - Rio de Janeiro - RJ

ragem para escrever-lhe estas palavras, que antes de tudo são de agradecimento pela sua obra e de congratulações pelo modo como foi conduzida. Sensibilizou - nos sobretudo o capítulo a respeito do "Anjo Louro", a Heleninha, pois mãe que somos, também temos uma "flor de Deus materializada na terra", e sabemos o quanto essas flores nos são caras.

E uma vez mais, como sentimos a Inteligência Divina agindo através da ternura de uma criança e da força do amor paterno para abrir as Portas da Imortalidade!

Sr. Ranieri, o seu livro com suas mensagens acalentadoras, foi o bálsamo desta mãe atarefada nos seus momentos de descanso. E como nós aguardávamos esses momentos com ansiedade, para o mergulho nessa espiritualidade superior, com a qual não temos merecimento para conviver. Vale dizer no entanto, para não sermos ingratos, que contamos com bondosos amigos espirituais que, apesar de conhecerem-nos as falhas nos conduzem com grande amor e desprendimento. Rogando ao Pai Generoso que o cubra de bênçãos e à sua família, e continue a iluminar-lhe o cérebro e o coração, despedimo-nos.

Um abraço amigo da leitora assídua,

Sueli Lopes Fernandes.

ALGUMAS DE NOSSAS EDIÇÕES

DEUS É O ABSURDO — Luciano dos Anjos.
BRASIL TERRA DE PROMISSÃO — Obra psicografada por América Paoliello Marques (Ramatis).
CASOS E COISAS ESPÍRITAS — Dr. Francisco Klõrs Werneck.
COMO DESENVOLVER A MEDIUNIDADE — Paul Bodier — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
FENÔMENO DAS MESAS FALANTES — Dr. José Lhomme — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO — Allan Kardec — Trad. J. Herculano Pires.
FREUD E AS MANIFESTAÇÕES DA ALMA — Dr. Carlos Imbassahy.
JESUS DOS 13 AOS 30 ANOS — Dr. Francisco Klõrs Werneck.
O LIVRO DOS ESPÍRITOS — Allan Kardec.
O LIVRO DOS MÉDIUNS — Allan Kardec.
O LIVRO DO MÉDIUM CURADOR — Dr. José Lhomme — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
LITERATURA DE ALÉM-TÚMULO — Ernesto Bozzano — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
MATERIALIZAÇÕES DE ESPÍRITOS — Paul Gibier, Ernesto Bozzano — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
A MEDIUNIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS — Geraldo de Oliveira.
A MORTE NÃO EXISTE — Rev. Walter Wynn — Trad. do Dr. Francisco Klõrs Werneck.
O PODER FANTÁSTICO DA MENTE — Dr. Carlos Imbassahy.
PRECES DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO — Allan Kardec
A PRECE SEGUNDO O ESPIRITISMO — Geraldo Serrano.
PRECES CURADORAS — Cândido Emanuel Félix.
PRECES ESPÍRITAS — Bezerra de Menezes.
PRECES MEDIÚNICAS — Cândido Emanuel Félix.
O QUE NOS ESPERA DEPOIS DA MORTE — Georges Gonzalês — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
O QUE É O ESPIRITISMO — Allan Kardec.
O SEXO ALÉM DA MORTE — R. A. Ranieri.
VIDA, MORTE E REENCARNAÇÃO — Gustave Geley, Charles Lancelin Paul Bodier e Francesco Zingaropolli — Trad. Dr. Francisco Klõrs Werneck.
JUDAS ISCARIOTES E A SUA REENCARNAÇÃO COMO JOANA D'ARC — José Fuzeira.
A MORTE E SEUS MISTÉRIOS — Ernesto Bozzano — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.
ESPIRITISMO E VIDAS SUCESSIVAS — Prof. Celso Martins.
VISÕES ESPÍRITAS NA TERRA E NO AR — C. de Vesme — Trad. Dr. F. Klõrs Werneck.

Pedidos à Editora Eco

Rua Marquês de Pombal, 172 - s/loja 202 - Caixa Postal 11.000 - ZC-14 20.000 - Telefone: 221-5016 - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil